



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Clarissa Prado Marini

**Tradução de Tradutologia Francesa no Brasil:**  
da História da Tradução à Tradução Comentada de  
*L'Âge de la traduction* de Antoine Berman

Florianópolis

2019

Clarissa Prado Marini

**Tradução de Tradutologia Francesa no Brasil:**  
da História da Tradução à Tradução Comentada de  
*L'Âge de la traduction* de Antoine Berman

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em  
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do título de doutora em Estudos  
da Tradução.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marie-Hélène Catherine Torres

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marini, Clarissa Prado

Tradução de Tradutologia Francesa no Brasil : Da História da Tradução à Tradução Comentada de L'Âge de la Traduction de Antoine Berman / Clarissa Prado Marini ; orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres, 2019.

201 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução de teoria. 3. História da Tradução. 4. Crítica de Tradução. 5. Tradução Comentada. I. Torres, Marie-Hélène Catherine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Clarissa Prado Marini

**Tradução de Tradutologia Francesa no Brasil:**  
Da História da Tradução à Tradução Comentada de  
L'Âge de la Traduction de Antoine Berman

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Alice Maria de Araújo Ferreira  
Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréia Guerini  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dirce Waltrick do Amarante  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dirce Waltrick do Amarante  
Coordenadora do Programa

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marie-Hélène Catherine Torres  
Orientadora

Florianópolis, 26 de julho de 2019.

## AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos expressando aqui a minha admiração à professora Marie-Hélène Catherine Torres pela carreira acadêmica dedicada aos Estudos da Tradução no Brasil. Obrigada pela confiança no meu trabalho e obrigada por ter trazido para o Brasil *A tradução e a letra*.

Muito obrigada à minha família, sobretudo aos meus pais que me apoiaram em cada fase que me fez chegar até aqui.

Obrigada ao meu marido André Luiz da Rocha Ferreira Marini que embarcou em todas as mudanças e desafios comigo, sempre me apoiando.

Obrigada aos amigos de longa data de Brasília e aos colegas de Floripa que se tornaram amigos, sobretudo a Yéo N'Gana, Kall Sales, Sheila Cristina Santos e Elena Manzari que me acolheram quando precisei.

Muito obrigada à professora Maria Emília Pereira Chanut por me conceder entrevista, por me permitir ter acesso à sua dissertação de mestrado e, sobretudo, muito obrigada por ter traduzido *A prova do estrangeiro* para o público brasileiro.

Obrigada à professora Inês Oseki-Dépré que me apresentou a obra *L'Âge de la traduction* lá atrás, quando eu era ainda mestranda.

Obrigada à professora Alice Maria de Araújo Ferreira pelas orientações que me levaram ao ingresso no doutorado, obrigada também por ter participado da qualificação e por fazer parte da defesa de doutorado.

Obrigada à professora Martha Pulido por ter participado da qualificação e ter contribuído para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço igualmente às professoras Andreia Guerini e Dirce Waltrick do Amarante por aceitarem fazer parte da banca de defesa de doutorado.

Obrigada ao professor Michel Riaudel que me recebeu no estágio de doutorado sanduíche na Sorbonne (Paris IV).

Obrigada à Isabelle Berman pelo feliz encontro em Paris no qual compartilhou comigo um outro olhar da vida e obra de Antoine Berman.

Obrigada à CAPES pelo financiamento da bolsa de doutorado no Brasil e pela bolsa de doutorado sanduíche.

*Traduttore traditore,*  
poderíamos traduzir esse adágio italiano por:  
tradutor, transmissor de tradição.

Antoine Berman  
Traduzido por Clarissa Prado Marini

## RESUMO

Esta tese tem como tema a tradução de teoria da tradução com o objetivo principal de articular a história, crítica e prática de teoria da tradução. Para isso, proponho a tradução de uma obra teórica francesa acompanhada da apresentação e análise da tradução de obras de tradutologia francesas traduzidas no Brasil. A obra traduzida no âmbito desta pesquisa é *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* publicada em 2008 de autoria do teórico da tradução francês Antoine Berman. Além da tradução desta obra que acabo de citar, proponho também a análise de obras francesas de teoria da tradução traduzidas e publicadas no Brasil a partir do ano 2000. São eles livros de Valery Larbaud, Michaël Oustinoff, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Henri Meschonnic e o próprio Antoine Berman. As análises que proponho aqui têm uma clara característica histórica, mas têm também um caráter crítico o que faz com que história, crítica e prática de tradução de textos teóricos (mais especificamente de teoria da tradução) se misturem. Consequentemente as atividades de prática de tradução, redação dos comentários, levantamento histórico e análise crítica que são feitas paralelamente, acabam se entrecruzando num movimento em que uma atividade acaba influenciando a outra. Assim, apresento num primeiro volume a tradução da obra *L'Âge de la traduction* de Berman e num segundo volume o texto da tese no qual se encontram a discussão teórica sobre história, crítica e prática de tradução, em seguida as análises das obras francesas traduzidas no Brasil e por último os comentários de minhas escolhas tradutórias. Vale lembrar que de acordo com o Berman a teoria parte da prática, já que teoria da tradução é uma reflexão sobre a prática tradutória.

**Palavras-chave:** Tradução de teoria. História da Tradução. Crítica de Tradução. Tradução Comentada. Antoine Berman.

## RÉSUMÉ

Cette thèse a pour thème la traduction de théorie de la traduction ayant comme objectif principal celui d'articuler l'histoire, la critique et la pratique de théorie de la traduction. Pour ce faire, je propose la traduction d'une œuvre théorique française accompagnée de l'analyse de la traduction des œuvres de traductologie françaises au Brésil. L'œuvre traduite dans le cadre de cette recherche est *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* paru en 2008 dont l'auteur est le théoricien de la traduction français Antoine Berman. En dehors de la traduction de l'œuvre que je viens de citer, je propose aussi l'analyse des œuvres françaises de théorie de la traduction traduites et publiées au Brésil à partir de l'année 2000. Ce sont des œuvres de Valery Larbaud, Michaël Oustinoff, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Henri Meschonnic et également Antoine Berman. Les analyses que je propose ici ont une véritable caractéristique historique, mais elles ont aussi un caractère critique, ce qui fait que l'histoire, la critique et la pratique de traduction de textes théoriques (plus spécifiquement de théorie de la traduction) se mélangent. Par conséquent, les activités de pratique de traduction, de rédaction des commentaires, la collecte historique et l'analyse critique qui sont menées parallèlement, finissent par s'entrecroiser en un mouvement dans lequel chaque activité en influence une autre. Ainsi, je présente dans un premier volume la traduction de l'œuvre *L'Âge de la traduction* de Berman et dans un deuxième volume le texte de la thèse dans lequel se trouvent la discussion théorique sur l'histoire, la critique et la pratique de traduction, suivi des analyses des œuvres françaises traduites au Brésil et finalement, les commentaires de mes choix de traductions. Il faut rappeler que selon Berman la théorie est issue de la pratique puisque la théorie de la traduction est une réflexion sur la pratique traductive.

**Mots-clés:** Traduction de théorie. Histoire de la Traduction. Critique de Traduction. Traduction Comenté. Antoine Berman.



## ABSTRACT

This thesis has the translation of translation theory as theme, articulating translation history, criticism and practice as its main goal. To this end, I propose the translation of a French theoretical work together with the presentation and analysis of previous translations of French theoretical works in Brazil. The book translated within this research is *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* published in 2008, written by the French translation theorist Antoine Berman. In addition to the translation of this book that I have just mentioned, I also propose the analysis of French theoretical books translated and published in Brazil from 2000 onwards. These are books written by Valéry Larbaud, Michaël Oustinoff, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Henri Meschonnic and Antoine Berman himself. The analyses proposed in this thesis have a clear historical character, but also a critical feature, that leads to a conjunction between translation history, translation criticism and practice of theoretical texts (more specifically of translation theory). Consequently, activities of translation practice, writing of commentaries, historical data collection and critical analysis carried out in parallel end up intersecting within each other in a way that one activity ends up influencing the other. Therefore, I present a theoretical discussion about translation history, criticism and practice, followed by the analyses of French books translated in Brazil and at last the commentaries of my translation choices. It is worth mentioning that according to Berman, theory is generated from the practice, since translation theory is a reflection about translation practice.

**Key-words:** Translation theory. Translation History. Translation Criticism. Commented Translation. Antoine Berman.

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Sous l'invocation de saint Jerôme (edição 1946) .....	67
Imagem 2 - Sous l'invocation de saint Jerôme (edição 1997) .....	67
Imagem 3 - Sob a invocação de São Jerônimo (tradução brasileira) .....	67
Imagem 4 - Página 96 de Sous l'invocation de saint Jérôme.....	68
Imagem 5 - Página 96 de Sob a invocação de São Jerônimo .....	68
Imagem 6 - Psyché: inventions de l'autre .....	71
Imagem 7 - Torres de Babel.....	71
Imagem 8 - Página 205 Des tours de Babel .....	77
Imagem 9 - Página 16 Torres de Babel .....	77
Imagem 10 – Poétique du traduire (edição antiga).....	79
Imagem 11 - Poétique du traduire (edição de bolso).....	79
Imagem 12 - Poética do traduzir .....	79
Imagem 13: página 127 Poétique du traduire.....	83
Imagem 14: página 45 Poética do traduzir.....	83
Imagem 15 - Página 135 Poétique du traduire .....	84
Imagem 16 - Página 52 Poética do traduzir .....	84
Imagem 17 - La traduction.....	87
Imagem 18 - La traduction (coleção "Que sais-je?) 6ª ed 201 8 .....	87
Imagem 19 - Tradução. História, teorias e métodos (tradução brasileira) .....	87
Imagem 20 Página 128 de Tradução: História, teoria e métodos.....	91
Imagem 21 - Sur la traduction.....	97
Imagem 22 - Sobre a tradução (tradução brasileira) .....	97
Imagem 23 - Sur la traduction (2ª ed.) .....	97
Imagem 24 - página 35 Sur la traduction .....	99
Imagem 25 - Página 43 Sobre a tradução.....	99
Imagem 26 - Lettres à Fouad El-Etr.....	105
Imagem 27 - Cartas para Fouad El-Etr.....	105
Imagem 28 - Pour une critique des traductions:.....	107
Imagem 29 - Jacques Amyot, traducteur français .....	107
Imagem 30 - L'épreuve de l'étranger (impressão antiga) .....	108
Imagem 31 - L'épreuve de l'étranger (impressão nova) .....	108
Imagem 32 - A prova .....	108
Imagem 33 página 197 de A prova do estrangeiro.....	112
Imagem 34 página 198 de A prova do estrangeiro.....	112
Imagem 35 - final da página 73 L'épreuve de l'étranger .....	113
Imagem 36 - início da página 74 L'épreuve de l'étranger.....	113
Imagem 37 - trecho página 81 A prova do estrangeiro .....	114
Imagem 38 - La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain.....	115
Imagem 39 - A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (1ª ed.).....	115
Imagem 40 - A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (2ª ed.).....	115
Imagem 41 trecho página 21 A tradução e a letra ou o albergue do longínquo .....	117
Imagem 42 - página 39 de La traduction et la lettre.....	118
Imagem 43 - página 51 de A tradução e a letra.....	118
Imagem 44 trecho página 105 A tradução e a letra.....	119
Imagem 45 - L'Âge de la traduction.....	125

Imagem 46 - La era de la traducción.....	130
Imagem 47 - Capa La era de la traducción.....	131
Imagem 48 - Contra capa La era de la traducción.....	131
Imagem 49 - Retrato de Antoine Berman .....	131
Imagem 50 - Proposta de capa para A era da tradução .....	188

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Linha do tempo Estudos da Tradução no Brasil .....	31
Quadro 2 - Obras francesas de teoria da tradução traduzidas para o português do Brasil e publicadas a partir de 2000. ....	103
Quadro 3 - Obras de autoria de Antoine Berman de tradutologia e suas traduções para o português, inglês e espanhol .....	123

## Sumário

1	INTRODUÇÃO .....	13
2	HISTÓRIA, CRÍTICA E PRÁTICA.....	22
	DE TRADUÇÃO DE TEORIA.....	22
2.1	História da Tradução.....	24
2.2	Crítica de Tradução .....	37
2.3	A prática de tradução de textos especializados: o caso da teoria da tradução .....	45
2.3.1	Tradução de textos especializados .....	45
2.3.2	Tradução de teoria da tradução.....	52
3.	TRADUÇÃO DE TRADUTOLOGIA FRANCESA NO BRASIL .....	63
3.1	Obras francesas de teoria da tradução traduzidas no Brasil a partir de 2000 .....	64
3.1.1	<i>Sob a invocação de São Jerônimo</i> (2001) de Valery Larbaud .....	64
3.1.2	<i>Torres de Babel</i> (2002) de Jacques Derrida .....	70
3.1.3	<i>Poética do traduzir</i> (2010) de Henri Meschonnic.....	78
3.1.4	<i>Tradução: História, teoria e métodos</i> (2011) de Michaël Oustinoff.....	85
3.1.5	<i>Sobre a tradução</i> (2011) de Paul Ricœur.....	94
3.2	Obras de autoria de Antoine Berman.....	104
3.2.1	<i>A prova do estrangeiro</i> (2002).....	107
3.2.2	<i>A tradução e a letra ou o albergue do longínquo</i> (2007) .....	114
4	<i>L'ÂGE DE LA TRADUCTION</i> DE ANTOINE BERMAN .....	125
	E COMENTÁRIOS DE SUA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS .....	125
4.1	Título .....	134
4.2	A letra de Berman .....	136
4.2.1	Itens lexicais e conceituais .....	140
4.2.2	Citações .....	175
4.3	Títulos de obras e referências bibliográficas .....	180
4.4	Notas de rodapé.....	182
4.5	Nota da tradutora.....	184
4.6	Capa.....	186
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	189
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	193

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dedica à tradução de teoria da tradução: como se faz e como pode ser feita a tradução de teoria da tradução? Se não posso responder essa pergunta analisando (ou traduzindo) textos originários de toda parte do mundo com línguas-culturas alvo diversas, faço aqui um recorte. Assim, para discutir a tradução de teoria da tradução me proponho a analisar traduções já feitas enquanto realizo minha própria tradução de uma obra teórica em particular. As obras traduzidas analisadas são as obras de tradutologia (ou teoria da tradução) francesas traduzidas e publicadas no Brasil a partir do ano 2000, obras estas de autoria de Valery Larbaud, Michaël Oustinoff, Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Henri Meschonnic e de Antoine Berman. A obra escolhida é *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* (2008) de Antoine Berman que será traduzida integralmente, tradução essa a qual comento no último capítulo. Ao comentar a tradução de *L'Âge de la traduction* de Berman, comento também algumas escolhas de tradução dos tradutores desse livro para a língua inglesa e espanhola.

Adianto uma questão que será discutida no próximo capítulo, mas que reforça a relevância da pesquisa. A tradução de textos teóricos tem importância epistemológica para o domínio do saber do qual faz parte e pode inclusive determinar o futuro de uma disciplina em contexto mundial, já que com a tradução de textos fundamentais podemos ter um maior alcance de teorias e abordagens em outras partes do mundo para além do contexto linguístico-cultural-acadêmico de onde do qual é proveniente. É importante entender também a natureza dessa tradução que será explorada no âmbito dessa tese, mas que podemos desde já apontar alguns entendimentos, um projeto de tradução que se apoia na história de tradução de tradutologia no Brasil, com abordagem crítica em relação à rede conceitual.

Antes de explorar mais a fundo os objetivos da tese, apresento aqui uma breve biografia de Berman sobretudo ligada a seu percurso em direção à e dentro da Tradutologia. Antoine Berman (1942-1991) foi tradutor do alemão, inglês e espanhol, escritor, prefaciador, editor, professor e hoje é indiscutivelmente um teórico canônico dentro da área de Tradutologia e/ou Estudos da Tradução. Nasceu em 24 de junho de 1942 em Argenton sur Creuse, região central da França, sua mãe francesa, sua avó iugoslava e seu pai que era polonês e judeu recebeu uma ameaça de prisão e por isso a família teve que se esconder durante quase toda a Segunda Guerra Mundial. Depois, se mudaram para a região de Oise (ao norte de Paris). No ensino médio Antoine Berman estudou no Lycée Montmorency e os estudos universitários realizou na

prestigiosa universidade Sorbonne. Quando começou a estudar filosofia na Sorbonne iniciou seu trabalho sobre os românticos alemães, mas em 1968 depois de ter conhecido Isabelle Garma (sua mãe francesa, seu pai argentino), se mudou com ela para a Argentina, onde Berman aprendeu o idioma espanhol, e depois de morarem cinco anos lá, regressaram à França<sup>1</sup>.

Antoine Berman defendeu em 1981 sua tese de doutorado intitulada “*La théorie de la traduction chez les romantiques allemands*” (“*A teoria da tradução nos românticos alemães*”) orientada por Henri Meschonnic<sup>2</sup>. Mais tarde, em 1984, este trabalho foi resumido e publicado em formato de livro sob o título *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*<sup>3</sup>. Esta foi a primeira grande obra de Berman a respeito da tradução, a obra que deu reconhecimento ao autor enquanto tradutólogo perante seus pares. Depois veio a se tornar o primeiro diretor do *Collège international de philosophie* em Paris, instituição independente do sistema universitário francês que oferece seminários na área de linguagem e que foi fundada por François Chatelet e Jacques Derrida<sup>4</sup>.

O ano de publicação de *L'Épreuve de l'étranger* foi o mesmo ano em que Berman começou a lecionar seus seminários sobre tradução no *Collège international de philosophie*. Berman (2008, p. 9) relata que entre 1984 e 1989 ministrou de maneira regular vários seminários dedicados exclusivamente ao tema da “tradutologia”, seminários esses intimamente ligados ao seu trabalho de pesquisa e de escrita. Eram seminários com um público bastante diverso que além de estudantes, tradutores e pesquisadores, contava também com psicanalistas, semiólogos entre outros, cujos temas eram:

- a noção de literalidade em tradução (inverno de 1984);
- tradução, língua materna, língua estrangeira (primavera de 1984);
- filosofia e tradução (comentário de “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin) (inverno de 1984-1985);
- a falha da tradução (primavera de 1986);
- história da tradução na França (primavera de 1987);
- a Babel tradutória; tradução especializada e tradução literária (primavera de 1988);
- comentário de traduções de John Donne e Friedrich Hölderlin (primavera de 1989).

---

<sup>1</sup> Informações biográficas na “*Translator's Introduction*” (“Introdução da Tradutora”) escrita por Françoise Massadier-Kenney para sua tradução de *Pour une critique des traductions: John Donne* que em inglês ela intitulou como *Toward a Translation Criticism: John Donne* (BERMAN, 2009, p. xvi). Massadier-Kenney agradece Isabelle Berman por ter fornecido dados biográficos sobre Antoine Berman, os quais ela registra nesta introdução. Aproveito para também agradecer à Isabelle Berman que também me relatou informações bibliográficas num encontro informal.

<sup>2</sup> PETRY, 2016, p. 12.

<sup>3</sup> Destaco que esta obra foi traduzida para o português por Maria Emília Chanut e publicada em 2002 pela editora EDUSC, uma das obras analisadas na presente pesquisa.

<sup>4</sup> MASSADIER-KENNEY in BERMAN, 2009, p. xvi.

(BERMAN, 2008, p. 9 – tradução minha<sup>5</sup>)

Esses seminários geraram a publicação das obras de Berman que vieram na sequência de *L'Épreuve de l'étranger* (1984). A primeira delas – e inspirada em aulas ministradas nesse mesmo ano – foi efetivamente publicada em 1985 com o título *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*<sup>6</sup>. Em seguida, no ano de 1995, foi publicado o livro *Pour une critique des traductions : John Donne*, dedicado ao tema da “crítica de tradução” usando como exemplo mais emblemático um estudo sobre traduções de John Donne. Este livro (ainda sem tradução no Brasil), inspirado no seu último seminário (de 1989), terminou de ser escrito às vésperas da prematura morte de Antoine Berman<sup>7</sup> em 1991.

As duas próximas publicações de Berman foram feitas postumamente e contaram com a iniciativa de sua esposa, Isabelle Berman. Em 2008 foi publicado o livro *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* – que está sendo traduzido no âmbito da presente tese – e traz uma observação na referência bibliográfica: “*texte établi par Isabelle Berman avec la collaboration de Valentina Somella*” (texto estabelecido por Isabelle Berman com a colaboração de Valentina Somella). O texto deste livro surgiu das anotações que Antoine Berman tinha feito para o seminário do inverno de 1984/1985, além das gravações das aulas cedidas para auxílio na montagem do livro.

O livro mais recentemente publicado com autoria de Berman é *Jacques Amyot, traducteur français. Essais sur les origines de la traduction en France* de 2012, também fruto do trabalho conjunto de Isabelle Berman e da pesquisadora italiana Valentina Somella. Este livro tendo sido inspirado no seminário de 1987 sobre a história da tradução na França tem como figura ícone Jacques Amyot que nas palavras de Antoine Berman (2012, p. 5-6) é o maior tradutor francês e inaugurador de uma tradição de tradução e escrita. Obra que ainda não tem tradução para o português.

---

<sup>5</sup> Trecho original:

- la notion de littéralité en traduction (hiver 1984) ;
- traduction. Langue maternelle, langue étrangère (printemps 1984) ;
- philosophie et traduction (commentaire de « La tâche du traducteur », de Walter Benjamin) (hiver 1984-1985) ;
- la défaillance de la traduction (printemps 1986) ;
- histoire de la traduction en France (printemps 1987) ;
- la Babel traductive traduction spécialisée et traduction littéraire (printemps 1988) ;
- commentaire de traductions de John Donne et Friedrich Hölderlin (printemps 1989).

<sup>6</sup> Traduzido no Brasil como *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* pelos professores Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini (primeira edição 2007, segunda em 2012), obra analisada na tese.

<sup>7</sup> Antoine Berman morreu no dia 22 de novembro de 1991, aos quarenta e nove anos, como relata sua esposa Isabelle Berman numa nota editorial (“*Note de l'éditeur*”) em *Pour une critique des traductions : John Donne* (1995, p. 7)



Destaco ainda a vasta publicação de artigos feita por Berman em diversas revistas acadêmicas, sua produção literária em prosa e poesia, traduções literárias e não-literárias e ainda tantos outros escritos publicados em outros formatos, além dos registros informais em cadernos, planos de aula dos seminários que ministrava e outros materiais variados. Berman lia muito e escrevia tanto que suas anotações diversas, devidamente guardadas por sua esposa Isabelle Berman, ainda fornecem material para publicações mesmo tendo se passado tantos anos de sua morte (BERMAN, 2001, p. 11-12).

A pesquisadora Oseki-Dépré destaca a relevância do trabalho de Berman: “A chegada do filósofo e germanista Antoine Berman à tradução literária nos anos oitenta foi saudada como um evento de uma importância muito grande para esse domínio até então marginalizado na França.”<sup>8</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 29). O aporte das obras – e aulas – de Berman foi não só na contribuição para os debates sobre a tradução literária, mas também na própria constituição de uma área de conhecimento que se dedica à pesquisa dessa atividade.

O impacto das posições dos trabalhos de Antoine Berman no campo dos estudos sobre a tradução não é devido somente ao fato de que ele colocou a questão no plano literário, mas também ao fato de que ele propôs considerar a tradução baseando-se num corpus de textos teóricos e práticos provenientes dos Românticos alemães. Ele faz mais: ao atribuir à tradução literária uma razão de ser, finalidades e sugerindo campos de investigação diferentes, ele permitiu a constituição do domínio.<sup>9</sup> (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 30)

Foi acreditando na força, importância e relevância de se estudar a tradução que Berman defendeu a instituição de uma área de conhecimento própria para a tradução que escolhi uma obra deste autor como texto a ser traduzido neste trabalho. Além do caráter particular dessa obra que é, por sua vez, o grande comentário de Antoine Berman a respeito de outro texto muitíssimo emblemático para os estudos da Tradução, “*Die Aufgabe des Übersetzers*”, em francês “*La tâche du traducteur*”, em português “A tarefa do tradutor”, de autoria de Walter Benjamin.

Antoine Berman é hoje, um dos teóricos da tradução mais amplamente citados dentro dos trabalhos de pesquisa em Estudos da Tradução no Brasil (para não falar de um contexto

<sup>8</sup> Trecho original: La venue du philophe et germaniste Antoine Berman à la traduction littéraire dans les années quatre-vingts a été saluée comme un événement d’une importance majeure pour ce domaine marginalisé jusqu’alors en France. (OSEKI-DÉPRÉ, p. 29)

<sup>9</sup> Trecho original : La portée des positions des travaux d’Antoine Berman dans le champ des études sur la traduction ne tient pas seulement au fait qu’il ait placé la question sur le plan littéraire, mais aussi au fait qu’il ait proposé d’envisager la traduction en la fondant sur un corpus de textes théoriques et pratiques en provenance des Romants allemands. Il a fait plus : en attribuant à la traduction littéraire una raison d’Être, des finalités et en suggérant des champs d’investigation différents, il a permis la constitution du domaine. (OSEKI-DÉPRÉ, p. 30)

mais amplo) como destaca Petry: “No Brasil, a recepção do pensamento bermaniano se dá, principalmente, através de sua contribuição aos Estudos da Tradução. Seu trabalho faz eco no discurso de diversos pesquisadores brasileiros que têm na tradução a base de suas pesquisas.” (PETRY, 2012, p. 374). Mas apesar da larga presença do nome de Antoine Berman nas pesquisas brasileiras em Estudos da Tradução, Petry (2016, p. 40) ressalta que a base para a discussão de Berman comumente se faz nas obras: *L'épreuve de l'étranger* (1984), *La traduction et la lettre* (1985) e *Pour une critique des traductions* (1995); concentrando os debates acerca de três “eixos” principais: teoria e filosofia da tradução com a ideia bermaniana de ética da diferença na abertura ao outro, analítica da tradução entendida como método para tradução e análise de traduções já realizadas, e, crítica de tradução.

Como já dito, um dos objetivos do presente trabalho é a tradução do livro *L'Âge de la traduction* (2008) acompanhada de comentários sobre a atividade tradutória levando em conta a especificidade de se traduzir uma obra teórica. Por si só a tradução de uma obra teórica já levantaria diversos questionamentos e reflexões sobre escolhas de tradução, mas uma obra como esta apresenta um desafio particular que diz respeito ao comentário de outra obra teórica, no caso *Die Aufgabe des Übersetzers* (1923) do filósofo alemão Walter Benjamin.

O ensaio de Benjamin é conhecidamente um texto de difícil leitura e compreensão. Portanto, a tradução de uma obra que se dedica a pormenorizar o texto benjaminiano contribui para o debate sobre esta no Brasil. Além disso, contribui também para que se entenda a leitura de Berman a respeito do texto, bem como pode nos indicar por que rumos as ideias de Berman tiveram influência dos propostos de Benjamin. Também tem o papel de contribuir para a história da tradução, já que se dedica ao comentário do texto de Benjamin, mas também ao comentário da tradução para o francês feita por Gandillac. Além disso, o livro de Berman registra uma parte importante da história da Tradutologia e/ou Estudos da Tradução, já que este livro é fruto de arquivos e planos de aula que Berman ministrou nos anos 1980 no *Collège international de philosophie*, reforçando o espaço de reflexão filosófica sobre a tradução.

O pensamento de Berman foi amplamente influenciado pelos românticos alemães, notadamente por Walter Benjamin. Oseki-Dépré (2007) ao discorrer sobre a importância de Benjamin para a geração seguinte de tradutores e, principalmente, de teóricos da tradução, intitula o capítulo dedicado a Antoine Berman como “*L'héritage: Antoine Berman*” que traduzo aqui como “A herança: Antoine Berman”. A grande herança deixada por Benjamin para Berman está ratificada com a publicação do livro que aqui me dedico a traduzir.

A escolha deste texto para servir de corpus para a prática de tradução e discussão sobre a atividade tradutória se deu também pelo fato de que esta obra reúne em si algumas

características particularmente interessantes no que diz respeito ao tema e organização desta tese. A obra de Berman tem por objetivo comentar o texto de Benjamin, mas também fazer uma análise crítica da tradução deste texto para a língua francesa feita por Maurice de Gandillac. Em seu próprio texto Berman nos apresenta a crítica de tradução atrelada à leitura minuciosa da teoria de Benjamin juntamente com uma proposta de uma nova tradução, uma retradução para diversos trechos do texto benjaminiano em francês. Fazendo também uma crítica, ou melhor, comentário crítico sobre o texto de Benjamin.

Em 1991, ano de falecimento de Berman, os editores da revista TTR publicaram um pequeno texto “*In memoriam*” no qual afirmaram que “*le monde de la traduction*” (o mundo da tradução) estava de luto e fala sobre a força do trabalho de Berman que com *L'Épreuve de l'étranger* revelou-se uma imensidade e riqueza do campo de estudos da tradução e que as obras posteriores aliaram o pensamento especulativo, estudos de caso e um intenso interesse pela prática tradutória. Nesse mesmo texto, os autores afirmam que “De seu entusiasmo intelectual emanava uma energia essencial para nossa disciplina” (S. S. e J.M.-G., 1991, p. 9 – tradução minha<sup>10</sup>). Dez anos depois, em 2001, Alexis Nouss afirmou que:

*A traductologie* (tradutologia) francófona se desenvolveu lendo Berman – como se diz ter crescido escutando Bach ou os Beatles: em outras palavras, a disciplina viu seu campo se afirmar, intelectualmente e institucionalmente, em paralelo à difusão das obras de Antoine Berman. (Nouss, 2001, p. 9 – tradução nossa<sup>11</sup>)

Alexis Nouss afirma nesse texto que a Tradutologia Francesa se consolida com Berman, assim como Oseki-Dépré (2007) no trecho citado alguns parágrafos acima atribui a Berman a constituição desta área na França. Oseki-Dépré (2007) afirma que foi com Walter Benjamin que se instaurou a tradutologia contemporânea, tendo influenciado diversos teóricos como Haroldo de Campos, Henri Meschonnic, Paul de Man, Jacques Derrida e Antoine Berman que, por sua vez, teve o papel de afirmar, consolidar, constituir a tradutologia francesa como a conhecemos hoje.

Muito recentemente, em 2017, Echeverri destaca que:

Desde o início dos anos 1970, a *translatology* se desenvolveu e se diversificou tanto que hoje os termos *traductologia*, *traductologie* e *Translation Studies* podem não traduzir os mesmos panoramas ou realidades quando práticas de tradução e pesquisas em tradução reais são consideradas. É geralmente aceito que esses termos referem-se à mesma disciplina: um ramo da pesquisa

<sup>10</sup> Trecho original: “De son enthousiasme intellectuel se dégageait une énergie essentielle à notre discipline.”

<sup>11</sup> Trecho original: “la traductologie francophone s’est développée en lisant Berman — comme on dit avoir grandi en écoutant Bach et/ou les Beatles : en d’autres termes, la discipline a vu son champ s’affirmer, intellectuellement et institutionnellement, en parallèle avec la diffusion des ouvrages d’Antoine Berman.”

acadêmica majoritariamente alojada nos departamentos de humanidades, que lidam com tradução (a atividade em todas as suas formas), tradutores (e outros agentes humanos que participam nas atividades de tradução) e textos traduzidos (qualquer coisa que tenha sido reconhecida como tradução). (ECHEVERRI, 2017, p. 8 – tradução minha<sup>12</sup>)

No contexto francês, falar em “*Traductologie*” é falar dos estudos que versam sobre a “Tradução”. Os eventos, programas e grupos de estudo dedicados ao tema da “Tradução” são denominados genericamente como pertencentes à *Traductologie*. Porém, num olhar internacional, há uma “teoria francesa” oposta a outras abordagens teóricas, que é identificada com o nome de “*Traductologie*”. No Brasil, a área é denominada Estudos da Tradução, termo que foi se estabelecendo ao longo da afirmação da área, mas que no princípio dos estudos sobre a Tradução no Brasil não era óbvio, como confirma a publicação de dois livros que o professor e pesquisador Delton de Mattos organizou contendo “tradutologia” em seu título: em 1981 *Estudos de tradutologia* (editora Kontakt) e em 1983 *Cultura e tradutologia* (editora Thesaurus).

## OBJETIVOS

Tenho como objetivo no presente trabalho a discussão sobre tradução de Teoria da Tradução e para isso, articularei a prática de tradução propriamente dita, o comentário sobre minha prática e a análise de tradução de teoria da tradução no Brasil que se alia à discussão sobre o processo de tradução de obras teóricas. Primeiramente proponho uma discussão teórica sobre história da tradução, crítica de tradução e tradução de textos teóricos. Em seguida as análises das obras traduzidas e por fim os comentários da minha tradução.

A análise das traduções de teoria da tradução no Brasil constitui um estudo de como foi/é feita a tradução de teoria da tradução no Brasil e, para isso, foi feito um levantamento das obras de teoria da tradução escritas originalmente em francês (publicadas especificamente na França) que tivessem sido traduzidas no Brasil e publicadas a partir de 2000. É feita uma apresentação do contexto da publicação original e do contexto da publicação da tradução, bem como um perfil dos tradutores desses livros no Brasil. Além do levantamento dos dados gerais, análise dos padrões de tradução dos elementos constitutivos do texto de teoria da tradução, bem como verificação se há, por parte dos tradutores, comentários sobre a prática tradutória e

---

<sup>12</sup> Trecho original: “Since the early 1970s, translatology has developed and diversified so vastly that today the terms traductología, traductologie and Translation Studies might not translate into the same landscapes or realities when actual translation research and translation practices are considered. It is generally accepted that these terms refer to the same discipline: a branch of scholarly research most frequently housed in humanities departments, dealing with translation (the activity in all its forms), translators (and other human agents taking part in translation activities) and translated texts (anything that has been recognized as translation).”

processo de tomada de decisão na tradução. As obras são apresentadas na seguinte ordem: 1) *Sob a invocação de São Jerônimo: Ensaios sobre a arte e técnicas de tradução* (2001), tradução feita por Joana Angélica D’Avila Melo da obra *Sous l’invocation de saint Jérôme* de Valéry Larbaud; 2) *Torres de Babel* (2002) tradução feita por Junia Barreto do ensaio “*Des tours de Babel*” de Jacques Derrida; 3) *Poética do traduzir* (2010) tradução feita por Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich da obra *Poétique du traduire* de Henri Meschonnic; 4) *Tradução: História, Teoria e Métodos* (2011) tradução de Marcos Marcionilo da obra *Traduction* de Michaël Oustinoff; 5) *Sobre a tradução* (2011), tradução feita por Patrícia Lavelle da obra *Sur la traduction* de Paul Ricœur. Em seguida as obras de Antoine Berman sobre teoria da tradução traduzidas no Brasil: 6) *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica* (2002), tradução feita por Maria Emília Pereira Chanut da obra *L’épreuve de l’étranger : Culture et traduction dans l’Allemagne romantique*; 7) *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007) tradução feita por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini da obra *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*.

No momento seguinte, apresentarei os comentários de tradução referentes à minha prática tradutória. Ao descrever meu processo de tradução, continuarei fazendo referência às traduções analisadas no capítulo antecedente, além de fazer referência à tradução argentina publicada em 2015 e à tradução inglesa publicada em 2018 – o comentário eventual sobre as traduções argentina e inglesa será sobretudo a partir dos pontos de interesse para discussão na minha tradução. A tradução de um texto especializado, de cunho teórico, suscita pontos de enfoque particulares na prática tradutória. Se muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas fazendo uso de tradução literária comentada, raras são aquelas que versam sobre a tradução comentada de textos teóricos.

Assim, este trabalho pretende articular a história, a crítica (análise) e a prática (comentada) de tradução. Ao articular as três será possível então chegar a um entendimento de como é feita a tradução de textos de teoria da tradução no Brasil e como podemos – no que nos diz respeito – contribuir para a discussão teórica sobre essa prática, além de oferecer a tradução do livro de Berman adensando o conjunto de obras desse autor traduzidas no Brasil. Isso nos leva à última parte do trabalho em que teremos a discussão sobre a tradução de teoria.

No volume 1 consta o texto traduzido (ao lado do original para que possa ser cotejado) e no volume 2 consta o texto da tese. O motivo inicial para que a tradução esteja num volume separado é o tamanho que a tradução tomou. Assim, não seria viável incluir a tradução como um capítulo da tese (ou parte de um capítulo da tese) pois tornaria a distribuição de páginas entre os capítulos desproporcional. Também não acredito ser o caso de incluir

a tradução como anexo da tese pois a tradução faz parte da tese e não algo complementar (como poderia dar a entender caso estivesse em anexo). Portanto, apesar de constar num volume separado, o trabalho prático de tradução é indissociável de todas as outras atividades que estou realizando no âmbito da tese. Faço estes trabalhos paralelamente: prática de tradução, comentário de tradução, análise das traduções anteriores e a leitura bibliográfica de suporte para todas as atividades anteriores. Lembrando que o próprio Berman (assim como outros autores) defende que a reflexão sobre a tradução surge a partir da prática, pois a tradutologia é exatamente uma reflexão sobre o ato tradutório.

## 2 HISTÓRIA, CRÍTICA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO DE TEORIA

Sendo tanto uma atividade quanto uma experiência, a tradução é uma produção de linguagem e uma operação comunicativa, uma faculdade de recepção e de julgamento, um ato cognitivo e interpretativo, uma transmissão de forma e de conteúdo, uma transferência de sentido e de afetos, um transporte de imagens e de ritmo. (KRISTEVA, 2009, p. 35)<sup>13</sup>

Começo esse capítulo com uma tradução sobre o que é tradução. Assim “como todas as criações da mente, a tradução não é um objeto dentre outros, mas sim uma perspectiva, um outro olhar para o mundo, uma abertura para o diálogo e o esforço de compreensão” (KRISTEVA, 2009, p. 35-36 – tradução minha)<sup>14</sup>. Larbaud diz que “traduzir uma obra que nos agradou é penetrar nela mais profundamente do que o podemos fazer pela simples leitura, é possuí-la mais completamente, de certa forma é apropriar-nos dela” (LARBAUD traduzido por Melo, 2001, p. 71)

Henri Van Hoof diz em seu *Dictionnaire universel des traducteurs* (Dicionário universal dos tradutores) (1993) que a tradução faz parte da história intelectual dos povos “civilizados”, ressaltando que a prática de tradução é algo que remonta a “tempos imemoriais” e por diversas razões:

Traduz-se para se apropriar de um saber, para descobrir uma cultura. Traduz-se para difundir, combater ou defender ideias religiosas, doutrinas filosóficas, teorias políticas. Traduziu-se para criar ou perfazer uma língua nacional. Traduz-se por amor à arte, para revelar uma literatura ou um autor. Traduziu-se para fazer as ciências e as técnicas progredirem. Traduziu-se por mil e uma razões (VAN HOOFF, 1993, p. VII)

Foi se baseando em análises críticas de tendências de tradução de hoje e da história que Berman foi capaz de identificar as estratégias tradutórias (sejam elas consideradas posteriormente como positivas ou não, éticas ou não) adotadas pelos tradutores e inclusive

---

<sup>13</sup> Trecho original: “Etant aussi bien une activité qu’une expérience, la traduction est une production langagière et une opération communicative, une faculté de réception et de jugement, un acte cognitif et interprétatif, une transmission de forme et de contenu, un transfert de sens et d’affects, un transport d’images et de rythme.” (KRISTEVA, 2009, p. 35)

<sup>14</sup> Trecho original: “Comme toutes les créations de l’esprit, la traduction n’est pas un objet parmi d’autres mais une perspective, un autre regard vers le monde, une ouverture vers le dialogue et l’effort de compréhension.” (KRISTEVA, 2009, p. 35-36)

podendo fazer sistematizações dessas tendências – as “deformações bermanianas” são um dos exemplos. A partir de um olhar histórico e crítico e, claro, da reflexão gerada a partir de sua própria prática Berman construiu seu entendimento e organizou seu pensamento sobre a tradução. Sobre a análise histórica e crítica de traduções e a abordagem adotada por Berman e por ela mesma, Inês Oseki-Dépré destaca que “não se trata aqui de jogar pedras nos tradutores “ruins”, mas sim, como pensa Antoine Berman, de permitir que todos os tradutores estejam melhor armados para o exercício da difícil tarefa que a sua” (p. 43)<sup>15</sup>. Corroborando com essa maneira de entender o olhar histórico e crítico, Bassnett ressalta que

Os teóricos e os estudiosos têm uma pauta de trabalhos muito mais complexa do que decidir entre o que é bom e o que é ruim; eles estão preocupados, por exemplo, em levantar as diferentes possibilidades abertas para o tradutor, e o modo como essas mudam de acordo com o contexto histórico, social e cultural. (BASSNETT traduzida por Gehring, Abreu e Antinolfi, 2005, p. 14-15)

Nesse sentido, proponho um levantamento histórico e uma análise crítica de traduções de teoria da tradução no Brasil com o objetivo de identificar quais foram/são as estratégias adotadas pelos tradutores de textos teóricos (da área da tradução) neste país – o próximo capítulo desta tese é inteiramente dedicado a essas análises – a fim de fornecer dados e provocar reflexões que possam contribuir para a minha própria prática de tradução realizada no âmbito desta pesquisa de doutorado – tradução essa que consta no outro volume e que será comentada no último capítulo desta tese. Portanto, com o objetivo de embasar o proceder da pesquisa, apresento no presente capítulo uma revisão de bibliografia a respeito da história da tradução, da crítica de tradução e das particularidades dos textos especializados e da prática de tradução dos textos de especialidade, mais especificamente de textos teóricos de Estudos da Tradução.

Aproveito esta introdução do capítulo para fazer um comentário sobre o fato de que as grandes obras de teoria da tradução se dedicam à tradução literária e, portanto, inclusive a bibliografia de apoio (sobretudo sobre história e crítica de tradução) muitas vezes está direcionada ao caso da tradução literária. Mas isso não nos impede de fazer paralelos com a tradução teóricos, ainda mais no nosso caso que são ensaios de ciências humanas, mais especificamente de textos provenientes de uma linguagem (e pensamento) mais filosófico, linguagem essa que tem características entre literatura e ciência – discussão que será desenvolvida na última parte deste capítulo.

---

<sup>15</sup> Trecho original : “Il ne s’agit pas ici de jeter la pierre aux “mauvais” traducteurs, mais plutôt, comme le pense Antoine Berman, de permettre à tous les traducteurs d’être mieux armés pour l’exercice de la difficile tâche qui est la leur.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 43).



## 2.1 História da Tradução

O mais recentemente publicado livro de Antoine Berman, *Jacques Amyot, traducteur français* (2012) é uma obra de história de tradução na qual Berman apresenta e discorre sobre grandes traduções e tradutores literários franceses. Em sua introdução, o autor ressalta a importância de um olhar histórico da tradução, pois a atividade traduzinte (a atividade de tradução) em toda comunidade nacional é sempre “o resultado de uma longa história que lhe concedeu seus traços próprios” (BERMAN, 2012, p. 13)<sup>16</sup>. Assim, Berman defende que cada país faça um retorno à sua própria tradição de tradução, o que ele chama de “arqueologia da tradução”, argumentando que os tradutores devem estudar a história da tradução não pela justificativa banal de um suposto gosto pelo passado, mas sim em busca de um “novo destino” (2012, p. 13).

Na verdade, desde *L'épreuve de l'étranger* (1984) (tradução brasileira: *A prova do estrangeiro*, 2002) Berman insiste na importância da História da Tradução para o desenvolvimento da disciplina como um todo, por exemplo quando ele diz que “[a] constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria *moderna* da tradução. Toda modernidade institui não um olhar passadista, mas um movimento de retrospectão que é a compreensão de si.” (BERMAN, 2002, p. 12). Claro que o trabalho de Berman como um todo tem um olhar histórico, mas além de efetivamente ter esse olhar e se dedicar a esse tipo de estudo, ele fala (ou melhor, escreve) com todas as letras: “história da tradução”. Em *A prova do estrangeiro* Berman faz uma grande apresentação do pensamento sobre a tradução por parte dos românticos alemães, ou seja, uma contribuição para uma história da teoria da tradução.

Bassnett apresenta novas vias de acessar a tradução, ou melhor, novos temas (e subtemas) de pesquisa em Estudos da Tradução:

Há uma crescente quantidade de pesquisa que reflete esta mais nova e mais complexa pauta, pois na medida em que aumenta a pesquisa em estudos da tradução e os dados históricos tornam-se mais prontamente disponíveis, questões igualmente importantes estão começando a surgir, a respeito do papel da tradução em formar um cânone literário, das estratégias empregadas pelos tradutores e das normas utilizadas em um dado período no tempo, sobre o discurso dos tradutores, sobre os problemas de dimensionar o impacto das traduções e, mais recentemente, sobre os problemas de se determinar uma ética de tradução.” (BASSNETT traduzida por Gehring, Abreu e Antinolfi, 2005, p. 15)

---

<sup>16</sup> Trecho original : “l’activité traduisante est à chaque fois, dans chaque communauté nationale, le résultat d’une longue histoire qui lui a donné ses traits propres” (BERMAN, 2012, p. 13)

Bassnett faz em seu livro *Translation Studies* (2002), traduzido no Brasil como *Estudos de Tradução*<sup>17</sup> (2005), uma grande introdução aos estudos sobre tradução sem subestimar o leitor ou começar de maneira muito instrumental sua reflexão sobre a área, mas apresenta panoramicamente vários dos temas de pesquisa, grandes nomes da teoria da tradução, tendências históricas e possibilidades de novas pesquisas (que estavam despontando à época da escrita de seu livro). Neste sentido, Bassnett dedica um capítulo de seu livro à história da tradução fazendo uma apresentação cronológica (sucinta) de tendências na prática e teoria de tradução ao longo do tempo e defende a importância de estudos históricos:

Estudos “que não estão atrelados a noções rígidas de período, mas procuram investigar de forma sistemática os conceitos de tradução, que mudam constantemente, e consideram o sistema de signos que constitui uma dada cultura são valiosos para os alunos da teoria da tradução. Esta é, de fato, uma área rica para futuras pesquisas” (BASSNETT traduzida por Gehring, Abreu e Antinolfi, 2005, p. 65)

A atividade tradutória desde o projeto de tradução de cada tradutor frente a cada empreitada de tradução a ser realizada até a realização efetiva da tradução com as diversas decisões a serem tomadas pelos tradutores sobre os aspectos a serem privilegiados ou aqueles que temos que abrir mão são escolhas de um sujeito que além de estar localizado historicamente, geograficamente, culturalmente, tem um entendimento a respeito do próprio conceito de tradução e da pesquisa na área. Consequentemente os comentários de tradução que um tradutor possa fazer sobre sua atividade tradutória são escolhas. A crítica de tradução mesmo tendo critérios para guiar uma análise que tente contemplar vários aspectos da tradução enquanto atividade e produto, além do seu protagonista, o tradutor. Assim, como não poderia ser subjetiva uma pesquisa histórica sobre tradução? A “problemática da objetividade” só será questionada por aqueles que não têm a compreensão que todo o estudo de textos e da produção deles – tanto no caso da autoria do original quanto na autoria da tradução – é necessariamente subjetiva, já que a noção de tradução de Berman leva em conta sua dimensão ética que “não é compatível com uma idealização da tradução como atividade neutra, automática, transparente” (CARDOZO, 2015, p. 149). Ao falar sobre a melancolia e a tradução, Kampff Lages diz que:

Creio que a melancolia que assombra a história e a teoria da tradução deriva de um total descaso para com a figura do tradutor enquanto sujeito do processo

---

<sup>17</sup> Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi, publicado pela Editora da UFRGS em 2005.

de tradução. Encarar o tradutor como sujeito significa reconhecer nele uma identidade já constituída e historicamente determinada, que não pode ser assimilada como um simples Doppelgänger do autor do texto original. Significa igualmente levar em conta não apenas a demanda do original, mas também as exigências de uma comunidade de leitores, que também possui sua determinação história particular (KAMPFF LAGES, 1992, p. 97)

Lieven D’hulst ressalta que os pontos de vista históricos podem ser aplicados para todo o conjunto de atividades ligadas à tradução em meio acadêmico, inclusive à crítica de tradução (2010, p. 398) o que corrobora com o desenvolvimento dessa pesquisa que visa articular histórica e crítica (à prática). Sabio Pinilla comenta que podemos apreender duas orientações apontadas pela proposta de Lieven D’hulst que nos diz que:

por um lado, estudar a história serve para consolidar cientificamente e conceder uma unidade necessária aos Estudos da Tradução; e, por outro lado, contribui para relativizar as conquistas das teorias do presente. Dito de outro modo, o conhecimento da história nos ensina a ser humildes, pois não inventamos tanto quanto supomos (SABIO PINILLA, 2006, p. 29 – tradução minha)<sup>18</sup>

O autor propõe que sejam respondidas algumas perguntas no estudo da história da tradução. A primeira delas é “quem” traduz, ou seja, põe em foco o sujeito, o tradutor, quais são seus “antecedentes intelectuais e sociais (formação, gênero, perfil socioeconômico, ideológico e cultural), produção (de tradução, de crítica, autoral, etc.)” além da formação de grupo e rede de relações (networking), ou seja, as informações que ajudem para delinear um perfil de tradutor. A segunda é “o que” foi traduzido e o que não foi traduzido, o critério de seleção e a própria seleção efetivamente de obras publicadas. Em seguida o autor pergunta sobre “onde” foi publicado, ou melhor, onde foi escrita a tradução, onde ela foi impressa, publicada e distribuída. A próxima pergunta interroga em “qual suporte”, quais estruturas ofereceram suporte/apoio e que tipo de suporte para os tradutores. Depois vem a pergunta “por que” traduções são feitas e por que são feitas da maneira que são (cada uma com suas formas e funções específicas). Outra questão é “como” as traduções foram feitas, quais são as normas de uma determinada época e quais foram as mudanças de normas ao longo do tempo. Em seguida, o “quando” representa o que D’hulst chama de arqueologia da tradução, periodização. Por último, “quais efeitos”, funções e usos a tradução tem na sociedade, qual foi sua recepção. Essa

---

<sup>18</sup> Trecho original: “por una parte, estudiar la historia sirve para consolidar científicamente y dotar de una unidad necesaria a los Estudios de Traducción; y, por otra parte, contribuye a relativizar los logros de las teorías del presente. Dicho de otro modo, el conocimiento de la historia nos enseña a ser humildes, pues no hemos inventado tanto como suponemos” (SABIO PINILLA, 2006, p. 29)

lista de perguntas não pretende ser exaustiva nem completa, como diz o autor, mas nos indica, ou ao menos reforça, que aspectos são importantes serem analisados numa pesquisa histórica de tradução.

Sabio Pinilla faz uma revisão das metodologias de pesquisa em história da tradução revisitando vários autores consagrados que se dedicaram a esse estudo e ao final faz uma proposta de metodologia com passos que julga essenciais para a pesquisa histórica em tradução. O primeiro passo seria a escolha do tema que deve ser bem delimitado espacial e temporalmente e deve incluir hipóteses de trabalho que orientam a pesquisa. O segundo momento é o de busca de fontes de informação onde possa encontrar documentos autênticos para sua pesquisa. Em seguida, Sabio Pinilla destaca a importância de uma periodização adequada ao tema que se propõe trabalhar tanto na seleção do tema quando na busca de fontes. Um próximo passo seria o de escolher o método mais adequado às características do estudo, já que o estudo pode ser desenvolvido de diversas maneiras focando nos tradutores, em traduções específicas ou em teorias. Os métodos podem e devem ser combinados entre si e quaisquer que sejam os métodos, estes por sua vez exigem análise e explicação crítica (tanto dos textos quanto de seus protagonistas). Essa análise e explicação fazem que o historiador de tradução faça um julgamento crítico baseada na sua avaliação pessoal dos dados encontrados que são respostas das perguntas clássicas: quem, o quê, onde, com que intenção, por que, como ou quando. Sabio Pinilla reforça que “porque a história é antes de tudo um esforço de compreensão e de interpretação” (2006, p. 43)<sup>19</sup>. O autor finaliza sua proposta de “passo a passo” na pesquisa histórica em tradução afirmando que o conhecimento histórico deve nos permitir avaliar o passado de maneira justa evitando interpretações radicais, inexatas e estáticas, assim, o pesquisador pode olhar para a história da tradução com um olhar crítico e por ter um caráter aberto, esse tipo de pesquisa deveria ainda indicar possíveis futuras pesquisas.

Numa tentativa de sintetizar as características desse trabalho histórico em tradução, o professor Georges Bastin adverte que:

Em tradutologia, como em história da tradução, o pesquisador não pretende julgar um produto determinado, o que interessa a ele é delimitar as estratégias empregadas pelos tradutores tendo em conta os contextos de produção e de recepção tanto dos textos originais quanto das traduções. Isto com o objetivo de tirar conclusões quanto às tendências existentes numa dada época (que pode ser contemporânea), numa região ou comunidade particular, ou num gênero de textos determinado, ou ainda num tradutor. Essas tendências, ou mesmo normas, de produção e de recepção das traduções permitirão que sejam

---

<sup>19</sup> Trecho original: “porque la historia es ante todo un esfuerzo de comprensión y de interpretación” (SABIO PINILLA, 2006, p. 43)

determinados o papel desempenhado por elas na história ou sua contribuição para um fenômeno ou evento histórico ou cultural. (BASTIN, 2007, p. 39, 40 – tradução minha<sup>20</sup>)

No âmbito da presente tese, pretendo realizar uma análise de uma época específica, contemporânea (a partir dos anos 2000) das traduções feitas no Brasil de um grupo de textos específicos: os textos de teoria da tradução franceses. História contemporânea da tradução de textos teóricos no par de língua-cultura-epistemologia França-Brasil.

Aqui contribuo para a História da Tradução ao ver como foram traduzidos os textos, analisando criticamente a prática de tradução, mas também tentando entender qual o impacto dessas traduções na própria disciplina de Estudos da Tradução no Brasil, além de introduzir minha tradução no contexto brasileiro. Contribuição tanto como historiadora da tradução quanto como personagem da história.

Berman no artigo “A tradução e seus discursos” propõe dez tarefas para a tradutologia contemporânea, entre elas uma tarefa relacionada à história da tradução:

A terceira tarefa relaciona-se à temporalidade e à historicidade dos atos de tradução. As traduções têm uma temporalidade própria, que está ligada à temporalidade das obras, das línguas e das culturas. Essa reflexão sobre o tempo do traduzir abre-se a um estudo de caráter “histórico”: escrever a história da tradução nas áreas nas quais ela constituiu um dos fatores fundamentais (ainda, como tal, desconhecido) da constituição das línguas e das literaturas. (BERMAN traduzido por Aseff, 2009, p. 349)

Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* previne o interlocutor dizendo que as análises de traduções a que se propõe na obra “não são ‘modelos’, mas fontes”. Nessa mesma perspectiva, as análises propostas aqui são também “fontes”:

As fontes da nossa reflexão e, também, do nosso trabalho pessoal de tradutor. Questionamos, pois, a tradição da tradução a partir de algumas traduções, que, por sua vez, antes de nós, questionaram esta tradição. Tal é nosso horizonte. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 36)

---

<sup>20</sup> Trecho original : “En traductologie, comme en histoire de la traduction, le chercheur ne prétend pas juger un produit déterminé, ce qu’il intéresse c’est de cerner les stratégies employées par les traducteurs en tenant compte des contextes de production et de réception tant des textes originaux que des traductions. Ceci dans le but de tirer des conclusions quant aux tendances existantes à une époque donnée (qui peut être contemporaine), dans une région ou communauté particulière, ou dans un genre de textes déterminé, ou encore chez un traducteur. Ces tendances, voire normes, de production et de réception des traductions permettront de déterminer le rôle joué par ces dernières dans l’histoire ou leur contribution à un phénomène ou événement historique ou culturel.” (BASTIN, 2007, p. 39, 40)

Ao falar do que ele chama de “tradução etnocêntrica”, Berman destaca que esta é uma realidade histórica. Aqui não se trata de discutir a tradução etnocêntrica especificamente, mas ampliando o que ele fala sobre ela para qualquer tipo de tradução, ele reforça a importância de uma consciência sobre a tradução. E é preciso ter em mente que “esta consciência não é um dado intemporal: ela tem um fundamento “arqueológico”.” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 41).

É nesse sentido que iniciou a preocupação em entender como vem sendo feita a tradução de textos tradutológicos no Brasil. Ao me propor a pensar a tradução de teoria da tradução de maneira geral surge o interesse em saber quais são os traços dessas traduções, como chegam as obras de Tradução estrangeiras no Brasil. Ao me propor traduzir uma obra de teoria da tradução, o mesmo interesse surge por duas motivações. A primeira seria a de entender o contexto no qual a obra que estou traduzindo está se inserindo, ou seja, entender quais são as obras que já compõem a prateleira da biblioteca brasileira de tradutologia francesa. A segunda trata-se de identificar as escolhas que foram feitas anteriormente no sentido de usar as traduções anteriores como documentos autênticos que possam desempenhar o papel de “fontes”, no sentido que nos propõe Berman (2012), para a prática de tradução, seja para me aproximar às escolhas anteriores, seja para questioná-las e propor uma nova abordagem. Para esse trabalho de análise das traduções a crítica de tradução complementa o trabalho de orientação histórica e no próximo capítulo é apresentada a abordagem de crítica de tradução da presente pesquisa.

Retomando o interesse em entender o contexto em que a obra vai ser inserida pensando na sua publicação no contexto brasileiro, surge um desejo de História da Tradução no Brasil e um desejo de História da Tradução dos Estudos da Tradução no Brasil. Muitos já são os pesquisadores brasileiros que vêm desenvolvendo pesquisas em História da Tradução, área que vem crescendo no Brasil nos últimos anos. Mesmo se ainda não temos um projeto de História da Tradução no Brasil nos moldes de uma *Histoire des traductions en langue française* desenvolvida na França com a participação de diversos especialistas (e coordenado por Yves Chevrel et Jean-Yves Masson) registrando numa só obra uma cronologia dos diversos tipos de tradução no Brasil, temos eventos, grupos de pesquisa além, é claro, das pesquisas individuais que vêm contribuindo para que uma história da tradução brasileira. Pensando numa História dos Estudos da Tradução no Brasil, temos várias publicações que remontam o surgimento ou o desenvolvimento dos Estudos da Tradução no contexto brasileiro, algumas dessas publicações privilegiando mais a institucionalização, o ensino, a pesquisa ou a publicação de obras de teoria da tradução.

Para traçarmos uma linha do tempo da área no Brasil, poderíamos começar com o “marco zero” (segundo as palavras de Spiry, 2016) das publicações sobre tradução no Brasil, o livro *Escola de Tradutores* de Paulo Rónai em 1952 ou com o primeiro curso de Tradução no contexto universitário em 1969, na PUC-Rio (com a professora Maria Candida Bordenave) (COSTA, 2018). Esse curso, de especialização em revisor-tradutor-intérprete foi pioneiro e nos anos posteriores “três cursos de graduação em Tradução foram criados em IES públicas no Brasil: o primeiro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1973, seguido Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), em 1978, e pela Universidade de Brasília (UnB), em 1979.” (COSTA, 2018, p. 187). Poderíamos ainda começar com o pioneirismo da UFSC no contexto brasileiro com a abertura do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Tradução em 2003 (e o primeiro doutorado específico em Tradução na América Latina) como relatam Guerini, Torres e Costa (2013) seguida depois por outras universidades que também abriram programas de pós-graduação em Estudos da Tradução.

A seguir apresento uma tabela que tenta traçar uma linha do tempo em que estão dispostos paralelamente publicações estrangeiras e acontecimentos importantes para os Estudos da Tradução no Brasil incluindo publicações no Brasil com base no levantamento apresentado no trabalho de Frota<sup>21</sup> e momentos importantes da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil. Nessa linha do tempo dispus de um lado (“Exterior”) as publicações estrangeiras incluindo aquelas cujas traduções são analisadas na presente tese, mas também algumas outras grandes publicações de teoria da tradução oriundas da Europa e das Américas. De outro lado (“Brasil”) estão várias das publicações brasileiras de teoria da Tradução, além das traduções de obras francesas analisadas na tese, bem como traduções de outras obras internacionais de destaque. Também do lado brasileiro constam datas das criações dos primeiros cursos de Tradução em contexto universitário, criação de programas de pós-graduação e criação de revistas dedicadas à tradução (com base no levantamento de Costa, 2018) bem como criação de órgãos de tradutores e alguns eventos acadêmicos. Assim, poderemos localizar ao longo do tempo e da evolução dos Estudos da Tradução no Brasil, quando e em que contexto foram publicadas as traduções de tradutologia francesa no Brasil. No quadro estão destacadas as publicações originais das obras trabalhadas no âmbito dessa tese, bem como, evidentemente, as publicações das traduções.

---

<sup>21</sup> Trabalho de Maria Paula Frota (professora da PUC-Rio) intitulado “O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas” Disponível em: <http://letra.lettras.ufmg.br/gttrad/anpoll.html>

Quadro 1 - Linha do tempo Estudos da Tradução no Brasil

	Exterior	Brasil
1929	Publicação de <i>Die Aufgabe des Übersetzers</i> de Walter Benjamin na Alemanha	
1946	Publicação de <i>Sous l'invocation de saint Jérôme</i> de Valery Larbaud na França	
1952		Publicação de <i>Escola de tradutores</i> de Paulo Rónai (primeiro livro brasileiro sobre tradução)
1954		Publicação de <i>A arte de traduzir</i> de Brenno Silveira
1959	Primeira publicação de <i>La tâche du traducteur</i> tradução francesa de <i>Die Aufgabe des Übersetzers</i> de Walter Benjamin (traduzido por Maurice de Gandillac)	
1962		Apresentação de “Da tradução como criação e como crítica” por Haroldo de Campos no III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária (UFPB)
1963	Publicação de <i>Les problèmes théoriques de la traduction</i> de Georges Mounin (França)	Publicação do ensaio de “Da tradução como criação e como crítica” por Haroldo de Campos na revista <i>Tempo Brasileiro</i> (nº 4-5)
1964		Início Ditadura Militar
1965	Publicação de <i>A Linguistic Theory of Translation</i> de John Catford	
1969		Criação do primeiro curso de Tradução em contexto universitário: curso de especialização em revisor-tradutor-intérprete na PUC-Rio
1971	Publicação de <i>Traducción: literatura y literalidad</i> de Octavio Paz	
	Segunda publicação (revisada) de <i>La tâche du traducteur</i> tradução francesa de <i>Die Aufgabe des Übersetzers</i> de Walter Benjamin (traduzido por Maurice de Gandillac)	
1973		Criação da primeira graduação em Tradução na UFRGS
1974		Criação da ABRATES – Associação Brasileira de Tradutores
		Publicação de <i>Byron no Brasil: traduções</i> de Onédia Barboza
1975		Publicação de <i>A tradução vivida</i> de Paulo Rónai
		I Encontro Nacional de Tradutores
		Publicação de <i>Os problemas teóricos da tradução</i> , tradução de <i>Les problèmes théoriques de la traduction</i> de Georges Mounin
		Publicação de “Aspectos linguísticos da tradução” (in <i>Linguística e Comunicação</i> ) tradução de “ <i>On Linguistic Aspects of Translation</i> ” de Roman Jakobson



1976		Publicação de <i>Tradução: Ofício e Arte</i> de Erwin Theodor
1979	Publicação de <i>Traduire : théorèmes pour la traduction</i> de Jean-Réné LADMIRAL na França Publicação da tradução <i>Traduzir: teoremas para a tradução</i> em Portugal	
1980		Publicação de <i>Uma teoria linguística da tradução</i> tradução de <i>A Linguistic theory of translation</i> de Catford
		Criação da revista <i>Tradução &amp; Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores</i> (Anhanguera)
1981		Publicação de <i>Estudos de tradutologia</i> organizado por Delton Mattos
1983		Publicação de <i>Cultura e tradutologia</i> organizado por Delton Mattos
1984	Publicação de <i>L'Épreuve de l'étranger</i> de Antoine Berman na França	
1984/ 1985	Seminário Antoine Berman sobre “filosofia e tradução” no <i>Collège international de France</i> (comentário de “A tarefa do tradutor” de Benjamin) que deu origem a <i>L'Âge de la traduction</i> (2008) Paris, França	
1985	Publicação de <i>La traduction et la lettre</i> de Antoine Berman na França	Fim da Ditadura Militar, Redemocratização
1986		Publicação de <i>Oficina de Tradução</i> de Rosemary Arrojo Criação GTs de Tradução na ANPOLL
1987	Publicação de <i>Des Tours de Babel</i> (in <i>Psyché</i> ) de Derrida na França	Publicação de <i>Tradução intersemiótica</i> de Julio Plaza
1988		Criação do SINTRA – Sindicato Nacional dos Tradutores
1990		Publicação de <i>Tradução: A ponte necessária</i> de José Paulo Paes Publicação de <i>Procedimentos técnicos da tradução</i> de Heloisa Gonçalves Barbosa
1992	Publicação de <i>After Babel</i> de George Steiner	Criação da ABRAPT – Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução
1993		Publicação de <i>Poética da tradução</i> de Mário Laranjeira
1994		Criação da revista <i>TradTerm</i> (USP)
1995	Publicação de <i>Pour une critique des traductions</i> de Antoine Berman Publicação de <i>The Translator's Invisibility</i> de Lawrence Venuti Publicação de <i>Translators Through History</i> de Delisle e Woodsworth	Publicação de <i>A invisibilidade do tradutor</i> tradução de <i>The Translator's Invisibility</i> de Venuti
1996		Criação da revista <i>Cadernos de Tradução</i> (UFSC)
1997		Criação da revista <i>Cadernos de Literatura em Tradução</i> (USP)
1998	Publicação de <i>The Scandals of translation</i> de Lawrence Venuti	Publicação de <i>Os tradutores na história</i> tradução de <i>Translators Through History</i> de de Delisle e Woodsworth

		Publicação de <i>Tradução: Teoria e Prática</i> de John Milton
		Publicação de <i>Tradução: a prática da diferença</i> de Paulo Ottoni
		Criação da revista <i>Cadernos de Tradução</i> (UFRGS)
1999	Publicação de <i>Poétique du traduire</i> de Henri Meschonnic na França	Publicação de <i>Tradução e diferença</i> de Cristina Carneiro Rodrigues
2000		Publicação de <i>Traduzir com autonomia: estratégias para um tradutor em formação</i> de Pagano, Alves e Magalhães
2001		Publicação de <i>Sob a invocação de São Jerônimo</i> tradução de <i>Sous l'invocation de saint Jérôme</i> de Valery Larbaud
		Publicação <i>Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 1 – Alemão-Português</i>
2002		Publicação de <i>A prova do estrangeiro</i> tradução de <i>L'épreuve de l'étranger</i> de Antoine Berman
		Publicação de <i>Torres de Babel</i> tradução de <i>Des Tours de Babel</i> de Jacques Derrida
		Publicação de <i>Escândalos da Tradução</i> tradução de <i>The Scandals of translation</i> de Lawrence Venuti
		Publicação de <i>Walter Benjamin: tradução e melancolia</i> de Susana Kampff Lages
		Publicação de <i>O Clube do Livro e a tradução</i> de John Milton
2003		Criação do primeiro programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Estudos da Tradução: PGET/UFSC
		Publicação de <i>Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil</i> de Lia Wylter
2004	Publicação de <i>Sur la traduction</i> de Paul Ricœur na França	Publicação <i>Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 2 – Francês-Português</i>
		Criação da revista <i>Tradução em Revista</i> (PUC-Rio)
2005		Publicação de <i>Depois de Babel</i> tradução de <i>After Babel</i> de George Steiner
		Publicação de <i>Estudos de Tradução</i> tradução de <i>Translation Studies</i> de Bassnett
		Publicação de <i>Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 3 – Italiano-Português</i>
		Criação da revista <i>Scientia Traductionis</i> (UFSC) 2005-2014
2006		Publicação de <i>Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 4 – Renascimento</i>
		Criação da revista <i>Ronái</i> (UFJF)

2007	Publicação de <i>Éthique et politique du traduire</i> de Henri Meschonnic (França)	Publicação de <i>A tradução e a letra ou o albergue do longínquo</i> tradução de <i>La traduction et la lettre et l'auberge du lointain</i> de Antoine Berman
		Publicação de <i>Tradução, reescrita e manipulação da fama literária</i> tradução de <i>Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame</i> Lefevere
2008	Publicação de <i>L'Âge de la traduction</i> de Antoine Berman na França	
2009		Criação da revista <i>In-Traduções</i> (UFSC) 2009-2015
2010		Publicação de <i>Poética do traduzir</i> tradução de <i>Poétique du traduire</i> de Henri Meschonnic
2011		Publicação de <i>Tradução - História, Teorias e Métodos</i> tradução de <i>La Traduction</i> de Michaël Oustinoff
		Criação do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução POSTRAD (UnB)
		Criação do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução TRADUSP (USP)
		Criação da revista <i>Cultura e Tradução</i> (UFPB)
		Criação da revista <i>Translatio</i> (UFRGS)
2012	Publicação de <i>Jacques Amyot, traducteur français</i> de Antoine Berman na França	Publicação de <i>Sobre a tradução</i> tradução de <i>Sur la traduction</i> de Paul Ricoeur
		Publicação de <i>A tradução e a letra</i> 2ª edição
		Publicação de <i>A tradução literária</i> de Paulo Henriques Britto
		Publicação de <i>Traduzir o Poema</i> de Álvaro Faleiros
		I Seminário Internacional de História da Tradução e Tradução Literária
		Criação da revista <i>Non plus</i> (USP)
		Criação da revista <i>Traduzires</i> (UnB)
		Criação da revista <i>Belas Infiéis</i> (UnB)
2013		Publicação do livro <i>Haroldo de Campos – Transcrição</i> reunião de ensaios sobre tradução de autoria de Haroldo de Campos (organizado por Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega)
2014		Criação do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução POET (UFC)
2015	Publicação de <i>La era de la traducción</i> tradução argentina de <i>L'Âge de la Traduction</i> de Antoine Berman na Argentina	Criação da revista <i>Transversal</i> (UFC)
2016		Publicação de <i>Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática</i> de Christiane Nord
2017		Publicação de <i>Explorando Teorias da Tradução</i> de Anthony Pym
2018	Publicação de <i>The Age of Translation</i> tradução inglesa de <i>L'Âge de la traduction</i> de Antoine Berman na Inglaterra	

2019		Apresentação da tradução de <i>L'Âge de la traduction</i> de Antoine Berman no âmbito da presente tese
------	--	--

Fonte: a autora

Não se trata aqui de fazer uma comparação entre Brasil e França (ou Brasil e “resto do mundo”) em relação às publicações, seu interesse ou seu alcance mundial, mesmo porque são países com diferentes contextos acadêmicos (pensando na tradição das áreas de conhecimento que deram origem à Tradutologia ou Estudos da Tradução), históricos, políticos, sociais e econômicos (este último se pensarmos na estrutura universitária, nos financiamentos para pesquisa ou para editoração de livros). Sem pretensão de estabelecer hierarquias, gostaria apenas de apresentar em que momento chegam as obras francesas no Brasil.

Quando *Sob a invocação de São Jerônimo* de Valery Larbaud (tradução de *Sous l'invocation de saint Jérôme*, 1946) é publicado no Brasil em 2001: já existiam cursos de Tradução no contexto universitário, a ABRATES, o SINTRA e a ABRAPT já existiam, assim como os GTs de Tradução na ANPOLL e os Encontros Nacionais de Tradutores também; já tinham sido publicadas obras brasileiras de Paulo Rónai, José Paulo Paes, Heloisa Gonçalves Barbosa, Rosemary Arrojo, John Milton, Paulo Ottoni, Cristina Carneiro Rodrigues, Pagano, Alves e Magalhães; vários periódicos acadêmicos dedicados à tradução já existiam como Tradução & Comunicação, TradTerm, Cadernos de Literatura em Tradução e Cadernos de Tradução; e já tinham sido traduzidas obras de Georges Mounin, Roman Jakobson, John Catford, Lawrence Venuti. Foi também em 2001 que foi publicada a *Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 1 – Alemão-Português*.

Das obras francesas disponíveis em português tinha-se de Georges Mounin *Os problemas teóricos da tradução* publicação da tradução brasileira em 1975 (tradução de *Les problèmes théoriques de la traduction*, 1963), Jean-René Ladmiral *Traduzir: teoremas para a tradução* tradução portuguesa (do original *Traduire: théorèmes pour la traduction*, 1979) e também de Ladmiral *A tradução e os seus problemas* também em tradução portuguesa (de *La traduction*, 1972). Das obras de Antoine Berman, que começou a publicar em meados da década de 80, ainda nada havia sido traduzido.

No ano seguinte da publicação de *Sob a invocação de São Jerônimo*, é publicada a primeira tradução de Antoine Berman no Brasil, *A prova do estrangeiro* em 2002, tradução essa fruto do trabalho de mestrado da tradutora e hoje professora e pesquisadora da Tradução Maria Emília Pereira Chanut (dissertação intitulada “A Prova do estrangeiro: tradução comentada de ‘L'épreuve de l'étranger’ de Antoine Berman” (IBILCE/UNESP) sob orientação do professor Marcos Siscar). Nesse mesmo ano foi publicada *Torres de Babel* (tradução do texto *Des tours*

*de Babel*) de Derrida traduzido por Junia Barreto no contexto de atividades acadêmicas do grupo de pesquisa do qual fazia parte na UFMG. Ainda em 2002 foi publicada a tradução *Escândalos da Tradução* (do original *The Scandals of translation*) de Lawrence Venuti.

Foi no ano seguinte, em 2003, que o Brasil ganhou a sua primeira pós-graduação (stricto sensu) em Estudos da Tradução, a PGET, na Universidade Federal de Santa Catarina consolidando as pesquisas acadêmicas da área. Em 2004 é publicada a *Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 2 – Francês-Português* organizado por professoras da própria PGET e no ano seguinte são publicadas traduções de grandes obras estrangeiras como *Depois de Babel (After Babel)* de George Steiner (tradução de Faraco, UFPR) e *Estudos de Tradução (Translation Studies)* de Susan Bassnett (tradução realizada na UFRGS).

Quando em 2007 foi publicado *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* tradução de *La traduction et la lettre et l'auberge du lointain* de Antoine Berman pelos professores Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini vinculados ao programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, à época, a única do país. Três anos depois, em 2010, foi publicada *Poética do traduzir (Poétique du traduire)* de Henri Meschonnic, tradução realizada pelas pesquisadoras Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. No ano seguinte tivemos não só a publicação de *Tradução - História, Teorias e Métodos* (tradução de *La Traduction*) de Michaël Oustinoff pelo editor Marcos Marcionilo. Também no ano de 2011 aconteceu a criação de dois novos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução, o POSTRAD na Universidade de Brasília e o TRADUSP na Universidade de São Paulo.

Em 2012 vemos a publicação de *Sobre a tradução* (de *Sur la traduction*) de Paul Ricœur pela pesquisadora Patrícia Lavelle além da segunda edição de *A tradução e a letra* que nessa edição foi também disponibilizada integralmente online na página da PGET. Nos anos que se seguem vemos a criação de outras revistas especializadas em tradução, obras de autores brasileiros, bem como a criação de mais um programa de pós-graduação, a POET na Universidade Federal do Ceará.

Chegamos assim em 2019 com a apresentação da tradução de *L'Âge de la traduction. "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire* de Antoine Berman (publicação póstuma, texto estabelecido por Isabelle Berman e Valentina Sommella) no âmbito da presente tese. Fica aberto o convite às pesquisadoras e aos pesquisadores para juntarem-se aos esforços de tradução de grandes obras estrangeiras no Brasil para contribuir para a construção de uma biblioteca brasileira de teoria da tradução mundial.

## 2.2 Crítica de Tradução

Antoine Berman em seu livro *Pour une critique des traductions : John Donne* propõe um método (ou melhor, um “esboço” de método) propõe uma abordagem crítica (contrária a uma crítica dita “negativa” como ele mesmo diz) a partir das suas relações com o Romantismo alemão, de quem é “herdeiro teórico”. Ele já anuncia essa abordagem em *A prova do estrangeiro* quando ele argumenta, a partir da leitura dos românticos, que fazer crítica não é mais tecer uma sucessão de julgamentos (estéticos e de sensibilidade) para informar o público (p. 217), mas sim compreender a obra situando-a no “Todo” da literatura (e da arte) e “[a] crítica que efetua essa operação só pode ser “positiva”, ou seja, dedicar-se apenas a essas obras que, em si mesmas, contribuem para a realização da Idéia da arte. A crítica negativa, por sua vez, é do âmbito da polêmica.” (BERMAN, 2002, p. 218).

Mesmo se nesse momento ele ainda estivesse falando sobre crítica literária de maneira geral e não de crítica de tradução, podemos já notar qual é o seu entendimento global de crítica. Essa crítica que ele chama de “negativa” e “polêmica” é, por exemplo o que faz Meschonnic a quem Berman vai se opor. E na intenção de deixar explícita sua divergência em relação a Henri Meschonnic<sup>22</sup>, Antoine Berman afirma:

Mesmo tão variadas, todas essas análises têm certos traços em comum. Fundamentalmente, e está aí o que as diferencia das de Meschonnic, elas não têm em vista, primeiramente, um objetivo negativo, ou seja, demolir traduções que são julgadas como “ruins” ou “insuficientes”. (BERMAN, 1995, p. 37 – tradução minha)<sup>23</sup>

Isso não significa que uma abordagem positiva da crítica de traduções não comente nada de negativo, mas Berman defende que sempre quis “evitar o ataque sistêmico e procurar, se possível, o ou os “porquês” de seus erros”<sup>24</sup> (BERMAN, 1995, p. 37). Mesmo ao falar de traduções problemáticas, ele se refere a elas não como “traduções ruins” (“*mauvaises traductions*”), mas como versões gravemente defeituosas, poeticamente insuficientes ou baseadas num projeto equivocado (p. 37). Isso tudo corrobora com o esforço dele em contribuir para um conceito de crítica diferente daquele de uma crítica do negativo, como ele adverte mais

<sup>22</sup> Berman cita as críticas de tradução que Meschonnic fez da tradução de Celan feita por du Bouchet e a tradução da Bíblia por Chouraqui como exemplos. (BERMAN, 1995, p. 38)

<sup>23</sup> Trecho original: “Aussi variées soient ces analyses, elles ont toutes certains traits en commun. Fondamentalement, et c’est là ce qui distingue de celles de Meschonnic, elles n’ont pas premièrement un vue un objectif négatif, c’est-à-dire démolir des traductions jugées ‘mauvaises’ ou insuffisantes” (BERMAN, 1995, p. 37)

<sup>24</sup> Trecho original: “j’ai toujours voulu éviter l’attaque systématique et chercher plutôt, s’il se pouvait, le ou les « pourquoi » de ses fautes” (BERMAN, 1995, p. 37).

uma vez: “A própria expressão de “crítica de tradução” corre o risco de induzir a um erro. Pois ela parece significar somente a avaliação negativa de uma tradução” (p. 38).

A argumentação de Berman pode parecer eufemística, uma tentativa modalização de uma crítica que também é “negativa”. Pode-se considerar que sim, já que ele mesmo reconhece isso ao falar da ideia preconcebida de que crítica de tradução é necessariamente negativa: “isso remete, para muito além da tradução, a uma dualidade inscrita na própria estrutura do ato crítico” e continua dizendo que “nunca conseguiremos esvaziar esse ato de toda negatividade” (Berman, 1995, p. 38 – tradução minha<sup>25</sup>). É comum em crítica de tradução apontar questões problemáticas e talvez isso não seja um problema se existir um argumento para isso (por exemplo, a falta de coerência nas escolhas tradutórias ou o uso de alguma estratégia que não concordamos por posições teóricas divergentes).

Se a tradução é construída a partir de escolhas de cada tradutor, a crítica também vai depender de cada pesquisador-crítico que se propõe a fazê-la. Crítica não é necessariamente negativa (todos estamos de acordo), mas implica numa avaliação do trabalho de outrem o que pode levar a comentários que exaltem e parabenizam as escolhas do tradutor ou em comentários que ressaltam escolhas consideradas equivocadas por parte do crítico de tradução. Temos que saber lidar com isso. Não vamos invalidar o trabalho do tradutor, mas ao nos posicionarmos a respeito de suas escolhas existe o espaço para se exaltar tanto os pontos que interpretamos como negativos quanto aqueles que classificaríamos como positivos. Tentando sair da dualidade simples, acrescentam-se aí os argumentos para as críticas tecidas às traduções. A argumentação do crítico vai complexificar o que é apresentado como pontos de destaque da tradução.

Berman insiste no parentesco entre crítica e tradução: “A crítica de uma tradução é então a de um texto que por sua vez resulta de um trabalho de ordem crítica” (p. 41). Essa afirmação nos remete diretamente a Haroldo de Campos que em seu texto “Tradução como criação e como crítica” (2004 e 2013) estabelece exatamente a mesma proposição, a de que o trabalho de tradução por si só é um trabalho crítico. Haroldo de Campos por sua vez cita *ABC da Literatura* de Ezra Pound, livro no qual ele propõe uma didática de leitura, análise, compreensão, ou seja, de um entendimento crítico da literatura. Neste livro é possível perceber um dos papéis da crítica, para Pound, que é o de entender a escrita de um autor, compreender a composição do texto e, além disso, o entendimento da tradução como recriação; e a partir dessas premissas, Pound afirma que a tradução é uma das vias possíveis de se fazer crítica (2006, p. 11).

---

<sup>25</sup> Trecho original: “cela renvoie, bien au-delà de la traduction, à une dualité inscrite dans la structure même de l’acte critique. Jamais on ne pourra évacuer de cet acte toute négativité”

Apresentados os esclarecimentos iniciais, Berman propõe então um “esboço de método” de crítica de tradução (1995, p. 64). O primeiro passo desse método é a leitura e releitura do texto traduzido, apenas dele, sem recorrer ao original. A primeiríssima leitura deverá encarar aquele texto como “obra estrangeira” e em seguida, uma segunda leitura deverá fazer o leitor mudar seu olhar e considerar o texto como uma tradução. Berman insiste o quanto é importante que nesse primeiro momento o leitor (e crítico) resista à compulsão de comparação com o original e se concentre apenas na tradução enquanto texto independente.

O segundo estágio do trabalho seria o de ler exclusivamente o texto original deixando a tradução de lado (1995, p. 67). Essa é a ocasião para que o leitor se dedique à análise da escrita desse texto original, entendendo suas características estilísticas, ritmicidades, etc. É o momento em que o crítico retraça o caminho feito pelo tradutor (ou o caminho que deveria ter sido feito por ele) antes e durante a tradução, o caminho da familiarização com o texto em suas minúcias – que por sua vez é um trabalho em que o tradutor tenta encontrar a escrita daquele autor.

Berman destaca que traduzir exige leituras vastas e diversificadas (1995, p. 68) e, por isso, além do tradutor, o crítico de tradução deve realizar “leituras colaterais” que seriam leituras de outras obras daquele autor, leitura de outras traduções do tradutor analisado, além da leitura de trabalhos críticos e informativos sobre a época, o autor, a obra. Ele chama essas leituras colaterais – além de outras maneiras de auxiliar o trabalho do tradutor – de “*étayage de l’acte traductif*” (1995, p. 68), o “suporte do ato tradutório” (que mesmo não sendo idêntico, está ligado ao “*étayage de la traduction*”, “suporte da tradução”, ou seja, os paratextos). Toda essa preparação, essa pré-análise que consiste nas leituras críticas que acabamos de ver, tem como objetivo preparar o crítico de tradução para confrontar os textos original e traduzido (1995, p. 69).

Após essa pré-análise vem então a etapa da cuidadosa confrontação que deverá ser feita a partir da seleção de trechos que servirão de exemplos. Se o texto em análise for curto, evidentemente poderá ser analisado por completo, senão, deverão ser escolhidos fragmentos a partir da interpretação feita da obra e do olhar minucioso do crítico. Essas passagens deverão ser pertinentes e significativas para a análise. Em *Pour une critique des traductions : John Donne*, Berman dedica suas reflexões sobre crítica de tradução (declaradamente) à tradução literária, mas faz um comentário específico a respeito de obras de pensamento (o que se aplica ao tema desta tese) que exigem que os trechos selecionados para as comparações não sejam como nas obras literárias em que é preciso analisar trechos em que o estético está em jogo, mas sim trechos, que mesmo não sendo “belos”, demonstrem a maneira como foi estruturado o pensamento na obra. Berman insiste que apesar de parecer um tanto aleatório, temos que nos



dar conta de que aquele mesmo trecho poderia ter sido dito de qualquer outra forma, mas não o foi, portanto, a importância da análise destes.

Assim chegamos ao momento da análise propriamente em que procuro compreender a lógica do texto traduzido e para entender o trabalho de tradução somos remetidos ao sujeito dessa atividade, o tradutor (1995, p. 73). Berman insiste muito na figura do tradutor e para isso faz uso de um termo próprio: “*sujet traduisant*” que traduzo aqui como “sujeito traduzinte”<sup>26</sup>. A grande relevância de se usar esse termo para se referir à figura do tradutor é o fato de se evidenciar um sujeito, o indivíduo localizado no tempo e no espaço – e assim num contexto linguístico-cultural – que tem uma maneira de traduzir particular e influenciada por diversos fatores que faz dela uma tradução “assinada” por um sujeito.

Assim, é importante saber quem é esse sujeito, se ele ou ela tem como língua materna a língua da tradução ou da língua do original (ou outra ainda); se é apenas tradutor ou se exerce uma outra profissão que possa influenciar no seu trabalho de tradutor; além de tradutor é autor também e nesse caso, que tipo de obra costuma escrever; costuma traduzir a partir de quais línguas; qual a relação que tem com essas línguas; quais são os gêneros de obra que costuma traduzir; que outros títulos traduziu além da obra em questão; se escreveu trabalhos (artigos, estudos, teses) a respeito de obras que traduziu; e, finalmente, se escreveu sobre sua prática tradutória, seus “princípios” tradutórios ou questões que guiaram sua atividade (1995, p. 74). Claro que as informações pura e simplesmente não são produtivas se não usarmos estas para tentar identificar qual a posição tradutória do tradutor (*position traductive*), qual o projeto de tradução (*projet de traduction*) que ele desenvolveu (e cumpriu) para essa tradução e qual o seu horizonte tradutório (*horizon traductif*).

A posição tradutória é definida por Berman (1995, p. 74-75) como a conciliação pulsão do traduzir (*pulsion du traduire*), a tarefa da tradução em si e a maneira que o tradutor analisado internalizou o discurso em voga no seu ambiente a respeito da atividade de tradução. Essa elaboração é uma escolha do tradutor concernente à sua maneira de traduzir e é reveladora do próprio caráter subjetivo do tradutor (1995, p.75). Ela pode ser reconstituída a partir da análise da tradução (já que elas revelam implicitamente a posição tradutória) e através da leitura de textos nos quais o tradutor fala sobre suas traduções, sobre o ato de tradução e outros temas. Berman destaca finalmente que a posição tradutória está ligada à posição languageira (*position langagière*), ou seja, posição “de linguagem” do tradutor – ou seja, a relação que este tem com as línguas estrangeiras e com sua língua materna – e ligada também à posição escriturária

---

<sup>26</sup> Sobre essa e outras traduções de trechos (e termos) de Berman, ver capítulo sobre tradução comentada.

(*position scripturaire*), isto é, a relação do tradutor com a escrita e com as obras. Berman comenta ainda que “quando soubermos contemplar ao mesmo tempo posição tradutória, posição linguageira e posição escriturária do tradutor, uma ‘teoria do sujeito traduzinte’ será possível” (p. 75 – tradução minha)<sup>27</sup>.

O projeto de tradução é aquele projeto elaborado pelo tradutor a respeito da maneira como ele vai realizar a tradução e sua maneira de traduzir. Ele não precisa ser teórico nem estar alinhado com alguma corrente de pensamento específica, mas está diretamente ligado à posição tradutória/tradutiva e às exigências de cada nova tradução a ser realizada. Após uma pré-análise da obra (já que a análise propriamente dita só seria feita verdadeiramente durante o próprio ato de tradução) o tradutor estabelece seu projeto de tradução. O crítico se vê diante de um ciclo, ao tentar entender o projeto de tradução, pois ele deve ler a tradução a partir do projeto de tradução, mas o projeto de tradução só se revela efetivamente na própria tradução, pois tudo o que o tradutor disser ou escrever sobre seu projeto, só será real na tradução em si: a tradução é a realização do projeto que o tradutor idealizou.

A posição tradutória e o projeto de tradução se realizam dentro de um horizonte de tradução. Este horizonte seria o “conjunto dos parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar de um tradutor” (p. 79), ou seja, o que dá origem, motivação, sentido para o agir do tradutor. Berman (p. 83) explica que apesar de não existir uma cronologia rigorosa na análise dos três aspectos a respeito do tradutor, a análise do horizonte de tradução é preliminar ao estudo da posição tradutória e do projeto de tradução e esses dois últimos dificilmente podem ser estudados separadamente. A análise do projeto é então dividida em duas fases: primeiramente a leitura da tradução (ou traduções) e num segundo momento a comparação entre texto original e texto traduzido.

Depois de bem fundamentar o trabalho e estabelecer um percurso sólido, chegamos ao momento da confrontação entre texto original e texto traduzido, a etapa concreta da crítica de tradução (p. 83). A confrontação é dividida em quatro momentos sendo o primeiro deles a comparação entre trechos do original (que apresentem elementos específicos) e os trechos correspondentes traduzidos. O segundo é feito a partir da leitura do texto traduzido e da identificação de zonas textuais problemáticas, e assim procedendo à comparação desses trechos problemáticos com seus trechos correspondentes do original. O terceiro momento é a comparação da tradução com outras traduções existentes. O quarto e último seria a confrontação da tradução com o projeto de tradução.

---

<sup>27</sup> Trecho original: “quand nous saurons prendre en vue en même temps position traductive, position langagière et position scripturaire chez le traducteur, une ‘théorie du sujet traduisant’ sera possible” (BERMAN, 1995, p. 75)

Os fundamentos da avaliação devem ser então a ética e a poética. A poética é o trabalho textual do tradutor e a ética é o respeito pelo original<sup>28</sup>. O que deve ser verificado a seguir é a recepção da tradução, como ela foi recebida pela crítica, como foi apresentada ao público. Berman comenta ainda que a análise da tradução se torna uma crítica no sentido mais elevado possível abrindo a cena para a possibilidade de uma retradução, mas também na demonstração ao leitor do caráter positivo de se fazer uma obra traduzida, ou seja, na valorização do trabalho tradutório daquele tradutor.

Pound afirma: “uma boa dose de crítica RUIM foi escrita por homens que presumiam que o autor estivesse tentando fazer algo que ele NÃO estava tentando fazer” (2006, p. 63)

Rodolfo Agricola, numa edição que data de mil e quinhentos e pouco, diz que a gente escreve *ut doceat, ut moveat aut delectet*, para ensinar, para comover ou para deleitar.

Uma grande dose de crítica ruim é devida a homens incapazes de perceber qual desses três motivos era o pressuposto de uma dada composição (POUND, 2006, p. 65)

Essa reflexão sobre a não compreensão do propósito de um autor ao compor um texto – do “projeto de escrita” – pode ser relacionada à compreensão e não compreensão do projeto tradutório de um dado sujeito, de um dado tradutor, ao traduzir um determinado texto. Como nos propõe Berman, (um dos) objetivos da crítica de tradução é a busca pelo projeto de tradução e, no caso de um crítico de tradução não compreender o projeto de tradução de um dado tradutor, pode incorrer no equívoco de “avaliar” uma tradução baseada em critérios de tradução que nunca foram do tradutor, isto é, “julgar” a tradução baseada num projeto de tradução idealizado pelo crítico, mas que nunca foi aquele idealizado pelo tradutor. Outro comentário de Pound que vem corroborar com a minha discussão diz respeito ao teor das “avaliações” das críticas “os melhores são os que focalizam a atenção no melhor que se escreve” (p. 12)

José Paulo Paes dedica um capítulo de seu *Tradução a ponte necessária* ao tema da Crítica de Tradução, capítulo no qual ele evoca Pound e sintetiza que crítica literária pode ser tanto analítica ou interpretativa quanto judicativa ou decisória. Como acabamos de ver no parágrafo anterior, Pound também tende para uma abordagem analítica-interpretativa (assim como Berman). José Paulo Paes ao refletir a respeito da crítica de tradução especificamente, defende um trabalho conjunto das duas abordagens críticas, mas destaca que “das duas vertentes

---

<sup>28</sup> Como diz Jean-Yves Masson: “Le texte traduit est d’abord une offrande faite au texte original”, “O texto traduzido é antes de mais nada uma oferenda para o texto original” (MASSON apud BERMAN, 1995, p. 92 – tradução minha)

da crítica, é sem dúvida a analítico-interpretativa a mais prestante” pois é por meio desta que “o esforço tradutório” recebe a atenção merecida “em vez de ficar na sombra, ignorado e menosprezado” (PAES, 1990, p. 110). Uma crítica “positiva” analítica-interpretativa, em que são exploradas as minúcias da tradução trazendo à luz principalmente as soluções bem-sucedidas, contribui também para uma visão positiva da tradução ao contrário daquela da perda.

Paes comenta ainda sobre uma forma de crítica de tradução que na verdade não recebe muita atenção nem do público nem das pesquisas em tradução: a revisão de tradução. Ou seja, identificação de pontos falhos da tradução antes da efetiva publicação do texto para que esses ajustes possam ser feitos antes da versão definitiva. Esta seria a seu ver “uma forma bastante útil de crítica, talvez a mais útil delas” (p. 111), mas por ser uma atividade anterior à publicação, acaba sendo esquecida (do público, mas não somente). A relevância desse trabalho é indiscutível e certamente deveríamos nos concentrar mais ao tema da revisão de tradução ao pensarmos a atividade tradutória nos Estudos da Tradução, mas não acredito que seja uma forma de crítica, já que a crítica tem um propósito de analisar, comentar, avaliar, a escrita, ou no nosso caso, a tradução, de uma obra propriamente dita.

Mathieu Dosse também defende a proposta de crítica de tradução de Berman:

*L’Auberge du lointain (O albergue do longínquo)*, curto e didático, completa maravilhosamente *L’Épreuve de l’étranger (A prova do estrangeiro)*, cujo aporte não para de se confirmar ao longo dos anos; quanto à obra póstuma, publicada em 1995, *Pour une critique des traductions : John Donne*, a maioria dos tradutólogos concordam em dizer que Berman esboçou os contornos de uma análise moderna de traduções (não colocando sistematicamente à vista a negatividade da tradução), e colocada no mesmo movimento os marcos de um pensamento contemporâneo da tradução no qual prática, crítica e reflexão se completam (DOSSE, 2009, p. 1)<sup>29</sup>

Se juntando ao proposto em *Pour une critique des traductions*, o comentário de “A tarefa do tradutor” (de Walter Benjamin) que Berman faz em *L’Âge de la traduction* também contribui para se pensar a crítica de tradução de maneira geral.

Não é uma crítica de tradução tradicional, em que a finalidade seria de dar um veredito sobre a tradução: Berman trabalha com o texto traduzido e o original da maneira com que seu comentário seja ao mesmo tempo a partir da leitura do original e do ato crítico de análise de tradução. Dito de outra maneira, seu comentário não seria possível sem a tradução: ele demonstra assim, por meio

<sup>29</sup> Trecho original: “*L’Auberge du lointain*, court et didactique, complète à merveille *L’Épreuve de l’étranger*, dont la portée ne cesse de se confirmer au fil des années ; quant à l’ouvrage posthume, paru en 1995, *Pour une critique des traductions : John Donne*, la plupart des traductologues s’accordent à dire que Berman y a esquissé les contours d’une analyse moderne des traductions (ne mettant pas systématiquement en avant la négativité de la traduction), et posé dans le même mouvement les jalons d’une pensée contemporaine de la traduction où pratique, critique et réflexion se complètent.” (DOSSE, 2009, p. 1)

do ato, a importância da tradução, seu papel revelador, não somente do pensamento da linguagem (...), mas igualmente revelador da letra do texto. (DOSSE, 2009, p. 1 – tradução minha)<sup>30</sup>

Mathieu Dosse se refere à própria argumentação de Berman em *L'Âge de la traduction*. Berman faz o comentário do que Benjamin propõe em seu texto através da crítica de tradução, sobretudo das escolhas de tradução que ele questiona a respeito de diversos conceitos benjaminianos que Berman destrincha em seu comentário. Por meio de sua argumentação, Berman acaba propondo uma retradução de vários trechos e, inclusive, anos depois do seminário em que Berman fez esses comentários, Martine Broda fez uma nova tradução do texto de Benjamin (publicada no nº 55 da revista *Po&sie*<sup>31</sup>) em 1991 baseando-se nas reflexões do seminário de Berman ao qual ela assistiu.

A respeito do papel da crítica de tradução num movimento construtivo, Constantinescu diz que:

Se o objetivo principal da crítica literária das obras originais, acolhida, pela imprensa literária, é de fazer um julgamento de valor, mas também de orientar e de ajudar os leitores em suas escolhas e menos de melhorar o estilo e escrita de um escritor, a crítica “construtiva” das traduções parece ter como objetivo principal melhorar uma tradução futura da mesma obra – o que chamamos de retradução – ou melhorar o futuro da atividade do tradutor. (CONSTANTINESCU, 2013, p. 14 – tradução minha)<sup>32</sup>

Aqui não estou tanto no sentido de uma retradução de uma obra, mas muito mais no sentido de contribuir para futuras traduções de textos similares às obras que analiso (e traduzo). Ainda em seu livro *Pour une lecture critique des traductions : Réflexions et pratiques* [Por uma leitura crítica de traduções: reflexões e práticas] a pesquisadora romena Muguraş Constantinescu afirma que “cada obra traduzida solicita instrumentos adequados em função de sua especificidade, mesmo que haja princípios gerais que atuem consciente ou

---

<sup>30</sup> Trecho original: “Ce n’est pas non plus une critique de traduction traditionnelle, où la finalité serait de rendre un verdict sur la traduction : Berman travaille avec le texte traduit et l’original de manière à ce que son commentaire repose à la fois sur la lecture de l’original et l’acte critique d’analyse de traduction. Autrement dit, son commentaire n’aurait pas été possible sans la traduction : il démontre ainsi, par l’acte, l’importance de la traduction, son rôle de révélateur, non seulement de la pensée du langage (c’est une idée que l’on trouvera chez Henri Meschonnic), mais révélateur également de la lettre du texte.” (DOSSE, 2009, p. 1)

<sup>31</sup> Disponível em : <https://po-et-sie.fr/texte/la-tache-du-traducteur/>

<sup>32</sup> Trecho original: “Si le but principal de la critique littéraire des œuvres originales, accueillie, par la presse littéraire, est de porter un jugement de valeur mais aussi d’orienter et d’aider le lecteur dans ses choix et moins d’améliorer le style et l’écriture d’un écrivain, la critique « constructive » des traductions semble avoir comme but principal d’améliorer une traduction future du même ouvrage – ce qu’on appelle une retraduction – ou d’améliorer à l’avenir l’activité du traducteur.”

inconscientemente quando do processo do traduzir” (2013, p. 7 – tradução minha<sup>33</sup>). Veremos quais são as especificidades desse tipo de tradução ao qual me dedico.

## 2.3 A prática de tradução de textos especializados: o caso da teoria da tradução

### 2.3.1 Tradução de textos especializados

O tradutor ainda hoje permanece invisível para os estudos de epistemologia dentro de muitas áreas do conhecimento. Quando se fala das influências de um certo teórico, da inauguração de uma nova vertente dentro de uma área de conhecimento atribuída a um autor em especial, muitas vezes não se trata de obras escritas na língua materna de quem discute essas citadas influências. Ou seja, o fato de que estes importantes textos, centrais para a constituição ou desenvolvimento de uma área do saber, chegaram a um outro país e estão disponíveis para leitura em outra língua que não é a mesma do original, muito comumente não é um fato para o qual se atentam os comentadores das obras teóricas traduzidas. Mas devemos ter em mente que “[a] experiência de tradução consiste num movimento dialético entre a obra original e o texto que se escreve na língua de recepção. Este movimento é um movimento de transição do saber e a cultura da obra fonte que se converte no saber e na cultura da obra traduzida” (PULIDO e GARCÍA, 2007, p. 88 – tradução minha<sup>34</sup>)

Como destacou George Steiner em *After Babel* – publicado primeiramente em 1975 e traduzido no Brasil em 2005 como *Depois de Babel*<sup>35</sup> –, a tradução proporciona “o salto de uma força local para uma força geral” (2005 traduzido por Faraco, p. 292). Um autor só poderá ser lido fora de seu país, ou melhor, fora de uma certa comunidade linguística-cultural-acadêmica, se for traduzido. Ele só poderá influenciar novos pensadores que não falam a sua língua, por meio da tradução de seu texto. Daí a importância de se pensar na tradução como modo de perpetuação, ou ainda, de abertura do alcance possível de uma obra teórica dentro de uma determinada área de conhecimento – área essa que pode permear diferentes comunidades

<sup>33</sup> Trecho original: “chaque œuvre traduite sollicite des instruments adéquats en fonction de sa spécificité, même s’il y a des principes généraux qui agissent consciemment ou inconsciemment lors du processus du traduire”

<sup>34</sup> Trecho original: “La experiencia de traducción consiste en un movimiento dialéctico entre la obra original y el texto que se escribe en la lengua de recepción. Este movimiento es un movimiento de transición del saber y la cultura de la obra fuente que se convierte en el saber y la cultura de la obra traducida.” (PULIDO e GARCÍA, 2007, p. 88)

<sup>35</sup> Tradução de Carlos Alberto Faraco, Editora UFPR.

linguísticas – a tradução se configura assim como elemento epistemológico para os domínios do saber. Apesar desta importância que acabo de destacar, são recentes os trabalhos dedicados a essa temática:

É óbvio, quando se faz uma pausa para pensar sobre tudo isso, que a história intelectual, a história de gêneros, as realidades de uma tradição filosófica ou literária são inseparáveis da atividade de tradução. No entanto, é só nas últimas décadas que vamos encontrar maior atenção sendo dada à história e epistemologia da transmissão do significado (aquilo que poderia chamar tecnicamente de uma “hermenêutica diacrônica”). De que maneiras o desenvolvimento de termos cruciais de natureza filosófica, científica ou psicológica depende de sucessivas traduções de sua formulação inicial ou normativa? (STEINER traduzido por Faraco, 2005, p. 292)

Dando a devida relevância ao papel dos tradutores enquanto difusores do saber, Jean Delisle e Judith Woodsworth em seu *Translators through history/Les traducteurs dans l'histoire* (1995), traduzido no Brasil como *Os tradutores na história* (1998)<sup>36</sup>, dedicam a esse tema. Os autores abrem o capítulo intitulado “Os tradutores e a disseminação do conhecimento” expondo que “[d]esde a invenção da escrita, os povos procuram adquirir o conhecimento técnico e científico dos seus vizinhos, e nessa antiga busca pelo que era visto como informação útil as traduções ocuparam um espaço muito amplo.” (DELISLE e WOODSWORTH traduzido por Bath, 1998, p. 113).

Mesmo que ao longo da história tenha havido muita apropriação de conhecimento e descobertas de uma comunidade linguística por outra, estes textos também foram traduzidos com o intuito de promoção da pesquisa-conhecimento. Muitos tradutores ao longo da história fizeram um trabalho educativo a partir de suas atividades tradutórias, no sentido de disponibilizar o material para sua comunidade, uma grande contribuição para o progresso científico de maneira geral e, por isso, Delisle e Woodsworth ressaltam que estes tradutores “não devem ser considerados como canais passivos de informação especializada, mas sim como agentes inteiramente envolvidos com os textos que reformulavam em outra língua” (1998, p. 113) já que no caso da tradução de textos técnicos e científicos – talvez mais do que em qualquer outro tipo de texto – a tradução “é um instrumento de fertilização cruzada, de transformação e progresso” (1998, p. 113).

Delisle e Woodsworth complementam a sentença “A tradução assegura a descendência de toda ciência” do filósofo italiano renascentista Giordano Bruno, dizendo que a tradução

---

<sup>36</sup> Tradução de Sérgio Bath pela Editora Ática em 1998.

desempenha um papel de inspiração para futuras pesquisas no país da língua traduzida já que esta estimula a reflexão e traz as bases do que já foi feito naquele mesmo campo do conhecimento em outras partes do mundo. Os autores citam ainda o pesquisador Henry Fischbach que discute o papel das traduções no desenvolvimento da Medicina num artigo intitulado “*Translation, the Great Pollinator of Science*”<sup>37</sup> (“Tradução, a Grande Polinizadora da Ciência”). Em sua introdução, Fischbach comenta que “A tradução foi a chave do progresso científico, expondo sucessivamente a cada inventor ou descobridor o que pensavam seus predecessores, que tinham expressado ideias inovadoras em outra língua” (Fischbach *apud* Delisle e Woodsworth, 1998, p. 113).

Delisle e Woodsworth apresentam alguns exemplos da importância histórica da tradução na difusão do conhecimento como, em meados do século I, os textos budistas provenientes da Índia que chegam na China por meio da tradução, seguidos por textos de medicina, astronomia e matemática. A Índia por sua vez tem a tradução científica no século XIX como agente de intercâmbio cultural e motor para o desenvolvimento científico nacional, além da popularização do conhecimento com uso de vernáculos. Bagdá foi o grande centro de tradução que nos séculos IX e X traduziu obras da Grécia para a língua árabe, notadamente de medicina e filosofia, onde circulava um conceito de tradução muito próximo ao de criação, culminando no papel desempenhado pelas traduções em auxiliar no estabelecimento de um novo sistema conceitual e terminológico. Na Espanha dos séculos XII e XIII, a Escola de Toledo adaptava os textos árabes durante a tradução o que fez com que obras tivessem trechos não traduzidos, mas também possibilitou a criação e definição da terminologia usada e facilitou não só a comunicação entre especialistas como a popularização do conhecimento. Nos países nórdicos a tradução contribui para o não isolamento dessa região e compartilhou o conhecimento escandinavo com o resto do mundo, como no exemplo do botânico sueco Lineu (Carolus Linnaeus, 1707-78) que escreveu seu trabalho fundador em latim e foi traduzido para o inglês inaugurando a nomenclatura binomial dos seres vivos.

Num texto de 1991, escrito como abertura de um número da revista TTR (*TTR : traduction, terminologie, rédaction*) dedicado à tradução de teoria, Sherry Simon dá alguns exemplos marcantes de pensadores franceses traduzidos para o inglês:

como não reconhecer a influência decisiva das teorias de Lacan, Barthes, Lévi-Strauss, Foucault, Irigaray, Kristeva e Derrida para o pensamento anglo-americano dos vinte últimos anos? Um grande número de textos anglo-americanos das ciências humanas foi escrito sob o signo da tradução. Toda uma diversidade de conceitos emprestados desses pensadores agora faz parte

<sup>37</sup> Henry Fischbach “Translation, the Great Pollinator of Science: As illustrated by a brief flashback of medical translation” in: *Babel*, Volume 38, Issue 4, 1992, pages: 193 –202.



integrante do vocabulário do aparato teórico: “*le degré zéro de l’écriture*”, a “*jouissance*”, a “*écriture féminine*”, a “*différance*”, o “*phallogocentrisme*” (p. 11 – tradução minha<sup>38</sup>)

Ele destaca que muitas vezes são textos difíceis que na sua própria maneira de escrever recusam a transparência e por essas e outras razões, o movimento de tradução desses textos também levou à reflexão da própria atividade tradutória. Se interessam pelos vestígios que os tradutores deixam no texto traduzido considerando a partir daí que “a tradução não é apenas espelho e reprodução: ela é também produção de sentidos novos” (SIMON, 1991, p. 11 – tradução minha<sup>39</sup>)

A filósofa e filóloga francesa Barbara Cassin ao falar das implicações de seu dicionário de filosofia europeia *Vocabulaire européen des philosophies*<sup>40</sup> (“Vocabulário europeu das filosofias”), que ficou mais conhecido por seu subtítulo *Dictionnaires des intraduisibles* (“Dicionário dos intraduzíveis”), cita a bem conhecida frase de Umberto Eco “a língua da Europa é a tradução”. Ela diz que a tradução cria a passagem entre as línguas (com ênfase no “entre”), numa dimensão política e que a tradução seria o novo paradigma das ciências humanas (CASSIN, 2014, p. 17). Barbara Cassin diz ainda, ou melhor, “confessa” seu desejo de que

as humanidades, desde o ensino fundamental e médio, e também desde o maternal que vive numa jazida de línguas, dessem espaço a uma prática da tradução, palavras e textos em línguas, em suas línguas originais, e traduzidas, palavras e textos em línguas, em suas línguas originais, e traduzidas, em língua de chegada. A relação entre língua de chegada e língua de origem, eis um vai-e-vém essencial. Essa desterritorialização é educação, é o que em grego é chamado de paideia, no duplo sentido de cultura da alma e aprendizado escolar. É todo um tipo de ensino das línguas que é preciso promover.<sup>41</sup> (CASSIN, 2014, p. 19, 20 – tradução minha).

<sup>38</sup> Trecho original: “comment ne pas reconnaître l’influence décisive des théories des Lacan, Barthes, Lévi-Strauss, Foucault, Irigaray, Kristeva et Derrida pour la pensée anglo-américaine des vingt dernières années? Bon nombre de textes anglo-américains des sciences humaines ont été écrits sous le signe de la traduction. Toute une brochette de concepts empruntés à ces penseurs font maintenant partie intégrante du vocabulaire de la parfaite théoricienne: «le degré zéro de l’écriture», la «jouissance», l’«écriture féminine», la «différance», le «phallogocentrisme».”

<sup>39</sup> Trecho original: “Désormais la traduction n’est pas que miroir et reproduction: elle est aussi production de sens nouveaux.”

<sup>40</sup> Publicado em 2004 pelas editoras *Seuil* e *Dictionnaires Le Robert*. Traduzido em várias línguas (traduções já publicadas ou em andamento), incluindo a tradução brasileira de Fernando Santoro e Luisa Buarque intitulada “Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias – Volume I - Línguas” (2018, Editora Autêntica), que consiste na tradução parcial do *Dictionnaire* coordenado por Cassin.

<sup>41</sup> Trecho original: “Je voudrais que les humanités, dès le collège et le lycée, et aussi bien dès la maternelle qui vit sur un gisement des langues, fassent toute sa place à une pratique de la traduction, mots et textes en langues, dans leur langue originale, et traduits, mots et textes en langues, dans leur langue originale, et traduits, en langue d’accueil. Le rapport entre langue d’accueil et langue d’origine, voilà un va-et-vient essentiel. Cette déterritorialisation est éducation, ce qu’en grec on nomme paideia, au double sens de culture de l’âme et apprentissage scolaire. C’est tout un type d’enseignement des langues qu’il faut promouvoir.” (CASSIN, 2014, p. 19, 20).

No *Ier Congrès Mondial de Traductologie* (I Congresso Mundial de Tradutologia) que aconteceu em Paris em abril de 2017, o professor e pesquisador de História da Tradução Jean-Yves Masson ministrou a conferência inaugural do congresso intitulada “*Le tournant historique dans les études de traduction*”. Nesta conferência Masson ressaltou o fato de que os tradutores fazem parte do patrimônio intelectual de uma língua e, portanto, devemos compreender o papel intelectual dos tradutores na história intelectual mundial. Masson insistiu ainda na importância de se estudar a tradução de tradutologia e a necessidade de se desenvolver hoje pesquisas que se dediquem a esse tema.

Estabelecida assim a importância da tradução de textos especializados, cabe aqui entender as características desse tipo de texto. Sabemos que os textos especializados têm por motivo de ser o registro de informação especializada, ou seja, a comunicação especializada entre membros de áreas de especialidade, seja para a troca de informações entre especialistas, seja com motivos pedagógicos de ensino do conteúdo de uma área de saber. Esses textos são expressos então numa “linguagem especializada”, um conjunto do que chamamos de língua geral (a língua como um todo, composta por subpartes especializadas e não-especializadas). As diversas linguagens de especialidade são caracterizadas “em virtude de algumas particularidades ‘especiais’, isto é, próprias e específicas de cada uma delas, como a temática, o tipo de interlocutores, a situação comunicativa, a intenção do falante, o meio em que é produzido um intercâmbio comunicativo, o tipo de intercâmbio etc. (CABRÉ<sup>42</sup>, 1993, p. 128, 129). A linguagem de especialidade por sua vez tem unidades lexicais especializadas que são unidades condensadas de significado: o termo.

A definição de termo dentro dos estudos terminológicos é bastante diversa, mas de acordo com a minha orientação teórica em terminologia<sup>43</sup> os termos são as unidades nucleares das linguagens de especialidade e não deixam de ser signos da língua como um todo e, portanto, são compostos por significante e significado que no caso dos termos chamamos de denominação e conceito. A forma e o conteúdo, ou melhor, a denominação e o conceito, são indissociáveis assim como no signo linguístico não especializado (as palavras não especializadas). O que vai fazer de uma palavra um termo (especializado) é o uso particular

---

<sup>42</sup> Maria Teresa Cabré, conceituada teórica da Terminologia, em 1993 escreveu seu livro em catalão com o título de *La terminologia: la teoria, els mètodes, les aplicacions* que foi traduzido no mesmo ano para o espanhol como *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones* por Carlos Tebé, o que permitiu a disseminação de seu trabalho para fora da comunidade linguística de origem.

<sup>43</sup> Mesmo que existam aqueles que acreditam na existência de “línguas de especialidade” por conta de suas diferenças com relação à língua como um todo, acreditamos que se tratam de “linguagens de especialidade” pois estas estão submetidas às regras da língua em que estão inseridas e, portanto, são subconjuntos dela (e não um novo conjunto isolado), isto é a linguagem enquanto “língua em uso” como elucida Barros (2004, p. 43).

numa situação comunicativa especializada, como defende Cabré em toda sua obra<sup>44</sup>. Esse fenômeno de “ativação” do valor de termo é o que a autora chama de “princípio do valor terminológico” (CABRÉ, 2010, p. 6).

Assim como o conhecimento geral, o conhecimento especializado surge da percepção de uma realidade e tentativa de representação, explicação, descrição dessa realidade por meio da linguagem. A percepção da realidade é balizada pela interpretação do sujeito, já que cada indivíduo (falante de uma língua) tem sua “cultura interiorizada”, está inserido num contexto específico e tem necessidades particulares. A depender das características desse indivíduo ele vai “ver” a realidade a partir de um ponto de vista bem particular e, por isso, alguns indivíduos “veem” certos fenômenos da realidade que passam despercebido aos olhos de outros. Quando este indivíduo de olhar particular é um especialista de uma área de conhecimento, ele percebe um fenômeno da realidade e em seguida discrimina e classifica esse fenômeno; tudo isso a partir de antecedentes especializados, ou seja:

a partir de uma competência prévia (conhecimentos adquiridos anteriormente dessa área especializada) e movido pela necessidade de descobrir novos fenômenos ou de perceber novas características ou relações de fenômenos já anteriormente percebidos, que o permitem avançar em seu conhecimento. (CABRÉ, 2010, p. 7 – tradução minha)<sup>45</sup>

A produção de conhecimento novo é uma das formas de aquisição de conhecimento especializado, como acabamos de ver. A outra forma de aquisição de conhecimento é aquela que acontece quando há a aquisição de um conhecimento produzido anteriormente por outra pessoa. Nesta situação, o indivíduo estará numa situação de recepção de informação por meio de um discurso e nessa situação deverá “detectar” as unidades terminológicas presentes no texto – enquanto o indivíduo produtor de novos conhecimentos analisa a realidade, o indivíduo que vai adquirir conhecimento analisa discursos expressos em textos. Essa atividade de detecção de unidades terminológicas é de tipo semasiológica, ou seja, a partir da identificação das denominações na sua análise do texto, o indivíduo vai encontrar posteriormente seus conceitos (CABRÉ, 2010).

Como Cabré (2010, p. 14) defende em seu artigo, o conceito é uma estrutura complexa que pode ser expressa num termo ou em vários termos (sinônimos) ou em vários termos que apresentam variação na forma (denominação) e podem ter sentidos diferentes (é o caso da

---

<sup>44</sup> Cabré defende em sua obra como um todo uma Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

<sup>45</sup> Trecho original: “desde una competencia previa (conocimientos adquiridos anteriormente desde este rol) y movido por la necesidad de descubrir nuevos fenómenos o de percibir nuevas características o relaciones de fenómenos ya anteriormente percibidos, que le permiten avanzar en su conocimiento.”

mudança formal trazer consigo variações de sentido). Um termo pode ser a “instanciação” de um conceito dentro de um enunciado e quando há variações de denominação, as vemos no discurso, sendo que quando há consequências cognitivas, estas podem ser expressas pela forma da denominação ou por “pistas discursivas que atuam como indícios de variação conceitual” e esses indícios podem ser bem diversos e podem ser de diversas formas gramaticais.

Considerando tudo o que foi exposto a respeito do termo e das linguagens de especialidade, temos duas situações na tradução de textos especializados. A primeira situação é quando ao traduzir nos deparamos com termos “regulares”, “canônicos” em que os conceitos já são amplamente conhecidos tanto na língua do texto original quanto na língua do texto traduzido e têm sua denominação já estabelecida em ambas as línguas. Nesse caso “ao tradutor interessa um manejo terminológico competente, expresso pela adequada seleção, na língua de trabalho, dos termos equivalentes àqueles utilizados pelos especialistas na língua original” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 67).

A segunda situação é aquela em que nos deparamos, enquanto tradutores, com novos termos criados por aquele/a autor/autora específico/a. É a materialização da produção um novo conhecimento. Nessa situação, enquanto leitores/as do texto original – já que a primeira atividade de um tradutor é a leitura – temos que fazer um movimento de aquisição de conhecimento produzido anteriormente. Em seguida, enquanto autores/as do texto traduzido, participamos da produção de novo conhecimento na língua do texto traduzido tendo que escolher não só uma nova denominação para aquele conceito na outra língua, quanto traduzindo na outra língua o discurso-texto como um todo que é onde está expressa a explicação do novo conceito. “A tradução é um processo criativo” como um todo e nessa situação fica ainda mais evidente, já que “[a] língua da cultura-meta se beneficia com o trabalho dos tradutores, que precisam forjar novos termos para denotar os novos conceitos e realidades que encontram” (DELISLE e WOODSWORTH traduzidos por Bath, 1998, p. 136).

Como afirma Benveniste (2006, p. 252) a criação de termos marca historicamente dentro de uma área de especialidade o surgimento de uma nova conceptualização. Os termos como portadores (condensados) de conceitos de uma determinada área de especialidade são os elementos nucleares de textos especializados. Assim, quando o tradutor se depara com termos nos textos em que está empenhado a traduzir, deve fazer escolhas de tradução consciente das implicações daquilo para o leitor especializado da comunidade linguística – e científica/acadêmica – para a qual estará destinado aquele texto traduzido já que são os sistemas nocionais e a criação de termos, que permitem a organização conceitual de uma área de especialidade. Com a tradução de obras dos Estudos da Tradução não é diferente.

### 2.3.2 Tradução de teoria da tradução

Antes de entrar na reflexão sobre a tradução de Teoria da Tradução especificamente, coloco em diálogo aquilo que já foi dito sobre tradução de textos teóricos de áreas conexas a fim de compor minha reflexão de forma mais ampla sobre a tradução de textos teóricos de maneira geral. Começo a reflexão citando o exemplo da Linguística no Brasil e o papel que a tradução de textos teóricos desta área teve para as mudanças na grande área das “Letras” na segunda metade do século XX.

O professor, pesquisador da linguagem, Izidoro Blikstein, “teve um papel fundamental na divulgação das ideias linguísticas dos anos 1960 e 1970, época da constituição dos Departamentos de Linguística no Brasil” (FERREIRA, 2013, p. 99) com as traduções que fez de obras hoje canônicas da teoria linguística. Numa entrevista concedida à revista Traduzires, relata sobre o momento em que foram introduzidas – por meio da tradução – as obras dos teóricos franceses de Saussure, Benveniste, Barthes, Greimàs, Dubois. A tradução de obras fundamentais da Linguística teve um papel fundamental na constituição da área no Brasil, como comenta Blikstein, juntamente com o intercâmbio de pessoas: teóricos que visitaram o Brasil e aqui deram palestras e participaram de conferências, professores e pesquisadores que estudaram em países onde já havia universidades dedicadas ao assunto ou que tiveram a oportunidade de conhecer os autores das obras.

Ele descreve o contexto dos cursos de Letras no Brasil no final da década de 60, em que se tinha estudos diacrônicos de Filologia Românica e Filologia Portuguesa e “de repente, começou a avalanche da Linguística, os livros, os estudiosos, as teses, começaram a chegar no Brasil” (FERREIRA, 2013, p. 99-100). Isso causou um impacto tão grande que provocou reformulações nos currículos dos cursos universitários brasileiros de Letras que tiveram que incluir o ensino da Linguística como disciplinas, ou como cursos de extensão com professores convidados, para corresponder à essa nova exigência da área dos “Estudos da Linguagem” no sentido amplo, que estava em fase de mudanças em nível mundial. Nessa fase, em meio à ebulição da Linguística:

o contexto convidava a produzir ou pelo menos a investir em traduções de clássicos da Linguística porque nós não tínhamos praticamente nada de Linguística a não ser autores brasileiros que tendo feito seus cursos no estrangeiro, traziam essas novidades. Por exemplo, Mattoso Câmara Jr, tinha estudado nos EUA e conviveu com Jakobson e trouxe novidades linguísticas, mas nós tínhamos muito pouco da bibliografia básica de Linguística. Portanto nós decidimos empreender traduções (...). (BLIKSTEIN in FERREIRA, 2013, p. 100)

O contexto desta época levou à tradução das obras fundamentais e ao mesmo tempo a tradução dessas obras teve uma importância capital na disseminação dos aportes teóricos do estruturalismo, já que agora os alunos teriam os livros disponibilizados em português e editados no Brasil e naquela época era muito difícil acessar livros. Sobre esse fenômeno que estava acontecendo no Brasil, Roman Jakobson escreveu algumas palavras para a edição brasileira de *Linguística e Comunicação*:

A tendência cardinal dos Ensaios apresentados neste volume aos leitores do Brasil e Portugal é a contribuir para os esforços linguísticos de nossa época no sentido de superpor uma ciência da língua à ciência de línguas diversas. As questões de estrutura e de funções, próprias a todas as línguas do mundo, não são somente um corolário necessário do estudo aprofundado de línguas variadas no curso do desenvolvimento da Linguística moderna, como, ao mesmo tempo, um complexo de noções indispensáveis para uma interpretação adequada de fenômenos linguísticos particulares. Os conceitos de invariância e de variações múltiplas implicam-se mutuamente e sua complementariedade permite antecipar uma verdadeira topologia linguística do futuro. (JAKOBSON traduzido por Blikstein, 2008, p. 13)

A obra *Linguística e Comunicação* de Jakobson publicada no Brasil além de ser uma compilação de ensaios do autor feita especificamente para esta publicação, teve a grande relevância de ser a grande introdutora dos propostos de Jakobson não só no contexto brasileiro, mas em toda a comunidade linguística (e também acadêmica) de língua portuguesa. Outro comentário sobre a relevância de obras de teoria linguística traduzidas em português está no prefácio escrito por Durigan para o livro de Greimas:

Agora, a tradução e a publicação, pela Cultrix, deste novo livro, considerado também imprescindível para a discussão e compreensão do poético, permitirá a abertura de novos caminhos, reflexões e reformulações sobre o discurso com função poética. (DURIGAN *in* GREIMAS traduzido por Dantas, 1975, p. 3)

No que concerne a área dos Estudos da Tradução/Tradutologia, não é diferente o papel de textos teóricos traduzidos, e, portanto, trazemos a reflexão para dentro da compreensão da área. Se a tradução de textos de cunho teórico tem tamanha importância dentro de inúmeras áreas do conhecimento, e me dedico aqui a estudar e problematizar a tradução de textos teóricos sobre tradução, é pertinente que, além de reconhecer essa importância da tradução desses textos, comentemos as escolhas de tradução feitas nesse tipo de tradução. O tradutor de teoria da tradução tem em suas mãos a responsabilidade de traduzir, ou seja, **reescrever** em outra língua o que o autor do original escreveu sobre sua própria atividade e assim **reinscrever** aquele autor – e obra – numa nova comunidade linguística e especializada.

Vale aqui citar o comentário de Echeverri numa entrevista concedida a uma revista acadêmica brasileira, na qual o pesquisador relembra a questão da manipulação implicada na publicação de traduções, sobre o que Lefevere se dedica, e que leva à reflexão de que “se a tradução foi utilizada para dar certa direção à literatura de um país, ou de uma disciplina, é possível que a tradução de textos tradutológicos tenha uma influência na direção que a tradutologia tomou.”<sup>46</sup> (ECHEVERRI in COSTA e SOUSA, 2015, p. 160 – tradução minha). Podemos pensar de que forma a tradução de obras teóricas (de teoria da tradução) impactaram o desenvolvimento da disciplina<sup>47</sup> Tradutologia/Estudos da Tradução.

Mais recentemente o pesquisador Álvaro Echeverri afirmou que “Traduções de textos tradutológicos desempenharam um importante papel numa estratégia consciente para incluir a *translatology* (translatologia) entre as disciplinas acadêmicas.” (ECHEVERRI, 2017, p. 16 – tradução minha<sup>48</sup>)

Um exemplo a respeito da recepção dos propostos teóricos de Berman nos Estados Unidos ilustra o caso de uma não tradução direcionando uma compreensão teórica. Destaco que *L'épreuve de l'étranger*, 1984, (no Brasil *A prova do estrangeiro*) foi traduzido em 1992 nos Estados Unidos, mas *La traduction et la lettre (A tradução e a letra)* não tem tradução para o inglês. A tradutora de *Pour une critique des traductions, John Donne* (em inglês *Toward a Translation Criticism: John Donne*) comenta sobre a não tradução de *La traduction et la lettre*: “a não disponibilidade de seu último grande trabalho em inglês levou a uma simplificação de suas ideias, especialmente sua insistência nas possibilidades para auto-reflexão em tradução e na necessidade de aproximar o discurso sobre tradução e o trabalho de tradução em si” (MASSADIER-KENNEY in BERMAN, 2009, p. xi – tradução minha<sup>49</sup>).

Outro exemplo é a tradução de Benjamin em inglês e em francês que fez com que se voltasse a explorar o texto dele décadas depois da publicação do texto original. Na língua inglesa foi pela primeira vez publicada em 1969 com tradução de Harry Zohn e edição e

---

<sup>46</sup> Trecho original: “Si la traducción ha sido utilizada para dar cierta dirección a la literatura de un país, o de una disciplina, es posible que la traducción de textos traductológicos tenga una influencia en la dirección que ha tomado la traductología.” (ECHEVERRI in COSTA e SOUSA, 2015, p. 160)

<sup>47</sup>A palavra “disciplina” é usada aqui no sentido de “área de conhecimento”, “domínio do saber”, assim como poderíamos falar na disciplina (ou área de conhecimento) da Literatura, da Linguística, ou História, Sociologia, assim por diante.

<sup>48</sup> Trecho original: “Translations of translational texts have played an important role in a conscious strategy to include translatology among scholarly disciplines.”

<sup>49</sup> Trecho original: “the unavailability of his last major work in English has led to a simplification of his ideas, especially his insistence on the possibilities for self-reflection in translation and on the need to bring closer together the discourse on translation and the work of translation itself” (MASSADIER-KENNEY in BERMAN, 2009, p. xi)

prefácio de Hannah Arendt<sup>50</sup>. Já em francês, a primeiríssima tradução de Maurice de Gandillac publicada em 1959, mas foi a segunda edição, de 1971 – revisada – que teve grande impacto na recepção do ensaio de Benjamin na França. Maurice Blanchot escreve seu ensaio sobre “A tarefa do tradutor” de Benjamin após essa segunda edição de “*La tâche du traducteur*” (Venuti (1995) que se baseia na leitura de Blanchot<sup>51</sup>), Paul de Man ministra sua palestra “*Conclusions*” *Walter Benjamin's “The Task of the Translator”* na Cornell University em 1983<sup>52</sup>, Derrida publica seu *Des tours de Babel* em 1985, além da herança teórica visível no pensamento e nas obras de Antoine Berman na década de 1980 e Henri Meschonnic, bem como, no Brasil, em Haroldo de Campos<sup>53</sup>. George Steiner em seu livro *After Babel* (publicado pela primeira vez em 1975) também tem o papel de colocar Benjamin dentro da tradição tradutológica. A tradução do livro de Steiner para o francês três anos após sua publicação, teve por sua vez um papel importante ao conferir uma “dignidade epistemológica à tradução” (NOUSS, 1997, p. 74) e ao apresentar uma obra de grande porte para o público de língua francesa. Retomo as palavras de Echeverri quando ele comenta sobre a influência que a tradução de textos teóricos da área dos Estudos da Tradução/Tradutologia:

No caso da tradutologia, é evidente que a presença do pensamento alemão na bibliografia tradutológica dos anos 70 e 80 teve muito a ver com os teóricos da tradução que decidiram traduzir os textos de Goethe, de Walter Benjamin, de Hölderlin, entre outros pensadores alemães.<sup>54</sup> (ECHEVERRI in COSTA e SOUSA, 2015, p. 160 – tradução minha)

Benjamin escreveu “*Die Aufgabe des Übersetzers*” em 1923, entretanto, a grande ebulição de referências e trabalhos realizados a partir de suas ideias expostas neste ensaio aconteceu várias décadas depois. Não por acaso. A primeira tradução de Benjamin na França foi feita 1959 por Maurice de Gandillac e é nas décadas seguintes a essa publicação que se vê a grande profusão de trabalhos a respeito de Benjamin na França. Berman se dedica ao grande comentário da obra de Benjamin sobre tradução (e também filosofia da linguagem) já na década

<sup>50</sup> Nouss, 1997, p. 71.

<sup>51</sup> Susana Kampff Lages, 2007, p. 166.

<sup>52</sup> DE MAN, Paul. "Conclusions" Walter Benjamin's "The Task of the Translator" Messenger Lecture, Cornell University, March 4, 1983. In: *Yale French Studies*, nº 69, pp. 25-46. 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2929923>. Acesso em junho de 2016.

<sup>53</sup> Sobre a herança teórica de Walter Benjamin em Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos: Oseki-Dépré (2007), Marini (2015).

<sup>54</sup> Trecho original : “En el caso de la traductología, es evidente que la presencia del pensamiento alemán en la bibliografía traductológica de los años 70 y 80 tuvo mucho que ver con los teóricos de la traducción que decidieron traducir los textos de Goethe, de Walter Benjamin, de Holderlin, entre otros pensadores alemanes.” (ECHEVERRI in COSTA E SOUSA, 2015, p. 160)



de 80 quando ministrou os seminários no *Collège international de philosophie* que originaram a publicação de *L'Âge de la traduction*.

Walter Benjamin era um filósofo, crítico literário, escritor e tradutor. Berman também era filósofo, crítico literário, escritor e tradutor. Paul Ricœur também era filósofo. Derrida era filósofo. Mechonnic era linguista, poeta, tradutor, que teorizou muito sobre a filosofia da linguagem. Valéry Larbaud erudito crítico. E de toda forma todos estão numa “abordagem filosófica” da tradução, essa teoria que é oriunda de uma reflexão sobre a tradução a partir da prática, da experiência. Portanto, proponho um diálogo do que foi dito sobre os textos filosóficos com minha discussão sobre a tradução de textos de teoria da tradução da tradutologia francesa. Começo essa discussão ressaltando a característica desse texto que tem características tanto técnico-científicas quanto literárias.

Durante muito tempo acreditou-se possível estabelecer uma separação precisa diante dos diferentes tipos de tradução. Acreditava-se que a tradução especializada, a tradução literária, a tradução jornalística e a tradução de quadrinhos, por exemplo, representavam práticas distintas, as quais guardavam muito pouco ou quase nada em comum. Entretanto, já há algum tempo esse pensamento perdeu a sua força, uma vez que muitos estudiosos da tradução verificam que existem mais coincidências entre as práticas supracitadas do que dessemelhanças. (ZAVAGLIA e NASCIMENTO, 2009, p. 65)

Um dos argumentos que se usava (ou que ainda usam alguns) para defender a distância entre os tipos de tradução era, por exemplo, a presença de terminologia em textos especializados e a não-presença desta em textos literários, mas, como ressaltam as autoras, a terminologia também pode constar em textos literários (ZAVAGLIA e NASCIMENTO, 2009, p. 65). E acrescento que em textos teóricos, por exemplos, em ensaios de ciências humanas, estão presentes características estilísticas que nos fazem lembrar do texto literário, uma construção da linguagem de maneira particular, como por exemplo, abstrações por meio de metáforas e outras figuras de linguagem. Sobre essas características particulares presentes em textos filosóficos especificamente, Castro Ramírez e Rico comentam que:

os textos filosóficos compartilhariam importantes características com os textos literários, pois, assim como estes, as noções de “autor”, “leitor”, “originalidade”, “criação”, “tradição”, etc., têm uma influência nada desprezível quando se trata de analisá-los, quanto mais de traduzi-los. (CASTRO RAMÍREZ traduzida por Marini e Osório<sup>55</sup>, 2018, p. 98)

---

<sup>55</sup> Artigo original intitulado “*Traducir la filosofía más allá de la filosofía: firmas, acontecimientos, contextos*” traduzido para o português por mim e Ana Alethéa Osório.

Assim, seu alto grau de abstração e sua terminologia específica o aproximam do texto técnico-científico, enquanto que o uso que faz das estruturas linguísticas e de tantos e tantos recursos retóricos o conduzem ao domínio estilístico do texto literário. (RICO, 2015, p. 100 – tradução minha)<sup>56</sup>

De acordo com Castro Ramírez as características desse tipo de texto fazem com que não possamos dizer que a tradução de textos filosóficos (assim como de várias outras áreas) é apenas uma tarefa de investigação terminológica, porque “um texto de filosofia não é um depósito de termos/conceitos, mas sim um exercício de construção textual no qual os termos/conceitos estão sujeitos a processos de redefinição permanente” (CASTRO RAMÍREZ traduzida por Marini e Osório, 2018, p. 99). De maneira alguma queremos dizer com isso que uma tarefa de investigação terminológica é algo menor ou mais simples, mas, pelo contrário, acredito que além de lidar com a terminologia de uma área, o tradutor é desafiado por outros múltiplos fatores – a terminologia é um deles, mas não o único.

O próprio Berman fala disso no texto “*Traduction spécialisée et traduction littéraire*” (Tradução especializada e tradução literária) publicado nos anais do evento (*Actes du Colloque International*) organizado pela *Association Européenne des Linguistes et des Professeurs de Langues – AELPL* (Associação Europeia de Linguistas e Professores de Línguas) ocorrido nos dias 21 e 22 de março de 1991 na *Ecole Nationale Supérieure des Arts et Métiers* em Paris. Ao desenvolver sobre a diferença genérica entre textos literários e textos especializados e sobre essa diferença remeter, por sua vez, à uma interferência de um gênero no outro:

Na verdade, somos obrigados a reconhecer essa interferência e, ao mesmo tempo, a afirmar da maneira mais categórica a diferença dos dois gêneros textuais. Assim, a filosofia contém elementos especializados, sem ser por sua vez um discurso especializado. Assim, a escrita científica pode conter elementos retóricos-literários, sem ser por sua vez “literatura”. Assim, as obras de vulgarização, tão essenciais à comunicabilidade da ciência e da técnica, contém elementos literários, sem ser de maneira alguma, literatura, etc. (BERMAN, 1991, p. 10 – tradução minha)<sup>57</sup>

Mas ele reforça que se a tradução especializada tem como objetivo a transmissão de conteúdo das ditas “tecnociências”, então: “A tradução da poesia, da literatura, da filosofia,

<sup>56</sup> Trecho original: “Así, su alto grado de abstracción y su terminología específica lo aproximan al texto científico-técnico, mientras que el uso que hace de las estructuras lingüísticas y de tantos y tantos recursos retóricos lo conducen al dominio estilístico del texto literario.”

<sup>57</sup> Trecho original: “Nous sommes en fait contraints de reconnaître cette interférence et, en même temps, d’affirmer de la manière la plus tranchante la différence des deux genres de textes. Ainsi, la philosophie contient des éléments spécialisés, sans être elle-même un discours spécialisé. Ainsi, l’écriture scientifique peut contenir des éléments rhétoriques-littéraires, sans être elle-même “littérature”. Ainsi, les ouvrages de vulgarisation, si essentiels à la communicabilité de la science et de la technique, contiennent des éléments littéraires, sans du tout être de la littérature, etc. ”

dos textos religiosos, de grande número de obras de ciências humanas, etc. pertence a um outro campo da produção humana: a das *obras*.” (BERMAN, 1991, p. 12 – tradução minha<sup>58</sup>). Os textos literários (tomando o “literário” num sentido amplo) não teriam, segundo ele, a intenção de transmitir informações (de “comunicar”), mas sim intenderiam a transmissão de “experiências do ser-no-mundo humano”. Todas as “*obras*” seriam únicas, mas cada uma delas continuaria pertencendo a um gênero seja ele poesia, romance, teatro ou ensaio. Ele continua discorrendo sobre a natureza da tradução das obras de linguagem, ou obras línguageiras:

A tradução das obras línguageiras é um movimento no qual se produz simultaneamente

- a) a migração do original, o que Benjamin chamava de *Überleben*, sua vida continuada;
- b) a transferência da manifestação do ser-no-mundo que é o original numa outra língua;
- c) a ampliação ou a transformação, via essa transferência, da língua traduzinte pelo contato com a língua traduzida. Pois em virtude da intimidade infinita do original e de sua língua, toda transferência de uma *obra* é igualmente a transferência de uma parte de suas *formas línguageiras*. Essa ampliação da língua traduzinte pela tradução das obras acontece de acordo com diversos modos, em função do grau de abertura, historicamente variável, da cultura receptora. (BERMAN, 1991, p. 13 – tradução minha<sup>59</sup>)

As obras de Berman talvez pudessem ser então classificadas dentro do que ele propõe enquanto “obra”. Vamos retomar a frase de Berman “a filosofia contém elementos especializados, sem ser por sua vez um discurso especializado” (1991, p. 10). O discurso de Berman tem conceitos da filosofia, pois sua reflexão nasce nesse contexto e, especificamente na obra trabalhada no âmbito da presente tese, discorre a respeito do texto de um filósofo, Walter Benjamin, que por sua vez faz uma reflexão (como Berman diz) conceitual e metafórica. Na obra de Berman existe também a referência a conceitos de outras áreas como Literatura e Psicanálise (até mesmo de outras áreas mais distantes como a Música ou a Química). Mais do que usar conceitos de outras áreas, o trabalho de Berman estabelecia uma interdisciplinaridade ao entender que a tradução perpassa muitas áreas. Alexis Nouss destaca que “a

---

<sup>58</sup> Trecho original: “La traduction de la poésie, de la littérature, de la philosophie, des textes religieux, de bon nombre d'ouvrages de sciences humaines, etc. appartient à un autre champ de la production humaine: celui des *œuvres*.”

<sup>59</sup> Trecho original: “La traduction des œuvres langagières est un mouvement dans lequel se produit simultanément a) la migration de l'original, ce que Benjamin appelait son *Überleben*, sa vie continuée; b) le transfert de la manifestation de l'être-dans-le-monde qu'est l'original dans une autre langue; c) l'élargissement ou la transformation, via ce transfert, de la langue traduisante par le contact avec la langue traduite. Car en vertu de l'intimité infinie de l'original et de sa langue, tout transfert d'une œuvre est également le transfert d'une partie de ses formes langagières. Cet élargissement de la langue traduisante par la traduction des œuvres s'opère selon des modes divers, en fonction du degré d'ouverture, historiquement variable, de la culture réceptrice.”

interdisciplinaridade que ele preconizava e praticava de maneira pioneira foi seguida e inclusive se abriu a outras áreas das ciências humanas” (NOUSS, 2001, p. 9 – tradução minha<sup>60</sup>). Berman defende a separação da tradução dos textos de tecno-ciências, e a tradução das “**obras**” que incluiria os textos de ciências humanas. Mesmo que Berman não chame de “texto especializado”, há sim um pertencimento a uma área de conhecimento e, por sua vez, a apresentação de conceitos.

Como vimos anteriormente neste capítulo, ao traduzirmos termos já estabelecidos, é preciso procurar na língua da tradução como é o registro daquele termo na comunidade acadêmica da área, seja para confirmarmos o uso daquele termo canonizado, seja para propor uma tradução que seja condizente com a interpretação daquele conceito por parte do tradutor. Seja como proposição de uma nova tradução de um termo que anteriormente foi traduzido de outra maneira, seja traduzindo termos novos formulados ineditamente no texto de partida, vamos ter que passar pelo processo de criação de uma denominação para o termo na língua da tradução. Então, se Castro Ramírez diz que “os membros da comunidade filosófica modificam e reformulam constantemente os termos/conceitos”<sup>61</sup> para produzirem novos conhecimentos dentro de sua área, ao tradutor caberá criar na língua de chegada novos termos também. Este seria então ao mesmo tempo um trabalho de neologia tradutória e neologia terminológica. Assim, eu acrescentaria à frase de Castro Ramírez que, não se trata de um trabalho apenas de investigação de “equivalências” terminológicas, mas um trabalho de compreensão do complexo sistema terminológico/conceitual do discurso de um autor expresso num texto (a ser traduzido).

Castro Ramírez continua:

O que foi dito até aqui permite afirmar que traduzir filosofia é uma complexa operação intertextual que confronta o tradutor com uma tensão entre a história do pensamento (construída coletivamente) e a originalidade do autor de filosofia (que luta para se distinguir do resto de seus competidores na área e para impor certa “originalidade” à sua obra). Os tradutores de filosofia desempenham, então, um papel de primeira importância na construção da história da filosofia e da própria filosofia: suas traduções sistematizam o exemplo dos conceitos ao redor dos quais a comunidade filosófica se constitui como disciplina e, ao mesmo tempo, disseminam o texto filosófico para além de suas fronteiras linguísticas. (CASTRO RAMÍREZ traduzida por Marini e Osório, 2018, p. 99)

---

<sup>60</sup> Trecho original: “l’interdisciplinarité qu’il préconisait et pratiquait de manière pionnière a été suivie et s’est même ouverte à d’autres domaines des sciences humaines. ”

<sup>61</sup> Trecho original: “los miembros de la comunidad filosófica modifican y reformulan constantemente los términos/conceptos.”

O texto filosófico é um discurso teórico, como afirma Ladmiral, e apresenta “tecnicidade” com o uso de uma terminologia própria, mas a presença de ambiguidade e plurissignificação conceitual tão particular de cada filósofo, mas com que o texto filosófico se aproxime às características de um texto literário (Ladmiral *apud* RICO, 2015, p. 95). Essa profusão de novos termos criados por cada filósofo é ao mesmo tempo uma característica que parece com o texto literário e uma característica importante para a terminologia da área e para o tradutor do texto filosófico. Alain Rey explica que existe uma diferença na criação de termos na filosofia, pois, ao contrário de outras áreas em que a terminologia técnica-científica é elaborada por uma comunidade de especialistas em conjunto, na filosofia o que acontece é que há uma criação terminológica particular pelos autores filósofos (REY *apud* BROWLIE, 2002, p. 296). Então, nesse sentido, se confirma não só a mistura de características desses textos, como a importância do tradutor como criador desses termos no texto traduzido visando sua introdução em outro contexto linguístico-cultural-científico.

Outra questão que vale ser comentada é o fato de os teóricos da tradução – ou pelo menos os teóricos pertencentes ao grupo que estou explorando na tese – serem, antes de tudo, tradutores literários, mesmo que não exclusivamente. Suas reflexões são derivadas das suas concepções sobre filosofia da linguagem, sobre a definição do que é texto, o que é literatura e o que é tradução, obviamente, mas o grande gatilho para que tenham desenvolvido esse movimento de tradutologia francesa que tem o objetivo de “pensar sobre a tradução” surge a partir das práticas tradutórias individuais dos autores. A partir de suas práticas e de análises de traduções feitas por outrem, eles desenvolveram suas obras que hoje estão na biblioteca de teoria da tradução.

Sendo assim, os teóricos da tradução da tradutologia francesa de maneira geral dedicam suas reflexões, ou a maior parte delas, às questões da tradução literária. Isso por si só já inicia uma aproximação com a tipologia de tradução literária, mas fica evidente quando eles inserem em seus textos trechos de obras literárias para exemplificar argumentos e explicar sobre alguma particularidade de traduções que estão propondo ou que estão analisando em seus textos teóricos. A apresentação desses trechos aparece em diversas formas, sendo possível encontrar trechos de obras originais traduzidas para outra língua pelos teóricos-tradutores ou trechos originais seguidos das traduções de algum outro tradutor e mesmo de outras maneiras. Os pares de línguas (língua do original e língua da tradução) também são diversos. Mesmo que muitas vezes o francês seja uma das línguas desse par, isso não é uma regra, já que muitos deles trabalharam com mais do que apenas duas línguas e por vezes comentam traduções (ou propõem traduções) em que nem o original nem a tradução estão escritos em francês.

Cabe ao tradutor do texto teórico compreender o papel da apresentação desses trechos para a argumentação teórica do autor e decidir de que forma reinscrevê-las em seus textos traduzidos. Assim como compreender e reescrever os termos da área, sejam eles já canônicos, demandando ao tradutor que encontre denominações correspondentes para aquele conceito na outra língua, ou sejam eles novos para a área cabendo ao tradutor ter a sensibilidade e criatividade terminológica-tradutológica para criar o termo na língua da tradução. Além dessas, outra preocupação é com a citação de outros autores, característica forte dos textos acadêmicos. Nosso pensamento é sempre construído pelo conjunto daquilo que lemos/ouvimos e pela maneira que interpretamos tudo isso, então faz parte do pensamento e da argumentação dos autores de textos teóricos cada uma das citações que aparecem em seus textos. E não é óbvia a solução de tradução, já que estes aparecem tanto na língua em que o resto do livro foi escrita, tanto em outras línguas e o tradutor não necessariamente as domina. Além disso há o problema de que as obras de onde são tiradas essas citações podem já ter sido traduzidas na língua da tradução e, por isso, o tradutor pode querer consultar as traduções já publicadas. O que nos leva a mais uma decisão tradutória: as referências bibliográficas. Deveremos incluir os títulos citados originalmente e somente eles, ou poderemos, como forma de também democratizar o acesso às obras fontes, citar as traduções na língua da tradução?

Como um exemplo de tradução de obra teórica, cito aqui o caso do professor pesquisador Carlos Alberto Faraco, professor titular aposentado da Universidade Federal do Paraná – UFPR, que traduziu o livro *After Babel: Aspects of language and translation* (1975) de George Steiner publicado pela Editora UFPR em 2005 com o título *Depois de Babel: Questões de linguagem e tradução*. Numa entrevista<sup>62</sup> totalmente dedicada à tradução que fez do livro de Steiner, o professor Faraco comenta sobre a figura do autor, o conteúdo complexo do livro (sobre linguística, filosofia da linguagem e tradução) e, claro, sobre as particularidades da tradução do livro, algumas de suas escolhas, os maiores desafios, como foi feita a “encomenda” da tradução da obra e qual foi a repercussão tanto do original quanto da tradução.

O professor, pesquisador da linguagem e tradutor comenta que até aquele momento só havia feito traduções de artigos e ensaios para uso no ensino, ou seja, visando uma pequena circulação num pequeno contexto acadêmico. Assim, sua primeira tradução de grande porte, pensando num público leitor em geral foi a de *After Babel*. Faraco continua seu relato

---

<sup>62</sup> Entrevista do dia 26 de maio de 2016 no âmbito do programa *Quarta Capa* produzido pela UFPR TV. O programa *Quarta Capa* lançado em novembro de 2015 faz programas semanais nos quais entrevista autores e tradutores de obras publicadas na Editora UFPR e é apresentado por Gilberto de Castro, professor aposentado da pela mesma universidade e ex-diretor da editora.

comentando que a tradução do livro foi fruto de uma encomenda do diretor da editora da época<sup>63</sup> que tinha o projeto de enriquecer o catálogo da editora com obras estrangeiras de grande relevo por meio de traduções. O editor indicou este livro e perguntou diretamente para o professor Faraco se ele gostaria de traduzi-lo. O tradutor confessa que não havia lido o livro antes dessa ocasião, mas que assim que engajou na leitura, se apaixonou pela obra. Ele conta que levou um ano traduzindo, mas não exclusivamente por conta de todas as outras ocupações como professor e pesquisador.

Sobre a sua atividade tradutória mais especificamente, o primeiro comentário que faz é a respeito das citações de obras teóricas e literárias que Steiner insere ao decorrer da obra. O livro é escrito em inglês, mas ele faz referências não só em inglês, como também em outras línguas como italiano, alemão, grego e latim, e, portanto, o tradutor acabou pedindo ajuda a colegas especialistas em línguas que ele não dominava. Especificamente sobre trechos de textos literários citados dentro do texto, sua decisão foi a de deixar o texto na língua original e colocar em nota de rodapé uma tradução que ele chamou de “literal”. Seu objetivo, como ele relata na entrevista, era que o leitor que não conhecesse a língua da obra literária citada pudesse ao menos compreender do que se trata o trecho e não fazer uma tradução burilada, “poética”.

Esse é apenas um exemplo de prática de tradução de textos teóricos para ilustrar minha argumentação, mas a apresentação e análise das práticas de tradução de tradutologia francesa constará no capítulo seguinte. Mas antes de entrar nas análises propriamente ditas, explorei no presente capítulo questões que se apresentam para o tradutor de textos teóricos além de destacar o papel do tradutor enquanto transmissor de conhecimento e até mesmo enquanto fixador de termos no contexto linguístico-cultural-científico de chegada e, portanto, o papel inclusive epistemológico da tradução já que esta pode influenciar a recepção de autores e suas teorias em outro local. Vimos também que prática, história, crítica e comentários de tradução se confundem já que traduzir é um ato crítico por si só, assim como a redação dos comentários de tradução também o são. A crítica e a história de tradução são análise críticas de um trabalho (de tradução) que por sua vez também é crítico.

---

<sup>63</sup> Professor Luís Bueno (UFPR).

### 3. TRADUÇÃO DE TRADUTOLOGIA FRANCESA NO BRASIL

Foram apresentadas no capítulo anterior algumas das características particulares do texto teórico e da tradução de teoria da tradução além dos critérios usados em estudos históricos e críticos sobre tradução. Assim, elenco neste momento alguns dos elementos de enfoque da análise que constará no presente capítulo. O primeiro deles é uma visão geral dos paratextos de cada obra traduzida sobretudo aqueles que façam alguma apresentação dos tradutores ou comentários apreciando as traduções, bem como aqueles em que o tradutor toma a palavra e fala sobre sua própria atividade tradutória tanto em prefácios (ou notas em posição de prefácio) como em notas (de rodapé ou de fim) do tradutor. Outro ponto é a identificação de alguns termos e verificação das estratégias adotadas para a tradução destes não visando questionar a tradução efetivamente, mas tentando na verdade identificar as escolhas de tradução e suas implicações. Focaremos ainda nas estratégias adotadas a respeito de citações em línguas diferentes da língua do texto original e citação de títulos de obras e referências bibliográficas. Estes critérios não excluem outras possíveis questões textuais importantes de serem analisadas, mas sim apontam o que não deixaremos de colocar em foco.

Numa análise crítica é importante tentar identificar qual é o discurso dos tradutores em relação aos seus trabalhos de tradução, seus projetos, suas escolhas e motivações para tal, bem como na tentativa de compreender de que forma surgiu a iniciativa de se traduzir tal obra. Uma forma de acessar esse discurso é através dos paratextos (como citado acima) ou ainda textos publicados pelos tradutores fora do âmbito da obra traduzida como artigos ou capítulos de livro (ou outros formatos de publicação) em que há uma reflexão dos tradutores sobre sua prática e explicação das escolhas feitas.

Primeiramente serão apresentadas as análises das seguintes obras teóricas francesas traduzidas no Brasil e publicadas a partir de 2000: *Sob a invocação de São Jerônimo* (2001) de Valery Larbaud, *Torres de Babel* (2002) de Jacques Derrida, *Poética do traduzir* de Henri Meschonnic (2010), *Tradução: História, teoria e métodos* (2011) de Michaël Oustinoff, *Sobre a tradução* (2011) de Paul Ricoeur. Em seguida serão apresentadas as obras de autoria de Antoine Berman *A prova do estrangeiro* (2002) e *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (primeira edição em 2007, segunda edição em 2012).



### 3.1 Obras francesas de teoria da tradução traduzidas no Brasil a partir de 2000

#### 3.1.1 *Sob a invocação de São Jerônimo* (2001) de Valery Larbaud

O livro *Sob a invocação de São Jerônimo: ensaio sobre a arte e técnicas de tradução* de Valery Larbaud (1881-1957) é a tradução de *Sous l'invocation de saint Jérôme* (editora Gallimard) publicado pela primeira vez em 1946 (e revisado em 1973) e foi traduzido no Brasil por Joana Angélica d'Avila Melo em 2001. Apesar de *Les problèmes théoriques de la traduction*<sup>64</sup> (1963) de George Mounin ser considerado por muitos como a grande obra da área em língua francesa, Berman se posiciona contra a afirmação de que esta seria a maior obra francesa do pensamento sobre a tradução porque nas palavras de Berman: “existe sim um “pai simbólico” da reflexão francesa sobre a tradução e é Valery Larbaud com *Sous l'invocation de saint Jérôme*”<sup>65</sup> (BERMAN, 1995, p. 247). Antoine Berman sustenta de forma bem incisiva seu posicionamento:

Quando uma especialista da tradução quebequense, Sherry Simon, fala “do ‘pai’ simbólico da teoria da tradução, Georges Mounin”, vemos que está na hora, mais do que na hora, de tentar colocar fim nesse equívoco. Mounin não é o “pai simbólico” de coisa alguma. Nem das posteriores “teorias da tradução” nem da reflexão sobre a tradução na França. Está na hora, mais do que na hora que *Les problèmes théoriques de la traduction* [Os problemas teóricos da tradução] pare, principalmente no exterior, de ser considerado o *nec plus ultra* [o que há de melhor] do pensamento francês da tradução. *Porque existe sim um “pai simbólico” da reflexão francesa sobre a tradução e é Valery Larbaud com Sous l'invocation de saint Jérôme*. É preciso toda a pretensão confusa e ignorante de Georges Steiner para qualificar essa obra como “desprovida de rigor”. Na sua aparência disparate, às vezes desenvolva, aspecto desenvolvido, com sua linguagem um pouco estetizante, *Sous l'invocation de saint Jérôme* [Sob a Invocação de São Jerônimo] é um grande livro nutritivo, seminal que é preciso ler e reler. (BERMAN, 1995, p. 247 – minha tradução<sup>66</sup>)

<sup>64</sup> Tradução brasileira: MOUNIN, Georges. Os problemas teóricos da tradução. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

<sup>65</sup> Trecho original: “.” (BERMAN, 1995, p. 247)

<sup>66</sup> Trecho original: Lorqu’une spécialiste québécoise de la traduction, Sherry Simon, parle « du “père” symbolique de la théorie de la traduction, Georges Mounin », on se dit qu’il est temps, grand temps, d’essayer de mettre un terme à cette supercherie. Mounin n’est le « père symbolique » de rien du tout. Ni des ultérieures « théories de la traduction » ni de la réflexion sur la traduction en France. Il est temps, grand temps que *Les problèmes théoriques de la traduction* cessent, en particulier à l’étranger, d’être considérés comme le *nec plus ultra* de la pensée française de la traduction. Parce qu’il y a bien un “père symbolique” de la réflexion française sur la traduction, et c’est Valery Larbaud, avec *Sous l’invocation de saint Jérôme*. Il faut toute la prétention confuse et ignorante de Georges Steiner pour qualifier cet ouvrage de « dénué de rigueur ». Sous son apparence disparate, parfois désinvolte, son allure discontinue, avec son langage un peu esthétisant, *Sous l’invocation de saint Jérôme* est un grand livre nourricier, seminal qu’il faut lire et relire.

A obra de Larbaud (1946) foi publicada quase duas décadas antes da obra de Mounin (1963). O texto da contracapa de *Sous l'invocation de saint Jérôme*, diz que:

Bem antes do esforço propriamente teórico para analisar os problemas da tradução à luz da linguística, Larbaud foi, no século XX, o primeiro a reconhecer uma dignidade literária no ofício de tradutor – com conhecimento de causa, já que ele mesmo traduz muitas obras doravante clássicas<sup>67</sup>. (in LARBAUD, 1997, contracapa – tradução minha)

Meschonnic também fala a respeito da obra de Larbaud:

Dos primeiros textos de tradutores, refletindo sobre sua atividade e se defendendo contra os ataques, sai um modo empírico de reflexão, que prossegue indefinidamente: Sob a invocação de São Jerônimo de Valery Larbaud. Nenhuma relação com as estilísticas comparadas, sempre no pensamento da língua. (MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, 2010, p. XLIII)

Valery Larbaud (1881-1957) natural de Vichy foi chamado de “o príncipe dos tradutores”<sup>68</sup> na França (VAN HOOFF, 1993, p. 216). Ronscisvalle (2018) nos esclarece<sup>69</sup> que *Sous L'invocation de saint Jérôme* “é composto de uma coletânea de ensaios escritos durante um extenso intervalo de tempo de vida ativa do autor, entre os anos 1913 e 1935, alguns publicados naquele período, outros (...) pela primeira vez, na reunião do volume de 1946” (2018, p. 120). É um livro que poderíamos dizer ter características de crítica literária e crítica de tradução.

O livro *Sous l'invocation de saint Jérôme* foi publicado pela primeira vez em 1946 e mais de cinquenta anos depois, em 1997, reeditado. O livro tem como gênero ensaio e está categorizado pela editora dentro da área de “*Connaissance*” (“Conhecimento”) e na subárea de Literatura. Foi publicada pela primeira vez em 1946 na coleção “*Blanche*” da editora francesa Gallimard. Essa é uma coleção de literatura e crítica (criada em 1911) da editora Gallimard que recebeu o nome de “*Blanche*” (“Branca”) por conta de suas capas padronizadas em tom creme, uma coleção que recebeu diversos prêmios literários durante muitos anos.

Em 1997 o livro de Larbaud recebe uma nova edição aumentada com textos anexos numa outra coleção da mesma editora, a coleção *Tel*. Trata-se de uma coleção de “*semi-poche*” (semi-bolso) que se dedicava no início de sua criação na década de 1970<sup>70</sup> à republicação de obras de referência de diversas áreas das Ciências Humanas (Filosofia, Crítica e Linguística,

<sup>67</sup> Trecho original : Bien avant l'effort proprement théorique pour analyser les problèmes de la traduction à la lumière de la linguistique, Larbaud fut, au XX<sup>e</sup> siècle, le premier à reconnaître une dignité littéraire au métier de traducteur – en connaissance de cause, puisqu'il a lui-même traduit nombre d'ouvrages désormais classiques.

<sup>68</sup> Van Hoof em seu *Dictionnaire universel des traducteurs* a respeito de Valery Larbaud: “Ecrivain cosmopolite et “prince des traducteurs” français, né et mort à Vichy. Nombreux voyages en Angleterre, Italie, Espagne. Ecrivait couramment l'anglais et l'espagnol. (1993, p. 216, 217)

<sup>69</sup> Segundo dados obtidos pela autora em Cahier L'Herne – Valery Larbaud (1992).

<sup>70</sup> Primeira publicação da coleção: Jean-Paul Sartre *L'Être et le néant* (1976)

História, Sociologia, Ciências Econômicas e Políticas, Ciências) anteriormente publicadas pela própria Gallimard. A coleção foi intitulada “*Tel*” (“Tal”) pois inicialmente os livros eram editados de forma “idêntica” à publicação anterior (mas com um preço três vezes menor). Posteriormente, a coleção passou a incorporar títulos de outras editoras além de coletâneas, monografias e traduções de obras estrangeiras. Na segunda edição, o livro de Larbaud ganhou uma nova capa e, como mencionado acima, a segunda edição do livro de Larbaud conta com textos anexos. São eles: “*Walter Savage Landor, Hautes et basses classes en Italie*”, “*Lettres anglaises : la question des anglicismes*”, “*Lettres de Valery Larbaud à Royère*”, “*L'influence réciproque de la littérature française et des littératures étrangères*” e “*Lettres anglo-saxonnes*”.

A resenha de Alcaraz (1999) celebra a reedição do livro “reimpresso quando os estudos sobre tradução estão em alta” (p. 418), mais de cinco décadas após a primeira publicação e quatro décadas após o ano de falecimento de Larbaud. Alcaraz destaca que Larbaud aborda “algumas das principais questões relativas à tradução”, no entanto, “não se deve procurar sistematicidade nem concatenação entre os vários temas discutidos nesta segunda parte: a arte e o ofício (*l'art et le métier*). Tampouco devemos esperar um estudo exaustivo sobre alguns dos aspectos da tradução.” (Alcaraz, 1999, p. 416). Ainda sobre essa característica da escrita de Larbaud, Alcaraz afirma que o livro “revela intuições decorrentes da prática, antes que da teoria. Isso explica, em parte, a falta de sistematicidade e as imprecisões de quem “lembra, ouviu ou leu” aqui ou acolá.” (Alcaraz, 1999, p. 417). A resenha citada foi publicada em 1999, dois anos antes da tradução brasileira ser publicada. Quando da publicação de *Sob a invocação de São Jerônimo* (2001) em português, Ivo Barroso escreve uma resenha em novembro de 2001 para o caderno *Mais!* da Folha de São Paulo intitulada “Santo Forte” em que menciona a chegada da obra no Brasil “na competente tradução de Joana Angélica d’Ávila Melo” (s/p) sem mais comentários a respeito da tradução em si.

A tradutora Joana Angélica d’Ávila Melo é formada tanto em Letras Neolatinas (Universidade Federal de Sergipe - UFS) quanto em Jornalismo (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e tem especialização em Literatura Brasileira na UFRJ. A jornalista e tradutora lecionou literatura brasileira no ensino superior e língua portuguesa e francesa em nível escolar. Como jornalista atuou nos veículos *Ciência Hoje*, *Elle*, *Isto É* e jornal *O Globo* (HINOJOSA e LIMA, 2009). Joana Angélica d’Ávila Melo é tradutora do francês, espanhol e italiano tendo traduzido grandes autores e autoras como Baudelaire, Andrea Camilleri, André Malraux, Che Guevara, Françoise Sagan, Tahar Ben Jelloun, Franco Basaglia, Julia Kristeva, Marguerite Yourcenar, Mario Benedetti, Umberto Eco, Norah Lange, Mario Vargas Llosa,

Tzvetan Todorov, entre outros nomes<sup>71</sup>, sua lista de traduções é bastante extensa. Traduz tanto literatura quanto outros gêneros, como por exemplo, a teoria da tradução com a sua tradução *Sob a invocação de São Jerônimo: Ensaios sobre a arte e técnicas de tradução* publicada em 2001 pela extinta Editora Mandarin (do grupo Siciliano). Joana Angélica d’Avila Melo contou com a colaboração de João Ângelo Oliva, hoje livre-docente em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, para a tradução dos trechos em grego e latim.

Abaixo, a capa da primeira edição (1946), a capa da edição de 1997 que circula atualmente e a capa da tradução brasileira:

Imagem 1 - *Sous l'invocation de saint Jérôme* (edição 1946)



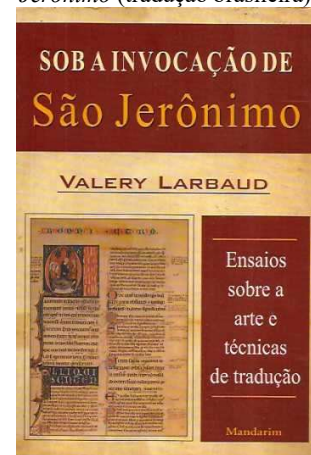
Fonte: site editora Gallimard

Imagem 2 - *Sous l'invocation de saint Jérôme* (edição 1997)



Fonte: site editora Gallimard

Imagem 3 - *Sob a invocação de São Jerônimo* (tradução brasileira)



Fonte: site estante virtual

Em português o livro *Sob a invocação de São Jerônimo* recebeu um subtítulo (que não constava no original) “Ensaios sobre a arte e técnicas de tradução”. Mesmo que não se saiba exatamente a quem se deve a responsabilidade por essa decisão (tradutora ou equipe editorial), podemos supor que tenha sido tomada para explicitar, evidenciar o tema do livro, já que “Sob a invocação de São Jerônimo” não remete diretamente ao tema da tradução<sup>72</sup>. Não se pode afirmar que um público não especializado em tradução tenha conhecimento que São Jerônimo é considerado o patrono dos tradutores. Mesmo que se tenha conhecimento dessa referência, é importante a presença da palavra “tradução” no título, considerando a recepção do livro numa área que se afirma.

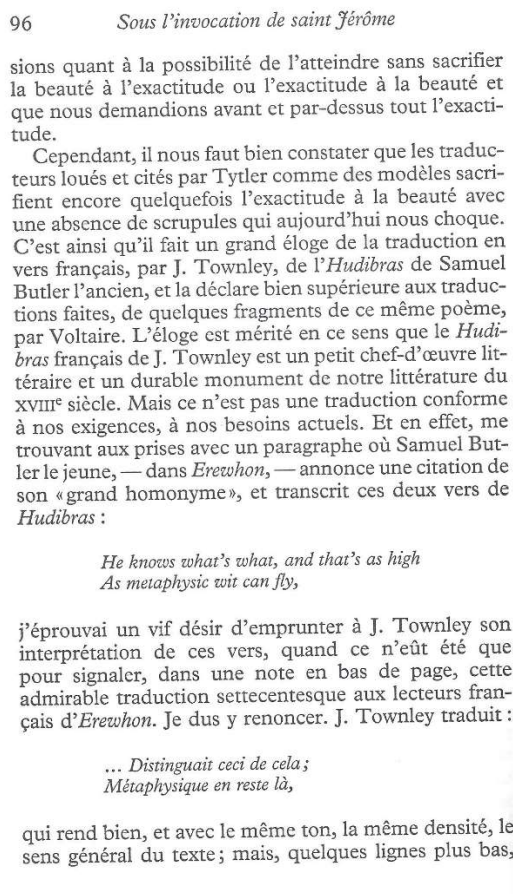
<sup>71</sup> Para mais informações e lista estendida de traduções de Joana Angélica d’Avila Melo, consultar: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoanaAngelicadAvilaMelo.htm>

<sup>72</sup> Como já mencionado em Marini, 2018.

Explicitando a motivação do título do livro original, cito um trecho em que o autor, ao apresentar os objetivos da obra, afirma que quis “situar todas as nossas reflexões sobre os tradutores, sobre a arte de traduzir e sobre todas as questões literárias, morais, filológicas e técnicas que se vinculam a essa arte Sob a invocação de são Jerônimo” (LARBAUD traduzido por Melo, 2001, p. 14). Sobre essa consagração a são Jerônimo, ele continua “o pai da Bíblia latina, o autor de grande parte da Vulgata, e por isso considerado o patrono (no sentido pleno do termo) dos tradutores: aqui embaixo, modelo deles; no céu, seu protetor” (idem, p. 14).

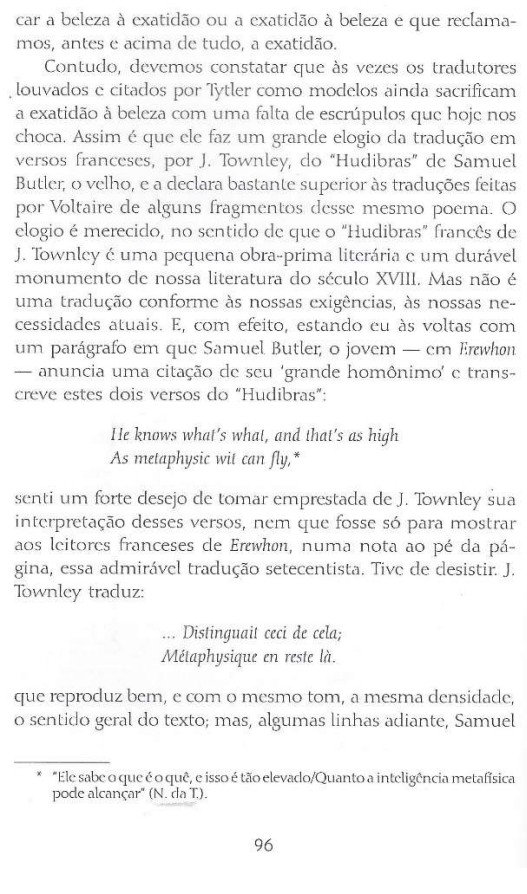
Como já citado em Marini (2018) obra apresenta poucas notas do autor, mas inclui 90 notas dos tradutores na maioria das quais há trechos traduzidos para citações de autores estrangeiros que constem no corpo do texto, e são assinadas pela tradutora Joana Angélica d’Avila Melo quanto pelo tradutor do grego e do latim João Ângelo Oliva.

Imagem 4 - Página 96 de *Sous l’invocation de saint Jérôme*



Fonte: LARBAUD, 1997

Imagem 5 - Página 96 de *Sob a invocação de São Jerônimo*



Fonte: LARBAUD traduzido por Melo, 2001

Foi adotada a abordagem de apresentar os trechos em língua estrangeira e traduzi-los em nota de rodapé. É importante a presença das citações em língua estrangeira no texto

traduzido, pois Larbaud se refere às palavras do autor daquele trecho. A inclusão das traduções dos trechos em nota de rodapé foi uma boa solução encontrada para a disponibilização desses trechos para o leitor de língua portuguesa (estão sempre indicadas com “N. da T.”) pois permite manter o multilinguismo do texto. Recordo que para os trechos em latim e grego, a tradução é assinada por João Ângelo Oliva e em nota de rodapé com a abreviação “N. do T.”. Portanto, há uma distinção entre “N. da T.” e “N. do T.”. Em alguns momentos, não há tradução para o português, por exemplo, das páginas 63 a 66 quando Larbaud cita versos e palavras em italiano que não são traduzidos ao português ou ainda, como na imagem acima em que um trecho é traduzido (inglês) e outro não (francês).

Um fato interessante sobre essa obra é que ela não apresenta uma lista de referências bibliográficas. O que temos é um índice onomástico (*Index des noms cités*) que na tradução brasileira está igualmente presente. Larbaud cita diversos nomes e títulos, mas apenas pouquíssimos deles vêm com uma referência bibliográfica em nota de rodapé. A grande maioria dos títulos citados são apenas citados no corpo do texto sem que haja referência completa nem em nota de rodapé nem numa lista final de referências bibliográficas.

Obras citadas: clássicas como *Iliada* de Homero, *Eneida* de Virgílio, *Divina Comédia* de Dante, *A cartuxa de Parma* de Stendhal que aparecem em português diretamente. Há também outras várias que aparecem com seu título em língua estrangeira seguido por uma tradução do título em português entre parênteses como em “L’annonce du *Précis d’histoire littéraire de l’Europe depuis la Renaissance*, par Paul Van Tieghem, m’avait donné une vive curiosité(...)” (LARBAUD, 1997, p. 136) traduzido como “O anúncio do *Précis d’histoire littéraire de l’Europe depuis la Renaissance (Compêndio de história literária da Europa desde o Renascimento)*, por Paul Van Tieghem, despertara em mim uma viva curiosidade (...)” (LARBAUD traduzido por Melo, 2001, p. 134)

Larbaud cita muitas outras obras, como, por exemplo, obras de referência

On peut donc espérer voir paraître, au cours du XXe siècle, un grand dictionnaire anglais-français e français-anglais vraiment digne de l’importance des deux domaines linguistiques et littéraires intéressés ; et nous en voyons déjà la préparation dans des ouvrages lexicographiques de valeur, tels que *Les faux amis, ou les trahisons du vocabulaire anglais* de Derocquigny et Koessler, *Les Ponts romains: du latin à l’anglais* de Crouzet et Fournier, *Le vrai ami du Traducteur anglais-français* de Félix Boillot, les dictionnaires spéciaux comme celui de Jules Douady pour les termes de marine, les *Autres mots anglais perfides* de Derocquigny etc. (LARBAUD, 1997, p. 83, 84)

Pode-se esperar que apareça durante o século XX um grande Dicionário inglês-francês e francês-inglês realmente digno da importância dos dois Domínios lingüísticos e literários interessados; e já vemos sua preparação em

obras lexicográficas de valor, tais como *Les faux amis, ou les trahisons du vocabulaire anglais (Falsos amigos, ou as traições do vocabulário inglês)*, de Derocquigny e Koessler, as *Ponts romains: du latin à l'anglais (Pontes romanos: do latim ao inglês)* de Crouzet e Fournier, *Le vrai ami du Traducteur anglais-français (O verdadeiro amigo do Tradutor de inglês para francês e de francês para inglês)* de Félix Boillot, os dicionários especiais como o de Jules Douady para os termos de marinha, os *Autres mots anglais perfides (Outros termos ingleses pérfidos)*, de Derocquigny etc. (LARBAUD traduzido por Melo, 2001, p. 84, 85)

A obra de Larbaud data de 1946 (e consiste numa coletânea de textos escritos em datas diversas), então as referências a textos que falem sobre a tradução são a textos como “*De optimo genere interpretandi*” de São Jerônimo, ou A. Fraser Tytler “*Essay on the Principles of Translation*” de 1791. Ele cita também os franceses (citados por sua vez por Gustave Lanson em *Manuel Bibliographique*): Étienne Dolet e Joachim du Bellay (século XVI); Baschet de Méziriac, Huet, *le Sieur de L’Estang*, o abbé de Marolles (século XVII), o abbé Gedoyer, É. de Silhouette, d’Alembert (século XVIII); Ferry de Saint-Constant com *Rudiments de la traduction* (século XIX, que Lanson não cita, mas Larbaud inclui na lista de teóricos. Larbaud não dá as referências completas das obras de vários desses teóricos e assim procede a tradutora, mantendo o estabelecido pelo autor.

Hoje, pensando numa possível futura reedição da obra de Larbaud, poderiam ser incluídas as referências às traduções que foram feitas de alguns desses textos no Brasil (posteriores à publicação de *Sob a invocação de São Jerônimo*, 2001), como, por exemplo, na obra *Antologia bilíngue - Clássicos da teoria da tradução - Volume II francês-português* publicada em 2004 (UFSC) em que há a tradução dos textos “*La manière de bien traduire d'une langue en autre*”, em português “A maneira de bem traduzir de uma língua para outra” de Etienne Dolet e “*Défense et illustration de la langue Française*” (alguns capítulos) em português “Defesa e ilustração da língua francesa” de Joachim Du Bellay.

### 3.1.2 *Torres de Babel* (2002) de Jacques Derrida

*Des Tours de Babel* na verdade não é uma obra, mas sim um ensaio de Jacques Derrida (1930 – 2004) que foi publicado pela primeira vez no mesmo ano de 1985 em duas obras: no livro *Différence in translation* (numa edição bilíngue inglês<sup>73</sup> e francês) pela editora Cornell University Press e no livro *L’art des confins: mélanges offerts à Maurice de Gandillac* (artigos

<sup>73</sup> Versão em inglês traduzida pelo professor pesquisador de literatura e língua francesa Joseph F. Graham.

reunidos) pela editora Presses Universitaires de France (PUF). Dois anos depois o ensaio foi publicado no livro de artigos reunidos de Derrida intitulado *Psyché: inventions de l'autre* (1987) pela editora Galilée<sup>74</sup>. Anos depois a editora publicou novamente este livro em dois tomos (tomo I em 1998 e tomo II em 2003). A obra *Psyché* foi publicada na coleção Philosophie en effet. Inclusive, foi Derrida quem inaugurou essa coleção com a publicação de *Glas* em 1974. *Psyché* foi publicado em 1987 e foi essa de 1987 a edição tomada como original para a tradução brasileira do texto de Jacques Derrida feita pela professora Junia Barreto intitulada *Torres de Babel* e publicada em 2002 pela Editora UFMG<sup>75</sup>.

Imagem 6 - *Psyché: inventions de l'autre*  
(onde foi publicado o ensaio “Des Tours de Babel”)



Fonte: site editora Galilée

Imagem 7 - *Torres de Babel*  
(tradução brasileira do ensaio)



Fonte: site Editora UFMG

Junia Barreto é professora adjunta do Departamento de Teoria Literária e Literaturas na Universidade de Brasília e estudiosa da obra de Victor Hugo, se dedica aos temas de literatura francesa, literatura comparada e tradução literária. Realizou sua graduação e mestrado em Lettres Modernes na universidade Paris III (Sorbonne-Nouvelle). Seu doutorado foi realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (em Estudos Literários) e na Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) em *Littérature et Civilisation Françaises*. Realizou dois pós-doutorados na França. Tem em seu currículo algumas traduções, tanto de textos de cunho teórico, quanto textos literários (a exemplo de uma tradução coletiva de “*La cantatrice chauve*”, em português “A cantora careca”, publicada em 2017<sup>76</sup>).

<sup>74</sup> Capa disponível em: [http://www.editions-galilee.fr/f/index.php?sp=liv&livre\\_id=3201](http://www.editions-galilee.fr/f/index.php?sp=liv&livre_id=3201)  
Informações sobre as publicações do ensaio em Barreto (2012, p. 211).

<sup>75</sup> Capa disponível em: <http://www.editoraufmg.com.br/pages/obra/461/torres-de-babel>

<sup>76</sup> Dados extraídos do currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201086818367731>



A tradutora escreveu uma “Nota da Tradutora” que introduz *Torres de Babel* na qual ela comenta algumas perspectivas a respeito da tradução bem como algumas decisões tradutórias. Além da Nota que introduz o livro, a tradutora publicou um capítulo de livro alguns anos depois no qual ela detalha algumas questões específicas a respeito do processo de tradução. O capítulo é intitulado “A experiência da linguagem e as dificuldades de sua tradução em ‘Torres de Babel’, de Jacques Derrida” e foi publicado no âmbito do livro *Derrida, Escritura & diferença: no limite do ético-estético* (2012). Nesse capítulo, Barreto relata como foi originado o projeto de se fazer a tradução do texto derridiano:

A tradução que fiz de *Des tours de Babel*, texto no qual Derrida “aborda e expõe os limites intransponíveis da tradução” (Derrida, 2002, p. 7), surgiu de uma proposta do prof. Reinaldo Martiniano Marques para que eu traduzisse o texto para os colegas do curso de doutorado em Literatura Comparada na UFMG. (BARRETO, 2012, p. 211)

A tradução do texto de Derrida foi uma iniciativa de dentro do contexto acadêmico da Universidade Federal de Minas Gerais e “diante da árdua tarefa de tradução do ensaio de Derrida, o prof. Wander Melo Miranda encampou o projeto de publicá-la pela editora da universidade” (BARRETO, 2012, p. 211). A Editora UFMG tem uma política editorial “fundada em uma perspectiva contemporânea e multidisciplinar, comprometida com a divulgação do conhecimento científico e cultural” e seu catálogo “espelha o crescimento dos Programas de Pós-Graduação e da pesquisa na UFMG.” (site da Editora UFMG<sup>77</sup>). A editora afirma ainda que sua proposta “é fomentar o trânsito acadêmico entre a produção interna, a produção nacional e a produção internacional, com a publicação de autores de ponta do pensamento contemporâneo, muitos deles traduzidos pela primeira vez no país” (site Editora UFMG). Cito ainda que o livro *Torres de Babel* está catalogado na área “Estudos Literários e Estudos Culturais” e no âmbito da Coleção Babel, foi publicado pela primeira vez em 2002 e reimpresso em 2006.

A Nota da Tradutora é iniciada com o seguinte parágrafo:

Traduzir um texto que aborda e expõe os limites intransponíveis da tradução faz dessa tarefa um empreendimento bastante árduo, lembrando incessantemente ao tradutor sua incapacidade de reproduzir a verdadeira intenção do texto original. Seja na tentativa de transpor as particularidades da língua, seja no desejo de resgatar a estética do texto em outra língua ou, ainda, na esperança de não destruir as diversas possibilidades de descobrir a escritura que se esconde na produção escrita. Esperança e angústia diante do endividamento e da capacidade ou incapacidade de renovar o original, de

<sup>77</sup> Site da editora UFMG: <https://www.editoraufmg.com.br>

permitir-lhe uma sobrevida. (Nota da tradutora Junia Barreto in DERRIDA, 2006, p. 7)

Neste parágrafo é possível entender um pouco do que a tradutora entendia por tradução e como ela se relacionava com o fazer tradutório à época da publicação de *Torres de Babel*. Na sua nota, ela afirma ainda que a “intradutibilidade” do título teria sido a primeira dificuldade encontrada por ela no trabalho de tradução da obra de Derrida, fazendo referência aos múltiplos sentidos e elementos a que possa remeter o título “*Des tours de Babel*” em francês: “Torres, giros, voltas, truques, e até mesmo desvios se confundem na confusão de Babel” (Nota da tradutora Junia Barreto in DERRIDA, 2006, p. 7). Ela diz ainda a respeito do texto: “a qual intitulei – eu mesma fazendo um desvio – de Torres de Babel” (*idem*). Sobre a concepção de seu projeto de tradução, ela fala no capítulo de livro que:

Inicialmente, houve o empenho de não neutralizar ou desnaturar a carga poética do texto, no intuito de preservar a maneira de se rebelar e de descosturar da escrita derridiana, que cultiva o fundo intraduzível do texto. Tentei igualmente resguardar a forma da narrativa, considerando não apenas a assertiva benjaminiana que diz que “a obra é forma”, mas também lembrando que a forma de um livro, muitas vezes, importa de forma decisiva (o que é o caso de Derrida) e adere ao texto da mesma forma que a função poética. (BARRETO, 2012, p. 215)

Um exemplo disso é a palavra “entr’expressão”, tradução de *entr’expression* (mantendo a elisão das palavras). Outros casos são expressões ou palavras que a tradutora comenta não terem “transposições simples” para o português

como baccalauréat – título concedido ao exame feito ao término do ensino médio na França, ou *pas de sens*, cuja tradução para o português, “sem sentido”, reduziria a ambiguidade suscitada em francês pelo vocábulo *pas*, substantivo significando “passo”, e também adjetivo de negação. Mantive ainda a expressão *langue de bois*, pois a expressão não tem correspondente similar na língua portuguesa do Brasil, o que solicita uma nota de tradução para contextualizar seu uso dentro do texto. (BARRETO, 2012, p. 216)

Sobre as citações, a tradutora afirma em sua Nota que se trata de “um texto rico em interseções, que abriga outros textos e textos por sua vez já traduzidos” (Nota da tradutora Junia Barreto in DERRIDA, 2006, p. 8).

A escrita de Derrida recorre a diversas línguas, o que procurei também não sacrificar e manter na tradução brasileira, guardando termos e expressões do alemão, do latim, do hebraico, do inglês, do grego e do próprio francês, este último apenas quando estritamente necessário. (BARRETO, 2012, p. 215-216)

Lembrando que nesse texto Derrida revela sua leitura de Benjamin. E um exemplo do uso de palavras estrangeiras ao francês (no caso, o alemão) pode ser visto no trecho:

Alors se pose la question: le sol de la traduction n'en vient-il pas à se retirer dès l'instant où la restitution du sens (*Wiedergabe des Sinnes*) cesse de donner la mesure? C'est le concept courant de la traduction qui devient problématique: il impliquait ce procès de restitution, la tâche (*Aufgabe*) revenait à rendre (*wiedergeben*) ce qui était d'abord *donné*, et ce qui était donné, c'était, pensait-on, le sens. (DERRIDA, 1987, p. 213)

Coloca-se então a questão: o terreno da tradução não vai faltar desde o instante em que a restituição do sentido (*Wiedergabe des Sinnes*) cessa de dar a medida? É o conceito usual da tradução que se torna problemático: ele implicava esse processo de restituição, a tarefa (*Aufgabe*) tornava a restituir (*wiedergeben*) o que era inicialmente dado, e o que era *dado*, era, pensava-se, o sentido. (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 30, 31)

Aproveito a citação anterior para exemplificar também o uso de itálicos como forma de enfatizar sua argumentação que é mais uma característica formal do texto de Derrida. Em outro trecho temos: “Dès son titre – et pour l'instant je m'y tiens – Benjamin situe le *problème*, au sens de ce qui précisément est *devant soi* comme une tâche (...)” (DERRIDA, 1987, p. 214) e a tradutora mantém os itálicos em sua tradução “Desde seu título – e por enquanto fico por aqui – Benjamin situa o *problema*, no sentido daquilo que está precisamente *diante de si* como uma tarefa (...)” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 32, 33).

Sobre a escrita de Derrida, Barreto diz ainda:

Tentei ainda reproduzir de alguma forma certos *efeitos de uso e associação de palavras* de Derrida, o que muitos críticos e tradutores chamam de “jogos de palavras”. [...] Assim, deparei muitas vezes com termos e fórmulas manipulados ou recriados por Derrida, e que me seduziram a pegar a mesma via para a tradução brasileira. (BARRETO, 2012, p. 216)

A tradutora lança mão do uso de expressões em francês (dentro do texto traduzido em português), como no exemplo: “Ce qui se passe dans un texte sacré, c'est l'événement d'un pas de sens.” (DERRIDA, p. 235) “O que se passa em um texto sagrado é o acontecimento de um pas de sens.” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 70). Ou ainda em “les autres usages du mot ‘traduction’ seraient en situation de traduction intralinguale et inadéquate, comme des métaphores, en somme, des tours ou tournures de la traduction au sens propre.” (DERRIDA, 1987, p. 210) traduzido em português como “os outros usos da palavra ‘tradução’ estariam em situação de tradução intralingual e inadequada, como metáforas, em suma, dos tornos ou torneamentos [tours ou tournures] da tradução no sentido próprio.” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 24).

No primeiro exemplo, ela introduz a expressão francesa “*pas de sens*” no decorrer da frase em português, já no segundo exemplo ela escreve as palavras em português “tornos ou torneamentos” e insere logo em seguida as palavras em francês “*tours ou tournures*” entre colchetes. De uma maneira ou de outra, vemos que foi um movimento expresso da tradutora em incluir no seu texto em português expressões de Derrida em francês. Mais uma expressão que a tradutora também comenta ter sido deixada em francês dentro de sua tradução ao português é a expressão “*langue de bois*” que aparece no texto no seguinte trecho:

Ce que dit Benjamin de ce rapport entre original et traduction, on le retrouve, traduit dans une langue de bois mais fidèlement reproduit en son sens, au seuil de tous les traités juridiques concernant le droit positif des traductions. (DERRIDA, p. 228)

O que diz Benjamin dessa relação entre o original e a tradução, encontramos-lo, traduzido numa *langue de bois*, mas fielmente reproduzido no seu sentido, no limiar de todos os tratados jurídicos concernentes ao direito positivo das traduções. (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 58)

Em “*langue de bois*” há remissão a uma nota de rodapé da tradutora curta em que há o seguinte texto: “*Langue de bois*: expressão pejorativa que significa a forma de se exprimir, abundante em fórmulas petrificadas e em estereótipos não-comprometedores. [N.T.]” (2006, p. 58). A tradutora colocou então a expressão em francês no seu texto traduzido usando a estratégia de complementarização da tradução com sua explicação da expressão “*langue de bois*” em nota de rodapé. No texto que publicou posteriormente à sua tradução, no qual a tradutora fala sobre suas escolhas de tradução, a tradutora explica (como vimos acima) que manteve “*langue de bois*” em francês pois a expressão não teria correspondência em português e na ocasião desse texto (capítulo de livro), ela adiciona uma longa nota de rodapé de 10 linhas, (muito mais extensa do que a nota que consta em sua tradução) explicando o significado da expressão e o contexto histórico de origem. Sobre a dificuldade e sua decisão de tradução, a tradutora afirma que:

Algumas expressões utilizadas por Derrida na construção da teoria não obedeceriam perfeitamente à sintaxe e à clareza na tradução em português (assim como algumas vezes são particulares até mesmo em francês); elementos que preferi sacrificar na tentativa de guardar o significado, mesmo que recoberto de outros significantes. (BARRETO, 2012, p. 216)

A decisão de deixar palavras e expressões em francês não foi muito bem aceita pela editora, o que a tradutora relata no trecho a seguir:

foram alguns os embates com a revisora da própria Editora da UFMG à época da publicação, que não se conformava que eu mantivesse estruturas como o

“querer dizer” para traduzir *vouloir dire*, expressão que o Derrida tradutor criou em francês para o termo alemão *Bedeutung* (significação, sentido), utilizado por Husserl, ou “se fazer um nome” para *se faire un nom*, entre outros. (BARRETO, 2012, p. 217)

Outra estratégia de Derrida em sua escrita é o uso de hífen: “Ce nom commun veut-dire, et non seulement la confusion, encore que ‘confusion’ ait au moins deux sens (...)” (DERRIDA, p. 204) traduzido como “Esse nome comum quer-dizer, não somente a confusão, mesmo que ‘confusão’ tenha ao menos dois sentidos (...)” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 13).

Sobre as notas de rodapé, elas totalizam 21 notas nas curtas 74 páginas do livro *Torres de Babel*. Apenas duas são do autor. As outras dezenove são da tradutora. Sobre as notas de rodapé, a tradutora explica que:

Quando discutimos sobre a tradução de *Des Tours de Babel*, acertei com Derrida que não haveria notas que destrinchassem o texto ou problematizassem em torno de quaisquer pontos. As notas deveriam ser e foram unicamente notas de tradução (onze) e/ou notas informativas (oito), quanto a pessoas, datas, medidas e referências. Tais notas deveriam funcionar, e tal foi o propósito, como ferramentas de auxílio para se lançar na escritura do texto. (BARRETO, 2012, p. 217)

Das notas informativas, um exemplo é a nota que explica o que é um “pé judaico”: “O pé judaico é uma antiga unidade de medida que equivale a 1,036 pés ingleses, ou a 31,58 cm. Dessa maneira, a Torre de Babel mediria incríveis 25.580 m. [N.T.]” (Nota 1 em DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 13). Outro exemplo de nota explicativa é “Boehme ou Böhme, Jakob (1575-1624). Místico alemão de confissão luterana, chamado de “philosophus teutonicus”. [N.T.]” (Nota 2 em DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 14). Uma nota informativa muito interessante é a nota que explica quem foi Maurice de Gandillac enaltecendo as contribuições dele à academia (lembrando que ele foi o tradutor de “A tarefa do tradutor” de Benjamin para o francês).

Das notas de rodapé da tradutora que explicam decisões de tradução – o que a tradutora chama de “nota de tradução” opondo-as às notas informativas – um exemplo surge a partir da frase que consta na tradução que Barreto faz da tradução que Chouraqui faz da Bíblia. A nota de rodapé traz o seguinte texto: “A tradução literal seria “tijolemos os tijolos” / briquetons des briques, forma não aceita no português. [N.T.]” (Nota 3 em DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 16). Como podemos ver na imagem:

Imagem 8 - Página 205 *Des tours de Babel*

traduction de la traduction, Mais laissons et substituons une seconde traduction à la première. C'est celle de Chouraqui. Elle est récente et se veut plus littérale, presque *verbum pro verbo* comme Cicéron disait qu'il ne fallait surtout pas faire, dans un de ces premiers conseils au traducteur qu'on peut lire dans son *Libellus de optimo genero oratorum*. Voici :

Voici les fils de Shem / pour leurs clans, pour leurs langues,  
/ dans leurs têtes, pour leurs peuples / Voici les clans des fils de  
Noah pour leur geste, dans leurs peuples : / de ceux-là se scindent  
les peuples sur terre, après le déluge. / Et c'est toute la terre une  
seule langue, d'unique paroles / Et c'est à leur départ d'Orient. ils  
trouvent un cañon, / en terre de Shine'ar. / Ils s'y établissent / Ils  
disent, chacun à son semblable : / « Allons, briquetons des briques,  
/ Flammons-les à la flamme. » / La brique devient pour eux pierre,  
le bitume, mortier. / Ils disent : / « Allons, bâtissons-nous une ville  
et une tour. / Sa tête aux cieux. / Faisons-nous un nom, / que  
nous ne soyons dispersés sur la face de toute la terre.

Que leur arrive-t-il? Autrement dit, de quoi Dieu les punit-il  
en donnant son nom, ou plutôt, car il ne le donne à rien ni à  
personne, en clamant son nom, le nom propre de « confusion » qui  
sera sa marque et son sceau? Les punit-il d'avoir voulu construire à

Fonte: DERRIDA, 1987

Imagem 9 - Página 16 *Torres de Babel*

pedra e o betume servindo de argamassa. Isso já se assemelha a uma tradução, a uma tradução da tradução. Mas deixemos e substituamos uma segunda tradução à primeira. É aquela de Chouraqui. Ela é recente e se pretende mais literal, quase *verbum pro verbo* como Cícero dizia que não se devia sobretudo fazer, em um de seus primeiros conselhos ao tradutor que se pode ler no seu *Libellus de optimo genero oratorum*. Ei-la:

Eis os filhos de Shem / por seus clãs, por suas línguas,  
/ nas suas terras, por seus povos. / Eis os clãs dos  
filhos de Noah por seu gesto, nos seus povos: / deles  
se cindem os povos sobre a terra, depois do dilúvio. / E  
é toda a terra: um só lábio, de únicas palavras. / E é na  
sua partida do Oriente: eles encontram um canyon, / na  
terra de Shine'ar. / Eles aí se estabelecem. / Eles dizem,  
cada um a seu semelhante: / "Vamos, construamos os  
tijolos,<sup>3</sup> / chamusquemo-los na chama." / O tijolo torna-se  
para eles pedra, o betume, argamassa. / Eles dizem: /  
"Vamos, edifiquemo-nos uma cidade e uma torre. / Sua  
cabeça: aos céus. / Façamo-nos um nome, / que nós  
não sejamos dispersados sobre a face de toda a terra.

O que lhes sucede? Dito de outra maneira, do que  
Deus os pune dando seu nome, visto que ele não o dá a nada  
nem a ninguém, clamando seu nome, o nome próprio de

<sup>3</sup> A tradução literal seria "tijolemos os tijolos" / *briquetons des briques*, forma não aceita no português. [N.T.]

Fonte: DERRIDA traduzido por Barreto, 2006

Esse trecho exemplifica também as citações que Derrida inclui em seu texto e que Barreto traduz para o português. No caso do trecho que podemos ver na imagem, trata-se de uma tradução em francês da Bíblia (feita por Chouraqui) e que Derrida vai comentar. Não há inclusão desse trecho em francês na tradução brasileira. Derrida anuncia na página anterior a esse trecho que vai citar "duas traduções francesas" e em seguida, o que o leitor brasileiro vê são citações em português. É curioso ver como são díspares a decisão da tradutora de deixar várias palavras em francês na sua tradução (palavras que ela acredita serem intraduzíveis para o português) e a decisão de traduzir as citações de tradução para o português sem deixá-las disponíveis em francês.

O texto original não traz lista de referência bibliográfica e tampouco o texto traduzido. O que foi criado para a edição *Torres de Babel* foi uma lista de "Títulos de Jacques Derrida Publicados no Brasil" em que constam diversos títulos de Derrida traduzidos no Brasil. Dentre os títulos referenciados estão *A escritura e a diferença* (traduzido por Maria Beatriz M. Nizza, Editora Perspectiva, 1995), *Gramatologia* (traduzido por Miriam Schnaiderman e Renato

Janine Ribeiro, Editora Perspectiva, 1973), *Margens da filosofia* (traduzido por Joaquim Torres Costa e Antônio Magalhães, Editora Papyrus, 1991) entre outras obras.

A tradutora comenta que:

Entre o possível e o impossível fez-se, então, Torres de Babel, texto contaminado de assinaturas, que numa manhã fria de domingo em Paris, no final do ano de 2002, foi razão de um telefonema de Jacques Derrida para me dizer que tinha recebido o livro e do seu contentamento com a tradução brasileira. Por fim, agradeceu minha generosidade por tê-lo tornado possível no português do Brasil, pelo meu empenho e trabalho em dar um novo nascimento ao texto. (BARRETO, 2012, p. 216)

### 3.1.3 *Poética do traduzir* (2010) de Henri Meschonnic

O livro de Henri Meschonnic (1932 – 2009) *Poétique du traduire* (1999) foi publicado pela primeira vez em 1999 e relançado numa edição de bolso pela editora Verdier<sup>78</sup>. Sua tradução foi realizada por Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich e publicada com o título *Poética do Traduzir* pela Editora Perspectiva<sup>79</sup> em 2010.

No ano de 2019, a editora francesa Verdier<sup>80</sup> está comemorando 40 anos de fundação, editora que se dedica às áreas de Literatura, Ciências Humanas, Filosofia, Arte e Arquitetura e Espiritualidades. Vale comentar que um dos últimos volumes publicados pela editora foi *Histoire des traductions en langue française, XX<sup>e</sup> siècle*, em maio de 2019, volume (de 1.920 páginas) organizado por Bernard Banoun, Isabelle Poulin e Yves Chevrel. Essa publicação consiste no quarto e último tomo do projeto *Histoire des traductions en langue française* coordenado por Yves Chevrel et Jean-Yves Masson que retrçou – com a colaboração de muitos especialistas – a História da tradução em língua francesa do século XV ao século XX. O livro de Meschonnic *Poétique du traduire* foi publicado pela editora Verdier primeiramente em 1999 e novamente em 2012 na coleção Verdier/poche, um volume “de bolso” apesar de seu grande volume de 608 páginas.

<sup>78</sup> Capa disponível em: <http://editions-verdier.fr/livre/poetique-du-traduire/>

<sup>79</sup> Capa disponível em:

<http://www.editoraperspectiva.com.br/index.php?apg=detalhe&idc=915&uid=06132017150117003204249186>

<sup>80</sup> <https://editions-verdier.fr/>





aprofundadas, visões abrangentes e subsídios enriquecedores que definem a modernidade no cultivo do homem de hoje, no Brasil de hoje. (site<sup>81</sup>)

A tradutora de *Poética do traduzir*, Jerusa de Carvalho Pires Ferreira, tem graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em seguida Mestrado em História também na UFBA e Doutorado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado na universidade Erlangen Nürnberg na Alemanha sobre o Fausto. Hoje é Professora livre-docente pela USP e coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), centro fundado por ela em 1993, e uma das coordenadoras do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE) da ECA/USP. Traduziu não somente Henri Meschonnic, mas também vários títulos de Paul Zumthor além de outros autores. Vinculada às universidades USP e PUC-SP, Jerusa Pires Ferreira “atua na área de Comunicação e Estudos da Cultura, tratando principalmente dos seguintes temas: cultura, oralidade, memória e das relações entre literatura, comunicação e artes.” (informações do currículo Lattes<sup>82</sup>). A professora Jerusa Pires Ferreira assina essa tradução com Sueli Fenerich, de quem não temos informações.

Na orelha do livro o professor e pesquisador brasileiro Álvaro Faleiros afirma que “é necessário brindar a chegada da *Poética do Traduzir* ao português” (orelha). A *tradução de Poétique du traduire* configura a primeira publicação de Meschonnic no Brasil, como comenta Faleiros, o que inaugura uma porta de entrada à vasta obra do autor que tem uma lista bastante extensa de publicações em língua francesa. Faleiros comenta também o fato de o livro ter sido traduzido por Jerusa Pires Ferreira, ressaltando que ela é uma estudiosa “entre outros assuntos, das questões da oralidade, também tão caras a Meschonnic” (orelha). Faleiros afirma ainda que “mais do que uma tradução, Jerusa estabelece um diálogo, que de fato ocorreu”, avaliando positivamente o trabalho tradutório louvável e ressaltando o fato de que as tradutoras se comunicaram com o autor durante o processo de tradução e assim puderam trocar opiniões e sugestões em relação à tradução à época em andamento (Marini, 2018).

Jerusa Pires Ferreira escreveu um prefácio para sua tradução brasileira de Meschonnic no qual ela fala da atividade de tradução, do conteúdo da obra, outros temas e reflexões frequentes ao pensamento do autor além de uma breve bibliografia de Henri Meschonnic. Sobre essa característica do prefácio redigido pela tradutora de Meschonnic, vale evocar Genette<sup>83</sup>

<sup>81</sup> <https://loja.editoraperspectiva.com.br/>

<sup>82</sup> <http://lattes.cnpq.br/2058347517961211>

<sup>83</sup> O livro intitulado *Seuils* (1987) de Gérard Genette foi traduzido pelo professor Álvaro Faleiros em 2009 com o título *Paratextos Editoriais*.

quando ele afirma que o prefácio pode ser escrito pelo tradutor da obra e, neste caso, “o tradutor-prefaciador pode eventualmente comentar (entre outras coisas) sua própria tradução” (2010, p. 233). É o que acontece no livro de Meschonnic traduzido por Jerusa Pires Ferreira. Neste prefácio a tradutora descreve seu sentimento em relação ao seu trabalho de tradução como “um misto de humildade e orgulho” ao apresentar a tradução do livro de Meschonnic, pois realizar a tradução foi um desafio, como ela mesma diz (p. XI). Jerusa Pires Ferreira fala nesse mesmo texto que precisou buscar o “tom” da obra em português já que se trata de um autor cuja escrita tem características bem singulares.

Ainda no prefácio, Jerusa Pires Ferreira fala explicitamente a respeito do fato de alguns capítulos que constam no original terem sido retirados na tradução brasileira sob o argumento de que assim se daria “uma relação mais direta com o público brasileiro” (p. XII). Essa decisão foi tomada juntamente com o editor brasileiro e igualmente aprovada pelo próprio Meschonnic. O livro de Meschonnic começa com uma longa introdução e depois é dividido em uma primeira parte “A prática: é a teoria” (*La pratique, c’est la théorie*) composta por treze capítulos, e segunda parte “A teoria: é a prática” (*La théorie, c’est la pratique*) onde há outros treze capítulos. Foram cortados sete capítulos da primeira parte e mais três da segunda parte. Portanto, do total de 26 capítulos do original, foram traduzidos 16. Não há uma justificativa mais aprofundada para o corte.

Em *Poética do traduzir* constam 351 notas de rodapé escritas pelo autor, seis notas da editora (N. da E.) e mais cinco notas da tradutora (N. da T.). Tanto as notas da editora quanto as notas da tradutora estão sinalizadas por asteriscos assim podendo ser identificadas separadamente das notas do autor que, por sua vez, são numeradas (a diferença de marcação das notas revela uma sistematização que permite uma rápida identificação por parte do leitor a respeito de quem redigiu cada nota). Além do prefácio, ela comenta<sup>84</sup> sobre sua tradução:

O desafio de traduzir *Poética do Traduzir* (Meschonnic, 2010) comporta mais que palavras e devo admitir que me encontrei diante de uma espécie de prova a que me submeti, de que sai exausta mas recompensada. O livro foi publicado numa bela e cuidadosa edição pela Editora Perspectiva. (PIRES, 2011, p. 67)

---

<sup>84</sup> Além do prefácio e do capítulo de livro, Jerusa Pires escreveu um ano antes de ser publicada a sua tradução para o jornal Folha de São Paulo no mês de falecimento de Meschonnic, abril de 2009. Neste pequeno texto ela apresenta o autor e comenta alguns de seus posicionamentos teóricos e anuncia discretamente a publicação da tradução. Referência completa do artigo:

FERREIRA, Jerusa Pires. “Meschonnic defendia entendimento da Poesia”. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 6 - 6, 25 abr. 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2504200914.htm>

O desafio de traduzir Meschonnic tem muitas motivações: o tamanho da obra (o volume de páginas a serem traduzidas), a complexidade das reflexões tecidas por Meschonnic e a maneira como ele o faz numa escrita singular. Além disso, poderíamos acrescentar aos motivos que fazem da tradução realizada por Jerusa Pires Ferreira ter sido desafiadora, sua relação com a língua francesa:

Não sou falante nativa, nem fui professora de francês, ao contrário, autodidata, contando com algumas experiências, inclusive a de ter tido bons mestres na Universidade Federal da Bahia, de ter vivido em Paris por alguns poucos meses quando jovem, e de ter retornado à França e ao Canadá, em várias ocasiões” (FERREIRA, 2011, p. 68-69)

Ela comenta ainda que o inglês era mais o “território” dela, ainda o espanhol e o alemão que foram “ganhando espaço” e, portanto, traduzir do francês representa para ela um desafio grande. Voltando às características da escrita de Meschonnic, ela o descreve como “extenso mas contido, polêmico, estrito e agônico”. Sobre seu texto ela ressalta a “especificidade da pontuação, a intromissão do eu nos assuntos teóricos, a primeira pessoa explicando procedimentos, de forma direta, a inclusão de comentários entre parêntese” e ainda “a passagem e o abandono dos estruturalismos, a aceitação de pensadores (...) e a busca por renovação de atitudes” (FERREIRA, 2011, p. 67).

Algumas das escolhas que a tradutora fez foi a tradução de “*langue de bois*” por “língua de pau”, “*feu de joie*” por “fogo de alegria”, “*des sourciers*” (p. 69) por “buscadores de fonte” (p. LXIII). Retomando o que vimos anteriormente com a tradução de Derrida por Barreto, em que “*langue de bois*” foi mantido em francês na tradução brasileira (com uma nota de rodapé que explica sucintamente seu significado), vemos aqui uma abordagem diferente, em que a tradutora de Meschonnic decide traduzir para o português a expressão francesa (e não inclui explicações a respeito disso em nota de rodapé).

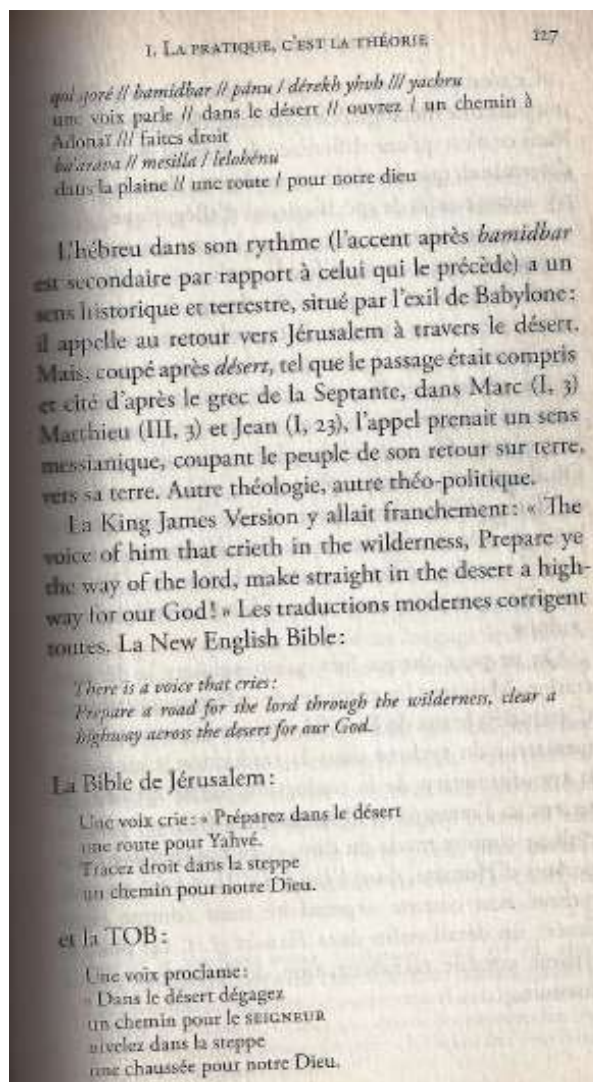
Em *Poética do traduzir* não foram incluídas as traduções brasileiras de obras citadas por Meschonnic ao longo do livro e que já tenham tradução no Brasil, como, por exemplo, *Les problèmes théoriques de la traduction* (1963) de Georges Mounin traduzido no Brasil como *Os problemas teóricos da tradução* (1975) citado no livro de Meschonnic e remetendo a uma nota de rodapé em que consta a referência do livro em francês. Outros exemplos são *Sob a invocação de São Jerônimo* que aparece no texto remetendo a uma nota de rodapé também com a referência bibliográfica francesa e a obra de Steiner que faz referência à sua tradução francesa (sendo que temos tradução brasileira: com o título *Depois de Babel*).

O livro *Poétique du traduire* não apresenta uma lista de referências bibliográficas ao final. As referências a cada obra citada são feitas em rodapé, sistemática mantida pela tradutora

em *Poética do traduzir*. Há, entretanto um índice onomástico ao final (que também é mantida na tradução). No livro traduzido consta também uma lista de “Copyrights” de obras literárias e traduções literárias citadas no texto por Meschonnic como, por exemplo “Italo Calvino, *Se uma noite d’inverno um viaggiatore*, Arnoldo Mondadori Editore.” e “Italo Calvino, *Si par une nuit d’hiver um voyageur*, éd. Du Seuil pour la traduction française, 1981.” (p. 278). Há também uma lista de obras de Henri Meschonnic, todas em francês.

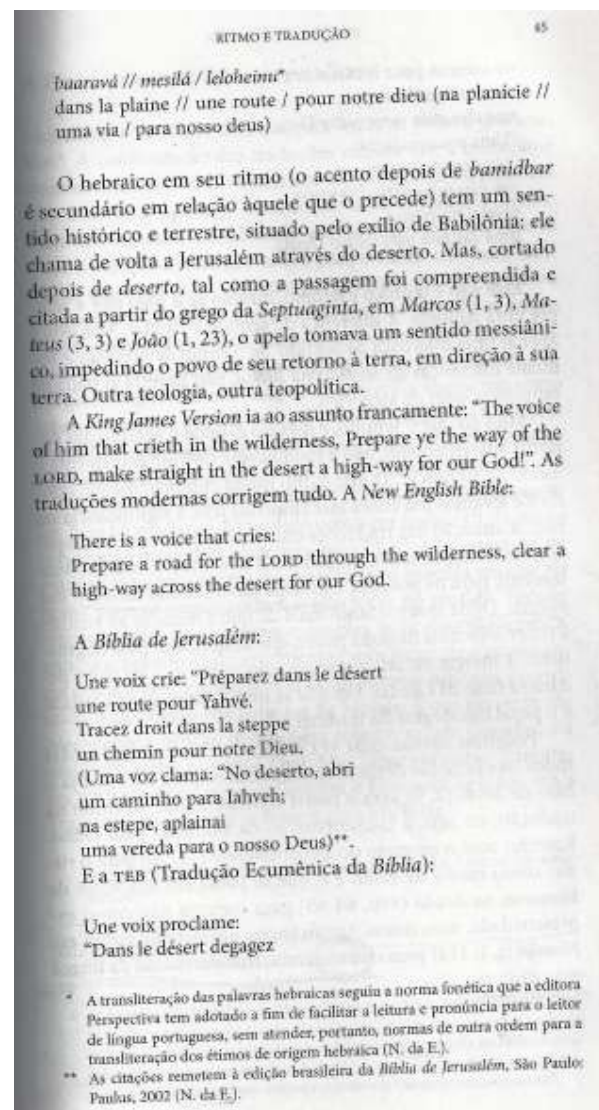
Sobre as citações de tradução, a tradutora tem diferentes abordagens. Quando se trata de tradução da Bíblia de Jerusalém, a tradutora inclui em seguida a tradução daquele trecho feita na Bíblia de Jerusalém brasileira, como podemos ver a seguir:

Imagem 13: página 127 *Poétique du traduire*



Fonte: MESCHONNIC, 1999

Imagem 14: página 45 *Poética do traduzir*

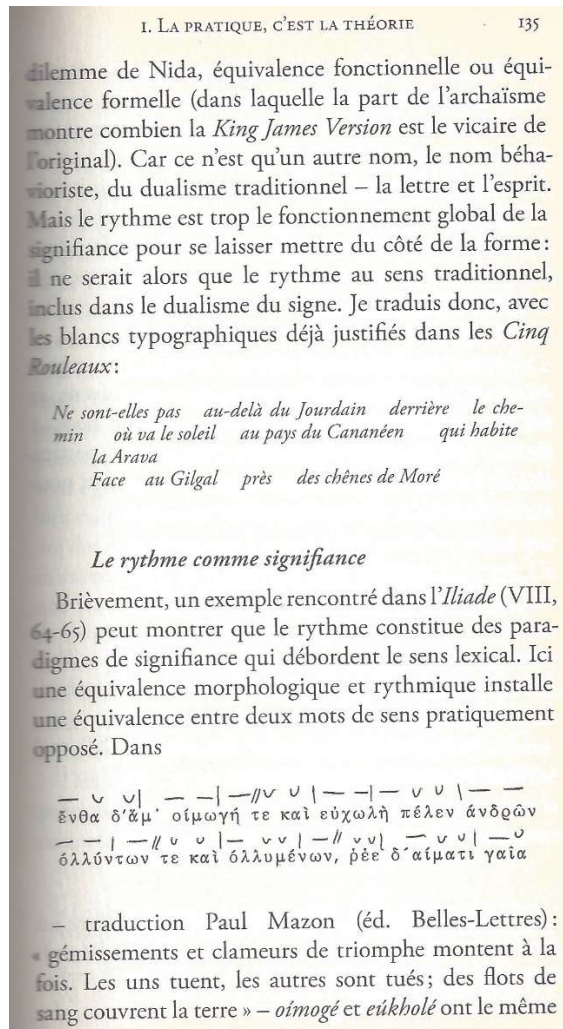


Fonte: MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, 2010

A nota de rodapé explicita a adaptação da transliteração do hebraico em alfabeto latino.

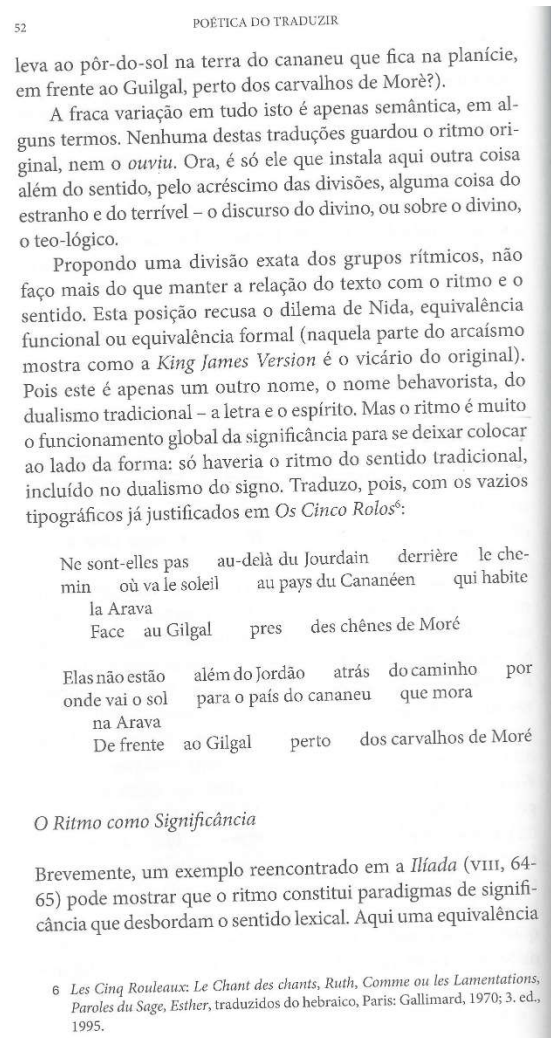
A segunda nota da página 45 é uma nota da tradutora que ela explica ter usado a Bíblia de Jerusalém brasileira. Já em outros momentos, a tradutora traduz ela mesma as citações apresentadas por Meschonnic como podemos ver a seguir em que ela inclusive reproduz a disposição formal das palavras.

Imagem 15 - Página 135 *Poétique du traduire*



Fonte: MESCHONNIC, 1999

Imagem 16 - Página 52 *Poética do traduzir*



Fonte: MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, 2010

Comento ainda a particularidade da pontuação de Meschonnic como no trecho a seguir em que podemos conferir a tendência da tradutora em reproduzir em português a pontuação de Meschonnic.

“On peut difficilement séparer les savoirs et les idéologies de la langue. Il faut pourtant le faire, si on veut traduire un texte comme un texte. Et savoir, aussi, ce qu’est une langue. La langue. Française. L’esthétique est plus politique qu’elle ne veut paraître.” (MESCHONNIC, p. 101)

“Difícilmente podemos separar os saberes e as ideologias da língua. No entanto, é preciso fazê-lo se queremos traduzir um texto como um texto. E saber, também o que é uma língua. A língua. Francesa. A estética é mais política do que quer parecer.” (MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, p. 23)

Outro livro de Meschonni traduzido no Brasil é *Modernidade, Modernidade* (em francês *Modernité, Modernité*) tradução de Lucius Provase, Editora da USP (Edusp) em 2017. Ainda sobre Henri Meschonnic, destaco que muitas outras de suas obras que são interessantes para estudiosos da tradução não têm tradução como a obra *Éthique et politique du traduire* (2007) ainda sem tradução para o português.

### 3.1.4. Tradução: *História, teoria e métodos* (2011) de Michaël Oustinoff

O livro *Tradução: História, teoria e métodos* (2011) é a tradução de *La traduction* (primeira edição em 2003) da coleção *Que sais-je* da editora PUF<sup>85</sup> de autoria do professor Michaël Oustinoff<sup>86</sup> e foi traduzido por Marcos Marcionilo em 2003 publicado pela Parábola Editorial. Neste livro, Oustinoff faz uma apresentação geral sobre a grande área dos Estudos da Tradução tentando abarcar ao mesmo tempo uma visão cronológica, temática e teórica como relata Mobarhan que complementa: “mas é o trabalho de um grande erudito, que sustenta cada ideia, cada teoria, numa referência precisa a autores, a filósofos ou a pensadores” (2011, p. 7 – tradução minha)<sup>87</sup>.

A coleção “*Que sais-je*” foi criada em 1941 pela editora PUF (*Presses universitaires de France*) por Paul Angoulvent com a proposta de ser um tipo de livro novo que ainda não existisse, em formato pequeno para ocupar pouco espaço e que pudesse ser lido rapidamente. Essa coleção “que tem resposta para tudo”<sup>88</sup> é, segundo Feller (1975), a primeira coleção de livros de bolso lançada no mercado (antes mesmo desse termo existir), livros curtos, de baixo custo<sup>89</sup>, mas que contêm o essencial sobre o tema a que se propõe. Para cada novo volume, um tema diferente é proposto e um autor especialista é convidado para apresentar aos leitores uma

<sup>85</sup> Capa disponível em: [https://www.puf.com/content/La\\_traduction](https://www.puf.com/content/La_traduction)

<sup>86</sup> Nasceu em Paris, em 1956, mas passou a infância em Lisboa, sua língua materna é o português. Voltou para a França para realizar os estudos universitários e hoje é professor na Université Nice Sophia Antipolis.

<sup>87</sup> Trecho original: “mais c’est là le travail d’un grand érudit, qui étaye chaque idée, chaque théorie, d’une référence précise à des auteurs, à des philosophes ou à des penseurs” (MOBARHAN, 2011, p. 7)

<sup>88</sup> Jean Feller intitula seu texto a respeito da coleção da seguinte forma: “*Que sais-je*”: *une collection qui a réponse à tout*.

<sup>89</sup> O preço tabelado atual de um exemplar novo é de 9 euros. Feller (1975) relata que no final de 1975 o preço era de 6,50 francos.

visão geral do tema de maneira acessível, já que a coleção tem como público alvo tanto estudantes quanto o público geral (público de não-especialistas).

Em 2016 o que era uma coleção, virou também uma editora, *Les Éditions Que sais-je?* (do grupo *Humensis*), que mantém a coleção de mesmo nome, além de duas outras *Les 100 mots...* e *La Bibliothèque* disponibilizando conteúdos não só em papel, como também digitalizados, além de documentos sonoros e *streaming* como descrito no site da editora<sup>90</sup>. As três coleções têm o mesmo propósito de divulgação e vulgarização do conhecimento dividido em dez “grandes disciplinas”: “direito-política, economia, história-geografia, artes, letras, filosofia, psicologia, religiões, ciências e sociedade”<sup>91</sup>. Ainda de acordo com informações do site da editora, a cada ano são publicados por volta de trinta novos volumes, mais de cem volumes recebem reedições e são realizadas traduções para 45 línguas, dentre elas o português do Brasil.

O título da coleção poderia ser traduzido como “Que sei eu?”, um título que espera a complementação: Que sei eu... sobre... História da Biologia; por exemplo, que é o volume número 1 da coleção “*Que sais-je?*”: *Histoire de la biologie*. Os números seguintes foram *De l’atome à l’étoile* [Do átomo à estrela] (nº 2) e “les Certitudes du hasard” [as Certezas do acaso] (nº 3). A coleção conta com títulos dos mais diversos<sup>92</sup> – sendo, inclusive, chamada de coleção enciclopédica –, dentre eles, o objeto de nosso estudo, o volume nº 3688 da coleção *Que sais-je?* intitulado (pura e simplesmente) *La Traduction* de autoria do professor Michaël Oustinoff publicado pela primeira vez em 2003 e cadastrado na área de “Literatura”. A última edição desse volume é bastante recente, tendo sido publicada em 2018, completando assim seis edições. Destaco que a edição usada na tese (para as análises) é a de número cinco, de 2015.

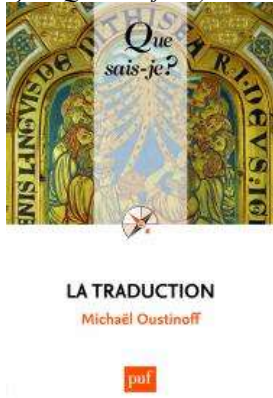
Michaël Oustinoff divide a obra em seis capítulos que em português receberam os seguintes títulos: “Diversidade das línguas, universalidade da tradução”, “História da tradução”, “Teorias da tradução”, “Operações da tradução”, “Tradução e interpretação” e “Os signos da tradução”.

<sup>90</sup> <https://www.quesaisje.com/>

<sup>91</sup> droit-politique, économie, histoire-géographie, art, lettres, philosophie, psychologie, religions, sciences et société

<sup>92</sup> A título de curiosidade e para ilustrar a diversidade temática, cito algumas das edições inéditas publicadas em 2019 (primeiras edições): *Le harcèlement sexuel* (autoria de Muriel Salmona), *Les paradis fiscaux* (Pierre-Alexis Blevin), *L’Archéologie* (Anne Lehoërff), *Léonard de Vinci* (Mathieu Deldicque), *Simone de Beauvoir* (Éric Touya de Marenne). Outras publicações de 2019 (reedições): *Géopolitique de la méditerranée* (Bouchra Rahmouni e Younes Slaoui, 2ª ed), *L’Homophobie* (Daniel Borrillo, 3ª ed), *Histoire du sport* (Thierry Terret, 6ª ed), *La psychogériatrie* (Jean-Claude Monfort, 6ª ed), *Le Paléolithique* (Boris Valentin, 2ª ed), *Le sacré* (Jean-Jacques Wunenburger, 8ª ed), *Histoire de l’enfer* (Georges Minois, 3ª ed), *Le communisme* (Alexandre Adler, 3ª ed), *Le véganisme* (Valéry Giroux e Renan Larue, 2ª ed) e *Le Réchauffement Climatique* (Robert Kandel, 5ª ed).

Imagem 17 - *La traduction* (coleção “*Que sais-je ?*”) 5ª ed 2015



Fonte: site editora PUF

Imagem 18 - *La traduction* (coleção “*Que sais-je ?*”) 6ª ed 2018



Fonte: site editora PUF

Imagem 19 - *Tradução. História, teorias e métodos* (tradução brasileira)



Fonte: site

No Brasil a tradução foi publicada pela editora Parábola, editora fundada em 2001 que tem “a ambição de publicar livros que façam a diferença na formação e na atividade profissional de professores e pesquisadores no campo de língua e linguagem” como apresentado no site da editora<sup>93</sup>. A Parábola Editorial é especializada nas áreas de Letras, Linguística e Educação e conta com uma lista de importantes autores e títulos em seu catálogo. O conselho editorial é composto por professores e pesquisadores de diversas universidades brasileiras e estrangeiras o que confirma a ligação da editora com o mundo acadêmico e com a divulgação de conhecimento científico. No comando da editora estão a diretora Andréia Custódio e o editor Marcos Marcionilo, que é também o tradutor da obra que estamos analisando aqui. Marcionilo tem formação em Filosofia pela PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tanto em nível de graduação quanto mestrado, ocasião na qual se dedicou à Filosofia Contemporânea, mais especificamente, à filosofia de Michel Foucault. Em abril de 2019 foi nomeado um dos quatro conselheiros da 61ª edição do Prêmio Jabuti<sup>94</sup> e desde sua fundação, em 2001, é sócio-proprietário e editor da Parábola Editorial. Além do francês, Marcos Marcionilo traduz também do espanhol, inglês e italiano.

No livro *Tradução: História, teoria e métodos* não há apresentação do tradutor ou comentários sobre o livro ser uma tradução em nenhuma parte da obra. Das 239 notas de rodapé que constam no livro, apenas uma é do tradutor (n. do tradutor) e comenta apenas a data de

<sup>93</sup> <https://www.parabolaeditorial.com.br/traducao--historia--teorias-e-metodos-67690676>

<sup>94</sup> [https://oglobo.globo.com/cultura/livros/camara-brasileira-do-livro-nomeia-curador-do-61-premio-jabuti-espera-mudancas-23588782?fbclid=IwAR1gccuEPSrBxVzCzLJYB964HE98sk1tyAIIBBg5Lh8JeTUnXbtr1R\\_2Rrw](https://oglobo.globo.com/cultura/livros/camara-brasileira-do-livro-nomeia-curador-do-61-premio-jabuti-espera-mudancas-23588782?fbclid=IwAR1gccuEPSrBxVzCzLJYB964HE98sk1tyAIIBBg5Lh8JeTUnXbtr1R_2Rrw)



pesquisa de um dado apresentado, e uma nota do editor (n. do Editor) em que ele comenta a seguinte decisão de tradução:

No original: “sourcistes” e “ciblistes” que decidi traduzir sistematicamente por “pró-fonte” e “pró-alvo”, com o “pró-” em dois sentidos: voltado para a língua-fonte ou para a língua-alvo ou partidário defensor da língua-fonte ou da língua-alvo. Agradeço a Marcos Bagno, a Sabine Gorovitz e a Alice Maria de Araújo Ferreira, do LET-UnB, pela conversa que levou a essa decisão/proposta terminológica [n. do Editor]. (p. 54)

Destaco que Marcos Marcionilo é tanto o tradutor quanto o editor, portanto está centrada na mesma pessoa a autoria de ambas as notas. No caso apresentado na citação acima, é imprescindível comentar a importância da atenção dada à tradução dos termos “*sourcistes*”<sup>95</sup> e “*ciblistes*”. O tradutor e editor que não é acadêmico da área dos Estudos da Tradução recorreu a professores desta área para sanar suas dúvidas quanto aos conceitos em jogo. Entretanto, esta é única ocorrência de comentário sobre tomada de decisão a respeito da tradução de terminologia específica ou qualquer outro desafio que a atividade de tradução possa ter apresentado apesar deste livro apresentar muitos autores e suas respectivas teorias ou abordagens a respeito da tradução e conseqüentemente apresenta muitos termos.

Na página 7 do original, o autor cita *La Bible de Jérusalem*, mais especificamente um trecho sobre a Torre de Babel. Na tradução, no lugar da citação que estava em francês no original, consta na tradução o trecho em português remetendo à seguinte nota de rodapé: “*La Bible de Jérusalem*. Paris: Editions du Cerf, 1998. Há edição brasileira: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.”. A primeira parte da nota, a referência à bíblia em francês está no original também. Já a referência da tradução brasileira foi um acréscimo do tradutor. Sempre positivo referenciar traduções brasileiras, porém, não fica claro se o trecho em português foi retirado da tradução brasileira ou foi uma tradução do trecho da bíblia de Jerusalém em francês (uma abordagem usada pelas tradutoras de Meschonnic, por exemplo). A partir desse trecho sobre o/a mito/lenda da Torre de Babel, Oustinoff encadeia uma reflexão sobre o fato de os próprios textos bíblicos serem textos lido em tradução na contemporaneidade, eles são “o maior empreendimento de tradução na história da humanidade: atualmente, a Bíblia está traduzida em 2.233 línguas.” (OUSTINOFF traduzido por Marcionilo, 2011, p. 12).

Além da diversidade de línguas para as quais foi traduzida, a bíblia conta também com numerosas versões, como destaca o autor. Na sequência Oustinoff fala da análise de Meschonnic das traduções da bíblia em francês (para além da bíblia de Jerusalém).

---

<sup>95</sup> Em Poétique du traduire, Pires e Fenerich traduzem um termo parecido, “*sourciers*”, por “buscadores de fonte”.



Vamos dar um exemplo concreto, o da citação de George Steiner escolhida como epígrafe para este capítulo: “Nimrud’s tower was built of words.” Ao dividi-la em “unidades de tradução”, chegamos a “Nimrud’s tower / was built of / words”. Se a compararmos a sua tradução brasileira, encontramos a mesma divisão: “A torre de Nimrod / era feita / de palavras”<sup>27</sup>. (OUSTINOFF traduzido por MARCIONILO, 2011, p. 27)

Nesse trecho, o que era a tradução francesa, é substituída pela tradução brasileira. Isso é particularmente problemático pelo fato de conter uma nota de rodapé que remete ao seguinte: “Tradução citada por Jacques Vicari, *La tour de Babel*. Paris: PUF, 2000, p. 5” (OUSTINOFF traduzido por MARCIONILO, 2011, p. 27). Faz parecer que uma suposta tradução em português foi citada na obra *La tour de Babel* além de, no texto, a construção da argumentação ser mudada, pois em vez de argumentar a respeito da tradução francesa, Oustinoff estaria argumentando a partir da tradução brasileira, o que não é o caso.

No final do livro, temos a seguinte ocorrência: “La comparaison du début du célèbre monologue de Hamlet avec sa ‘traduction’ par Voltaire puis avec celle de Jean-Michel Déprats le montre bien” (OUSTINOFF, 2015, p. 118 119) e em português “A comparação do início do célebre monólogo de Hamlet com sua ‘tradução’ por Voltaire, Jean-Michel Déprats e Mário Amora o mostra perfeitamente na página a seguir” (OUSTINOFF traduzido por Marcionilo, 2011, p. 127). Na sequência dessa frase, vem uma tabela que apresento a seguir:

Imagem 20 Página 128 de *Tradução: História, teoria e métodos*

128 TRADUÇÃO - HISTÓRIA, TEORIAS E MÉTODOS

To be, or not to be, that is the question. Wether 'tis nobler in the mind to suffer. The slings and arrows of outrageous fortune, Or to take arms against a sea of troubles, And by opposing end them. [...] Shakespeare, <i>Hamlet</i> , III, I, 1-5	Demeure, il faut choisir et passer à l'instant De la vie à la mort et de l'être au néant. Dieux justes, s'il en est, éclairez mon courage, Faut-il vieillir courbé sous la main qui m'outrage, Supporter ou finir mon malheur et mon sort. Voltaire (1733).	Être ou ne pas être, telle est la question. Est-il plus noble pour l'esprit de souffrir Les coups et les flèches d'une injurieuse fortune, Ou de prendre les armes contre une mer des troubles Et en les affrontant y mettre fin ? [...] <sup>35</sup> Trad. Jean-Michel Déprats, (1983)	Ser ou não ser, eis a questão. Acaso É mais nobre a cerviz curvar aos golpes Da ultrajosa fortuna, ou já lutando Extenso mar vencer de acerbos males? <sup>36</sup>
--	---	---	---

No século XVIII, depois de ter destronado o latim como língua internacional, a língua francesa ocupava uma posição comparável àquela que hoje é ocupada

<sup>35</sup> Mario Amora, *Hamlet — a difícil arte de decidir*. São Paulo: Novo Século, 2006.

<sup>36</sup> Ver Claude Hagège, *Le français, histoire d'un combat*. Paris: Éd. Michel Hagège, 1996, p. 90s.

Fonte: OUSTINOFF traduzido por Marcionilo, 2011

Na tabela em que o autor apresenta o original em inglês e as duas traduções de Hamlet para o francês, o tradutor brasileiro inclui também uma tradução brasileira na tabela (tradução de Mario Amora, 2006). A nota com a referência bibliográfica de Hamlet traduzido por Mario Amora não está sinalizada com “nota do tradutor” ou “nota do editor”. Num trecho em que o autor fala de línguas hegemônicas, a tabela com os exemplos de tradução traz também o português, língua não hegemônica no contexto que o autor estava descrevendo. Claro que é interessante que o texto de Hamlet seja disponibilizado ao leitor brasileiro, mas da forma como foi disposta e o texto (“A comparação do início do célebre monólogo de Hamlet com sua ‘tradução’ por Voltaire, Jean-Michel Déprats e Mário Amora o mostra perfeitamente na página a seguir”) podem confundir o leitor.

Esses exemplos, foram o que fizeram Branco (2011) ter a seguinte impressão ao ler a obra traduzida:

Ao ler o livro, tive a impressão de que, na realidade, essa foi a intenção do tradutor – passar a ideia ao leitor de que o texto foi escrito em português. Quase não há ‘marcas’ do tradutor, não havendo prefácio, agradecimentos, e as notas existentes são comentários bibliográficos, sem comentários diretos do tradutor. Senti falta de uma maior ‘presença’ do tradutor na tradução. (BRANCO, 2011, p. 216)

E nas últimas linhas de sua resenha, Branco (2011) reforça sua opinião a respeito da falta de comentários do tradutor:

O livro, de maneira geral, é uma leitura enriquecedora tanto para leitores iniciantes como para os especialistas da área. Senti apenas a falta de comentários sobre a tradução em si, como acontece em outras obras traduzidas como *Des tours de Babel*, de Jacques Derrida, livro traduzido que apresenta notas da tradutora no início da tradução, e a tradução de *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, de Antoine Berman, com notas dos tradutores também no início da obra traduzida. (BRANCO, 2011, p. 219-220)

Seria essa uma característica de tradutores não pesquisadores? Os tradutores que são acadêmicos estariam mais propensos a fazer comentários sobre sua prática tradutória? Fica o questionamento para reflexão ao longo das análises das próximas obras.

As notas de rodapé de Oustinoff trazem as referências bibliográficas completas respectivas aos trechos apresentados ou às obras mencionadas e, na tradução brasileira, o tradutor incluiu as traduções brasileiras de várias das obras citadas, como nos exemplos das notas a seguir (com grifos – negritos – meus):

*La Bible de Jérusalem*. Paris: Editions du Cerf, 1998. **Há edição brasileira: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002**” (p. 11)

Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, editado por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1982. **Há edição brasileira: Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006. Doravante citado abreviadamente como CLG**” (p. 21)

Ver Wassily Kandinsky, *Point et ligne sur plan* (1926), trad.: S. e J. Leppien. Paris: Gallimard, 1991, p. 52-53. 166s. **Há edição brasileira: Ponto e linha sobre plano – Contribuição à análise dos elementos da pintura. Trad.: E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011**]. (p. 24)

Ferdinand de Saussure, *Écrits de linguistique générale*, ed.: S. Bouquet, R. Engler. Paris: Gallimard, 2002, p. 83. **Há edição brasileira: Escritos de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2004**. (p. 28)

Ver Georges Steiner, *Après Babel. Une poétique du dire et de la traduction*, trad.: Lucienne Lotringer. Paris: Albin Michel, 1978 (*After Babel. Aspects of Language and Translation*. Oxford: OUP, 1975; **ed br.: Depois de Babel – Questões de linguagem e tradução, trad.: C. A. Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005**), p. 241. (p. 46)

(...) Paul Ricoeur, *La métaphore vive*. Paris: Le Seuil, 1975. **Há edição brasileira: A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola, 2000**. (p. 66)

Samuel Beckett, *Fin de partie*. Paris : Éditions de Minuit, 1957, p. 37-38. **Ed br.: Fim de partida. Trad.: F. de Souza Andrade, São Paulo: Cosac Naify, 2010**. (p. 93)

Ver Pierre Bourdieu, *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard, 1982. **Há edição brasileira: *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.** (p. 106)

Ver Lawrence Venuti, *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. Londres: Routledge, 1998. **Há edição brasileira: *Escândalos da tradução*. Bauru: Edusc, 2002.** (p. 124)

Essa obra tem especial vocação pedagógica, pelas características de sua produção (um livro da coleção *Que sais-je?*), mostra visões panorâmicas da disciplinas, mas sempre dando exemplos fortes para embasar sua escrita. Assim, se faz ainda mais positiva a decisão de inclusão das traduções brasileiras das obras. Estabelecer a intertextualidade com as traduções às quais o leitor brasileiro vai ter acesso no Brasil é ainda mais importante.

Porém, não há menção a traduções brasileiras para várias outras obras que têm tradução no Brasil, como por exemplo os textos de teoria da tradução analisados na presente tese: *Des tours de Babel* de Derrida tradução brasileira intitulada *Torres de Babel*; *Sous l'invocation de saint Jérôme* de Valery Larbaud com o título no Brasil *Sob a invocação de São Jerônimo*; *L'Épreuve de l'étranger* de Antoine Berman traduzido no Brasil como *A prova do estrangeiro*; *A tradução e a letra* de Antoine Berman; *Poética do traduzir* de Meschonnic. E ainda outras obras como *Uma Teoria Linguística da Tradução* (1980) tradução de *A Linguistic Theory of Translation* de John Catford; *Os problemas teóricos da tradução* (1975) tradução de *Les problèmes théoriques de la traduction* (1963) de Georges Mounin; *Traduzir: teoremas para a tradução* (1979) tradução de *Théorèmes pour la traduction* de Jean-René Ladmiral; *Tradução: literatura e literalidade* (2009) tradução de *Traducción: literatura y literalidade* de Octavio Paz; *A invisibilidade do tradutor* (1995) tradução de *The Translator's Invisibility* de Lawrence Venuti; *Estudos de Tradução* (2005) tradução de *Translation Studies* de Susan Bassnett; ou ainda o texto de Benjamin conhecido em português como “A tarefa do tradutor” que recebeu múltiplas traduções em nossa língua. E ainda outros títulos não especificamente de Teoria da Tradução como, por exemplo, *Problemas de Linguística Geral* tomo 1 (do original *Problèmes de Linguistique générale*, t. 1) de Émile Benveniste. Fica a sugestão de inclusão dessas traduções nas referências bibliográfias para uma futura reedição da obra.

O caso da citação do texto *Aspectos linguísticos da tradução* de Roman Jakobson é interessante, pois no texto de Oustinoff em francês ele aparece citado da seguinte maneira “Dans un article capital, « Aspects linguistiques de la traduction » – le titre anglais exact est : « On Translation » –, Roman Jakobson accorde à la traduction un a valeur primordiale qui jusque-là était généralement passé inaperçue.” (OUSTINOFF, 2015, p. 18). Em realidade, *On*

*Translation* é o título de um livro organizado por Reuben Arthur Brower publicado em 1959 (editora Harvard University Press) com textos de diversos autores, entre o de Roman Jakobson intitulado “*On Linguistic Aspects of Translation*”. Este artigo foi publicado no Brasil no âmbito da obra *Linguística e Comunicação* (editora Cultrix, 1968) traduzida por Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, com o título de “Aspectos linguísticos da tradução”. No trecho (de Oustinoff) traduzido em português (por Marcionilino) encontramos: “Em um artigo fundamental, “Aspectos linguísticos da tradução” o título exato em inglês é “On Linguistic Aspects of Translation” –, Roman Jakobson atribui à tradução um valor primordial que até então geralmente passava despercebido.” (OUSTINOFF traduzido por Marcionilo, p. 23). Oustinoff cita em sua obra a tradução para o francês *Aspects linguistiques de la traduction* (tradução de Nicolas Ruwet, Éditions de Minuit, 1963) e menciona que o título original do texto de Jakobson é *On Translation*, quando na verdade é *On Linguistic Aspects of Translation*. O título *On Translation* é da obra no qual o texto original em inglês de Jakobson está inserido. O tradutor brasileiro retifica o equívoco de Oustinoff.

### 3.1.5 Sobre a tradução (2011) de Paul Ricœur

O livro *Sur la traduction*<sup>96</sup> (2004) de Paul Ricœur (1913 – 2005) consiste na reunião de três textos do autor a começar por “*Défi et bonheur de la traduction*” (“Desafio e felicidade da tradução”) que foi um discurso proferido pelo autor em 1997 no *Institut historique allemand*, o segundo é “*Le paradigme de la traduction*” (“O paradigma da tradução”) que foi uma aula inaugural ministrada em 1998 na *Faculté de théologie protestante de Paris* e o único texto inédito até então é o último ensaio: “*Un ‘passage’: traduire l’intraduisible*” (“Uma ‘passagem’: Traduzir o intraduzível”). Este livro foi traduzido no Brasil por Patrícia Lavelle com o título *Sobre a tradução* e publicado em 2011 pela Editora UFMG<sup>97</sup> (com reimpressão em 2012).

A editora francesa Bayard se divide entre publicações de dois grandes nichos, Literatura Infantil e Juvenil e livros de Religiões e Ciências Humanas. Dentro da área de Ciências

<sup>96</sup> Existe uma tradução para o inglês: Paul Ricœur. *On Translation*. Translated by Eileen Brennan. With an Introduction by Richard Kearney. London and New York: Routledge, 2006.

<sup>97</sup> Capa disponível em: <http://www.editoraufmg.com.br/pages/obra/114/sobre-a-traducao>

Capa do original disponível em: [http://boutique.libraire-jakin.com/product.php?id\\_product=1592](http://boutique.libraire-jakin.com/product.php?id_product=1592)

Humanas são contempladas as áreas de História, Sociedade, Filosofia e Literatura. O livro de Ricoeur não consta atualmente no catálogo da editora disponível online<sup>98</sup>. Em 2016 a editora *Les Belles Lettres* publicou uma reedição da obra dentro da coleção *Traductologiques*, coleção dirigida por Jean-René LADMIRAL e Jean-Yves MASSON que tem como objetivo “publicar obras que estudam o fenômeno da tradução ‘em todos os seus estados’.”<sup>99</sup>. Paul Ricoeur faleceu em 2005 (aos 92 anos) e designou por testamento uma “célula” encarregada de cuidar das edições, traduções e publicações de sua obra assim como à conservação de seus documentos não publicados (fonte site *Fonds Ricoeur*<sup>100</sup>). O comitê editorial da fundação encarregada de sua obra, a *Fonds Ricoeur*, é detentora dos direitos do livro para a segunda edição (2016) assim como a editora *Les Belles Lettres*. Destaco que a primeira edição do livro (2004) foi realizada pela editora Bayard um ano antes da morte do autor. A primeira edição apresenta os três textos de Ricoeur. Já a segunda edição além dos três textos, conta também com um prefácio de Marc de Launay.

A editora *Les Belles Lettres* fundada há cem anos, em 1919, é uma editora que se dedica a publicações referentes às civilizações antigas (textos gregos, latinos, chineses, sânscritos, etc), mas não somente, e em diversas áreas como Filosofia, Religiões, Filologia, Ciências, Medicina, História, Poesia, Teatro<sup>101</sup>. A editora dispõe da coleção *Traductologiques* que é uma coleção especificamente dedicada aos estudos sobre Tradução e, por isso, tem um papel importante de afirmação da área não só na França, como mundialmente. Os diretores da coleção são dois pesquisadores que são muito produtivos e engajados da causa da Tradução, Jean-René LADMIRAL autor de vários livros teóricos sobre tradução e Jean-Yves MASSON, professor da Sorbonne (Paris III) um dos organizadores da coleção de história da tradução em língua francesa. No momento a coleção conta com onze livros em seu catálogo de autores de diferentes épocas, entre eles Lutero, Ortega y Gasset, Ricoeur, Lederer e Seleskovitch, além do próprio LADMIRAL. Na apresentação da coleção vemos o comprometimento da coleção em relação não só ao público especializado, quanto a um público mais amplo.

No momento em que as formações em tradução e em interpretação se multiplicam por toda parte na França, em que a comunicação intercultural se torna uma implicação para muitas áreas profissionais, em que a globalização acentua as implicações da reflexão sobre a diversidade das línguas, as questões de tradução interessam não somente os tradutores e os intérpretes, mas

<sup>98</sup> <https://www.bayard-editions.com/catalogue>

<sup>99</sup> La collection Traductologiques entend publier des ouvrages qui étudient le phénomène de la traduction « dans tous ses états ».

<sup>100</sup> <http://www.fondsricoeur.fr>

<sup>101</sup> <https://www.lesbelleslettres.com/la-maison>



também um grande número de formadores e de estudantes (em línguas vivas e no interpretariado, mas também em sociologia, em linguística, em filosofia, em comunicação, em administração...).

A tradução é também o objeto de debates acalorados cada vez mais frequentes na vida intelectual: testemunha disso são os encontros públicos que lhe são dedicados, à ocasião de todas as manifestações literárias. O que é verdade para a literatura é também em filosofia e em ciências humanas (lembramo-nos das polêmicas que circundaram a tradução de Heidegger ou a retradução das obras completas de Freud).

É então ao “homem honesto” de hoje, ou ao que convencionou de chamar de “grande público culto”, que se dirige essa coleção.  
(in RICOEUR, 2016, p. 53, versão e-pub – tradução minha)<sup>102</sup>

No Brasil, *Sur la traduction* foi traduzido por Patrícia Lavelle, que começou sua formação acadêmica com a graduação em Jornalismo (PUC-Rio) e em seguida realizou o mestrado em História Social da Cultura (PUC-Rio). Realizou seu doutorado em Filosofia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) em Paris. Realizou duas pesquisas de pós-doutorado, a primeira no *Walter Benjamin-Archiv* na Alemanha e a segunda junto ao *Fonds Ricoeur* (*Institut Protestant de Théologie de Paris*) na França. Atualmente é professora assistente do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) onde está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Cultura e Contemporaneidade (PGLCC). É pesquisadora associada ao *Centre Georg Simmel* (EHESS-Paris, instituição onde realizou seu doutorado) e ao *Fonds Ricoeur* (instituição onde realizou um de seus pós-doutorados). Tem diversas publicações resultantes das pesquisas mencionadas acima como podemos verificar em seu currículo Lattes<sup>103</sup>, várias delas inter cruzando os temas da religião e história, filosofia, linguagem, Benjamin, Ricoeur, entre outros. Trata-se então de uma especialista do tema e da obra do autor.

A Editora da UFMG foi criada em 1985, e em 2013 completou 1000 obras publicadas. Com o objetivo inicial de publicar obras oriundas de trabalhos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na sua própria universidade, a UFMG, mas que hoje tem a proposta de “fomentar

---

<sup>102</sup> Trecho original: À l’heure où les formations en traduction et en interprétation se multiplient partout en France, où la communication interculturelle devient un enjeu essentiel pour de nombreuses filières professionnelles, où la mondialisation accentue les enjeux de la réflexion sur la diversité des langues, les questions de traduction intéressent non seulement les traducteurs et les interprètes mais aussi un très grand nombre de formateurs et d’étudiants (en langues vivantes et en interprétariat, mais aussi en sociologie, en linguistique, en philosophie, en communication, en management...).

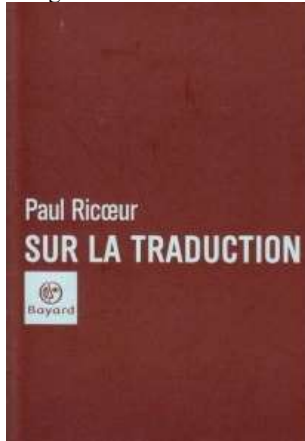
La traduction est aussi l’objet de débats passionnés de plus en plus fréquents dans la vie intellectuelle : en témoignent les rencontres publiques qui lui sont consacrées, lors de toutes les manifestations littéraires. Ce qui est vrai pour la littérature l’est aussi en philosophie et en sciences humaines (on se souvient des polémiques qui ont entouré la traduction de Heidegger ou la retraduction des œuvres complètes de Freud).

C’est donc à « l’honnête homme » d’aujourd’hui, ou à ce qu’il est convenu d’appeler le « grand public cultivé », que s’adresse cette collection.

<sup>103</sup> <http://lattes.cnpq.br/9877393017653084>

o trânsito acadêmico entre a produção interna, a produção nacional e a produção internacional, com a publicação de autores de ponta do pensamento contemporâneo, muitos deles traduzidos pela primeira vez no país.” (site Editora UFMG<sup>104</sup>). O livro está cadastrado dentro da área de Estudos Literários e Estudos Culturais e faz parte da coleção Babel (assim como *Torres de Babel* de Derrida)

Imagem 21 - *Sur la traduction*



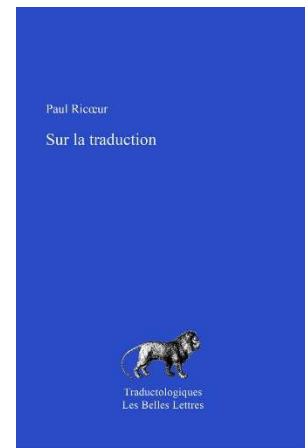
Fonte: site

Imagem 22 - *Sobre a tradução* (tradução brasileira)



Fonte: site Editora UFMG

Imagem 23 - *Sur la traduction* (2ª ed.)



Fonte: site *Belles Lettres*

Fonte : site *Belles Lettres*

A tradutora Patrícia Lavelle escreveu um prefácio relativamente extenso levando em consideração o tamanho total da obra, que não é volumosa (71 páginas, sendo que 13 são o prefácio) no qual ela discorre sobretudo sobre as reflexões tecidas no livro de Ricoeur, mas também sobre outras propostas do autor feitas em obras anteriores. Um prefácio em que a tradutora se dedica mais ao conteúdo da obra e ao autor, como faz a tradutora de Meschonnic, porém, ao contrário de Jerusa Pires Ferreira em *Poética do traduzir*, a tradutora de Ricoeur não fala sobre sua atividade tradutória em si. Não há prefácios ou apresentações no original e, assim, é possível entender que o prefácio da tradutora na versão brasileira cumpre o papel muito mais de apresentar o conteúdo da obra, as propostas do autor, do que de discorrer sobre o fato de estar sendo traduzida para o português do Brasil. O prefácio escrito pela tradutora teria então uma função de introdução da obra, como prevê Genette (traduzido por Faleiros, 2009, p. 234, 235). Retomando a cronologia das publicações: a) a primeira edição de *Sur la traduction* foi publicada em 2004 pela editora Bayard; b) a tradução brasileira, *Sobre a tradução*, em 2011; c)

<sup>104</sup> [www.editoraufmg.com.br](http://www.editoraufmg.com.br)

a reimpressão da tradução no Brasil em 2012; e d) a segunda edição francesa em 2016 pela editora Belles Lettres.

A respeito das notas, todas elas em fim de capítulo (e não rodapé), vemos que são 18 assinadas pela tradutora além das 7 notas do autor. As notas da tradutora são em sua maioria a respeito de bibliografia complementar, termos usados em língua estrangeira pelo próprio autor e mantidos assim na tradução em português. Para as palavras em língua estrangeira, a tradutora explicita em nota por diversas vezes dizendo “Em alemão no original” e, em alguns casos, dá maiores explicações a respeito do significado da palavra/termo em questão.

Assim como Derrida o faz em *Des tours de Babel*, Ricoeur em *Sur la traduction* também cita um trecho da tradução da Bíblia feita por Chouraqui. A tradutora Lavelle procede (em *Sobre a tradução*) da mesma maneira que Barreto (em *Torres de Babel*): traduz ao português a tradução francesa de Chouraqui. Na verdade, Lavelle se apoia na tradução que Barreto já havia feito em *Torres de Babel*, como fica evidente na nota de fim de capítulo nº 5

A passagem da tradução de Chouraki citada por Ricoeur corresponde exatamente à citação feita por Derrida em “Des tours de Babel”. Para explicitar essa correspondência entre os dois textos, citamos aqui. Com uma pequena modificação, a tradução do francês proposta por Junia Barreto em: DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 16. (N.T.)  
(nota de fim de capítulo em RICŒUR traduzido por Lavelle, 2011, p. 56, 57)

Trata-se do trecho que apresento a seguir:

Imagem 24 - página 35 *Sur la traduction**Le paradigme de la traduction*

histoire de la séparation en l'apportant au cœur de l'exercice du langage. Ainsi sommes-nous, ainsi existons-nous, dispersés et confus, et appelés à quoi? Eh bien... à la traduction! Il y a un après-Babel, défini par « la tâche du traducteur », pour reprendre le titre une première fois évoqué du fameux essai de Walter Benjamin.

Pour donner plus de force à cette lecture, je rappellerai avec Umberto Eco que le récit de Genèse 11,1-9 est précédé par les deux versets numérotés Genèse 10,31.32, où la pluralité des langues semble prise pour une donnée simplement factuelle. Je lis ces versets dans la rugueuse traduction de Chouraki :

Voici les fils de Shem pour leur clan, pour leur langue, dans leur terre, pour leur peuple.  
Voilà les clans des fils de Noah, pour leur geste, dans leur peuple : de ceux-là se scindent les peuples sur terre après le Déluge.

Ces versets sont dans le ton des dénombremments où s'exprime la simple curiosité d'un

35

Fonte: RICŒUR, 2004

Imagem 25 - Página 43 *Sobre a tradução*

da inocência e a expulsão do Jardim, que marca também o acesso à idade adulta e responsável, e passar em seguida – e isso nos interessa terrivelmente para uma releitura do mito de Babel – pelo fratricídio, o assassinato de Abel, o qual faz da fraternidade ela mesma um projeto ético e não mais um simples dado da natureza. Se adotamos essa linha de leitura, que partilho com o exegeta Paul Beauchamp, a dispersão e a confusão das línguas, anunciadas pelo mito de Babel, vem coroar essa história da separação, levando-a ao coração do exercício da linguagem. Assim somos, assim existimos, dispersos e confusos, e chamados para o quê? Bem... para a tradução! Há um após Babel, definido pela “tarefa do tradutor”, para retomar o título uma primeira vez evocado do famoso ensaio de Walter Benjamin.

Para dar mais força a essa leitura, lembrarei com Umberto Eco que a narrativa de *Gênesis* 11, 1-9 é precedida pelos dois versículos numerados de *Gênesis* 10, 31.32, em que a pluralidade das línguas parece ser considerada como um dado simplesmente factual. Eu leio esses versículos na rigorosa tradução de Chouraki:

Eis os filhos de Shem/ por seus clãs, por suas línguas, / nas suas terras, por seus povos. Eis os clãs dos filhos de Noah por sua geração, nos seus povos:/deles se cindem os povos sobre a terra, depois do dilúvio.<sup>5</sup>

O PARADIGMA DA TRADUÇÃO 43

Fonte: RICŒUR traduzido por Lavelle, 2011

Barreto traduz a tradução de Chouraki da seguinte forma: “Eis os filhos de Shem / por seus clãs, por suas línguas, / nas suas terras, por seus povos. Eis os clãs dos filhos de Noah **por seu gesto**, nos seus povos: /deles se cindem os povos sobre a terra, depois do dilúvio.” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 16); e Lavelle traduz o trecho assim: “Eis os filhos de Shem/ por seus clãs, por suas línguas, / nas suas terras, por seus povos. Eis os clãs dos filhos de Noah **por sua geração**, nos seus povos:/deles se cindem os povos sobre a terra, depois do dilúvio.” (RICOEUR traduzido por Lavelle, 2011, p. 43). Mesmo com a alteração feita por Lavelle (em negrito), o que vale destacar é a vontade de remissão, vontade de estabelecer uma intertextualidade que a tradutora de Ricoeur quer instaurar entre a sua tradução e a obra de Derrida traduzida no Brasil.

Retomando a questão dos termos em língua estrangeira ao francês na escrita de Ricoeur, vale comentar que apesar de manter todos os termos em língua estrangeira, como o autor fez no original, a tradutora tem duas estratégias quanto o comentário em nota. A primeira delas é apenas explicitar que o autor colocou o termo estrangeiro e ela apenas manteve, como por

exemplo ao termo *Grundwörter* que remete à nota “Em alemão no original. (N.T.)” (p. 31). A segunda estratégia é explicar o significado aproximado do termo em língua estrangeira, como o termo *Bildung* que recebe o seguinte comentário em nota:

“Em alemão, no original, a palavra *Bildung* pode ser traduzida tanto por cultura quanto por educação, pois indica a convergência dos processos de educação e de formação cultural em um indivíduo ou em uma sociedade. A *Bildung* é aquilo que forma e educa, a tradição cultural, mas também o resultado ou o produto da formação: cultura. (N.T.)”

(Nota de fim de capítulo, RICŒUR traduzido por Lavelle, 2011, p. 31)

É importante ressaltar que Ricœur fala neste capítulo exatamente da dificuldade de tradução de termos complexos e que trazem consigo um pensamento elaborado e que não são facilmente transpostos de uma língua a outra. Porém, não é um livro em que se tenha presença de vários exemplos de trechos de tradução como em outras obras.

No trecho a seguir:

Eh bien, c'est arrivé à ce point de dramatisation que le travail de deuil trouve son équivalent en traductologie, et y apporte son amère mais précieuse compensation. Je le résumerai d'un mot : renoncer à l'idéal de la traduction parfaite . Ce renoncement permet de vivre, comme une déficience acceptée, l'impossibilité énoncée tout à l'heure, de servir deux maîtres : l'auteur et le lecteur. (Ricœur, 2004, p. 16)

Bem, chegou-se a esse ponto de dramatização em que o trabalho do luto encontra seu equilavente em tradutologia, trazendo sua amarga, porém preciosa compensação. Eu resumirei em uma palavra: renunciar ao ideal de tradução perfeita. Apenas essa renúncia permite viver, como uma deficiência aceita, a impossibilidade enunciada há pouco de servir a dois mestres: o autor e o leitor. (Ricœur, traduzido por Patrícia Lavelle, 2012, p. 27)

A tradutora escreveu no texto traduzido, os nomes dos títulos de livros citados em português, porém quando a referências bibliográficas, ela não coloca as referências das traduções brasileiras, mas sim referências de edições estrangeiras, como é o caso do livro *L'épreuve de l'étranger* de Berman, traduzido em português como *A prova do estrangeiro*. No trecho original temos:

“J'aimerais en effet placer mes remarques consacrées aux grandes difficultés et aux petits bonheurs de la traduction sous l'égide du titre *L'épreuve de l'étranger*<sup>2</sup>, que le regretté Antoine Berman a donné à son remarquable essai : *Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*.” (Ricœur, 2004, p. 7-8)

“Gostaria de colocar meus comentários consagrados às grandes dificuldades e às pequenas felicidades da tradução sob a égide do título *A prova do estrangeiro*,<sup>2</sup> que o saudoso Antoine Berman deu ao seu marcável ensaio: *Cultura e tradução na Alemanha romântica*.” (Ricœur, traduzido por Patrícia Lavelle, 2012, p. 21)

A nota número 2 presente após o título de Berman remete em ambos os casos à referência bibliográfica do livro original de Antoine Berman *L'épreuve de l'étranger* (Paris, Gallimard, 1995). Também o caso do título “*A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*” (p. 70) que remete à nota “BERMAN, A. *La traduction et la lettre ou l'alberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999”. À época da publicação de *Sobre a tradução* (2011) ambas obras de Berman já haviam sido traduzidas no Brasil. Perde-se assim a oportunidade de intertextualidade com as traduções brasileiras (ao contrário do que a tradutora estabeleceu com a tradução brasileira de Derrida).

Outra obra citada por Ricoeur é a obra de Steiner que aparece na tradução de Lavelle com o título “Após Babel”, remetendo a uma nota de fim de capítulo que apresenta o seguinte: “STEINER, G. *After Babel*. London: Oxford University Press, 1976. (tradução francesa: *Après Babel*. (N.T.)” (RICOEUR, traduzido por Lavelle, 2012, p. 56). Temos uma tradução brasileira desta obra, porém o título dela é *Depois de Babel* e não “Após Babel”. Como já mencionado anteriormente na presente tese, essa tradução foi realizada pelo professor Carlos Alberto Faraco e publicada pela Editora da UFPR em 2005 com o título completo *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* que é tradução do título original completo em inglês: *After Babel: Aspects of Language and Translation*. O uso de outro título (Após Babel) para uma obra que tenha sido traduzida em português com título diverso (*Depois de Babel*) é problemático pois fragiliza (se não quebra) a relação de intertextualidade explícita<sup>105</sup> que poderia ser estabelecida com a obra de Steiner traduzida no Brasil.

Outro caso de obra citada no texto de Ricoeur é: “Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy conceberam uma versão da tradução perfeita válida para os românticos alemães sob o título de *Absoluto Literário*.” (Ricoeur, traduzido por Patrícia Lavelle, 2004, p. 28) e o título traz uma nota que remete à referência da edição francesa “LACOUÉ-LABARTHE, Ph.; NANCY, J.-L. *L'absolu littéraire*. Théorie de la littérature du romantisme allemand. Paris: Seuil, 1978. (Poétique). (N. T.)” (p. 31) que é, na verdade, uma nota da tradutora, pois no original não consta a referência bibliográfica desse livro em nota.

\*\*\*

---

<sup>105</sup> “Tem-se *intertextualidade explícita* quando no próprio texto se faz menção ao intertexto, ou seja, quando outro texto é citado e atribuído a outro enunciador, reportado como tendo sido dito por outro. É o caso das traduções, citações, referências e menções; ou do recurso ao argumento de autoridade, para dar maior credibilidade ao que se diz; ou das retomadas do texto do parceiro, em situações de interação face a face, para encadear sobre ele, contraditá-lo, ou demonstrar interesse na interação.” (Ruiz; Faria, 2012, p. 110)

A seguir apresento uma tabela em que constam os títulos das obras originais e traduzidas, a autoria do original e a autoria da tradução, as editoras que as publicaram e as datas de publicação:

Quadro 2 - Obras francesas de teoria da tradução traduzidas para o português do Brasil e publicadas a partir de 2000.

<b>Título original</b>	<b>Ano do original</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Título tradução</b>	<b>Ano da tradução</b>	<b>Tradutor</b>	<b>Editora</b>
<i>Sous l'invocation de saint Jérôme</i>	1946, 1997 (2ª ed)	Valery Larbaud	Gallimard	<i>Sob a invocação de São Jerônimo</i>	2001	Joana Angélica d'Avila Melo	Mandarim
<i>L'épreuve de l'étranger</i>	1984	Antoine Berman	Gallimard	<i>A prova do estrangeiro</i>	2002	Maria Emília Pereira Chanut	EDUSC
<i>Des Tours de Babel</i>	1985	Jacques Derrida	1985 <i>In: Difference in translation e L'art des confins</i>	Torres de Babel	2002, 2006 (reimp)	Junia Barreto	Editora UFMG
<i>La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain</i>	1985	Antoine Berman	Seuil (Paris)	<i>A tradução e a letra ou o albergue do longínquo</i>	2007 (1ª ed.), 2012(2ª ed.)	Marie Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini.	7Letras (2007) Copiart; PGET / UFSC (2012) ed. disponível online
<i>Poétique du traduire</i>	1999	Henri Meschonnic	Verdier Paris	<i>Poética do traduzir</i>	2010	Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich	Perspectiva
<i>La traduction</i>	2003 (1ª ed.) múltiplas reedições	Michaël Oustinoff	PUF (Que sais-je?)	Tradução: História, teoria e métodos	2011	Marcos Marcionilo	Parábola Editorial
<i>Sur la traduction</i>	2004, 2016 (2ª ed.)	Paul Ricœur	Bayard (1ª ed) Belles Lettres (2ª ed) disponível em e-pub	<i>Sobre a Tradução</i>	2011, 2012 (reimp.)	Patrícia Lavelle	Editora UFMG

Fonte: a autora



### 3.2 Obras de autoria de Antoine Berman

Antes de apresentar os livros de Antoine Berman, destaco que além da publicação das obras, que hoje sabemos terem sido extremamente relevantes para o desenvolvimento da Tradutologia/Estudos da Tradução, Berman publicou muitos artigos em diversas revistas acadêmicas, além de ter escrito trabalhos autorais também de literatura, fez traduções de literatura (literatura contemporânea latino-americana, literatura erótica de língua inglesa, literatura infantil e juvenil de língua alemã, apenas para dar alguns exemplos), traduções de textos especializados de diversas áreas, e tem ainda muitas outras produções escritas.

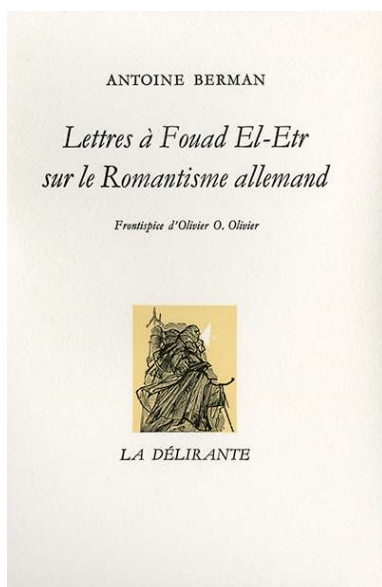
Alguns dos artigos de Berman já têm tradução publicada no Brasil. Cito primeiramente o artigo “*De la translation à la traduction*” que foi publicado no primeiro número e volume da revista canadense TTR: traduction, terminologie et redaction em 1988 e que foi traduzido por Marlova Aseff (pesquisadora em Estudos da Tradução) e publicado em 2011 na revista brasileira Scientia Translationis. O artigo “*La traduction et ses discours*” publicado na revista canadense Meta em 1989 também foi traduzido por Marlova Aseff em 2009 e publicado na revista Alea – Estudos Neolatinos com o título “A tradução e seus discursos”. Outro artigo que também ganhou tradução é “*La tâche de la Poésie est simplement*” publicado em 1967 na revista *Délirante*<sup>106</sup> (da qual Berman foi um dos fundadores) e traduzido por Simone Petry, pesquisadora da obra de Berman, e Marcos Siscar, seu orientador de doutorado, com o título “A tarefa da poesia é simplesmente” e publicado na revista Remate de males em 2014. Os artigos mais recentemente traduzidos são: “*La retraduction comme espace de la traduction*” publicado originalmente na revista francesa *Palimpsestes Revue de traduction* em 1990, publicado em maio de 2017 com o título “A retradução como espaço da tradução” *Cadernos de Tradução*; o artigo “*La traduction et la langue française*” publicado originalmente na revista canadense *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* em 1995 e traduzido como “A tradução e a língua francesa” publicado na revista *Belas Infiéis* em 2017; ambos traduzidos por mim e por minha orientadora de doutorado Marie-Hélène Catherine Torres. Também ganhou tradução o artigo “*La terre nourrice et le bord étranger*” publicado em 1986 na revista *Communications* e traduzido no Brasil por Gilles Jean Abes (professor da UFSC e pesquisador em Estudos da Tradução) com o título “A terra ama e a borda estrangeira” publicado em 2017 na revista *Cadernos de Tradução*.

---

<sup>106</sup> Referência bibliográfica em Petry (2016, p. 172): BERMAN, Antoine (1967): *La tâche de la Poésie est simplement*. La Délirante, Paris, trimestral, jul., nº 1, p.67-79.

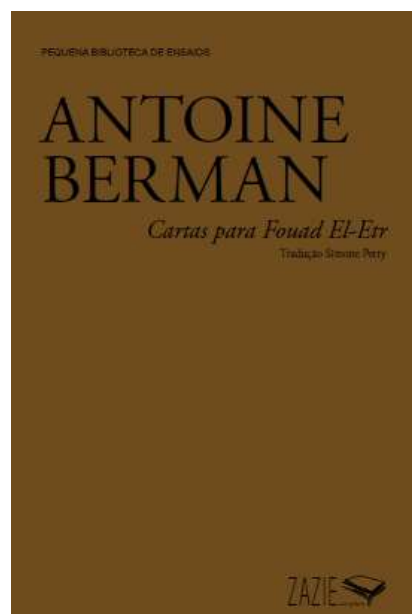
Sobre as obras, comento a muito recente tradução de Simone Petry do livro “*Lettres à Fouad El-Etr - sur le romantisme allemand*” (1968) traduzido em português como “*Cartas para Fouad El-Etr*” (Editora Zazie, 2018) na Coleção “Pequena Biblioteca de Ensaios”. É uma obra em formato epistolar em que Berman escreve a seu melhor amigo e poeta, Fouad El-Etr, sobre a poesia dos Românticos alemães, é um “texto em que expõe seus esboços reflexivos sobre as teorias românticas da Reflexão e da Arte” (PETRY, 2016, p. 45). O livro foi publicado primeiramente em 1968 na revista *La Délirante*, mas a pedido de Berman (em seu leito de morte), Fouad El-Etr providenciou uma republicação em 1991. Fouad El-Etr foi também a pessoa com quem Berman dividiu a coordenação da revista *La Délirante* (dedicada à poesia). Este livro faz parte de uma época anterior da vida e do pensamento acadêmico de Berman, antes dele se concentrar no tema da tradução.

Imagem 26 - *Lettres à Fouad El-Etr*



Fonte: site La Délirante

Imagem 27 - *Cartas para Fouad El-Etr*



Fonte: site editora Zazie

“*Lettres à Fouad El-Etr - sur le romantisme allemand*” foi publicado em 1968, mas é a partir de *L'Épreuve de l'étranger* (1984) que Berman vai entrar propriamente no tema da Tradução. Sobre esta obra e *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, falaremos nas subseções seguintes.

Berman publicou ao todo (entre publicações em vida e publicações póstumas) cinco obras no tema da Tradução que elenco aqui por ordem de data de publicação:

1984 – *L'épreuve de l'étranger*

1985 – *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*

1995 – *Pour une critique des traductions : John Donne*

2008 – *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire*

2012 – *Jacques Amyot, traducteur français. Essais sur les origines de la traduction en France*

*Pour une critique des traductions : John Donne* publicado pela editora Gallimard<sup>107</sup>, em 1995 é uma obra derivada do seminário que Berman no qual teceu comentários sobre as traduções de John Donne e Friedrich Hölderlin, ministrado no *Collège international de philosophie* em Paris, na primavera de 1989. Ainda sem tradução para o português (nem para o espanhol) *Pour une critique des traductions: John Donne* foi traduzido para o inglês com o título *Toward a Translation Criticism: John Donne*, com tradução de Françoise Massardier-Kenney e publicado pela Kent State University Press<sup>108</sup> (Ohio, EUA) em 2009.

A obra mais recente de Antoine Berman é *Jacques Amyot, traducteur français. Essais sur les origines de la traduction en France* e foi publicada em 2012 pela Bélin Éditeur<sup>109</sup> numa coleção chamada "*L'extrême contemporain*". Neste livro Berman faz uma arqueologia da tradução na França, assim como ele defende ser necessário para os tradutores de toda parte: que pesquisem a história da tradução em seus próprios países para que essa história possa dar fundamentos vários para a prática e teorização hoje. O livro não tem tradução para o português, nem espanhol ou inglês.

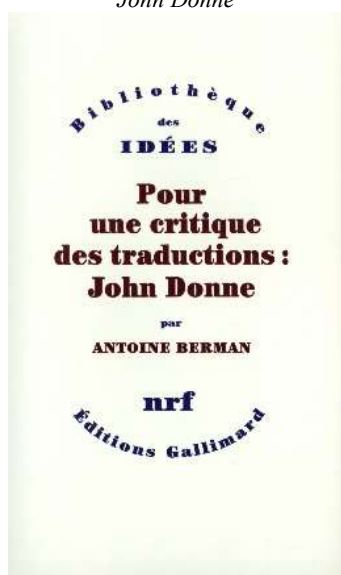
A seguir as capas de *Pour une critique des traductions: John Donne* e de *Jacques Amyot, traducteur français*:

<sup>107</sup> Capa disponível em: <http://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Bibliotheque-des-Idees/Pour-une-critique-des-traductions-John-Donne>

<sup>108</sup> Capa disponível em: <http://www.kentstateuniversitypress.com/2010/toward-a-translation-criticism-john-donne/>

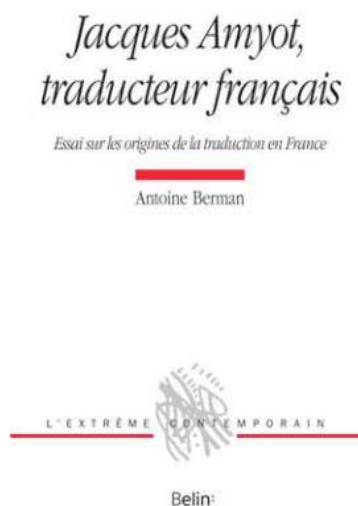
<sup>109</sup> Capa disponível em: <https://www.belin-editeur.com/jacques-amyot-traducteur-francais>

Imagem 28 - *Pour une critique des traductions: John Donne*



Fonte: site editora Gallimard

Imagem 29 - *Jacques Amyot, traducteur français*



Fonte: site editora Belin

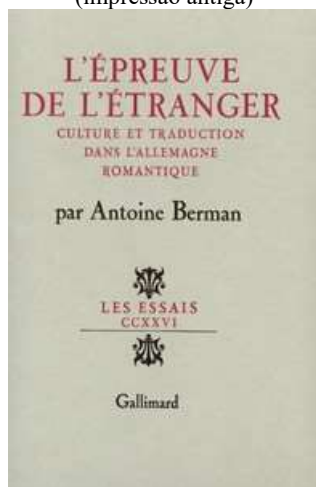
### 3.2.1 *A prova do estrangeiro* (2002)

O livro *L'Épreuve de l'étranger: Culture et tradition dans l'Allemagne romantique* (publicado pela primeira vez em 1984) é o único livro de Berman traduzido tanto em português, quanto em inglês e espanhol. Em inglês seu título foi traduzido como *The experience of the foreign: Culture and Translation in Romantic Germany*, com tradução de Stefan Heyvaert e publicado pela Editora State University of New York Press<sup>110</sup> (EUA) em 1992. No Brasil a tradução foi publicada em 2002 como *A prova do estrangeiro: Cultura e tradição na Alemanha romântica*, traduzido por Maria Emília Pereira Chanut e publicado pela editora EDUSC (Bauru, SP). Em espanhol foi traduzido por Rosario García López e publicado em 2003 na editora da Universidad de las Palmas de Gran Canaria (Espanha) com o título *La prueba de lo ajeno: Cultura y traducción en la Alemania romantica*<sup>111</sup>. A seguir das edições francesa e da tradução brasileira:

<sup>110</sup> Capa disponível no site da editora: <http://www.sunypress.edu/p-1300-the-experience-of-the-foreign.aspx>

<sup>111</sup> Capa disponível no site amazon: [https://www.amazon.com/PRUEBA-LO-AJENO-TRADUCCION-ALEMANIA/dp/8496131661/ref=sr\\_1\\_22?s=books&ie=UTF8&qid=1497376343&sr=1-22&refinements=p\\_27%3AAntoine+Berman](https://www.amazon.com/PRUEBA-LO-AJENO-TRADUCCION-ALEMANIA/dp/8496131661/ref=sr_1_22?s=books&ie=UTF8&qid=1497376343&sr=1-22&refinements=p_27%3AAntoine+Berman)

Imagem 30 - *L'épreuve de l'étranger*  
(impressão antiga)



Fonte: site editora Gallimard

Imagem 31 - *L'épreuve de l'étranger*  
(impressão nova)



Fonte: site editora Gallimard

Imagem 32 - *A prova do estrangeiro*  
(tradução brasileira)



Fonte: site estante virtual

A tradutora Maria Emília Pereira Chanut é bacharel em Letras com Habilitação em Tradução pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), além de mestrado e doutorado em Letras pela mesma universidade. É professora de língua francesa da UNESP no campus São José do Rio Preto. A dissertação de mestrado de Chanut foi dedicada à tradução que fez de *L'Épreuve de l'étranger* sob orientação do professor Marcos Siscar e concluída em 2001 intitulada “A Prova do estrangeiro: tradução comentada de ‘*L'épreuve de l'etranger*’ de Antoine Berman” (IBILCE/UNESP, 2001). Na introdução da dissertação ela afirma que “Trazer ao público brasileiro este ensaio, que reafirma a importância cultural da atividade tradutória, é também uma forma de participar da criação de uma ‘tradutologia’, tal como o autor propõe em sua obra” (CHANUT, 2001, p. 10). Certamente ao traduzirmos obras estrangeiras de teoria da tradução para o português, contribuí para o desenvolvimento da área no Brasil. Ainda em 2001, Chanut diz que:

Vale lembrar que os estudos sobre teoria da tradução são muito recentes no Brasil e carecem de trabalhos de qualidade. Entre os que vêm sendo feitos no exterior, há uma grande parte que só é acessível aos leitores de seus originais em língua estrangeira. (CHANUT, 2001, p. 10)

O ano da conclusão do mestrado de Chanut é o mesmo ano da publicação de *Sob a invocação de São Jerônimo*, poucas outras obras estrangeiras tinham sido traduzidas (ver quadro na subseção “História da Tradução”). E a área de pesquisa em Tradução estava em consolidação no Brasil. Assim, a contribuição da tradução de *L'Épreuve de l'étranger* para o público brasileiro é fundamental para a construção de um conceito de tradução e de tradutor a partir do que propõe Berman (à contramão de outros teóricos):

A tradução de *L'épreuve de l'étranger*, obra principal de Antoine Berman, para o português, é de importância capital para os tradutores e estudantes brasileiros da área da tradução, fundamentalmente porque a reflexão de Berman valoriza o tradutor enquanto sujeito livre e responsável, que possui uma consciência histórica e ética de seu trabalho, que reflete sobre sua atividade e busca escrever sobre ela. (CHANUT, 2001, p. 10)

A tradução brasileira desse livro, *A prova do estrangeiro*, foi publicada pela Editora universitária EDUSC (extinta) e teve apenas uma única edição, sem reedições ou reimpressões posteriores. Assim como *Sob a invocação de São Jerônimo* (que também foi publicada por uma editora hoje extinta), conseguimos adquirir o livro através de sebos<sup>112</sup>.

Numa entrevista com a tradutora brasileira, ao perguntar a motivação de se traduzir ineditamente o livro de Berman no Brasil (e traduzir ineditamente o próprio Berman), Chanut me respondeu:

Quando iniciei o meu Mestrado em 1998, tive a sorte de ser a primeira orientanda do Prof. Dr. Marcos Siscar, na Unesp de São José do Rio Preto. Ele acabava de chegar de Paris com o exemplar de *L'épreuve de l'étranger*. Como ele sabia que eu era ex-aluna do curso de Tradutor, com habilitação em francês, e que desejava trabalhar com teoria da tradução, propôs-me a tradução do livro de Antoine Berman que, naquele momento, era considerado o maior teórico da tradução na França. Aceitei o desafio e confesso que foi a experiência mais grandiosa e apaixonante de minha vida acadêmica. (Marini, no prelo)

Nesta mesma entrevista ela comenta também que seu maior desafio foi a tradução do título:

O maior desafio foi, sem dúvida, o próprio título, que sintetiza toda a genialidade do autor em torno da tradução poética como o “estranho-estrangeiro”. Tanto a palavra “*épreuve*” quanto a palavra “*étranger*” sugeriam esse desafio ao tradutor, que se vê diante da impossibilidade de traduzir toda a poeticidade e riqueza de sentidos contidas na palavra poética. (Marini, no prelo)

A obra original em questão foi a primeira grande obra de Berman, fruto de sua tese de doutorado e que fez de Berman um teórico da tradução, mas apesar disso, Chanut confessa que “Infelizmente, na época, eu não tinha a consciência da dimensão e da importância desse trabalho, que hoje auxilia tantos estudantes e pesquisadores não francófonos” (*idem*), mas complementa mais adiante que a importância da tradução de teoria da tradução é “mais que

---

<sup>112</sup> Como por exemplo no site de venda de livros estante virtual, onde podemos ver a imagem da capa do livro: <https://www.estantevirtual.com.br/b/antoine-berman/a-prova-do-estrangeiro/3807568354>

fundamental” e diz ainda “Sinto-me muito satisfeita por ter contribuído com os pesquisadores não francófonos ao facilitar-lhes a leitura de um livro tão importante e essencial para os estudos da tradução” (Marini, no prelo).

Na tradução para a língua inglesa a palavra francesa *épreuve* traduzida em inglês por *experience*, o tradutor ressalta que em francês a palavra *épreuve* tem múltiplas conotações e que a palavra escolhida na tradução em inglês não apresenta a mesma característica, mas que Berman também faz uso da palavra francesa *expérience* em seu texto e para diferenciar os dois usos, quando Berman usa *épreuve*, Heyvaert usa “experience [*épreuve*]”. A tradutora brasileira traduziu *expérience* por “experiência” e *épreuve* por “prova”. Maria Emília Chanut comenta detalhadamente sobre a tradução do título em sua dissertação:

Em *L'épreuve de l'étranger*, o título já aponta mais de um desafio ao tradutor: a palavra *épreuve* sugere várias possibilidades, como *colocar à prova*, *sofrimento*, *prova de coragem*, *de resistência*... O outro desafio vem com a palavra *étranger* que, na língua francesa, oscila permanentemente entre dois significados que sempre andam juntos, são indissociáveis, formando um só e dois ao mesmo tempo: o estranho-estrangeiro. (CHANUT, 2001, p. 38)

A tradutora tem como abordagem a tradução em português dos termos que Berman constrói em francês. Termos como “*visée métaphysique de la traduction*”, “visada metafísica da tradução” ou “*pulsion du traduire*”, “pulsão do traduzir”. Ao falar do termo “*polylingue*” (que ela traduz como “polilíngüe”), Chanut estende seu comentário dizendo que:

A maioria dos neologismos empregada por Berman se refere à forma, ou seja, são termos obtidos por derivação de raízes já existentes e adaptados em função da necessidade de expressar o caráter ou o processo de algo. Muitas vezes, referem-se a neologismos criados no alemão e reformatados na língua francesa. (...) Assim como Berman ousou inseminar a língua francesa – seja criando neologismos, seja levando termos do léxico dicionarizado às últimas consequências –, também a tradução acompanhou esse movimento e essa ousadia, aproveitando-se também do fato de que as duas línguas têm muitas vezes, nesses casos, raízes etimológicas em comum e de que a forma da palavra em português pôde seguir uma lógica semelhante à do francês no processo de derivação. (Chanut, 2001, p. 286)

Uma dessas escolhas de tradução é, por exemplo, a tradução de “*visée*” por “visada” como podemos ver no exemplo:

La *visée* même de la traduction – ouvrir au niveau de l’écrit un certain rapport à l’Autre, féconder le Propre par la médiation de l’Étranger – heurte de front la structure ethnocentrique de toute culture, ou cette espèce de narcissisme qui fait que toute société voudrait être un Tout pur et non mélangé. (BERMAN, 1984, p. 16)

A própria *visada* da tradução – abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro – choca-se de frente com a estrutura etnocêntrica de qualquer cultura, ou essa espécie de narcisismo que faz com que toda sociedade deseje ser um Todo puro e não misturado. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 16)

Outro exemplo é a tradução de *traduisante* por “traduzinte” como podemos verificar no trecho : “Plus encore: à cette analytique de la pratique traduisante devrait s’ajouter une analyse textuelle effectuée dans l’horizon de la traduction (...)” (BERMAN, 19, 20) e em português “Mais ainda: a essa analítica da prática traduzinte deveria ser acrescentada uma análise textual efetuada no horizonte da tradução (...)” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 20). Ou ainda a tradução da palavra *parlance*: “Et pas seulement sur le plan culturel ou social : dans sa *parlance* propre” (p. 20) traduzido como “E não somente no plano cultural ou social: em seu *falar* próprio.” (p. 21).

Sobre a escrita de Berman, a tradutora de *A prova do estrangeiro* explica em sua dissertação de mestrado que “Todas as palavras estrangeiras foram mantidas como Antoine Berman as empregou em seu texto. (CHANUT, 2001, p. 287)”. Os termos de pensadores alemães que foram usadas em alemão no texto francês de Berman também estão em alemão no texto em português, como por exemplo os termos *Bildung* ou *Weltliteratur* que já são termos estabelecidos desta forma, com o uso do estrangeirismo, mesmo nas outras línguas. Ao falar sobre “A tarefa do tradutor”, Berman evoca o conceito benjaminiano de *reine Sprache* e optou por se referir a ele em francês como *pur langage*. A tradução brasileira usou o termo *pura linguagem* tradução correspondente com a opção de tradução francesa adotada por Berman: *pur langage*.

A respeito das referências bibliográficas, Chanut esclarece que manteve as referências como no original e expõe sua motivação para isso:

Uma primeira tentativa de rigor nas pesquisas levou-nos a pesquisar todas as referências dos títulos e das citações de obras estrangeiras em traduções brasileiras. O esforço, porém, mostrou-se hercúleo, dado que não há uma fonte segura onde levar a cabo essa pesquisa e que constatamos haver pouquíssimas traduções existentes e menos ainda disponíveis. Assim, divididos entre a necessidade de rigor e a não uniformidade das informações (...). Tal esforço pareceu-nos fugir ao escopo desta dissertação e havemos por bem remeter mesmo às edições francesas ou alemãs, tal como feito por Berman. (CHANUT, 2001, p. 285)

Cito o caso, por exemplo, de *After Babel* de George Steiner que é citado por Berman em alguns momentos do livro e que Chanut cita em sua tradução com o título em inglês (como Berman). Esse livro só viria a ser traduzido no Brasil anos mais tarde, em 2005 (tradução de



Carlos Alberto Faraco já mencionada anteriormente na presente tese), portanto, mesmo que houvesse a pretensão de inclusão de uma referência em língua portuguesa, ainda não seria possível pois a dissertação de Chanut é de 2001 e a publicação (editorial) de sua tradução data de 2002. Além desse livro, outros foram também mantidos com sua referência original mesmo se os títulos por vezes fossem traduzidos ao português:

Para fins de padronização das referências, descartamos as poucas informações já obtidas, mesmo aquelas já canonizadas na cultura luso-brasileira. Em resumo, todos os textos dos autores alemães que se encontravam em francês foram traduzidos para o português. Da mesma maneira, todos os títulos de obras estrangeiras, quando citados no corpo do texto em francês, foram traduzidos para o português e quando indicados nas referências em notas de rodapé, foram mantidos como se encontra em *L'épreuve de l'étranger*, que às vezes remete à obra original, outras vezes a traduções francesas. (CHANUT, 2001, p. 285, 286)

Sobre os trechos de obras que Berman cita em seu texto, um exemplo é a citação da tradução que Paul Celan faz do texto de Jules Supervielle

Imagem 33 página 197 de *A prova do estrangeiro*

fato de que, através de sua "grande viagem", ela se torna sempre mais "universal" e "progressiva".<sup>17</sup> Pode-se dizer também: a tradução representa um escalão superior da vida do original. Afirmação hiperbólica? Sem dúvida. Mas pode-se observar o seguinte: ocorre às vezes que certas traduções dêem a impressão de uma superioridade sobre seu original que não é simplesmente de ordem literária. Pensemos, por exemplo, na tradução que Paul Celan deu destes versos de Jules Supervielle:

Jésus, tu sais chaque feuille  
Qui vendra la forêt,  
Les racines qui recueillent  
Et dévorent leur secret,  
La teneur de l'éplénère  
à l'approche de la nuit,  
et le soupir de la Terre  
dans le silence infini.  
Tu peux suivre les poissons  
tournoyant les profondeurs,  
quand ils tournent et rebourrent  
et si s'arrête leur coeur...

Jesus, du kennst sie alle:  
das Blatt, das Waldgrün bringt,  
die Wusel, die ihr Tiefstes  
aufsammt und vertritt,  
die Angst des Tageschöpfes,  
wenn es sich nachhina neigt,  
das Seufzen dieser Erde  
im Ratten, der sie umschweigt.  
Du kennst den Fisch begleiten,

17. O fato de que a tradução seja um processo "progressivo" é evidente; ela nunca é definitiva e acabada e não pode somar em si-la. Digamos que as traduções são mais montais do que as obras. E que toda obra autoriza uma infinidade de traduções. O ato de traduzir pertence então a esse espaço da escritura fragmentária que os românticos buscam definir e legitimar. A teoria do fragmento deveria incluir uma teoria da escritura na tradução.

Imagem 34 página 198 de *A prova do estrangeiro*

dich wählen abgrundwärts  
und mit ihm schwimmen, unten,  
und länger als sein Herz...<sup>18</sup>

George Steiner, a quem agradecemos essa confrontação, mostra bem como o universo que Supervielle procurou captar em seus versos um pouco planos e discursivos é como que recuperado e aprofundado nos versos de Celan. Poderíamos simplesmente dizer que há aí uma recriação poética que não pode mais ser considerada uma "tradução", mesmo que Celan tenha acreditado poder intitulá-la desse modo. Ou ainda, que existe aí a oposição de duas poéticas. Mas não podemos evitar a impressão de que Celan soube captar precisamente a visada poética de Supervielle e que essa captação produziu um poema poeticamente superior. Não que Supervielle seja um poeta inferior a Celan (não é o lugar de se discutir sobre isso), mas a tradução do poeta alemão soube "potencializar" o poema francês, colocá-lo à altura de sua própria visada, até mesmo purificá-lo dos defeitos que afetam a poesia de Supervielle em geral e que dizem respeito, em parte, à sua relação com a língua e com a enunciação poética como tal. Visto desse modo, o poema de Supervielle traduzido por Celan representaria um *Über-Supervielle*. A tradução dos poemas de Poe por Mallarmé provocou às vezes comentários análogos. A raridade de tais exemplos no campo da tradução significaria que, como diz Novalis, traduzir é alguma coisa de raro e de difícil. Ela poderia também significar que esse tipo de tradução só é possível em um certo espaço poético, definido historicamente pelo Romantismo, ao qual pertencem

18. STEINER, George. *After Babel*. p. 404-5.

E complementando o que acabamos de verificar, temos o comentário da dissertação que explica a decisão por deixar como no original:

Versos de Jules Supervielle: Nesse caso, era fundamental deixar o leitor a possibilidade de verificar a confrontação proposta por George Steiner da tradução de Supervielle feita por Paul Celan, uma vez que é da análise das duas que resultam os comentários de Berman. A tradução aproximativa em português é: “Jesus, conheces cada folha/ Que verdejará a floresta,/ As raízes que recolhem/ E devoram seu segredo,/ o terror do efêmero/ na aproximação da noite,/ e o suspiro da Terra/ no silêncio infinito./ Podes seguir os peixes/ atormentando as profundezas,/ quando eles tornam e retornam/ e se parar seu coração...” (CHANUT, 2001, p. 289)

A tradutora faz essa tradução “aproximativa” (como ela mesma diz) em sua dissertação, então o leitor de *A prova do estrangeiro*, não tem acesso a essa tradução. No caso das citações de textos teóricos, ela traduz para o português. Para exemplificar a tradução de citações, apresento um trecho do original de Berman em francês em que ele cita a citação da tradução francesa do livro do autor alemão Heidegger:

le principe de la subjectivité inconditionnelle de la métaphysique absolue propre à la pensée allemande, et telle qu'on la rencontre chez Schelling et Hegel, selon lesquels l'être-en-soi-même de l'esprit exige d'abord le retour à soi, qui ne peut s'effectuer à son tour qu'à partir de l'être-hors-de-soi. (p.74)

Ao final da citação, há uma remissão à nota de rodapé: “Heidegger, *Approche de Hölderlin*, Gallimard, Paris, 1973, p. 114” (p.74), ou seja, faz referência à tradução do texto de Heidegger publicada na França. A seguir uma imagem de como consta no original a citação:

Imagem 35 - final da página 73 *L'épreuve de l'étranger*

Parce que la *Bildung* est un processus temporel, et donc historique, elle s'articule en périodes, en étapes, en moments, en époques. Ainsi y a-t-il des « époques » de l'humanité, de la culture, de l'histoire, de la pensée, du langage, de l'art et des individus. Ces époques sont souvent duelles, mais le plus fréquemment triadiques. Toute *Bildung*, dans le fond, est triadique. Ce qui veut dire que sa structure est essentiellement homologue à ce que Heidegger a défini comme

Fonte: BERMAN, 1984

Imagem 36 - início da página 74 *L'épreuve de l'étranger*

le principe de la subjectivité inconditionnelle de la métaphysique absolue propre à la pensée allemande, et telle qu'on la rencontre chez Schelling et Hegel, selon lesquels l'être-en-soi-même de l'esprit exige d'abord le retour à soi, qui ne peut s'effectuer à son tour qu'à partir de l'être-hors-de-soi<sup>1</sup>.

L'interprétation de ce principe, naturellement, varie selon les auteurs. Mais on peut aussi bien dire qu'il fournit la *base spéculative du concept de Bildung* ou que ce dernier lui fournit sa *base historico-culturelle*.

Fonte: BERMAN, 1984

E na tradução brasileira:

Imagem 37 - trecho página 81 *A prova do estrangeiro*

Por ser a *Bildung* um processo temporal e, portanto, histórico, ela se articula em períodos, em etapas, em momentos, em épocas. Assim há “épocas” da humanidade, da cultura, da história, do pensamento, da linguagem, da arte e dos indivíduos. Essas épocas são quase sempre duais, mas o mais frequentemente triádicas. Toda *Bildung*, no fundo, é triádica. O que quer dizer que sua estrutura é essencialmente homóloga ao que Heidegger definiu como

o princípio da subjetividade incondicional da metafísica absoluta, própria ao pensamento alemão e tal como a encontramos em Schelling e Hegel, segundo os quais o ser-em-si-mesmo do espírito exige primeiramente o retorno a si, que só pode se efetuar, por sua vez, a partir do ser-fora-de-si.<sup>113</sup>

A interpretação desse princípio, naturalmente, varia segundo os autores. Mas tanto se pode dizer que ele fornece a *base especulativa do conceito de Bildung* quanto que este último lhe fornece sua *base histórico-cultural*.

Fonte: BERMAN traduzido por Chanut, 2002

A tradução brasileira inclui uma nota de rodapé na qual consta exatamente a mesma informação que consta no original de Berman sobre a obra de Heidegger traduzida para o francês. Pode vir a causar confusão na leitura da tradução brasileira pois não está explicitado que se trata da tradução da tradução francesa.

### 3.2.2 *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo (2007)*

O livro *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* foi publicado pela primeira vez em 1985<sup>113</sup> pela editora Seuil e foi traduzido no Brasil pelos professores (UFSC) Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini como *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* publicado numa primeira edição de 2007 pela editora 7letras<sup>114</sup> e numa segunda edição pela editora Copiart<sup>115</sup> em 2012. *La traduction et la lettre ou l'Auberge du lointain* foi publicado pela primeira vez pela editora Éditions Trans-Europ-Repress em 1985. Sua segunda edição, pela editora Seuil, revela um pouco da história da publicação do livro na nota dos editores assinada por Alain Badiou, Isabelle Berman e Barbara Cassin:

<sup>113</sup> BERMAN, Antoine, GRANDEL, Gérard, JAULIN, Annick et al., *Les Tours de Babel. Essais sur la traduction*, Mauvezin, Trans-Europ-Repress, 1985.

*La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, in *Les tours de Babel*, Mauvezin, Trans-Europ-Repress, 1985 ; Paris, Le Seuil, coll. « L'Ordre philosophique », 1999.

<sup>114</sup> Capa disponível em: <http://www.7letras.com.br/a-traducao-e-a-letra.html>

<sup>115</sup> Capa retirada do PDF do livro disponível na Biblioteca digital da PGET: <http://www.pget.ufsc.br/BibliotecaDigital>

Pela primeira vez a coleção “L’ordre philosophique” retoma um texto já publicado. O seminário de Antoine Berman sobre a tradução, proferido no Collège International de Philosophie, em Paris, 1984, foi publicado no ano seguinte na Editora Trans-Europ-Repress (pelo que agradecemos a Gérard Granel) numa obra coletiva que se esgotou, *Les Tours de Babel. Essais sur la traduction*. (“Notes dos editores franceses” in BERMAN, 1999, p. 7 – tradução de Torres, Furlan e Guerini<sup>116</sup>)

A editora francesa *Seuil* é uma editora “generalista”, como se declaram no site, atuando nas áreas de Literaturas Francesa e Estrangeira, Thrillers e Policiais, Ciências Humanas, Documentos, Espiritualidades, Ciências, Infantil e Juvenil e os Belos Livros (*Beaux-Livres*). A coleção *L’Ordre philosophique* foi fundada por Paul Ricoeur e François Wahl em 1964 e hoje é dirigida por Jean-Claude Monod e Michael Foessel. À época de seu surgimento “marcada pelo estruturalismo e a fenomenologia”, mas atualmente “essa coleção pretende, hoje, privilegiar os trabalhos contemporâneos” (site da editora<sup>117</sup>). Berman figura em seu catálogo ao lado de diversos filósofos franceses e estrangeiros.

Imagem 38 - *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*



Fonte: site editora Seuil

Imagem 39 - *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (1ª ed.)



Fonte: site editora 7letras

Imagem 40 - *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2ª ed.)



Fonte: biblioteca virtual PGET

O livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* tem sua tradução assinada por três professores da Universidade Federal de Santa Catarina: Marie-Hélène Catherine Torres,

<sup>116</sup> Trecho original: Pour la première fois, la collection « L’ordre philosophique » reprend un texte déjà publié. Le séminaire d’Antoine Berman sur la traduction, tenu au Collège International de Philosophie en 1984, a paru l’année suivante aux éditions Trans-Europ-Repress (que Gérard Granel trouve ici l’expression de notre reconnaissance) dans un collectif devenu introuvable, *Les Tours de Babel. Essais sur la traduction*.

<sup>117</sup> <http://www.seuil.com/>

Mauri Furlan e Andréia Guerini. Os três são professores e pesquisadores dos Estudos da Tradução que atuaram na abertura da primeira pós-graduação em Estudos da Tradução do Brasil, a PGET, em 2003.

A editora 7Letras foi fundada em meados dos anos 1990 com pioneirismo ao trabalhar com o sistema de impressão por demanda. O livro *A tradução e a letra* consta no site da editora<sup>118</sup>. A segunda edição do livro foi publicada pela Copiart conjuntamente à PGET (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução) da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A gráfica e editora Copiart é uma “empresa é especializada no mercado editorial e atende “editoras renomadas e autores independentes, além de instituições de todo o Brasil” (site<sup>119</sup>). Destaco que a segunda edição da tradução brasileira está disponível online com acesso livre na biblioteca digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução PGET<sup>120</sup>, o que, a meu ver, representa uma democratização do acesso às obras – lembrando que no Brasil a maior parte das universidades onde há ensino de tradução na graduação e programas de pós-graduação (mestrado e/ou doutorado) em Estudos da Tradução é composta por universidades públicas.

Na tradução brasileira consta uma nota (inicial) dos tradutores na qual eles apresentam sua tradução e explicam algumas decisões que foram tomadas ao longo da atividade tradutória. Algumas destas foram sobre as obras citadas pelo autor: as obras originais que já tinham sido traduzidas no Brasil na época da tradução de *A tradução e a letra*, e que foram substituídas pelos títulos já traduzidos em português e as obras sem tradução foram mantidas com seus títulos conforme mencionados no texto de Berman. Sobre as citações de trechos de obras em língua estrangeira, os tradutores conservaram as citações na língua original acompanhada de uma tradução entre colchetes quando eram casos de cotejo de originais e traduções feitas por Berman para exemplificar alguma reflexão sobre o próprio ato tradutório, como ainda nas primeiras páginas, Berman cita:

---

<sup>118</sup> <http://www.7letras.com.br/a-traducao-e-a-letra.html>

<sup>119</sup> <http://www.graficacopiart.com.br/>

<sup>120</sup> <http://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/>

Imagem 41 trecho página 21 *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*

A cada día le basta su pena, a cada año su daño.

Poder-se-ia, certamente, procurar um equivalente francês.  
Mas escolhi uma tradução ao mesmo tempo literal e livre:

*À chaque jour suffit sa peine, à chaque année sa déveine.*

[A cada dia basta seu sofrimento, a cada ano seu lamento]

O duplo jogo aliterativo do original, *día/pena, año/daño*, desaparece, mas para ser substituído por uma outra aliteração *peine/déveine*. Não se trata, pois, de uma tradução palavra por palavra “servil”, mas da estrutura aliterativa do provérbio original que reaparece sob uma outra forma. Tal me parece ser o trabalho sobre a letra: nem calco, nem (problemática) reprodução, mas atenção voltada para o jogo dos significantes.

Fonte: BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012

Aqui há uma explicitação do fazer tradutório de Berman, das escolhas que fez e que ele mesmo explica em seu texto. Apresentar a tradução francesa, à qual ele se dirige, da qual ele está falando, é lógica e esperada já que ele menciona inclusive algumas palavras escolhidas para a tradução. Caso tivéssemos apenas uma tradução ao português sem a presença da tradução francesa de Berman (como foi feito em outras obras analisadas anteriormente) a argumentação não faria sentido ao mencionar o novo jogo de significantes criado com *peine/déveine*. O que não impediu os tradutores brasileiros de ensaiarem uma tradução que mantivesse a rima criada por Berman em “*À chaque jour suffit sa peine, à chaque année sa déveine*” que não existia no original em espanhol “*A cada día le basta su pena, a cada año su daño*”. A rima de “*peine*” e “*déveine*” é recriada com “sofrimento” e “lamento” no verso: “A cada dia basta seu sofrimento, a cada ano seu lamento”. Os tradutores reproduzem os jogos de significantes da tradução de Berman e não do original em espanhol.

Outro exemplo é quando Berman apresenta a tradução de Kafka feita por Vialatte para o francês:

Imagem 42 - página 39 de *La traduction et la lettre*

TRADUCTION ETHNOCENTRIQUE

duction romanesque, où ce travail de transformation reste inaperçu. Il a fallu longtemps pour le déceler dans le cas de Kafka, par exemple. Quand au début du *Procès*, Vialatte traduit

« ... un homme assis près de la fenêtre ouverte et armé d'un livre dont il détacha son regard en voyant entrer Joseph K. »,

là où Lortholary et Goldschmidt traduisent plus littéralement

« ... un homme assis près de la fenêtre, un livre à la main. Levant les yeux... » (Lortholary)

« ... un homme assis près de la fenêtre ouverte, un livre à la main et qui leva les yeux à cet instant... »

la différence peut paraître mince, mais entre « armé d'un livre » et « un livre à la main », entre « détacha son regard » et « leva les yeux », il y a toute la distance entre la *littérisation* et la *littérarité*. Appliquée à chaque phrase de l'œuvre, la « légère » touche de littérature de Vialatte finit par produire un « autre » Kafka, et bien sûr par biffer sa langue.

*La traduction hypertextuelle et ethnocentrique en question*

Cette pratique et cette théorie de la traduction, il s'agit de les mettre en question. Ou plus modestement : de reprendre un questionnement qui n'a cessé de se développer aux XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècles, sans pourtant ébranler leur domination.

Mettre en cause ces deux modes de traduction, ce n'est pas affirmer que la traduction ne comporte aucun élément ethnocentrique ou hypertextuel.

D'abord, parce que de vastes secteurs de l'écrit n'exigent qu'un transfert du sens. Toute culture doit savoir s'approprier les produc-

1. Trad. Vialatte in *Œuvres complètes I*, La Pléiade, 1976, p. 260; trad. Lortholary, GF Flammarion, 1983, p. 30; trad. Goldschmidt, Presses Pocket, 1983, p. 32. Voir Dossier Kafka, *Quinzaine Littéraire*, n° 402, octobre 1983, p. 15-18.

39

Fonte: BERMAN, 1999

Imagem 43 - página 51 de *A tradução e a letra*

TRADUÇÃO ETNOCENTRICA E TRADUÇÃO HIPERTEXTUAL

hipertextualidade discreta se revela. Isso é muito comum na tradução romanesca, onde tal trabalho de transformação permanece desapercibido. Demorou-se muito tempo para descobri-lo no caso de Kafka, por exemplo. Quando no início do *Processo*, Vialatte traduz

*...un homme assis près de la fenêtre ouverte et armé d'un livre dont il détacha son regard en voyant entrer Joseph K.* [1976: 260].

[...um homem sentado perto da janela aberta e armado de um livro do qual desprende os olhos ao ver Joseph K. entrar.]

onde Lortholary e Goldschmidt traduzem mais literalmente

*...un homme assis près de la fenêtre, un livre à la main. Levant les yeux...* (Lortholary) [1983: 30]

[um homem sentado perto da janela, um livro na mão. Levantando os olhos...]

*...un homme assis près de la fenêtre ouverte, un livre à la main et qui leva les yeux à cet instant...* (Goldschmidt) [1983: 32]<sup>14</sup>

[um homem sentado perto da janela aberta, um livro na mão e que levantou os olhos neste momento...]

a diferença pode parecer mínima, mas entre "armado de um livro" e "um livro na mão", entre "desprende os olhos" e "levantou os

<sup>14</sup> Ver também o dossê Kafka, em *Quinzaine Littéraire*, n. 402 [1983: 15-18].

51

Fonte: BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012

Como é possível perceber, é de fundamental importância a presença do trecho em francês em *A tradução e a letra* para identificar as diferenças entre traduções francesas de Kafka. O mesmo acontece com o trecho de *Paraíso Perdido* de Milton e sua tradução francesa feita por Chateaubriand. Berman apresenta o trecho de Milton em inglês seguida por sua tradução em francês, e os tradutores brasileiros apresentam então o trecho em inglês, a tradução em francês e em seguida uma tradução em português (feita a partir do francês). Essa estratégia em relação a citações de trechos de obras literárias traduzidas não é a mesma adotada em relação a citações de obras teóricas, pois estas são diretamente traduzidas em português.

Em outro trecho, em que Berman cita provérbios em diferentes línguas, os tradutores traduziram cada um deles sistematicamente:

« Le monde appartient à ceux qui se lèvent tôt » (français)  
 « L'heure du matin a de l'or dans la bouche » (allemand)  
 « L'oiseau du matin chante plus fort » (russe)  
 « Al que madruga, Dios le ayuda » (español)

(BERMAN, 1999, p. 65, 66)

*Le monde appartient à ceux qui se lèvent tôt. (français)*

[O mundo pertence aos que levantam cedo.]

*L'heure du matin a de l'or dans la bouche. (alemão)*

[A hora da manhã tem ouro na boca.]

*L'oiseau du matin chante plus fort. (russo)*

[O pássaro da manhã canta mais forte.]

*Al que madruga, Dios le ayuda. (espanhol)*

[A quem madruga, Deus ajuda.]

(BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 84)

Em outro momento do livro fizeram uso de um quadro/tabela para apresentar de maneira organizada e alinhada a tradução em francês e a tradução (da tradução francesa) em português ao lado

Imagem 44 trecho página 105 *A tradução e a letra*

Fragmento n. 140:

γάλακτος λευκότερα  
 ύδατος απαλωτέρα  
 πηκτιδων έμμελεστέρα  
 ίππου γαυροτέρα  
 ρόδων άβροτέρα  
 ιματίου έάνου μαλακωτέρα  
 χρυσού τιμωτέρα

Mora:

<i>plus blanche que le lait</i>	mais branca que o leite
<i>plus souple que l'eau</i>	mais ágil que a água
<i>plus harmonieuse que les harpes</i>	mais harmoniosa que as harpas
<i>plus fière qu'une cavale</i>	mais orgulhosa que uma égua
<i>plus délicate que les roses</i>	mais delicada que as rosas
<i>plus douce qu'un moelleux manteau</i>	mais doce que um manto macio
<i>plus précieuse que l'or</i>	mais preciosa que o ouro

Deguy:

<i>Que lait?</i>	<i>Plus blanche</i>	<i>Que o leite?</i>	mais branca
<i>Que source?</i>	<i>plus délicate</i>	<i>Que a fonte?</i>	mais delicada
<i>Que lyres?</i>	<i>plus accordée</i>	<i>Que as liras?</i>	mais afinada
<i>Que cheval?</i>	<i>plus fière</i>	<i>Que o cavalo?</i>	mais orgulhosa
<i>Que roses?</i>	<i>plus tendre</i>	<i>Que as rosas?</i>	mais terna
<i>Que robe riche?</i>	<i>plus profonde</i>	<i>Que o rico vestido?</i>	mais profunda
<i>Que l'or?</i>	<i>plus précieuse</i>	<i>Que o ouro?</i>	mais preciosa

Fonte: BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012

Na nota inicial dos tradutores, eles anunciam também a presença de notas de rodapé escritas pelos tradutores e indicadas por [N. de T.]. Na primeira edição da tradução brasileira todas as notas de rodapé foram inseridas como notas de fim de livro. Já na segunda edição



(2012) constam como nota de rodapé (o que se aproxima da disposição gráfica-textual do original). A primeira nota dos tradutores fala sobre o título “*L’auberge du lointain - Introduction*”. No texto de Berman (original em francês) há apenas a informação “*L’expression est du troubadour Jaufré Rudel*” (BERMAN, 1999, p. 13). Na tradução esta nota ganha uma complementação “A expressão *l’auberge du lointain* é de Jaufré (ca. 1130-1170), trovador occitano, que escreveu sete canções de amor, nas quais canta o “amor longínquo” (*amor de lohn*), isto é, o amor impossível e sem esperança. [N. de T.]”. A segunda nota dos tradutores apenas ressalta que a palavra que remete à nota estava no próprio original em espanhol e assim foi mantida na obra traduzida. A terceira e a quarta notas apresentam a referência completa da obra de onde foi retirada o trecho usado como epígrafe para uma das seções do livro.

Na nota inicial do livro, os tradutores explicitam que procederam com a criação de neologismos para traduzir os neologismos do próprio autor. Para citar alguns exemplos: Tradútica, *traductique*, para-traduzir, *à-traduire* tendências deformadoras, *tendences* deformantes e a tipologia proposta por Berman com as seguintes tendências: *rationalisation*, racionalização, *clarification*, clarificação, *allongement*, alongamento, *ennoblissement*, enobrecimento, *appauvrissement qualitatif*, empobrecimento qualitativo, *appauvrissement quantitatif*, empobrecimento quantitativo, *homogénéisation*, homogeneização, *destruction de rythmes*, destruição dos ritmos, *destruction des réseaux signifiants sous-jacents*, destruição das redes significantes subjacentes, *destruction des systématismes*, destruição dos sistematismos, *destruction ou exotisation des réseaux langagiers vernaculaires*, destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares, *destruction des locutions*, destruição das locuções, *effacement des superpositions de langues*, apagamento das superposições de línguas.

Os itálicos usados por Berman são usados sistematicamente como elemento argumentativo e assim foram mantidos na tradução:

Dans ladite figure, la traduction est caractérisée par trois traits. *Culturellement* parlant, elle est *ethnocentrique*. *Littérairement* parlant, elle est *hypertextuelle*. Et *philosophiquement* parlant, elle est *platonicienne*. L’essence ethnocentrique, hypertextuelle et platonicienne de la traduction recouvre et occulte une essence plus profonde, qui est simultanément *éthique*, *poétique* et *pensante*. (BERMAN, 1999, p. 26)

Nesta figura, a tradução se caracteriza por três traços. *Culturalmente* falando, ela é *etnocêntrica*. *Literariamente* falando, ela é *hipertextual*. E *filosoficamente* falando, ela é *platônica*. A essência etnocêntrica, hipertextual e platônica da tradução recobre e oculta uma essência mais profunda, que é simultaneamente *ética*, *poética* e *pensante*. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 34)

Os itálicos muitas vezes aparecem em palavras pequenas (com o risco de passarem despercebidas), mas é exatamente no intuito de destaca-las que Berman faz uso dos itálicos como em “(...) car pour nous, la divinité *est* Esprit” ou “Sophocle est simultanément orientalisé *et* occidentalisé” (BERMAN, 1999, p. 95); e, na tradução mantidas: “pois para nós, a divindade *é* Espírito” e “Sófocles *é*, simultaneamente, orientalizado *e* ocidentalizado”.

Para a tradução de itens lexicais, procedeu-se à tradução em português para os termos franceses de Berman, como, por exemplo:

Il y a donc ici *impulsion à la traduction* : à l’impulsion traduisante de la romanité païenne visant à constituer sa propre culture par pillage, emprunt, annexion, se surimpose l’impulsion évangélisante du christianisme : il faut que chaque peuple puisse entendre la Parole de Dieu, il faut traduire. (BERMAN, 1999, p. 33)

Há, portanto, aqui *impulso à tradução*: ao impulso tradutório da romanidade pagã visando constituir sua própria cultura por pilhagem, empréstimos e anexação, superpõe-se o impulso evangelizador do cristianismo: é necessário que cada povo possa entender a Palavra de Deus, é necessário traduzir. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 43)

Outro exemplo é *visée* que foi traduzido tanto por objetivo, quanto por projeto e aspiração. Não há uma uniformização da tradução desse termo. “Or, c’est seulement en cernant la *visée* du traduire que des « recettes » anti-déformantes peuvent prendre un sens (...)” (BERMAN, 1999, p. 69) traduzido como “Ora, é somente delimitando o objetivo do traduzir que as “receitas” antideformadoras podem fazer sentido (...)” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 89). E ainda na mesma página:

“Proposer une analytique positive suppose donc (au moins) deux choses : avoir défini l’espace de jeu propre de la traduction (en le distinguant de celui des pratiques hypertextuelles), avoir défini la *pure visée* de la traduction, par-delà des contingences historiques.” (BERMAN, 1999, p. 69)

Propor uma analítica positiva implica, pois, (no mínimo) duas coisas: ter definido o espaço de jogo próprio da tradução (distinguindo-o das práticas hipertextuais), ter definido o puro objetivo da tradução, além das contingências históricas. (BERMAN traduzido por Torre, Furlan e Guerini, 2012, p. 89, 90)

Juntando-se a *A prova do estrangeiro*, o livro *A tradução e a letra* é uma obra amplamente citada e usada nas pesquisas em Estudos da Tradução no Brasil e popularizou ainda mais o nome de Antoine Berman no contexto brasileiro desta área.

Apresento a seguir um quadro em que constam os títulos das obras originais de Antoine Berman sobre tradução e os dados das traduções existentes de cada uma dessas obras para o português, inglês e espanhol:

Quadro 3 - Obras de autoria de Antoine Berman de tradutologia e suas traduções para o português, inglês e espanhol

<b>Obra original Berman - Francês</b>	<b>Tradução - Português</b>	<b>Tradução - Inglês</b>	<b>Tradução - Espanhol</b>
<i>L'épreuve de l'étranger</i> Gallimard, 1984	<i>A prova do estrangeiro</i> Maria Emília Pereira Chanut Bauru, SP: EDUSC, 2002	<i>The experience of the foreign</i> Stefan Heyvaert Editora State University of New York Press (EUA), 1992	<i>La prueba de lo ajeno</i> Rosario García López Editora Universidad de las Palmas de Gran Canaria (Espanha), 2003
<i>La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain</i> Seuil, 1985	<i>A tradução e a letra ou o albergue do longínquo</i> Marie Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 7Letras/PGET, 2007 (1ª edição) Copiart; Florian. PGET / UFSC, 2012 (2ª edição)	Não há tradução.	<i>La traducción y la letra o el albergue de lo lejano</i> Ignacio Rodríguez Argentina: Dedalus Editores, 2014
<i>Pour une critique des traductions : John Donne</i> Gallimard, 1995	Não há tradução.	<i>Toward a Translation Criticism: John Donne</i> Francoise Massardier-Kenney's EUA: Kent State University Press, 2009	Não há tradução.
<i>L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire</i> Presses Universitaires de Vincennes (PUV), 2008	Minha tradução que está sendo desenvolvida no âmbito deste trabalho.	<i>The Age of translation: A commentary on Walter Benjamin's 'The Task of the Translator'</i> Chantal Wright Inglaterra: Routledge, 2018	<i>La era de la traducción: "la tarea del traductor" de Walter Benjamin, un comentario</i> Eugenio López Arriazu Argentina: Dedalus Editores, 2015  <i>La era de la traducción: "la tarea del traductor" de Walter Benjamin, un comentario</i> Bonilla Artigas Editores (México), 2017 (referência à Dedalus Editores na contracapa)
<i>Jacques Amyot, traducteur français</i> Belin, 2012	Não há tradução.	Não há tradução.	Não há tradução.

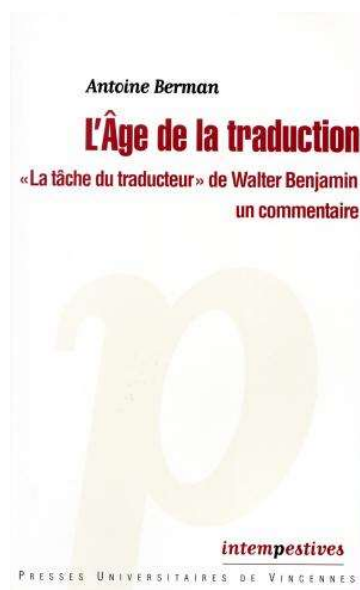
Fonte: a autora



#### 4 **L'ÂGE DE LA TRADUCTION DE ANTOINE BERMAN E COMENTÁRIOS DE SUA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS**

*L'Âge de la traduction* é o penúltimo livro publicado de Antoine Berman (até o presente momento, em 2019) e foi lançado em 2008 pela editora Presses Universitaires de Vincennes PUV<sup>121</sup>. Sua esposa, Isabelle Berman, se dedica até hoje ao tratamento de muitos dos escritos de seu falecido esposo para que estes possam se tornar obras efetivamente publicadas. Este é o caso do livro *L'Âge de la traduction: «La tâche du traducteur» de Walter Benjamin, un commentaire* (2008). Como destaca Hersant: “Ler Benjamin *com* Berman, ou o contrário, é possível hoje graças a uma excelente edição deste seminário tão particular: entre a oralidade e a escrita, Isabelle Berman e Valentina Sommella encontraram o equilíbrio certo”<sup>122</sup> (HERSANT, 2002, p. 382).

Imagem 45 - *L'Âge de la traduction*



Fonte: site da editora PUV

Esta obra foi concebida a partir do seminário que Berman ministrou sobre filosofia e tradução no qual ele dedicou suas aulas ao comentário de “*Die Aufgabe des Übersetzers*” –

<sup>121</sup> Capa disponível em: <http://www.puv-editions.fr/recherche-simple/-ge-de-la-traduction-l--9782842922221-berman-463.html>

<sup>122</sup> Trecho original: “Lire Benjamin *avec* Berman, ou l’inverse, est aujourd’hui possible grâce à une excellente édition de ce séminaire très particulier : entre l’oralité et l’écriture, Isabelle Berman et Valentina Sommella ont trouvé le juste équilibre.” (HERSANT, 2002, p. 382)

conhecido no Brasil como “A tarefa do tradutor” –, de Walter Benjamin no *Collège international de philosophie* em Paris, no inverno de 1984-1985. De fato, o livro foi organizado a partir da reunião dos cadernos que ele escreveu referentes às preparações de aulas desse seminário e às gravações das aulas propriamente ditas (BERMAN, 2008, p. 5-6). A apresentação do livro no site da editora PUV (Presses Universitaires de Vincennes) dá a conhecer que a obra teve origem no seminário ministrado por Berman no Collège e descreve o caráter de comentário de “A tarefa do tradutor” de Benjamin e diz ainda que “Ele [Berman] destaca a força teórica desse texto, analisa os detalhes e mostra as consequências desse pensamento para toda prática da tradução. A obra de Antoine Berman é hoje uma das grandes referências para todas as línguas.” (site da editora PUV<sup>123</sup> - tradução minha).

Isabelle Berman e Valentina Sommella juntas fizeram com que esse material “bruto” de Berman virasse um livro coeso e organizado para publicação em formato “livro”. Na nota editorial Isabelle Berman expõe algumas questões sobre o trabalho desenvolvido, dizendo que: “por ser a primeira tentativa de uma publicação desta natureza – sem o auxílio do autor – nós devemos fazer alguns esclarecimentos” (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5<sup>124</sup>). Isabelle explica então que não queriam fazer uma “edição de arquivo” (*édition d’archive*) e nem gostariam apenas de reescrever as anotações deixadas por Antoine. Ela descreve que decidiram fazer leituras e releituras dos cadernos até que a escrita se “afirmasse”. Este trabalho foi inédito para Isabelle (e Valentina Sommella), lembrando que *L’épreuve de l’étranger* (1984) e *La traduction et la lettre* (1985) foram publicados em vida e *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995) foi publicado depois da morte de Berman (1991), mas ele deixou o livro preparado para publicação antes de falecer. Portanto, *L’Âge de la traduction* (2008) foi a primeira vez em que, sem a ajuda do autor, Isabelle teria que fazer textos desorganizados virarem uma obra publicável. Lembro aqui também que depois de *L’Âge de la traduction* ainda foi publicada uma outra obra concebida da mesma forma que foi *Jacques Amyot, traducteur français* (2012).

Isabelle Berman, ou Isabelle Garma-Berman, também é tradutora. Isabelle (de família paterna argentina) traduziu em parceria com Antoine várias obras dos escritores argentinos Roberto Arlt, como *Le jouet enragé* e *Les sept fous* (tradução de *Los siete locos* e *El juguete*

<sup>123</sup> Trecho original: Il souligne la puissance théorique de ce texte, en analyse le détail et montre les conséquences de cette pensée pour toute pratique de la traduction. L’œuvre d’Antoine Berman est aujourd’hui l’une des références majeures pour tous les langues. Disponível em : <https://www.puv-editions.fr/>

<sup>124</sup> Trecho original: Parce que c’est la première tentative d’une publication de cette nature – sans le secours de l’auteur – nous nous devons de donner quelques explications. (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5)

*rabioso*), e Ricardo Piglia *Respiration artificielle* (tradução de *Respiración artificial*). Outra tradução em parceria com o marido foi *Le Chant d'Agapito Roblès* do autor peruano Manuel Scorza (*Cantar de Agapito Robles*). Além das obras já citadas, de Roberto Arlt traduziu *Saverio le Cruel, L'île déserte* (1991). Traduziu junto com Annie Maisani em 1977 o livro de política e relações internacionais *Les Basques: un peuple contre les États* tradução de *Los Vascos: ayer, hoy y mañana* do autor Francisco Letamendía. Também foi tradutora de *Roi Lear* (2003) de Rodrigo García (Rey Lear) e da obra *Lysistrata* (2005) de Aristófanes (este último com parceria de Rafael Bianciotto).

Valentina Sommella é tradutora e pesquisadora. Ela defendeu sua tese de doutorado em cotutela em “Ciências Filosóficas” e “Ciências da linguagem” em 2010 intitulada *Il volto della lettera: Antoine Berman lettore del “Compto del traduttore” di Walter Benjamin / Le visage de la lettre. Antoine Berman lecteur de La tâche du traducteur de Walter Benjamin* com orientação de Domenico Jervolino da *Università degli Studi di Napoli “Federico II”* e Yves Hersant da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris (Centre de Recherche sur les Arts et le Langage)*. Seu mestrado também tinha sido sobre Antoine Berman, *master* em Filosofia da Linguagem na mesma universidade de Nápoles com orientação do mesmo professor Domenico Jervolino com o trabalho intitulado *Antoine Berman, penseur de la traduction*.

A maneira como Isabelle Berman e Valentina Sommella desenvolveram o trabalho de edição dessa obra, estabeleceu uma base de como proceder para a edição de obras futuras. Isabelle explica que:

Disponhamos, no início, de cadernos nos quais Antoine preparava as aulas do seminário e de gravações da quase totalidade das aulas, generosamente disponibilizadas por Wladimir Granoff. Deveríamos partir do escrito ou do oral? Deveríamos tratar o escrito e o oral conjuntamente? Michel Deguy me aconselhou a partir do escrito e foi o que fiz. (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5-6 – tradução minha)<sup>125</sup>

Mesmo elas tendo usado o material escrito como “original” para o trabalho de escrita do livro, esses escritos tinham algumas marcas da oralidade, já que tinham sido escritos visando a transmissão oral nas aulas do seminário. Entretanto, as menções a aulas anteriores, referências ao público e expressões informais não eram tão significativas e não impactaram tanto a escrita

---

<sup>125</sup> Trecho original: “Nous disposions au départ de cahiers sur lesquels Antoine préparait les séances du séminaire, et d’enregistrements, généreusement transmis par Wladimir Granoff, de la quasi-totalité des séances. Fallait-il partir de l’écrit, ou de l’oral? Fallait-il traiter ensemble l’écrit et l’oral? Michel Deguy me conseilla de partir de l’écrit, ce que je fis.” (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5-6)



do livro, mas a “oralidade desejada” dos escritos de Berman estava ali. Isabelle Berman relata que vinha realizando o trabalho de organização do manuscrito lentamente ao longo de anos e num certo momento Valentina Sommella aparece para vir a se tornar colaboradora de Isabelle. Juntas elas terminaram o trabalho com os escritos e ao final decidiram escutar as gravações dos seminários que apesar de ter uma proximidade com o texto escrito, apresentava também grandes diferenças, “Assim, se impunha o projeto de permitir o acesso aos dois “textos”: graças à presente edição por um lado, graças à difusão informática das gravações por outro lado.” (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5-6 – tradução minha)<sup>126</sup>.

Sobre esse livro de Antoine Berman, Mathieu Dosse comenta que:

É sim Antoine Berman que lemos através dos dez “cadernos” que compõem *L’Âge de la traduction*, mas trata-se de um Berman um pouco diferente daquele que tínhamos o hábito de ler. Menos trabalhado, menos “escrito”, a língua que nós descobrimos ao ler esse novo livro conserva um caráter oral propício ao comentário. A própria reflexão não está totalmente acabada, algumas ideias mal são delineadas. Descobrimos então, com prazer, a face menos polida, mais bruta, mais inclinada à protensão, que era aquela face de Berman quando ele aparecia em seus artigos ou ainda, e sobretudo, nas notas de rodapé que acompanhavam suas obras. (DOSSE, 2009, p. 1 – tradução minha)<sup>127</sup>

Mesmo se estão sendo discutidas as ideias de Benjamin, “é também Berman que lemos através dessas linhas” (DOSSE, 2009, p. 1)<sup>128</sup> pois neste livro temos então o grande comentário de Berman sobre o texto de Benjamin “*Die Aufgabe des Übersetzers*” (A tarefa do tradutor). Berman destaca trechos do original alemão, apresenta trechos traduzidos por Maurice de Gandillac em francês, muitas vezes os adapta (para não dizer “corrige”) e discorre a partir deles sobre as ideias de Benjamin. Não apenas se direciona ao comentário deste ensaio (*A tarefa do tradutor*) como também coloca na arena de discussão outros textos de Benjamin que versam sobre reflexões mais amplas, referentes à filosofia da linguagem.

---

<sup>126</sup> Trecho original : “Ainsi s’imposa le projet de permettre l’accès aux deux « textes » : grâce à la présente édition d’une part, grâce à la diffusion informatique des enregistrements d’autre part. ” (Isabelle Berman in BERMAN, 2008, p. 5-6)

<sup>127</sup> Trecho original: “C’est donc bien Antoine Berman que nous lisons à travers les dix « cahiers » qui composent *L’Âge de la traduction*, mais il s’agit d’un Berman quelque peu différent de celui que nous avons pris l’habitude de lire. Moins travaillée, moins « écrite », la langue que nous découvrons en lisant ce nouveau livre conserve un caractère oral propice au commentaire. La réflexion elle-même n’est pas entièrement achevée, certaines idées sont à peine ébauchées. Nous y redécouvrons donc, avec plaisir, la face moins polie, plus brute, plus encline à la protension, qui était celle de Berman lorsqu’il apparaissait dans ses articles ou encore, et surtout, dans les notes de bas de page qui accompagnent ses ouvrages. ” (DOSSE, 2009, p. 1)

<sup>128</sup> Trecho original : “c’est aussi Berman que nous lisons à travers ces lignes” (DOSSE, 2009, p. 1)

E da versão francesa, Berman propõe diversas reescritas; não para reparar as omissões e contrassensos de Gandillac, nem somente porque uma grande obra demanda ser periodicamente retraduzida, mas porque apesar dessas “falhas” – ou graças a elas, precisamente – toda tradução é reveladora e esclarece a letra do texto. (HERSANT, 2002, p. 383 – tradução minha)<sup>129</sup>

Essa obra sobre a interpretação de Berman sobre Benjamin evidencia ainda mais a herança teórica de Berman e registra a própria história da teoria da tradução. Sobre o texto de Benjamin, Berman adverte que:

Hoje, esse texto é frequentemente citado como uma verdade primeira. Ora, não podemos “citá-lo”, pois nenhuma de suas afirmações podem ser destacadas sem se tornar gratuita e sem fundamento. “A tarefa do tradutor” não é “citável”, nem “resumível”. Mas ela é “comentável”. Essa não-citabilidade, essa não-resumibilidade e, ao contrário, essa comentabilidade constituem dimensões essenciais do texto, as quais devem ser levadas em conta durante a análise de seu conteúdo. (BERMAN, 2008, p. 31 – tradução minha)<sup>130</sup>

A necessidade do comentário do texto tão hermético de Benjamin dá como resultado essa obra que por sua vez apresenta alguns desafios de tradução. Alguns dos desafios são comuns a outras obras de teoria da tradução traduzidas tanto de Berman quanto de outros autores (como apresentado nas seções anteriores desta tese), mas também apresenta algumas particularidades. Um dos desafios é o uso recorrente de citações tanto de obras teóricas que corroboram com a argumentação de Berman, quanto de trechos de traduções literárias de autoria dele e de outros tradutores, assim como citações de trechos do texto de Benjamin, trechos da tradução de Gandillac para o francês e traduções de Berman desses mesmos trechos. Outro desafio está na tradução dos conceitos benjaminianos comentados por Berman, ou conceitos bermanianos construídos a partir da leitura que ele faz de Benjamin – eles se confundem.

Mas antes de partir para os comentários da minha tradução, comento que o livro foi traduzido para o espanhol e publicado pela editora Dedalus na Argentina em 2015 com tradução do professor da Universidade de Buenos Aires, Eugenio López Arriazu. A seguir uma imagem da capa do livro disponível no site da editora<sup>131</sup> onde consta o nome do tradutor na capa:

<sup>129</sup> Trecho original: “Et de la version française, Berman propose maintes réécritures ; non pour réparer les omissions et contresens de Gandillac, ni seulement parce qu’une grande oeuvre demande à être périodiquement retraduite, mais parce qu’en dépit de ses ‘fautes’ – ou grâce à elles, précisément – toute traduction est révélatrice et éclaire la lettre du texte.” (HERSANT, 2002, p. 383)

<sup>130</sup> Trecho original : “Aujourd’hui, ce texte est souvent cité comme une vérité première. Or, on ne peut le « citer », car aucune de ses affirmations ne peut être détachée sans aussitôt devenir gratuite et sans fondement. « La tâche du traducteur » n’est ni « citable », ni « résumable ». Mais elle est « commentable ». Cette non-citabilité, cette non-résumabilité et, à l’inverse, cette commentabilité constituent des dimensions essentielles du texte, dont il faut tenir compte dans l’analyse de son contenu.” (BERMAN, 2008, p. 31)

<sup>131</sup> Disponível em: <http://dedaluseditores.com.ar/blog/archives/libros/laeradelatraduccion>

Imagem 46 - *La era de la traducción*  
(tradução argentina Editora Dedalus)



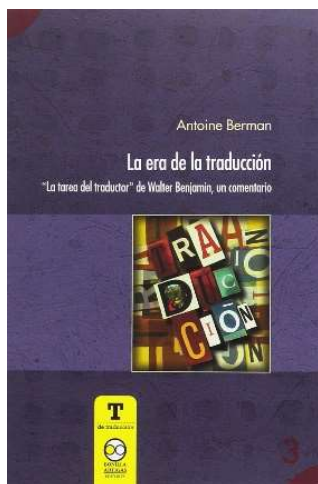
Fonte: site da editora Dedalus

Eugenio López Arriazu é tradutor do latim, russo, inglês e francês. Tem graduação em Letras, especialização em língua inglesa e também em literaturas eslavas e doutorado em Letras pela Universidad de Buenos Aires - UBA, com tese intitulada *Pushkin sátiro y realista. La influencia de la sátira en el realismo de A. S. Pushkin* defendida em 2013. Hoje é professor da Facultad de Filosofía y Letras da UBA.

Foi lançada uma segunda edição em espanhol, publicada em 2016, com o mesmo título *La era de la traducción: “la tarea del traductor” de Walter Benjamin, un comentario*, mas publicada pela editora mexicana Bonilla Artigas Editores<sup>132</sup>. Trata-se da mesma tradução dessa vez publicada no México. Assim como podemos ver (imagem acima) na capa da edição argentina o símbolo da editora Bonilla, podemos ver (imagem abaixo) também na contracapa da edição mexicana o símbolo da editora argentina Dedalus. Na página da catalogação bibliográfica de ambas edições vemos a referência a ambas editoras.

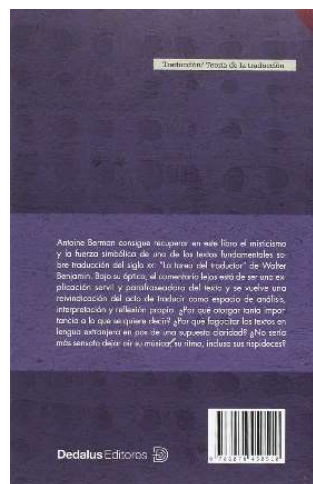
<sup>132</sup> Curiosamente o livro não aparece no catálogo disponível no site da Bonilla Artigas Editores, mas está sendo vendido num site espanhol.

Imagem 47 - Capa *La era de la traducción*  
(editora Bonilla, México)



Fonte: site amazon

Imagem 48 - Contra capa *La era de la traducción*  
(editora Bonilla, México)



Fonte: site amazon

Uma curiosidade sobre essa edição (mexicana) é que ela traz na orelha do livro uma foto supostamente de Berman. Porém, não se trata dele. Apresento aqui uma foto realmente de Antoine Berman veiculada no vídeo que registrou o evento *Hommage à Antoine Berman* [Homenagem a Antoine Berman] realizado no âmbito do projeto “*Entretiens de Po&sie*” na *Maison de la Poésie* com a presença de Michel Deguy, Isabelle Berman, Jean-Michel Rey, Guillaume Métayer e Hédi Kaddour, realizado no dia 18 de fevereiro de 2017, disponível online<sup>133</sup>.

Imagem 49 - Retrato de Antoine Berman

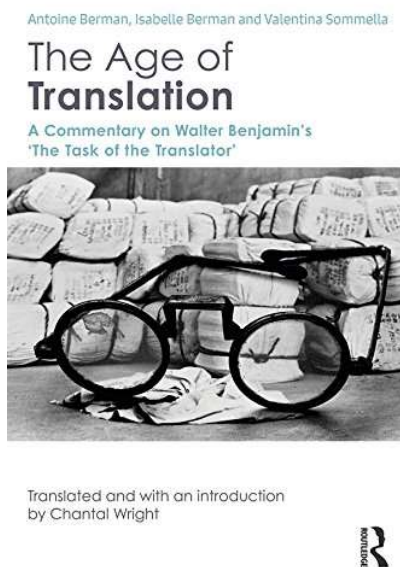


Fonte: Vídeo *Hommage à Berman* 00:00:10

<sup>133</sup> Vídeo *Hommage à Antoine Berman* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dIJcvl5ccCw>

No ano passado, em 2018, foi publicada também uma tradução de língua inglesa pela editora Routledge, traduzida pela pesquisadora inglesa Chantal Wright com o título *The Age of Translation: A Commentary on Walter Benjamin's 'The Task of the Translator'* cuja capa vemos abaixo:

Imagem - capa de The Age of translation



Fonte: site Routledge

Chantal Wright é doutora em Tradução Literária pela Universidade de East Anglia. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Inglês e Estudos Literários Comparados da Universidade de Warwick. Nesta instituição, ela atua nos programas de Mestrado em Estudos Literários da Tradução (*MA in Literary Translation Studies – MALTS*), Mestrado em Escrita (*MA in Writing – MAW*) e Doutorado em Estudos da Tradução. Seus temas de pesquisa atuais são teoria e prática da tradução literária; estilística; exofonia; literatura migrante e intercultural; e tradução de literatura infanto-juvenil. Chantal Wright é tradutora acadêmica de alemão e francês para o inglês e já traduziu autores como Zoran Drvenkar, Cornelia Funke, Milena Baisch, Andreas Steinhöfel, Tzvetta Sofronieva, Yoko Tawada e Antoine Berman. Wright é também a coordenadora do *The Warwick Prize for Women in Translation* [Prêmio Warwick para Mulheres na Tradução].

Ao longo dos comentários de tradução, não só farei uso dos dados recolhidos a partir das análises do capítulo anterior da tese, como também eventualmente lançarei mão da consulta às traduções argentina e inglesa.

## TRADUÇÃO COMENTADA

Em sua dissertação de mestrado, Chanut introduz os comentários da sua tradução dizendo que “As notas à tradução visam a esclarecer o leitor, tanto para justificar algumas soluções adotadas no decorrer do trabalho, quanto para ajudá-lo, algumas vezes, a penetrar melhor no que foi dito naquelas “zonas significantes” das quais fala Berman (...)” (CHANUT, 2001, p. 273). O que ela chama de “notas”, chamo aqui de comentários da tradução.

Torres afirma que “O comentário de tradução, na minha opinião, pode ser considerado também como um gênero acadêmico-literário, como o resumo é um gênero acadêmico, a tese, o artigo.” (Torres, 2017, p. 18). Ela elenca ainda as características do gênero Tradução Comentada que seriam, em primeiro lugar o caráter autoral, já que tradução e comentário têm o mesmo autor; o caráter metatextual pois “está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto)” (idem, p. 18); em seguida o caráter discursivo-crítico já que “o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões” (idem, p. 18); em quarto lugar o caráter descritivo pois o comentário discorre sobre uma “tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução” e, finalmente, o caráter histórico-crítico visto que “todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução.” (TORRES, 2017, p. 18)

Gostaria de insistir sobre o último aspecto estabelecido por Torres, o caráter histórico-crítico. No caso da presente tese, esse caráter se destaca no sentido de que ao fazer a tradução do livro *L'Âge de la traduction* a história da tradução e a história da crítica de tradução são “alimentadas” não só com a apresentação das escolhas de tradução, mas exatamente pela forma com que foi estabelecido o processo de tradução durante o qual foram revisitadas as traduções anteriormente publicadas de obras semelhantes (obras de teoria da tradução francesa – ou tradutologia francesa) para contribuir nas escolhas de tradução (e na argumentação destas). O próprio projeto de tradução aqui é pela via da História da Tradução e Crítica de Tradução.

Mesmo que Torres se refira mais especificamente à tradução literária comentada, podemos estender algumas de suas reflexões e afirmações para o nosso caso. Nesse mesmo texto, ao se perguntar o que deve ser comentado ao tecer uma “tradução comentada”, a pesquisadora afirma que “Depende do texto e depende do tradutor-comentarista-pesquisador. O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas.” (TORRES, 2017, p. 19). O que escolho (como prevê Torres) para comentar aqui são as “zonas significantes” (que comenta Chanut a partir de Berman).

Por meio dos comentários nos quais faço uma argumentação das escolhas de tradução, pretendo estender a crítica das traduções das obras analisadas no capítulo anterior, no sentido de confrontar algumas escolhas e apresentar quais foram as escolhas de tradução que privilegiei a partir da análise das obras. Além de lançar mão dos dados extraídos a partir das traduções das obras, também faço uso de consulta a obras lexicográficas monolíngues, notadamente, para língua francesa os Dicionários Le Robert e Larousse, para a língua portuguesa os dicionários Houaiss e Aurélio, bem como o dicionário bilíngue Dicionário infopedia. Também foram eventualmente consultadas as traduções do livro para língua espanhola (2015, Argentina) e para língua inglesa (2018, Inglaterra), bem como as traduções brasileiras de alguns artigos de Berman. Um exemplo de contribuição de outras traduções (para outras línguas) é dada por Chanut tradutora de *A prova do estrangeiro* (*L'épreuve de l'étranger*) em sua dissertação na qual ela faz comentários da sua tradução:

considerando que os sentidos de prova em português têm, na maioria dos casos, correspondência com os sentidos de épreuve que são relevantes no contexto da obra, e também pela sua semelhança na forma do significante, essa foi a escolha final. Vale lembrar que o título da edição italiana também adotou a palavra pròva. (CHANUT, 2001, p. 279)

O título da tradução italiana de *L'épreuve de l'étranger* é: *La pròva dell'estraneo*.

## COMENTÁRIOS

A seguir estão meus comentários a respeito das minhas escolhas de tradução, argumentadas muitas vezes argumentadas de modo comparativo às traduções anteriores de Berman e às traduções de outras obras de tradutologia francesa, bem como às traduções argentina e inglesa da mesma obra que traduzo aqui. A tradução na íntegra foi apresentada à banca em volume separado em uma tabela onde texto original e traduzido constavam alinhados parágrafo a parágrafo. Para exemplificar as escolhas de tradução, apresento aqui ao longo dos

comentários, trechos em que também disponho em tabela trecho original e trecho traduzido lado a lado.

#### 4.1 Título

O título completo do livro em língua francesa é *L'Âge de la traduction: "La tâche du traducteur" de Walter Benjamin, un commentaire*. Em francês “âge” tem tanto o sentido de “idade” quanto o sentido de “era”, então, a partir disso e do conteúdo do texto de Berman, vejo que em português existiram algumas possibilidades diferentes para tradução do título *L'Âge de la traduction*: “A idade da tradução”, “As idades da tradução”, “A Era da tradução” ou até mesmo “O tempo da tradução”. Poderíamos entender a “Idade da Tradução” no mesmo sentido que entendemos “Idade Média”, “Idade Moderna”, “Idade Contemporânea”, porém, também poderia remeter, ao entendimento de que a tradução pode envelhecer (enquanto o original não envelhece) e assim também seriam “As idades” dando a mesma ideia do envelhecimento da tradução.

A “era” da tradução remete ao fato de que Berman vê a tradução perpassando diferentes áreas de conhecimento e pretende instituir uma tradutologia, um estudo de traduções. O que faz não só declarando isto em sua obra, mas também com o próprio fato de fazer seus seminários sobre tradução na década de 1980 no *Collège international de philosophie*. A “Era da Tradução” seria então a nossa era, em que vem se dedicando ao estudo da Tradução perpassando várias áreas do conhecimento, numa transdisciplinaridade praticada por Berman, para finalmente ela se afirmar como área autônoma. Na nota da edição francesa, Isabelle Berman esclarece algumas questões a respeito da concepção do livro e esclare que o título da obra foi tirado do texto (BERMAN, 2008, p. 6). O trecho ao qual ela se refere está presente no *Cahier 8* (Caderno 8) e diz que:

<p>Le poète moderne se tiendrait donc naturellement sous la double loi dont nous parlions. Pourquoi ? Cela dépasse le cadre de notre commentaire et renvoie au rôle caché de la traduction non seulement dans le domaine de la poésie moderne, mais dans celui de la philosophie moderne, de l'ethnologie, de la psychanalyse... <b>Nous sommes</b></p>	<p>O poeta moderno se encontraria então naturalmente sob a dupla lei da qual falávamos. Por quê? Isso ultrapassa o âmbito do nosso comentário e remete ao papel oculto da tradução não somente no domínio da poesia moderna, mas também da filosofia moderna, da etnologia, da psicanálise... <b>Nós estamos na era da tradução.</b><sup>134</sup></p>
---	--

<sup>134</sup> Como dito anteriormente para os trechos de *L'Âge de la traduction*, disponho trecho original e trecho traduzido lado a lado em tabelas. Por isso não há referência bibliográfica para o trecho traduzido, pois trata-se de trechos da minha tradução.



à l'âge de la traduction. (BERMAN, 2008, p. 149)	
--	--

No trecho em questão, Berman destaca o papel desempenhado pela tradução em diversas áreas de conhecimento, mas que muitas vezes é ignorado ou não é devidamente explorado em cada uma dessas áreas, mas que tem valor muitas vezes no estabelecimento ou no desenvolvimento de um domínio do saber. O trecho a seguir é do texto “*Mes séminaires au « Collège »*” de 1991 que consta antes da *Ouverture – Cahier 1* (Abertura – Caderno 1) e faz as vezes de prefácio de Berman à sua obra. Nesse trecho, Berman reforça a tradução como tema que perpassa as diferentes áreas do conhecimento:

[...] l'importance de la traduction pour le Collège réside plus profondément en ceci, que les différents savoirs ou activités pris en vue (qu'il s'agisse de savoirs ayant une forme institutionnelle par ailleurs, comme la philosophie, la psychanalyse, les sciences, le droit, la littérature et la critique littéraire, ou d'intersciences dont le seul lieu d'existence est le Collège) rencontrent tous la traduction comme question. (BERMAN, 2008, p. 10)	[...] a importância da tradução para o <i>Collège</i> reside mais profundamente no fato de que os diferentes saberes ou atividades levadas em conta (que sejam saberes que têm uma forma institucional, como a filosofia, a psicanálise, as ciências, o direito, a literatura e a crítica literária, ou que sejam inter-ciências cujo único lugar de existência é o <i>Collège</i> ) encontram a tradução como questão.
---	---

A “Era da Tradução” também é o entendimento do tradutor argentino que intitulou sua tradução em espanhol como “*La era de la traducción: “la tarea del traductor” de Walter Benjamin, un comentario*”. Em inglês, há uma “facilidade” em relação ao título, pois nessa língua existe o cognato “age” para a palavra francesa “âge”. Assim, a tradutora inglesa intitulou o livro como “*The Age of Translation: A Commentary on Walter Benjamin’s ‘The Task of the Translator’*”.

O título que dou à minha tradução é então:

*A era da tradução: “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin, um comentário*

#### 4.2 A letra de Berman

Para a composição de seu discurso, Berman faz uso de algumas construções particulares nesse livro. Uma delas é o uso de hífen para destacar uma proposição ou marcar uma terminologização e por isso, faço o mesmo na minha tradução. Temos, por exemplo: *le-discours-sur-la-traduction*, o-discurso-sobre-a-tradução; *l'œuvre-dans-sa-langue*, obra-na-sua-língua; *langage-de-la-vérité*, linguagem-da-verdade; *lecteur-de-traductions*, leitor-de-

traduções; *rapport-à-la-traduction*, relação-com-a-tradução; *poète-traducteur*, poeta-tradutor; *être-en-dehors-de-sa-langue*, ser-fora-de-sua-língua; *entre-les-langues*, entre-línguas; *devenir-signe*, se-tornar-signo; *annoncer-et-de-cacher*, anunciar-e-de-ocultar; *lecteur-de-traductions*, leitor-de-traduções; *position-de-prologue*, posição-de-prólogo. Ou ainda nos exemplos a seguir:

<b>re-traduire</b> , ou plutôt à <i>traduire sur le mode de la re-traduction</i> (BERMAN, 2008, p. 20)	re-traduzir, ou melhor a <i>traduzir no modo da re-tradução</i>
<i>Il y a hiatus entre le-discours-sur-la-traduction et la traduction.</i> (BERMAN, 2008, p. 35)	<i>Há um hiato entre o-discurso-sobre-a-tradução e a tradução.</i>
Expérience de la traduction et <b>pensée-de-la-traduction</b> . (BERMAN, 2008, p. 38)	Experiência da tradução e <b>pensamento-da-tradução</b> .
Plus : il n’y a une « méthode » de traduction que dans l’horizon de la définition platonicienne, et dans cet horizon tout <b>discours-sur-la-traduction</b> est obligatoirement « méthode ». (BERMAN, 2008, p. 38)	Mais: só há um “método” de tradução no horizonte da definição platônica e nesse horizonte todo <b>discurso-sobre-a-tradução</b> é obrigatoriamente “método”.
La <i>Darstellung</i> traductive est un mode de signaler cette intimité sans, pour autant, la rendre présente. Elle la signale comme un futur, comme un <i>À-Venir</i> . Cet <i>À-Venir</i> est présent dans la traduction. (BERMAN, 2008, p. 95)	A <i>Darstellung</i> tradutória é um modo de assinalar essa intimidade sem, com isso, torná-la presente. Ela assinala como um futuro, como um <i>Por-Vir</i> . Esse <i>Por-Vir</i> está presente na tradução.

Esse é um artifício também presente na escrita de Meschonnic que em *Poétique du traduire* faz uso abundante de hífen como nos exemplos “*traduction-langue*”, “*traduction-texte*”, “*cachant-montrant*”, “*entre-les-langues*”, “*traduction-introduction*”, “*langues-cultures*”, “*mots-sens*”, “*mots-valeurs*”, “*poète-sujet*”, “*la-découverte-du-sujet*” chegando até na grandíssima construção: “*la-psychanalyse-sans-théorie-du-ryhtme-ni-du-discours*”. A tradutora brasileira segue o mesmo padrão de uso de hífen para essas construções de Meschonnic. Em Derrida isso também acontece como, por exemplo, em “*être-à-traduire*” traduzido como “ser-a-traduzir” e “*re-marquer*” traduzido como “re-marcar”.

Voltando ao texto de Berman em *L’Âge de la traduction*, a tradutora inglesa manteve o uso de hífen, mas o tradutor argentino não no trecho a seguir:

Más: no hay “método” de traducción sino dentro del horizonte de la definición platónica, y dentro de este horizonte todo discurso sobre la traducción es obligatoriamente “método”. (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 48)

Furthermore, translation method only exists within a Platonic definition, all discourse-on-translation is necessarily method. (BERMAN traduzido por Wright, 2018, p. 42)

O tradutor argentino ora usa o hífen, ora não usa. Da última citação que consta no quadro acima, Arriazu traduziu como “Experiencia de la traducción y pensamiento de la traducción” (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 48). Em outro momento, ele traduz “Le langage pur est l’objet ultime de la réflexion philosophique, en tant que langage-de-la-vérité.” (BERMAN, 2008, p. 24) por “El lenguaje puro es el objeto último de la reflexión filosófica, en tanto que lenguaje-de-la-verdad” (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 30). E ainda em: “la traduction est traduction-des-œuvres” (BERMAN, 2008, p. 46), traduzido em espanhol como “la traducción es traducción de obras” (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 58) e em inglês como “translation is the translation-of-literary-works” (BERMAN traduzido por Wright, 2018) – que traduzo como “a tradução é tradução-das-obras”.

Além da hifenização, Berman faz uso de itálico, aspas e paragrafação não usual como forma de destacar palavras e frases no meio da argumentação do texto. Na tradução usei as mesmas estratégias formais para esses destaques formatados de maneira especial como constam no original já que fazem parte da escrita dele e da argumentação teórica realizada na obra.

La pure langue n’est <i>pas</i> la langue royale de la traduction, mais celle-ci en est l’image. (BERMAN, 2008, p. 144)	A pura língua <i>não</i> é a língua real da tradução, mas esta última é a imagem da primeira.
---	---

Palavras em língua estrangeira são usadas tanto em *Des tours de Babel* (Derrida) quanto em *Sur la traduction* (Ricoeur), os autores usam palavras em alemão para tecer sua reflexão, já que estão muitas vezes também comentando o texto de Benjamin (*Die Aufgabe des Übersetzters*). O mesmo acontece em *Poétique du traduire* de Meschonnic. Para exemplificar o uso de palavras em alemão para construir a argumentação (assim como Berman), cito Derrida: “Elle est apparemment au-delà de toute *Übertragung* et de toute *Übersetzung* possibles.” (DERRIDA, 1987, p. 228) traduzido como “Ela está aparentemente além de toda *Übertragung* e de toda *Übersetzung* possíveis.” (DERRIDA, 2006, p. 57). Assim como nas obras dos autores citados, Berman faz uso de palavras estrangeiras em suas obras e em *L’Âge de la traduction* também faz uso abundante e sistemático delas, notadamente em alemão, padrão esse que manteve na tradução em língua portuguesa.

Outra estratégia é a construção de palavras com o uso de parêntese e, para a tradução, reproduzi em português essa escrita que abre a possibilidade de leitura para duas palavras, como, por exemplo “fragmente (ation)” que abre a leitura para “*fragment*”-“fragmento” e “*fragmentation*”-“fragmentação”:

<p>C'est ainsi que la multiplicité des langues apparaît comme <b>fragment (ation)</b>. Chaque langue est Bruchstück, fragment. En tant que tel, elle renvoie à un Tout, à une langue « plus grande ». La totalité des fragments des langues (des langues-fragments) <b>donne (rait)</b> la pure langue qui, elle, n'est plus fragmentaire. (BERMAN, 2008, p. 120)</p>	<p>É assim que a multiplicidade das línguas aparece como <b>fragment(o)(ação)</b>. Cada língua é Bruchstück, fragmento. Enquanto tal, ela remete a um Todo, a uma língua “mais ampla”. A totalidade dos fragmentos das línguas (das línguas-fragmentos) <b>fa(z)(ria)</b> a pura língua que, por sua vez, não é mais fragmentária.</p>
<p>Mais par nature, étant des fragments de ce « vase », ils peuvent se compléter jusqu'à <b>(re)former</b> celui-ci dans son intègre figure. Chercher, de fragment à fragment de langue, une « ressemblance » est tout à fait vain dans cette optique, mais par contre, chercher à les assembler pour <b>(re) former</b> la figure dont ils sont les fragments ne l'est pas. (BERMAN, 2008, p. 120, 121)</p>	<p>Mas por natureza, sendo fragmentos desse “vaso” eles podem se completar até <b>(re)formar</b> o vaso na sua figura íntegra. Buscar, de fragmento em fragmento de língua, uma “semelhança” é totalmente em vão nessa ótica, mas por outro lado, buscar juntá-los para <b>(re)formar</b> a figura da qual eles são fragmentos não é em vão.</p>

A respeito da pontuação, é bem verdade que nem sempre é pertinente usar na tradução uma pontuação como a do original, pois assim como não fazemos uma tradução palavra por palavra, não podemos fazer uma tradução vírgula a vírgula, já que as regras de pontuação mudam de língua para língua e usar uma distribuição de pontuação “idêntica” ao original causaria os mesmos problemas de uma tradução palavra por palavra: a mudança do próprio sentido da frase. Porém, em diversas regiões do texto, há o uso de uma pontuação que serve para reforçar a retórica dando o tom desse texto que além de ensaístico é didático. Lembro que trata-se de uma obra fruto de anotações visando a sua apresentação oral. A seguir, exemplos em que foi possível reproduzir a pontuação.

<p>Non: ce mouvement réunifiant est plutôt annoncé dans la traduction, et — on va le voir — de manière elle aussi fragmentaire. (BERMAN, 2008, p. 121)</p>	<p>Não: esse movimento reunificador é mais anunciado na tradução, e – veremos – de maneira também fragmentária.</p>
<p>Matériellement : cela est essentiel, cela veut dire dans sa lettre. La pure langue est celle où la lettre et le sens ne font plus qu'un. Nous y reviendrons. (BERMAN, 2008, p. 158)</p>	<p>Materialmente: isso é essencial, isso quer dizer em sua letra. A pura língua é aquela na qual a letra e o sentido não são mais que um. Voltaremos a isso.</p>

Numa resenha de tradução sobre *La prueba de lo ajeno* (tradução espanhola de *L'Épreuve de l'étranger*), Echeverri comenta que:

O trabalho de Rosario García López tem, certamente, o mérito de ser a primeira tradução espanhola desse texto, é, portanto, uma porta aberta a um diálogo em torno da obra e de sua tradução. Mas essa primeira tradução de *L'épreuve de L'étranger* será reconhecida sobretudo pela sua falta de sistematicidade. (ECHEVERRI, 2006, p. 214 – tradução minha)<sup>135</sup>

Esta falta de sistematicidade comentada por Echeverri diz respeito a vários elementos. Um deles, e talvez o mais superficial é o de existir muitos erros de tipografia, nomes de autores escritos de diferentes formas ao longo do livro, por exemplo. Ele comenta ainda que a tradutora faz muitas reestruturações de frases, inversões, mudanças radicais de pontuação como, por exemplo, um parágrafo que no original tinha quatro frases na tradução passou a ser um parágrafo de uma única frase. A reestruturações feitas pela tradutora dificultam a leitura do texto e o entendimento dos propostos de Berman, de acordo com Echeverri (2006) o que é por si só uma mudança do próprio estilo de Berman que pode ser considerado “especulativo, denso, talvez esotérico, mas jamais confuso ou pouco claro” (p. 213)<sup>136</sup>. Sobre a tradução de termos feita pela tradutora espanhola ele comenta:

O tradutor se quiser se fazer visível e não se autoapagar, deve então fazer o mesmo trabalho e conservar a sistematicidade dos significantes, signo de clareza conceitual. A decisão de utilizar sinônimos espanhóis para a tradução da palavra *étranger* é bem lamentável. Palavras tais como *ajeno*, *foráneo*, *extraño*, *diferente*, não conseguem indistintamente dar a ideia de *étranger* [estrangeiro] no contexto da obra. (ECHEVERRI, 2006, p. 216 – tradução minha)<sup>137</sup>

Echeverri dá o exemplo de um parágrafo em que *étranger* aparece quatro vezes e a tradutora espanhola usa três palavras diferentes para traduzir o termo bermaniano *étranger*. A falta de sistematicidade na tradução dos termos, por exemplo, fragiliza a rede terminológica que está sendo proposta numa obra.

<sup>135</sup> Trecho original: “Le travail de Rosario García López a certainement le mérite d’être la première traduction espagnole de ce texte, il est donc une porte ouverte à un dialogue autour de l’œuvre et de sa traduction. Mais cette première traduction de *L’épreuve de L’étranger* sera surtout reconnue par son absence de systématique.” (ECHEVERRI, 2006, p. 214)

<sup>136</sup> Trecho original : “spéculatif, dense, peut-être ésotérique, mais jamais confus ou peu clair. ”

<sup>137</sup> Trecho original : “Le traducteur, s’il veut se rendre visible et ne pas s’autoeffacer, doit donc faire le même travail et conserver la systématique des signifiants, signe de clarté conceptuelle. La décision d’utiliser des synonymes espagnols pour la traduction du mot *étranger* est bien regrettable. Des mots tels que *ajeno*, *foráneo*, *extraño*, *diferente*, ne peuvent pas rendre indistinctement l’idée d’*étranger* dans le contexte de l’œuvre.” (ECHEVERRI, 2006, p. 216)

#### 4.2.1 Itens lexicais e conceituais

A tradução do termo já consagrado de Berman “*lettre*” permanecerá como já foi traduzido anteriormente, “letra”, bem como as expressões derivadas como, por exemplo, “*travail sur la lettre*” que traduzi por “trabalho sobre a letra” e “*commentaire-de-la-lettre*” que traduzi como comentário-da-letra. Além do fato de ser uma palavra (que se terminologizou ao longo da carreira e publicação das obras de Berman) transparente em relação à língua portuguesa, sua tradução no Brasil já está muitíssimo estabelecida inclusive constando no título de *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (tradução de *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*). Aproveitando a menção a este título, “*lointain*” também foi traduzido como “longínquo” como nas traduções anteriores das obras de Berman.

Alguns itens lexicais e conceituais que merecem comentários constam a seguir. São eles unidades de tradução que causaram dificuldade na escolha da tradução final ou unidades que foram traduzidas de maneiras diferentes entre as traduções analisadas anteriormente, ou ambos.

#### *pure langue*

No texto de Berman, temos a ocorrência de “*langue pure*”, “*pure langue*” e “*langage pur*” para o que, em alemão, Benjamin chama de “*die reine Sprache*”. Motivada pelas equivalências denominativas das expressões entre francês e português, traduzi respectivamente como “língua pura”, “pura língua” e “linguagem pura”. Para entender melhor a distinção conceitual, retomo o levantamento que consta em minha dissertação de mestrado (MARINI, 2015, p. 57): *Reine Sprache*, o termo original em alemão, foi traduzido de diferentes formas em francês e português. Em francês foi traduzido por Maurice de Gandillac como *pur langage* (nove ocorrências) e *langage pur* (uma ocorrência). No texto de Berman, ele usa as quatro diferentes formas de maneira consciente, inclusive destacando num certo momento a opção presente na tradução de Gandillac, questionando-a e mostrando em seguida a sua escolha para tradução desse termo. A seguir alguns trechos que exemplificam o uso distinto em diferentes partes do texto, bem como minha escolha de manter as equivalências denominativas dos termos mantendo os paralelos entre “*langue*”-“língua” e “*langage*”-“linguagem” e a posição do adjetivo antes ou depois do substantivo.

Cette métaphysique est une métaphysique de la « <b>langue pure</b> », <i>reine Sprache</i> . (BERMAN, 2008, p. 24)	Essa metafísica é uma metafísica da “ <b>língua pura</b> ”, <i>reine Sprache</i> .
La raison pure est fondée sur le <b>langage pur</b> , c’est-à-dire ce langage qui préexiste à toutes les langues empiriques et fait d’elles des langues. (BERMAN, 2008, p. 24)	A razão pura é baseada na <b>linguagem pura</b> , ou seja, essa linguagem preexistente a todas as línguas empíricas e faz delas línguas.
Deuxièmement (et suivant toujours Hersant), je traduis <i>die reine Sprache</i> par : « <b>la pure langue</b> » et non par « le langage pur ». (BERMAN, 2008, p. 114)	Em segundo lugar (e ainda seguindo Hersant), traduzo <i>die reine Sprache</i> por: “ <b>la pure langue</b> ” [ <b>a pura língua</b> ] e não por “ <b>le langage pur</b> ” [ <b>a linguagem pura</b> ].
<b>Pure langue</b> et <b>langue pure</b> – voilà toute la question. La <b>langue pure</b> n’est pas (bien que ce soit parfois l’illusion de la poésie) la langue elle-même – ce qu’est la <b>pure langue</b> . (BERMAN, 2008, p. 118)	<b>Pura língua</b> e <b>língua pura</b> – eis toda a questão. A <b>língua pura</b> não é (mesmo que seja às vezes a ilusão da poesia) a língua em si – que é a <b>pura língua</b> .

Assim como *pure langue*, outras várias palavras e expressões do texto de Benjamin estão presentes na obra de Berman e destaco algumas delas cuja tradução fiz dialogar com a tradução em português do texto de Benjamin, feita por Susana Kampff Lages “A tarefa do tradutor” um dos textos componentes da obra *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)* que reúne textos de Benjamin, organizada por Jeanne Marie Gagnebin (Editora Duas Cidades/Editora 34, 2011). Esta é uma das várias traduções de Benjamin no Brasil, escolhi essa edição por ser uma das mais recentes feita no Brasil, por uma pesquisadora da obra de Benjamin. A tradução de Kampff Lages foi feita diretamente do alemão, enquanto a tradução que fiz aqui é do texto em francês de Berman, porém, pelo fato da minha leitura de Benjamin em português se dar através de Kampff Lages, o léxico de Benjamin que tenho internalizado passa pelas escolhas lexicais desta tradutora. Alguns deles são “*dépasser*” que traduzo como “superar” (e “*dépassement*” como “superação”) e “*langue plus haute*” que traduzo como “língua mais elevada”.

L’œuvre, par la traduction, pénètre dans une atmosphère de <b>langue plus haute</b> et plus pure parce que sa langue, dans la traduction, est devenue « manteau royal », pur symbole. (BERMAN, 2008, p. 144)	A obra, através da tradução, penetra uma atmosfera de <b>língua mais elevada</b> e mais pura porque sua língua, na tradução, se tornou “manto real”, puro símbolo.
Car c’est parce que la traduction fait passer deux langues l’une dans l’autre <i>et</i> produit — dans la langue traduisante — une langue « <b>plus haute</b> », que les propos de Benjamin ont un sens. (BERMAN, 2008, p. 138)	Pois, é por que a tradução faz com que duas línguas passem uma dentro da outra <i>e</i> produz — na língua traduzinte — uma língua “ <b>mais elevada</b> ”, que os propositos de Benjamin têm um sentido.

## **Survie**

Seguindo a mesma abordagem que descrevi acima (apoiando algumas escolhas de termos de Benjamin em português nos usos de Kampff Lages em sua tradução), seria uma opção, por exemplo, usar “pervivência” como tradução de “survie”, como o faz Kampff Lages que por sua vez se embasa na escolha de Haroldo de Campos.

“Na verdade, ela não deriva tanto da sua vida quanto da sua “sobrevida” [*Überleben*]. Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio de sua “pervivência”. (BENJAMIN traduzido por Kampff Lages, 2011, p. 104)

Nessa passagem há uma nota de rodapé a partir da palavra “*Überleben*” que traz a seguinte informação: “Nesta passagem, Benjamin emprega três substantivos: *Leben* (“vida”), *Überleben* (“sobrevivência”, “sobrevida”) e *Fortleben* (“o continuar a viver”). Para este último, Haroldo de Campos propôs o neologismo “pervivência”, aqui mantido entre aspas.” (*idem*). A “pervivência” de Haroldo de Campos e de Kampff Lages poderia ter sido uma escolha viável, não fosse a insistência no prefixo “*sur*” (“sobre”) e no radical “*vie*” (“vida”) que Berman faz nas seguintes passagens:

Certainement en montrant comment la <i>Darstellung</i> de l'intimité des langues permet, à son tour, la <i>Darstellung</i> de la vérité de l'oeuvre — c'est-à-dire son passage à une <i>Überleben</i> , à une <b>Sur-Vie</b> au sens fort. ” (BERMAN, 2008, p. 95)	Certamente mostrando como a <i>Darstellung</i> da intimidade das línguas permite, por sua vez, a <i>Darstellung</i> da verdade da obra – ou seja, sua passagem a uma <i>Überleben</i> , a uma <b>Sobre-Vida</b> no sentido forte.
Benjamin ne se débat-il pas entre deux pensées incompatibles, celle de la traduction comme <b>sur-vie</b> de l'oeuvre et celle de la traduction comme mort de l'oeuvre? (BERMAN, 2008, p. 145)	Benjamin não se debate entre dois pensamentos incompatíveis, o da tradução como <b>sobre-vida</b> da obra e o da tradução como morte da obra?

Assim, a palavra “*survie*” (por sua vez tradução em francês da palavra alemã *Überleben*) foi traduzida em português como “sobrevida” o que mantém o paralelismo da construção da palavra em francês (prefixo e radical) e dá a possibilidade de recriar em português a construção hifenizada “sobre-vida” como tradução de “*sur-vie*”.

## **Palavras com o mesmo radical (paralelismo ou derivações)**

Existem algumas ocorrências de palavras com o mesmo radical e para manter os paralelismos e/ou derivações, procurei fazer escolhas que também tivessem o mesmo radical, como no exemplo:



<p>« Tâche », en allemand, c'est <i>Aufgabe</i>. Or ce terme, s'il se laisse couramment traduire par « tâche », a reçu à l'époque romantique, avec Novalis, un sens tout à fait fondamental que Benjamin connaît parfaitement. Et qui n'a rien à voir avec la sphère des devoirs et des responsabilités – en tous cas, avec la sphère morale ou éthique. Dans le cosmos terminologique romantique, la tâche, l'<i>Aufgabe</i>, se rapporte à un autre terme, l'<i>Auflösung</i>, qui peut se traduire pas « <b>solution</b> » ou « <b>résolution</b> ». La « tâche » est toujours confrontée à un état-de-choses à « <b>résoudre</b> ». Dans « <b>solution</b> » ou « <b>résolution</b> », il faut entendre :</p> <p><b>solution</b> au sens logique (d'un problème),  <b>(dis) solution</b> au sens chimique (d'une substance),  <b>(ré) solution</b> au sens d'un accord musical.</p> <p>La « tâche » est donc confrontée soit à un « problème » (à <b>résoudre</b>), soit à une matérialité hostile (à <b>dissoudre</b>), soit à une dissonance (à résoudre musicalement). Chacune de ces dimensions, chez Novalis, renvoie à un axe de sa pensée. Mais dans quel domaine y a-t-il spécifiquement <i>Aufgabe</i> et <i>Auflösung</i> ? Dans un <i>Fragment</i> célèbre, Novalis écrit : « La poésie <b>dissout</b> (<i>auföst</i>), dans son essence propre, l'étranger (<i>das Fremde</i>) ».</p> <p>(BERMAN, 2008, p. 40)</p>	<p>“Tarefa”, em alemão, é <i>Aufgabe</i>. Ora, esse termo, que pode ser traduzido comumente por “tarefa”, recebeu na época romântica, com Novalis, um sentido muito fundamental que Benjamin conhece perfeitamente. E que não tem nada a ver com a esfera dos deveres e das responsabilidades – em todo caso, com a esfera moral ou ética. No cosmos terminológico romântico, a tarefa, a <i>Aufgabe</i>, se relaciona com um outro termo, <i>Auflösung</i>, que pode ser traduzido por “<b>solução</b>” ou “<b>resolução</b>”. A “tarefa” é sempre confrontada com um estado-de-coisas a serem “<b>resolvidas</b>”. Na “<b>solução</b>” ou “<b>resolução</b>”, é preciso entender:</p> <p><b>solução</b> no sentido lógico (de um problema)  <b>(dis) solução</b> no sentido químico (de uma substância),  <b>(re) solução</b> no sentido de um acorde musical.</p> <p>A “tarefa” é então confrontada com um “problema” (a ser <b>resolvido</b>), com uma materialidade hostil (a ser <b>dissolvida</b>) ou com uma dissonância (a ser resolvida musicalmente). Cada uma dessas dimensões, em Novalis, remete a um eixo de seu pensamento. Mas em qual domínio existe especificamente <i>Aufgabe</i> e <i>Auflösung</i>? Num <i>Fragmento</i> famoso, Novalis escreve: “La poésie <b>dissout</b> (<i>auföst</i>), dans son essence propre, l'étranger (<i>das Fremde</i>)”. [A poesia <b>dissolve</b> (<i>auföst</i>), em sua essência própria, o estrangeiro (<i>das Fremde</i>).]</p>
--	--

Em Derrida o uso de palavras com o mesmo radical também foi reproduzido na tradução brasileira, a exemplo de: “*ploiement*”, “dobramento”; “*reploiement*”, “desdobramento”; “*co-déploiement*”, “co-desdobramento”.

Para a tradução das palavras do quadro acima, fiz uma pesquisa para me certificar das acepções das palavras com o mesmo radical tanto em francês quanto em português. O verbete “*résolution*” no portal lexical CNRTL traz, dentro da rubrica “Música” a definição “Résolution d'un accord, d'une dissonance.” (CNRTL online), (Resolução de um acorde, de uma dissonância). Verificando a ocorrência da mesma acepção em português, no dicionário Aurélio, na rubrica “Música”, o termo “resolução” é definido como “No encadeamento dos acordes, transformação da dissonância em consonância, com a impressão de uma impressão de repouso.” (AURÉLIO). No dicionário Houaiss também na rubrica de Música, a definição é “movimento melódico de uma dissonância para uma consonância” (HOUAISS). No dicionário Caldas Aulete temos (também com a rubrica “música”): “Passagem de um acorde para outro, ou de

uma nota para outra.” (AULETE). Em português temos então “resolução” como termo da Música assim como no francês.

Já nas buscas para “*dissolution*”, foi encontrada a seguinte definição no portal CNRTL (dentro da rubrica da Química): “Processus par lequel une substance solide, liquide ou gazeuse mise au contact d’un liquide ou d’une source de chaleur passe à l’état de solution.” (Processo pelo qual uma substância sólida, líquida ou gasosa colocada em contato com um líquido ou uma fonte de calor passa ao estado de solução); com o exemplo: “Dissolution du sel, du sucre (dans l’eau)” (Dissolução do sal, do açúcar (na água)). Para “dissolução” foi encontrada a seguinte definição no dicionário Aurélio (rubrica da especialidade da Química): “dispersão de um soluto em um solvente, formando uma solução.” (HOUAISS). O termo químico “*dissolution*” pode então ser traduzido como “dissolução” que também é um termo químico com o mesmo sentido em português.

Podemos encontrar referência a isso não em *L’Épreuve de l’étranger* nem em *La traduction et la lettre*, mas sim em *Lettres à Fouad El-Etr* e em sua tradução para o português feita por Petry (2018):

*Les Romantiques – qui aimait donner plusieurs noms à une chose pour préserver son mystère et ne pas l’enfermer dans la platitude d’une designation – appelaient encore cette magie poétique une Auflösung, une **solution** : terme ambigu, traduit tantôt par **résolution** (au sens de **résolution** d’une équation, d’un accord musical), tantôt par **dissolution** (au sens chimique). Novalis, mathématicien et chimiste à la fois, devait être très conscient de cette ambigüité. Dans l’Auflösung, la poésie **dissout** vraiment ce qui lui est étranger. Elle boit et dévore le réel. (BERMAN, 1968, p. 25)*

Os românticos – que gostavam de dar vários nomes a uma coisa para preservar seu mistério e não a aprisionar no lugar-comum de uma designação – ainda chamavam essa magia poética de uma *Auflösung*, uma “**solução**”: termo ambíguo, traduzido tanto por **resolução** (no sentido de **resolução** de uma equação, de um acorde musical), quanto por **dissolução** (no sentido químico). Novalis, ao mesmo tempo matemático e químico, devia estar muito consciente dessa ambigüidade. Na *Auflösung*, a poesia **dissolve** de verdade aquilo que lhe é estrangeiro. Ela bebe e devora o real. (BERMAN traduzido por Petry, 2018, p. 25)

### ***Pulsion***

O termo “*pulsion*” é usado em *L’Âge de la traduction* e o traduzo como “pulsão”. Em *Pour une critique des traductions : John Donne* (1995) Berman usa esse mesmo termo e explica em nota de rodapé a origem do seu uso do termo:

Novalis, dans une lettre à A.W. Schlegel, emploie l'expression d'*Übersetzungstrieb*, pulsion de traduction ou impulsion de traduction, à propos des écrivains allemands. Expression frappante, que nous devons lire à partir des significations que *Trieb* a déployées dans l'histoire de la langue, de la littérature et de la pensée allemandes, mais aussi – inévitablement – à partir du sens que lui a donné Freud, et ensuite la lecture lacanienne de Freud. C'est la pulsion-de-traduction qui fait du traducteur un traducteur : ce qui le « pousse » au traduire, ce qui le « pousse » dans l'espace du traduire. Cette pulsion peut surgir d'elle-même, ou être réveillée à elle-même par un tiers. Qu'est-ce que cette pulsion ? Quelle est sa spécificité ? Nous l'ignorons encore, n'ayant pas encore de « théorie » du sujet traduisant. Nous savons uniquement qu'elle est au principe de tous les *destins* de traduction. (BERMAN, 1995, p. 74-75)

Novalis, numa carta a A.W. Schlegel, emprega a expressão *Übersetzungstrieb*, pulsão de tradução ou impulsão de tradução, a respeito dos escritores alemães. Expressão impressionante, que devemos ler a partir das significações que *Trieb* desdobrou na história da língua, da literatura e do pensamento alemães, mas também – inevitavelmente – a partir do sentido que Freud, e em seguida a leitura lacaniana de Freud, lhe concedeu. É a pulsão-de-tradução que faz do tradutor um tradutor: o que o “impele” ao traduzir, o que o “impele” no espaço do traduzir. Essa pulsão pode surgir dela mesma, ou pode ser despertada por um terceiro. O que é essa pulsão? Qual é sua especificidade? Nós não sabemos ainda, já que não existe uma “teoria” do sujeito traduzinte. Sabemos unicamente que ela está no princípio de todos os *destinos* de tradução. (*idem* – tradução minha)

Trata-se de um termo de especialidade, mas que apesar disso, consta no dicionário francês (de “língua”) *Le Robert*:

**2. pulsion n.f.**

**ÉTYM.** 1910; de impulsion, ou du lat. *pulsio*, *ionis* (→ 1. Pulsion), pour trad. l'all. *Trieb*.

**Psychan.** Force à l'œuvre dans la vie somatique et psychique, qui fait tendre l'organisme vers un but, motivant l'activité d'un individu. | *Source, but, objet d'une pulsion.* | « (...) *une pulsion a sa source dans une excitation corporelle (état de tension) ; son but est de supprimer l'état de tension qui règne à la source pulsionnelle ; c'est dans l'objet ou grâce à lui que la pulsion peut atteindre son but* » (Laplanche et Pontalis, art. *Pulsion*, p. 360). | [...] (LE ROBERT eletrônico)

Em português, o termo também está dicionarizado constando no dicionário Aurélio: “**pulsão.** [Do ingl. *pulsion.*] **S. f.** [...] **2. Psican.** Tendência permanente, e em geral inconsciente, que dirige e incita a atividade do indivíduo: *pulsões sexuais.* [C.f. *libido.*]” (AURÉLIO, p. 1659). E no dicionário Houaiss:

**pulsão**

substantivo feminino

Rubrica: psicanálise.

processo dinâmico que faz o organismo tender para uma meta, a qual suprime o estado de tensão ou excitação corporal que é a fonte do processo.

Etimologia

ing. *pulsion* 'ação de empurrar, impelir'

(HOUAISS eletrônico)

A palavra “pulsão” enquanto termo (dentro da rubrica da especialidade de Psicanálise) consta nos dicionários de língua tanto em francês quanto em português o que demonstra até que nível se tornou corrente em ambas as línguas. Podemos encontrar os dois termos *pulsion* e *pulsão* até mesmo no dicionário bilíngue Dicionário infopedia<sup>138</sup> (dicionário online da Porto Editora). Esse mesmo dicionário ainda traz como exemplo a expressão “refoulement des pulsions” com sua tradução ao lado: “recalcamento das pulsões”.

No *Dictionnaire des intraduisibles* (Dicionário dos intraduzíveis), o verbete dedicado ao conceito de *pulsion*, escrito por Alexandre Abensour (in CASSIN, 2004), comenta o fato de *Trieb* ter se tornado um conceito chave do romantismo alemão<sup>139</sup> (no sentido de “força interna natural que age sobre a alma e o corpo” 2004, p. 1052). A respeito das traduções do termo *Trieb* em francês e o fato de terem sido usadas as palavras *instinct* (instinto) e *tendance* (tendência) como tradução desse termo freudiano em alemão. Foi a publicação do *Vocabulaire de psychanalyse* (de Laplanche e Pontalis) em 1967 que acabou por fixar a minha escolha terminológica e tradutória do termo *pulsion* em francês como tradução de *Trieb* (ABENSOUR in CASSIN, 2004)

**PULSÃO**

= *D.*: *Trieb*. — *F.*: *pulsion*. — *En.*: *instinct* ou *drive*. — *Es.*: *instinto* ou *pulsión*. — *I.*: *istinto* ou *pulsione*.

• **Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta.**

• 1 — Do ponto de vista terminológico, o termo *pulsion* foi introduzido nas traduções francesas de Freud como equivalente do alemão *Trieb* e para evitar as implicações de termos de uso mais antigo como *instinct* (instinto) ou *tendance* (tendência). Esta convenção, que nem sempre se respeitou, é todavia justificada. [...]

(LAPLANCHE e PONTALIS traduzidos por Tamen, 2001, p. 394)

<sup>138</sup> Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/pulsion>

<sup>139</sup> De acordo com Abensour (in CASSIN, 2004, p. 1052) o *Trieb* freudiano tem três dimensões: a biológica (referente às grandes necessidades do corpo), a romântica (romantismo alemão, força interna natural que age sobre a alma e o corpo) e a psico-física.

Em *Sur la traduction*, o termo “*pulsion*” é usado por Ricœur e traduzido em português por “pulsão”. Em *L’Âge de la traduction*, “*pulsion*” aparece no texto em quatro momentos

Si bien que l’on ne peut qualifier Benjamin de <i>traducteur</i> , si au traducteur appartient la <b>pulsion-de-traduire</b> : cette <b>pulsion</b> n’apparaît nulle part chez lui, ni l’ambition corrélatrice. Apparaît, par contre, l’ambition de devenir, comme il l’écrit curieusement en français à Scholem, « le premier critique de la littérature allemande ». (BERMAN, 2008, p. 34)	Mesmo que não possamos qualificar Benjamin como <i>tradutor</i> , se ao tradutor pertence a <b>pulsão-de-traduzir</b> : essa <b>pulsão</b> não aparece em lugar algum nos escritos de Benjamin, tampouco a ambição correlativa. Aparece, por outro lado, a ambição de se tornar, como ele escreve curiosamente em francês a Scholem “o primeiro crítico da literatura alemã
Toute traduction voudrait au fond reproduire la chair du texte autant que transmettre son sens : reproduire cette chair, c’est produire de la ressemblance. C’est bien l’immédiateté de la <b>pulsion mimétique</b> de la traduction qui, à partir du XVIe siècle, a motivé sa condamnation. Cette <b>pulsion mimétique</b> transparaît fort bien dans l’introduction que Charles Fontaine a écrite en 1555 pour sa traduction des Remèdes d’amour d’Ovide. (BERMAN, 2008, p. 102)	Toda tradução gostaria no fundo reproduzir o corpo do texto tanto quanto transmitir seu sentido: reproduzir esse corpo, é produzir semelhança. É exatamente o imediatismo da <b>pulsão mimética</b> da tradução que, a partir do século XVI, motivou sua condenação. Essa <b>pulsão mimética</b> transparece muito na introdução que Charles Fontaine escreveu em 1555 para sua tradução dos <i>Remédios de Amor</i> de Ovídio.

### *Défaillance*

Ao enumerar os temas de seus seminários, o tema da primavera de 1986 “la *défaillance* de la traduction” gera uma dúvida quanto à tradução de *défaillance*. Esse termo poderia ser traduzido de diversas formas: deficiência, fraqueza, carência, incapacidade, insuficiência, falha ou por outra palavra. Não é à toa que recebeu traduções diversas em outros textos. Na conclusão de *L’Épreuve de l’étranger* Berman comenta (1984, p. 296) a relação íntima nas ciências humanas entre constituição ou renovação de uma área do conhecimento e a tradução e continua falando sobre o conceito de tradução para Freud explicitado numa citação de uma carta sua para Fliess:

La particularité des psychonévroses, je me les explique en ceci que la *traduction*, pour certains matériaux, *ne s’est pas effectuée*, ce qui a certaines conséquences [...] La **défaillance** de la *traduction*, c’est ce qui s’appelle cliniquement le *refoulement*. Le motif de celui-ci est toujours une *déliaison de déplaisir* qui se produirait par *traduction*, comme si ce déplaisir provoquait une perturbation de la pensée qui n’admettrait pas *le travail de traduction*. (citação in BERMAN, 1984, p. 296)

Na tradução brasileira, *A prova do estrangeiro*, a tradução desse trecho em português é a seguinte:

Para mim, a explicação da particularidade das psiconeuroses é que a *tradução*, para certos materiais, *não se efetuou*, o que tem certas consequências[...] A **supressão da tradução** é o que se chama clinicamente de recalque. O motivo deste é sempre um *desligamento do desprazer* que ocorreria pela *tradução*, como se esse desprazer provocasse uma perturbação do pensamento que não admitisse o *trabalho de tradução*. (citação in BERMAN, 2002, p. 332 – tradução de Maria Emilia Chanut)

Esse trecho foi citado em Bonatti (1999) e traduzido da seguinte maneira:

Explico a particularidade das psiconeuroses como sendo a tradução que, para certos materiais, não se efetuou, o que tem certas conseqüências [...]. A **falha** da tradução é o que se chama clinicamente de recalque. O motivo deste é sempre uma disjunção de desprazer que se produziria por tradução, como se esse desprazer provocasse uma perturbação do pensamento que não admitiria o trabalho de tradução. (citação in Berman apud BONATTI, 1999, p. 45)<sup>140</sup>

Mais a frente, Berman usa em L'Épreuve de l'étranger a expressão "*défaillance de traduction*" e na tradução brasileira é mantida a tradução "supressão de tradução".

Edward Saïd, dans l'Orientalisme - ouvrage par ailleurs très controversé -, a montré que l'Orientalisme s'est historiquement trouvé mal armé pour affronter la problématique de son nécessaire décentrement, dans la mesure où une certaine surcharge idéologique, au XIXe siècle, l'a conduit à des traductions « ethnocentriques ». Cette « **défaillance de traduction** », pour reprendre l'expression de Freud, signale une « **défaillance** » organique de cette discipline, dont elle se défait progressivement. Mais il signale aussi le point où une traductologie peut coopérer avec elle. En effet, l'un des axes de celle-ci est d'élaborer une théorie de la traduction non ethnocentrique dont le champ d'application est généralisé. (BERMAN, 1984, p. 297)

Edward Saïd, em O Orientalismo - obra por sinal muito controversa -, mostrou que o Orientalismo encontrou-se historicamente mal armado para enfrentar a problemática de seu necessário descentramento, na medida em que uma certa sobrecarga ideológica, no século 19, conduziu-o a traduções "etnocêntricas". Essa "**supressão de tradução**", para retomar a expressão de Freud, assinala uma "**supressão**" orgânica dessa disciplina, da qual ela se desfaz progressivamente. Mas assinala também o ponto em que uma tradutologia pode cooperar com ela. Com efeito, um dos eixos desta é elaborar uma teoria da tradução não etnocêntrica cujo campo de aplicação é generalizado. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 333)

A primeira ocorrência da palavra "*défaillance*" no texto de Berman é quando ele lista os temas dos seminários que ministrou no Collège international de philosophie e o quarto seminário que aconteceu durante a primavera de 1986 é "*la défaillance de la traduction*" (BERMAN, 2008, p. 9). O tradutor argentino traduz esse título em espanhol como "*la falencia de la traducción*" (BERMAN, 2015, p. 13 – traduzido por Arriazu) e a tradutora inglesa traduz

<sup>140</sup> [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271083/1/Bonatti\\_NiciaAdan\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271083/1/Bonatti_NiciaAdan_D.pdf)

como “*the défaillance [failings] of translation*” (BERMAN, 2018, p. 18 – traduzido por Wright). Na tradução inglesa a palavra francesa foi mantida e uma tradução para o inglês foi incluída entre colchetes.

Em *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* Berman fala sobre o fato de todo tradutor estar sujeito à ação de um jogo de forças (e daí desenvolve sobre as tendências deformadoras) e diz que apenas tomar consciência dessas forças que agem sobre o tradutor não é suficiente para neutralizar a ação delas e para a neutralização é preciso então que o tradutor analise sua própria prática. Nesse trecho, uma nota de rodapé aparece junto à palavra “neutralizar” e remete ao seguinte texto em pé de página:

Cette neutralisation n'étant jamais que relative, car ce que Freud, dans une lettre à Fliess, appelait (à propos des « psychonévroses ») le « **défaut** de traduction » paraît constitutif du traduire. L'espace de la traduction est celui de l'inévitable défaillance. *Le défaut de traduction est inhérent à la traduction. À quoi tient ce défaut ? Quel est son fondement ?* Pour répondre à ces questions, il faut probablement une analytique du sujet traduisant, le « traducteur ». (BERMAN, 1999, p. 49)

Na tradução brasileira *A prova do estrangeiro* esse trecho é traduzido da seguinte maneira:

Esta neutralização é somente relativa, uma vez que Freud, numa carta a Fliess, a chamava (a respeito das “psiconeuroses”) de “**defeito** de tradução” constitutivo do traduzir. O espaço da tradução é aquele da inevitável fragilidade. *O defeito da tradução é inerente à tradução.* Por que este **defeito**? Qual o seu fundamento? Para responder a essas perguntas, é preciso provavelmente uma analítica do sujeito que traduz, o “tradutor”. (BERMAN, 2002, p. 64 – tradução de Maria Emilia Chanut)

Há uma tradução da frase em que o termo “*Versagung*” aparece traduzido como:

desde seus esboços teóricos surgidos na correspondência com Fliess, na célebre “carta 52”, Freud teria construído a ideia dos sistemas psíquicos e a passagem de uma informação de um sistema a outro como uma *tradução/transposição* (Übersetzung), sendo o recalque (Verdrängung) um processo que geraria uma *transcrição/transliteração* (Umschrift) para outra linguagem: “A **falha** da tradução é isto o que clinicamente se chama de ‘recalque’” (*Die Versagung der Übersetzung, das ist das, was klinisch “Verdrängung” heißt*) (FREUD 1896). (TAVARES, 2014, p. 234)<sup>141</sup>

Mesmo que mais à frente, na mesma página, Tavares traduza *Versagung* por “frustração”<sup>142</sup>, o argumento para o uso de “falha” como tradução de *défaillance* permanece,

<sup>141</sup> <http://www.scielo.br/pdf/pg/v17n23/1982-8837-pg-17-23-00223.pdf>

<sup>142</sup> "Man fand, dass der Mensch neurotisch wird, weil er das Mass von **Versagung** nicht ertragen kann, das ihm die Gesellschaft im Dienste ihrer kulturellen Ideale auferlegt..." traduzido por Tavares como “Descobriu-se que o

pois Berman orienta o sentido de “*défaillance*” muito mais na direção de “falha” do que de “frustração” como podemos ver nos trechos em que o termo aparece no texto do tradutólogo francês. Destaco em negrito algumas ocorrências do termo na tabela abaixo:

<p>Telles furent les questions qui ouvrirent un <i>quatrième séminaire</i> sur la « <b>défaillance</b> » de la traduction, visant en fait à développer une analytique du sujet traduisant. (BERMAN, 2008, p. 12)</p>	<p>Tais foram as questões que abriram um <i>quarto seminário</i> sobre a “<b>falha</b>” da tradução, visando de fato desenvolver uma analítica do sujeito traduzinte.</p>
<p>Il existe une première traduction française de « La tâche du traducteur » : celle de Maurice de Gandillac, introducteur de Benjamin en France. On prétend communément qu’elle est « mauvaise ». Nous dirons, et redirons, qu’elle présente les <i>défaillances structurelles de toute première traduction</i>. (<i>idem</i>, p. 20)</p>	<p>Existe uma primeira tradução francesa de “A tarefa do tradutor”: a de Maurice de Gandillac, introdutor de Benjamin na França. Geralmente ela é tida como “ruim”. Nós diremos, e repetiremos, que ela apresenta <i>as falhas estruturais de toda primeira tradução</i>.</p>
<p>Je précise à nouveau, que les « <b>défaillances</b> » de la traduction de Gandillac sont celles de toute première traduction et ne sont pas imputables à ce remarquable traducteur. Bien plutôt sa traduction nous permet-elle de réfléchir sur la langue de Benjamin. (<i>idem</i>, p. 78)</p>	<p>Todas essas escolhas são criticáveis em vários níveis e veremos por quê. Explícito de novo que as “<b>falhas</b>” da tradução de Gandillac são as de toda primeira tradução e não são imputáveis a esse notável tradutor. Na verdade, sua tradução nos permite refletir sobre a língua de Benjamin.</p>
<p>(...) la traduction de Celan ne révèle pas seulement une « <b>défaillance</b> poétique » de celui-ci, ou une plus grande rigueur du poète-traducteur — elle révèle un <i>pouvoir</i> inhérent à la traduction, qui est de manifester la vérité d’une œuvre en la transmutant dans un langage plus « pur », le langage qu’elle n’a cessé de viser. (<i>idem</i>, p. 138)</p>	<p>(...) a tradução de Celan não revela apenas uma “<b>falha</b> poética” dele, ou um maior rigor do poeta-tradutor – ela revela um <i>poder</i> inerente à tradução que é o de manifestar a verdade de uma obra transmutando-a numa linguagem mais “pura”, a linguagem que ela não cessa de visar.</p>
<p>Oui certaines traductions donnent le sentiment d’un accomplissement singulier, presque inouï, et cela indépendamment des inévitables <b>défaillances</b> que l’on peut y trouver. (<i>idem</i>, p. 142)</p>	<p>Sim, algumas traduções dão o sentimento de uma realização singular, quase inaudito, e independente das inevitáveis <b>falhas</b> que podemos encontrar nelas.</p>
<p>Tel est le sentiment qui saisissait Thomas Mann devant la traduction que Ludwig Tieck, vers 1800, avait faite de <i>Don Quichotte</i>, traduction qui — au regard d’un hispaniste — est pleine de <b>défaillances</b>, puisqu’on y a relevé au moins trois mille fautes. (<i>idem</i>, p. 142)</p>	<p>Tal é o sentimento que tinha Thomas Mann perante a tradução que Ludwig Tieck, por volta de 1800, tinha feito de <i>Don Quichotte</i>, tradução que – ao olhar de um hispanista – é cheia de <b>falhas</b>, já que foram identificados ao menos três mil erros.</p>

Além das ocorrências no texto, Berman inclui uma longa nota de rodapé na página 78 que explica o uso que ele faz do termo “*défaillance*” inspirado em Freud.

---

ser humano se torna neurótico, pois não consegue suportar o grau de **frustração** que a sociedade lhe impõe a serviço dos ideais culturais” (Freud apud TAVARES, 2014, p. 234 – grifo meu)



<p>Insistons sur le terme de « <b>défaillances</b> ». Nous devons à Freud la remarquable expression de « <b>défaillance de la traduction</b> » (Sigmund Freud, lettre à Fliess n° 52 du 8 décembre 1896, dans <i>La Naissance de la psychanalyse</i>, P.U.F., Paris, 1956, p. 153 [nouvelle édition complétée : <i>Lettres à Wilhelm Fliess</i>, P.U.F., Paris, 2006]). Freud l’emploie dans un contexte – celui de l’appareil psychique – qui ne nous concerne pas directement ici. Mais elle pointe quelque chose d’essentiel dans la traduction – qui va bien au-delà des « erreurs » et des « fautes » du traducteur. <i>La défaillance consiste en ce que la traduction ne se produit pas là où elle devrait (et pourrait) se produire.</i> Et elle est inhérente à la traduction. <i>Pas de traduction sans défaillance de traduction.</i> La localisation des points de <b>défaillance</b> peut varier, mais ces points existent toujours. La retraduction les fait apparaître, mais elle-même en comporte. À son tour, une autre retraduction en décèlera chez elle. Pourquoi cette structure de <b>défaillance</b> ? Et pourquoi cette structure, historiquement, culturellement, devient-elle <i>faute</i>, faute imputée à la traduction ou au traducteur ? Il faudrait analyser conjointement les phénomènes de <b>défaillance</b> et de <i>déformation</i> de la traduction, qui vont toujours ensemble. Y a-t-il « censure » ? Là encore, nous sommes renvoyés indirectement à la pensée analytique.</p> <table border="0"> <tr> <td><b>défaillance</b></td> <td>déformation</td> </tr> <tr> <td>I</td> <td>I</td> </tr> <tr> <td>faute</td> <td>censure</td> </tr> </table> <p>(BERMAN, 2008, p. 78)</p>	<b>défaillance</b>	déformation	I	I	faute	censure	<p>Insistamos sobre o termo “<b>falhas</b>”. Devemos à Freud a notável expressão “<b>défaillance de la traduction</b>” [“<b>falha da tradução</b>”] (Sigmund Freud, lettre à Fliess n° 52 du 8 décembre 1896, dans <i>La Naissance de la psychanalyse</i>, P.U.F., Paris, 1956, p. 153 [nova edição completa : <i>Lettres à Wilhelm Fliess</i>, P.U.F., Paris, 2006] [N.da.T. : Em português: <i>Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904</i>]). Freud emprega o termo num contexto – o do aparelho psíquico – que não nos diz respeito diretamente aqui. Mas ele aponta algo de essencial na tradução – que vai bem além dos “erros” e dos “equivocos” do tradutor. <i>A défaillance [falha] consiste naquilo que a tradução não é produzida onde ela deveria (e poderia) ser produzida.</i> E ela é inerente à tradução. <i>Não há tradução sem falha de tradução.</i> A localização dos pontos de <b>falha</b> pode variar, mas esses pontos continuam existindo. A retradução faz com que eles apareçam, mas também comporta suas próprias. Por sua vez, uma outra re-tradução vai amenisá-las. Por que essa estrutura de <b>falha</b>? E por que essa estrutura, historicamente, culturalmente, se torna <i>erro</i>, erro imputado à tradução ou ao tradutor? Teriam que ser analisados conjuntamente os fenômenos de <b>falha</b> e de <i>deformação</i> da tradução, que andam juntos. Existe “censura”? De novo somos remetidos indiretamente ao pensamento analítico.</p> <table border="0"> <tr> <td><b>falha</b></td> <td>deformação</td> </tr> <tr> <td>I</td> <td>I</td> </tr> <tr> <td>erro</td> <td>censura</td> </tr> </table>	<b>falha</b>	deformação	I	I	erro	censura
<b>défaillance</b>	déformation												
I	I												
faute	censure												
<b>falha</b>	deformação												
I	I												
erro	censura												

Outra fonte para pesquisa é o artigo de Berman que elenca o que ele considera que seriam as tarefas da tradutologia, e a primeira delas seria “la tâche d’une analytique de la défaillance et d’une analytique de la destruction” ele explica o que será a “analytique de la défaillance”:

L’analytique de la **défaillance** prend en vue ce que Freud appelle (pour le psychisme) « **le défaut de traduction** », c’est-à-dire le fait que l’acte de traduire ne se réalise jamais (pleinement) même quand cela est possible. Le « **défaillance de traduction** » revêt de multiples formes, mais il est inhérent à toute traduction. (BERMAN, 1989, p. 676)

A analítica da **falha** tem em vista aquilo que Freud chama (para o psiquismo) “**a falha da tradução**”, ou seja, o fato de o ato de traduzir nunca se realizar (plenamente) mesmo quando isso é possível. A “**falha da tradução**” assume múltiplas formas, mas é inerente a toda tradução. (BERMAN traduzido por Aseff, 2009, p. 348, 349)

Há o uso tanto de “*défaut*” de tradução quanto de “*défaillance*” de tradução. No trecho a seguir de *La traduction et la lettre* e a tradução brasileira *A tradução e a letra*, temos a presença da palavra “*défaut*” traduzida como “defeito” e “*défaillance*” como “fragilidade”:

Cette neutralisation n'étant jamais que relative, car ce que Freud, dans une lettre à Fliess, appelait (à propos des « psychonévroses ») le « **défaut** de traduction » paraît constitutif du traduire. L'espace de la traduction est celui de l'inévitable **défaillance**. *Le défaut de traduction est inhérent à la traduction*. À quoi tient ce défaut ? Quel est son fondement ? Pour répondre à ces questions, il faut probablement une analytique du sujet traduisant, le « traducteur ». (BERMAN, 1999, p. 49)

Esta neutralização é somente relativa, uma vez que Freud, numa carta a Fliess, a chamava (a respeito das “psiconeuroses”) de “**defeito** de tradução” constitutivo do traduzir. O espaço da tradução é aquele da inevitável **fragilidade**. O **defeito da tradução** é inerente à tradução. Por que este defeito? Qual o seu fundamento? Para responder a essas perguntas, é preciso provavelmente uma analítica do sujeito que traduz, o “tradutor”. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 64)

Assim, traduzo “*défaillance*” por “falha” e a outra palavra do mesmo campo semântico que “*défaut*” por “defeito”.

<p>Disons-le rapidement: pour Mallarmé, la langue pure de la poésie « rachète » le « <b>défaut</b> des langues » (leur multiplicité), pour Benjamin, la pure langue issue de la traduction est la « résolution » (Lösung, Auflösung) de ce « <b>défaut</b> ». (BERMAN, 2008, p. 120)</p>	<p>Mencionemos rapidamente: para Mallarmé, a língua pura da poesia “redime” o “<b>defeito</b> das línguas” (sua multiplicidade), para Benjamin, a pura língua resultante da tradução é a “resolução” (Lösung, Auflösung) desse “<b>defeito</b>”.</p>
--	--

### ***Traductif/traductive***

O adjetivo “*traductif*”/“*traductive*” traduzi por “tradutório”/“tradutória”, como, por exemplo, em: “*travail traductif*” que traduzo como “trabalho tradutório” ou “*tension traductive*” como “tensão tradutória”. A princípio, pela proximidade entre francês e português, os sufixos “if” e “ive” poderiam ser traduzidos por “ivo” e “iva”, porém, verifica-se o uso corrente em português da palavra “tradutório” (e não de “tradutivo”), como podemos ver na tradução de *A tradução e a letra*:

Pour une caractérisation plus radicale de la prose et de son rapport à la poésie, il faudrait interroger Benjamin (dans *Le concept de critique esthétique dans le Romantisme allemand* – trad. Ph. Lacoue-Labarthe et A. M. Lang,

Flammarion, coll. « La Philosophie en effet », Paris, 1986 – où il parle du « noyau prosaïque » de toute œuvre) et Pasternak, qui parle de la « **tension traductive** » de la prose. (BERMAN, 1999, p. 51, 52)

Para uma caracterização mais radical da prosa e de sua relação com a poesia, seria preciso interrogar Benjamin (in *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* onde ele fala do “núcleo prosaico” de toda obra) e Pasternak, que fala da “**tensão tradutória**” da prosa. (BERMAN, traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 66)

Tanto em *A prova do estrangeiro* quanto em *A tradução e a letra* é usado “tradutória” e “tradutório” (e não “tradutiva” e “tradutivo”). Isso mostra o quão fixado está o uso de “tradutório” e “tradutória” no meio dos Estudos da Tradução no Brasil sendo inclusive usada para tradução de “traductrice” em *A prova do estrangeiro* como no exemplo: “la pratique **traductrice** s’accompagne ici d’une réflexion (...)” (BERMAN, 1984, p. 27) traduzido por “A prática **tradutória** é acompanhada aqui por uma reflexão (...)” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 27).

Prefixos e sufixos são unidades de significado (e unidades de tradução), portanto, cabe uma pesquisa a respeito das funções dos sufixos em jogo aqui, a começar pelo “-if” e “-ive” em francês:

#### **-if, -ive**

Suffixe, du lat. *-ivus*, qu'on joint à des adjectifs, des verbes, des noms pour former des adjectifs comme : *pensif, suggestif, tardif, productif...* On se sert de la même façon du suffixe *-atif, -ative* (lat. *-ativus*) pour composer des adjectifs : *alternatif, préservatif, quantitatif...*

(LE ROBERT)

#### **-IF, élément formant**

Suff. formateur d'adj. qualificatifs (sauf indication contraire, -if se substitue à la finale -ion d'un subst. en -tion/-(s)ion).

**I.** – Le dér. est adj.

**A.** – [Le dér. signifie « qui accomplit le procès exprimé par la base, qui contribue à sa réalisation »]

**1.** [Le dér. appartient au vocab. abstr. ou au vocab. sc. gén.] Actif, additif, adhésif, admiratif, affirmatif [...]

– [-if s'ajoute directement au subst. de base qui désigne gén. une action ou un état] Abusif, combatif, craintif, défensif, effectif, excessif, fautif, hâtif, instinctif, pensif, plaintif, sportif.

(CNRTL online)

Trata-se de um sufixo formador de adjetivo que pode ser adicionado numa base que designe ação, como é o caso de “*traduction*” gerando “*traductif*” “que realiza o processo exprimido pela base, que contribui para a sua realização”. Em português temos:

**-ivo**

sufixo

do lat. *-īvus, a, um*, formador de adjetivos (esp. de rad. verbais): *conclusivo, decorativo*; ver **-io**  
(HOUAISS)

**-ivo** [Do lat. *-īvus, a, um*.] **Suf. Nom.** = ‘modo de ser’; que é próprio (de/para); ‘que apresenta (certa quantidade ou característica)’; ‘relativo a’: *abrasivo, abstersivo, atento, caritativo, compromissivo, condutivo, conectivo, erosivo*. [Equiv.: *-tivo* (q. v.).]  
(AURÉLIO)

**-tivo** [Do lat. *-tīvus* < -t (< part. pass. lat.) +lat. -ivus (v. -ivo).] Suf. nom. formador de voc. a partir de radicais verbais = ‘referência’; ‘agente’; ‘que é próprio para’: *aplicativo, apreciativo, comutativo, conciliativo, concitativo, confederativo, conformativo, consolidativo, consignativo, decorativo, nutritivo*.  
(AURÉLIO)

O sufixo “-ivo” vem da mesma origem latina de “-if” (do latim -ivus) e o sufixo “-ório”:

**-ório**

sufixo

**1)** do lat. *-oriūs, a, um*, é formador de adj. e/ou subst., conexos com rad. verbais do part.pas. latino ou latinizante (daí o *-t-* ou o *-s-*): *classificatório, giratório, rescisório*; **2)** em der. populares com valor coletivo, não raro pej.: *casório, palavrório*  
(HOUAISS)

**-ória**

sufixo

do lat. *-oriūs, a, um*, trata-se da f. substv. de adjetivos em **-ório**: *eliminatória, trajetória*  
(HOUAISS)

**-ório**. [Do lat. *oriūs, a, um* ou de *-oriūs, ii*.] **Suf. nom.** = ‘pertinência’, ‘relação’; ‘lugar de ação’; ‘instrumento ou meio de ação’: *colutório, compressório, compromissório, compulsório, concessório, confessório* (< lat.), *consecratório, vomitório*. [Casos há em que tal suf. apresenta conotação pejorativa, como p. ex., em *livrório*.]  
(AURÉLIO, p. 1450)

E exprime “meio de ação”, ou seja, o “trabalho tradutório” seria o “meio de ação da tradução”. Não há discrepância entre as funções dos sufixos “ivo” e “ório” em português, portanto, o uso de tradutório se afirma.

### *Traduisant/traduisante*

Berman usa as palavras *traduisant* e *traduisante* em seu texto, palavras que causaram dúvidas para a tradução em português, mas que por fim, foram traduzidas por “traduzinte”. Ele poderia ter usado “*traducteur*” (“tradutor”), “*sujet traducteur*” (“sujeito tradutor”) ou “*langue traductrice*” (“língua tradutora”), mas preferiu escrever “*le traduisant*” (“o traduzinte”), “*sujet traduisant*” (“sujeito traduzinte”) e “*langue traduisante*” (“língua traduzinte”). Portanto, também não faria sentido usar “tradutor” como tradução tanto de “*traducteur*” como “*le traduisant*”. Em *A prova do estrangeiro* a tradutora faz a diferença entre “*traductrice*”-“tradutória” e “*traduisante*”-“traduzinte”:

Mais en réalité, la **pulsion traductrice** se fixe un but qui laisse loin derrière lui tout projet humaniste. La polytraduction devient un but en soi, dont l'essence est plutôt de dénaturer radicalement la langue maternelle. La pulsion **traductrice** part toujours du refus de ce que Schleiermacher appelle das heimiches Wohlbefinden der Sprache – l'intime bien-être de la langue. La pulsion **traduisante** pose toujours une autre langue comme ontologiquement supérieure à la langue propre. (BERMAN, 1984, p. 22)

Mas, na realidade, a pulsão **tradutória** fixa um objetivo que deixa bem para trás qualquer projeto humanista. A politradição torna-se um objetivo em si, cuja essência é, antes, desnaturalizar radicalmente a língua materna. A pulsão **tradutória** parte sempre da recusa daquilo que Schleiermacher denomina das heimiches Wohlbefinden der Sprache — o íntimo bem-estar da língua. A pulsão **traduzinte** coloca sempre outra língua como ontologicamente superior à língua própria. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 23)

No mesmo ano em que foi publicada a tradução *A prova do estrangeiro* de Chanut, estava sendo publicada a tradução *Torres de Babel* de Barreto. A tradutora de *Tours de Babel* de Derrida traduziu “*traduisant*” por “*traduzante*” (talvez pela proximidade fonética):

Or, un nom propre en tant que tel reste toujours intraduisible, fait à partir duquel on peut considérer qu'il n'appartient pas rigoureusement, au même titre que les autres mots, à la langue, au système de la langue, qu'elle soit traduite ou **traduisante**. (DERRIDA, 1987, p. 208).

Ora, um nome próprio, enquanto tal, permanece sempre intraduzível, fato a partir do qual pode-se considerar que ele não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua, ao sistema da língua, que ela seja traduzida ou **traduzante** [**traduisante**]. (DERRIDA, traduzido por Junia Barreto, 2002, p. 21)

Em sua dissertação de mestrado, Maria Emília Pereira Chanut explica o seu uso da palavra “traduzinte” como tradução de “*traduisante*” na sua tradução de *A prova do estrangeiro* (2002):

[...] *traduisant*: um uso comum do participípio presente nessa língua, funcionando como adjetivo para caracterizar o agente da ação. É geralmente

desdobrado em português por uma oração subordinada adjetiva, no caso, “que traduz”, oposto ao “que é traduzido”. Julgamos importante conservar o neologismo “traduzinte” pelo fato de poder diferenciar o tradutor do traduzinte, respeitando esse artifício criado pelo autor. (CHANUT, 2001, p. 9)

Já em *A tradução e a letra* (2007, 2012) foi usada uma oração, não a mesma mencionada por Chanut em sua dissertação (“que traduz”), mas foi privilegiada a oração “para a qual se traduz” para traduzir a palavra “*traduisant*”:

C'est refuser d'introduire dans la langue traduisante l'*étrangeté* du proverbe original, la bouche pleine d'or de l'heure matinale allemande, c'est refuser de faire de la **langue traduisante** « l'auberge du lointain », c'est, pour nous, franciser: vieille tradition. (BERMAN, 1999, p. 15)

Significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a *estranheza* do provérbio original, a boca cheia do ouro do ar matinal alemão, significa recusar fazer da **língua para a qual se traduz** “o albergue do longínquo”, significa, para nós, afrancesar: velha tradição. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, p. 21, 22)

Mais cette infidélité à la lettre étrangère est nécessairement une fidélité à la lettre *propre*. Le sens est capté dans la **langue traduisante**. (BERMAN, p. 34)

Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à letra *própria*. O sentido é captado na **língua para a qual se traduz**. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, p. 46)

Il y a eu double violence: sur la **langue traduisante**, mais aussi sur l'original. (BERMAN, 1999, p. 84)

Houve uma dupla violência: sobre a **língua para a qual se traduz**, mas também sobre o original. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, p. 109)

Cette langue supérieure, *c'est la langue traduisante reine*. (p. 113)

Esta língua superior, é a **língua rainha na qual se traduz**. (p. 151)

De fato, num primeiro momento foi considerada a opção do uso de uma oração. Não a mesma oração de *A tradução e a letra*, mas sim aquela citada por Chanut “que traduz”, pois poderia ser considerada mais corriqueira em português. Porém, duas razões levaram à escolha de “traduzinte”: a primeira foi a do uso (na minha tradução) de um neologismo (assim como foi feito no texto original). Posteriormente, num dos momentos de revisão da minha tradução, tive acesso à dissertação de Chanut e ao ler sua argumentação (citada acima) a respeito da manutenção do neologismo de Berman em *A prova do estrangeiro*, a opção de usar um neologismo em português foi corroborada. A segunda razão é reforçar uma terminologia

bermaniana que é enfatizada com a concisão do termo numa palavra só e pelo próprio fato da estranheza causada pelo neologismo.

Um terceiro argumento para a escolha da tradução vai no sentido de querer manter uma regularidade com as traduções anteriores, porém nas duas obras de Berman traduzidas no Brasil anteriores à minha, temos traduções diferentes para “*traduisant*” (*A prova do estrangeiro*: traduzinte; *A tradução e a letra*: para a qual se traduz), então, seria impossível manter uma homogeneidade entre as três traduções (1. Chanut; 2. Torres/Furlan/Guerini; e 3. a minha). Ao escolher “traduzinte” mantenho um paralelismo pelo menos com *A prova do estrangeiro*, mas infelizmente não com *A tradução e a letra*. Quem sabe no futuro teremos uma fixação do termo mais utilizado nas traduções.

Confirmando a correspondência dos sufixos entre francês e português:

**-ant, -ante**

Suffixe d'adjectifs, de même origine (lat. *-antem*, terminaison à l'accusatif du p. prés. en *-ans*) que le morphème du p. prés. du verbe, *-ant*, invar. en genre et en nombre. | Ex. : une fusée éclairante (**adj.**); la lampe éclairant la table (p. prés.).

**REM. 1.** Aux adjectifs en *-ant* correspondent des adverbes en *-amment* (par adjonction du suffixe adverbial *-ment*) et des substantifs féminins en *-ance\**. **2.** Le suffixe *-ant* est productif en français, à la différence de son homologue *-ent* (adv. en *-emment*, n. fém. en *-ence*), que l'on rencontre seulement dans des adjectifs hérités du latin (terminaison *-entem*, à l'accusatif, du p. prés. en *-ens*). **3.** → aussi *-fiant*, *-isant*.

(LÉ ROBERT)

**-ente.** [Do lat. *-ente.*] Equiv. de *-nte*.  
(AURÉLIO, 2009, p. 762)

**-nte.** [Do lat. *-ns, -ntis*, do part. pres. latino.] **Suf. nom.** formador de adjetivos e substantivos com ideia de: ‘agente’; ‘ação’; ‘estado’: *combatente, ouvinte, pagante; abrangente, constituinte, seguinte*. [Equiv.: *-ente: diluente.*]  
(AURÉLIO, 2009, p. 1414)

**-nte**

sufixo

do lat. *-ns, -ntis*, des. de part. pres., para formar adj. ou subst. deverbais com a noção de 'agente': assaltante, ouvinte, servente

(HOUAISS)

O sufixo em português tem a mesma função de agente/ação que em francês e, ao pesquisar no dicionário de elementos mórficos do Dicionário eletrônico Houaiss, encontra-se dentro do verbete “-nte” a seguinte afirmação “virtualmente, todos os v. da língua port. podem derivar adjetivos ou substantivos em *-nte*” (HOUAISS eletrônico). Considerando que “traduzir” é um verbo da terceira conjugação, “*traduisant*” é traduzido por “traduzinte”, terminando em “inte” (ao contrário de “traduzante”, como na tradução de Derrida por Barreto).

Comento ainda que na tradução de um dos artigos de Berman, “*traduisants*” também foi traduzido por “traduzintes”:

Mais là encore, *traducteur*, plus actif que *traduisant*, finit par l’emporter. Cicéron, saint Jérôme, Oresme et Luther étaient plutôt de grands « **traduisants** ». Car leur activité ne se limitait pas, loin de là, à la traduction. Ils tiraient même leur énergie de traduisants de leurs autres activités, et ne traduisaient pas « pour traduire ». (BERMAN, 1988, p. 38)

Mas, novamente, o *tradutor*, mais ativo que o traduzinte, acaba dominando. Cícero, São Jerônimo, Oresme e Lutero eram os maiores “**traduzintes**”. Pois as suas atividades não se limitavam à tradução. Eles buscavam a sua energia de traduzintes em suas outras atividades, e não traduziam “por traduzir”. (BERMAN traduzido por Torres e Aseff, 2010, p. 95)

### **Langagière**

O adjetivo “*langagière*” foi traduzido como “*linguageira*” (e o masculino “*langagier*” por “*linguageiro*”), mas causou dúvidas, pois nem toda obra traduzida usa essa tradução para o termo e, muitas vezes, “*linguístico*” é usado como sinônimo de “*linguageiro*”, fazendo com que o uso de “*linguageiro*” em português possa causar algum estranhamento. Em português, o dicionário Houaiss traz a seguinte definição de *linguageiro*:

**linguageiro**  
 adjetivo  
 relativo a linguagem  
 Etimologia.  
*linguag(em) + -eiro*  
 (HOUAISS eletrônico)

No dicionário Caldas Aulete também é possível encontrar o verbete “*linguageiro*”:

**linguageiro**  
 (lin.gua.gei.ro)  
 a.  
 1. Da ou ref. à linguagem.  
 [F.: *linguag(em) + -eiro*.]  
 (Caldas Aulete online)

A tradutora de *A prova do estrangeiro* traduz “*langagière*” por “*linguageira*”, como em “De fait, l’une des expériences premières de tout traducteur n’est-elle pas que sa langue est comme démunie, pauvre face à la richesse **langagière** de l’œuvre étrangère?” (BERMAN, 1984, p. 22) traduzido por “De fato, não seria uma das experiências primeiras de qualquer tradutor ver sua língua como que desprovida, pobre, diante da riqueza **linguageira** da obra estrangeira?” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 23). Ou ainda em “Elles barrent le



chemin de la dimension historique, culturelle et **langagière** de la traduction et de la poésie. Et c'est cette dimension qui commence, de nos jours, à se révéler." (BERMAN, 1984, p. 37) traduzido como "Elas barram o caminho da dimensão histórica, cultural e **linguageira** da tradução e da poesia. E é essa dimensão que começa, em nossos dias, a se revelar." (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 41). A regularidade da tradução continua ao longo da tradução de Chanut:

Il est inutile d'adhérer à la dialectique romantique pour reconnaître qu'historiquement, elle a su « mythifier » Dante, Cervantes, Pétrarque et Shakespeare. Des œuvres de ceux-ci, il n'est resté que la pure Idée, la pure Image vide. Pour la critique et la traduction contemporaines, il s'agit de retrouver, sous cette image vide, l'épaisseur **langagière** et empirique de ces œuvres. (BERMAN, 1984, p. 184)

E inútil aderir à dialética romântica para reconhecer que, historicamente, e la soube "mitificar" Dante, Cervantes, Petrarca e Shakespeare. Das obras destes, só restou a pura Idéia, a pura Imagem vazia. Para a crítica e a tradução contemporâneas, trata-se de reencontrar, sob essa imagem vazia, a espessura **linguageira** e empírica dessas obras. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 206 - nota de rodapé)

Or, la langue du poète semble s'accorder profondément à cette thématique géographique en ce que, dans son dépouillement même, *elle tend à s'incorporer simultanément des éléments linguistiques « grecs » et « natifs »*, en l'espèce, un allemand qui a su intégrer à lui le dialecte maternel de Hölderlin, le souabe, mais aussi tout un trésor **langagier** renvoyant, par-delà Klopstock, Voss et Herder, à Luther et à l'ancien allemand. (BERMAN, 1984, p. 253)

Ora, a língua do poeta parece estar em profundo acordo com essa temática geográfica pelo fato de que, em seu despojamento, *ela tende a incorporar simultaneamente elementos lingüísticos "gregos" e "nativos"*, nesse caso um alemão que soube integrar o dialeto materno de Hölderlin, o suábico, mas também todo um tesouro **linguageiro** que remete, afora Klopstock, Voss e Herder, a Lutero e ao antigo alemão. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 284)

No segundo trecho vemos que é reforçada a diferença entre "*linguistique*"/"linguístico" e "*langagier*"/"linguageiro". Em *Torres de Babel* a tradutora também traduziu nesta mesma abordagem: "*mouvement langagier*" foi traduzido por "movimento linguageiro". Porém, em algumas obras, "*langagier*" foi traduzido como "linguístico". Um dos exemplos, é a tradução de *La traduction et la lettre*, na tradução brasileira *A tradução e a letra*, temos a seguinte tradução:

La prose littéraire se caractérise en premier lieu par le fait qu'elle capte, condense et entremêle tout l'espace **polylangagier** d'une communauté. Elle mobilise et active la totalité des « langues » coexistant dans une langue. Cela se voit avec Balzac, Proust, Joyce, Faulkner, Roa Bastos, Guimarães Rosa,

Gadda, etc. De là qu’au point de vue de la forme, ce cosmos **langagier** qu’est la prose, et au premier chef le roman, se caractérise par une certaine informité, qui résulte de l’énorme brassage des langues opéré dans l’œuvre. Elle est caractéristique de la *grande prose*. (BERMAN, 1999, p. 50)

A prosa literária se caracteriza, em primeiro lugar, pelo fato de captar, condensar e mesclar todo o espaço **polilinguístico** de uma comunidade. Ela mobiliza e ativa a totalidade das “línguas” coexistindo numa língua. Pode-se ver isso em Balzac, Proust, Joyce, Faulkner, Roa Bastos, Guimarães Rosa, Gadda etc. Assim, do ponto de vista da forma, esse cosmos **linguístico** que é a prosa, e em primeiro lugar o romance, se caracteriza por uma certa *informidade*, que resulta da enorme mistura das línguas na obra. Ela é característica da *grande prosa*. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 65)

E na página seguinte “Ce non-contrôle a trait à l’énormité de la masse **langagière** que le prosateur doit concentrer dans son œuvre – au risque de la faire formellement éclater.” (BERMAN, 1999, p. 51) traduzido como “Esse não-controle está relacionado à enormidade da massa **linguística** que o prosador deve concentrar na sua obra – arriscando rompê-la formalmente.” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 66).

Outro exemplo é na tradução *Sobre a tradução* (Ricœur), em que a tradutora traduziu “*langagière*” por “linguística”: “*hospitalité langagière*” por “hospitalidade linguística”, “*communauté langagière*” por “comunidade linguística”, “*catastrophe langagière*” por “catástrofe linguística”, “*extra- et intra-langagiers*” por “extra e intralinguísticos”, “*identité langagière*” por “identidade linguística”.

De acordo com o CNRTL (o *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*) em francês há frequentemente o uso de “*linguistique*” como algo relativo à linguagem, como podemos ver na observação presente dentro do verbete “*langagier*”: “*Langagier* s’oppose à *linguistique* ‘qui se rapporte à l’étude des langues’; toutefois *linguistique* est d’un emploi plus fréq., même dans le sens de ‘relatif au langage’.” (CNRTL online) (*Langagier* se opõe a *linguistique* ‘que remete ao estudo das línguas’; contudo *linguistique* tem um emprego mais frequente, mesmo no sentido de ‘relativo à linguagem’). Essa mesma tendência existe em português o que é confirmado inclusive pelo uso em mais de uma tradução (dos livros analisados na tese). Porém, no livro de Berman em que se fala sobre os conceitos de língua, linguagem e suas implicações, acredito que se faz necessário o uso de “*linguageiro*” como relativo à linguagem em oposição a “*linguístico*”.

### *Accompli/accomplissement*

A palavra *accompli* pode ser traduzida como concluso, completo, bem-sucedido, realizado ou até mesmo pleno. Berman usa também “*plénitude*” (que traduzo por “plenitude”) o que já afasta essa tradução como possibilidade para “*accompli*”. Esse é mais um exemplo que recorrer às traduções confirmou a escolha de tradução.

Na tradução de *Sob a invocação de saint Jérôme* “pour l’énormité du travail **accompli**: Auguste-Jean-Baptiste Defaucompret (1767-1843), traducteur de (...)” (LARBAUD, 1997, p. 73) traduzido em português como “pela enormidade do trabalho **realizado**: Auguste-Jean-Baptiste Defaucompret (1767-1843), tradutor de (...)” (LARBAUD traduzido por Melo, 2001, p. 74). Em *Poética do traduzir*: “Mais en gardant toujours l’opposition des **accomplis** et des **inaccomplis**” (MESCHONNIC, p. 538) “Mas guardando sempre a oposição dos **concluídos** e dos **não concluídos**” (MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, p. 232) e mais à frente no livro:

#### *verset I*

*Et ce fut*, début en *vayehi* (forme renversive de l’**inaccompli** à valeur d’**accompli**) traditionnellement compris comme annonçant, dans la Bible, un malheur : l’**inaccompli** à venir est mangé par l’**accompli**, et le signifiant, entre inclusion et allusion, contient *voy*, interjection, cri naturel du malheur. (MESCHONNIC, 1999, p. 560)

#### *Versículo I*

*Et ce fut* (E foi), começo em *vaiehi* (forma reversa do **inacabado** com valor de **acabado**) tradicionalmente compreendido como anunciado, na *Bíblia*, uma infelicidade: o **inacabado** a vir é devorado pelo **acabado**, e o significante, entre inclusão e alusão, contém *voi*, interjeição, grito natural de infelicidade. (MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, p. 254)

Em *Des tours de Babel* temos o seguinte trecho “Cette promesse fait signe vers un royaume à la fois ‘promis et interdit où les langues se réconcilieront et s’**accompliront**” (DERRIDA, p. 224) traduzido em português por “Essa promessa faz sinal em direção a um reino ao mesmo tempo ‘prometido e proibido onde as línguas se reconciliarão e se **realizarão**” (DERRIDA traduzido por Barreto, 2006, p. 50).

*Lettres à Fouad El Etr (Cartas para Fouad El Etr)*: “médiat et de l’immédiat, de l’**accompli** et de l’**inaccompli**, de Dieu et de l’homme” (2018, p. 26) traduzido em português como: “Novalis, alma fluida, compreendia a síntese poética – aquela do mediato e do imediato, do **realizado** e do **irrealizado**, de Deus e do homem, da natureza e da arte...” (2018, p. 26).

As diferentes traduções dessas palavras, demonstram a não obviedade na tradução delas para o português, mas após verificar as ocorrências de tradução, foi escolhida a palavra “realizado” como tradução de “*accompli*”. Em *L’Âge de la traduction* “*accompli*”,

“*accomplissement*”, “*accomplir*” (e derivados) aparecem mais de quarenta vezes no texto e apresento a seguir algumas dessas ocorrências:

Il [le commentaire] est fatalement amené, ensuite, à re-traduire, ou plutôt à <i>traduire sur le mode de la re-translation</i> , c’est-à-dire sur le mode le plus critique, le plus <b>accompli</b> de la traduction. (BERMAN, 2008, p. 20)	Ele [o comentário] é fatalmente levado, em seguida, a re-traduzir, ou melhor a <i>traduzir no modo da re-tradução</i> , ou seja, no modo mais crítico, mais realizado da tradução.
Un poème de Rilke, l’un des rares que Benjamin appréciait, « Torse archaïque d’Apollon » , célèbre la force rayonnante de cette forme qui est celle de l’œuvre brisée <b>s’accomplissant</b> dans sa brisure. (BERMAN, 2008, p. 25)	Um poema de Rilke, um dos raros que Benjamin apreciava, “Torse arcaico de Apolo”, celebra a força resplandecente dessa forma que é a mesma da obra quebrada que se <b>realiza</b> na sua quebra.
Autrement dit (il faut souligner le mot « limpide » qui revient maintes fois chez Benjamin à propos du langage), le langage ne <b>s’accomplit</b> que comme <i>reine Sprache, rein</i> , pur, indiquant ici le refus de rien communiquer, de rien exprimer, de rien signifier, le refus d’entrer dans la sphère du référentiel. (BERMAN, 2008, p. 29)	Em outras palavras (é preciso sublinhar a palavra “límpido” que reaparece várias vezes em Benjamin sobre a linguagem), a linguagem só <b>se realiza</b> como <i>reine Sprache, rein</i> , puro, indicando aqui a recusa a não comunicar nada, não significar nada, a recusa a não entrar na esfera do referencial.
Partout où le traducteur « apparaît », c’est d’une manière négative ; il est ce qui menace l’ <b>accomplissement</b> de la traduction. (BERMAN, 2008, p. 37)	Em todo lugar que o tradutor “aparece” é de uma maneira negativa; é o que ameaça a <b>realização</b> da tradução.
Le discours ne peut ni toucher à cet espace, ni explorer cette région où la traduction s’est <b>accomplie</b> dans ses mouvements essentiels. (p. 38, 39)	O discurso não pode tocar esse espaço nem explorar essa região na qual a tradução é <b>realizada</b> em seus movimentos essenciais.
Plus encore dans son <b>accomplissement</b> , une œuvre ne se soucie d’aucun destinataire. (BERMAN, 2008, p. 47)	Mais ainda em sua <b>realização</b> , uma obra não se preocupa com nenhum destinatário.

Cito também que na tradução argentina, Arriazu traduziu “*accomplissement*” como “*realización*” (que se aproxima da minha escolha) e na tradução inglesa, Wright traduziu essa mesma palavra como “*fulfilment*”.

### **Visée**

Esta é outra palavra que foi traduzida de diversas maneiras pelos tradutores das obras analisadas. Para a tradução de *L’Âge du traducteur*, foram cogitadas algumas opções antes de finalmente, optar por traduzir “*visée*” por “*visada*”. A tradutora de *A prova do estrangeiro* também escolheu essa palavra como tradução de “*visée*” e, sobre essa decisão, Maria Emília Chanut comenta em sua dissertação:

Inicialmente, houve um estranhamento do uso dessa palavra no português, visto ser pouco habitualmente empregada. Mas o que nos intrigou é que a palavra “visada” existe, em correspondência com o verbo visar, exatamente como no francês. (...) Procuramos assim, verificar o uso da palavra e ficamos surpresos ao verificar um uso atual em textos escritos e até em discursos e palestras de forma bastante natural. O que mais colaborou para que finalmente adotássemos a palavra “visada” foi, principalmente, o fato de que ela é de extrema importância no texto de Berman, designando conceitos-chave de sua teoria, como a “visada ética” e a “visada metafísica”. Constatamos também que o termo *visée* é muito usado por Derrida em seus textos. (CHANUT, 2001, p. 287)

Apesar do que argumenta Chanut (2001), a tradução de *visée* por *visada* não é algo homogêneo no Brasil, o que confirma a obra *Terminologia da Tradução* (2013). Esta obra consiste na tradução e adaptação de *Terminologia de la traduction / Translation terminology / Terminología de la traducción / Terminologie der Übersetzung* organizada por Jean Delisle, Hannelore Lee Jahnke e Monique Cornier publicada em 1999 (John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia). Livro este que foi traduzido e adaptado no Brasil por Álvaro Faleiros e Cláudia Xatara. Na “nota dos tradutores da edição brasileira”,

Procuramos ser bem criteriosos na escolha dos termos, uma vez que a terminologia sobre tradução, em língua portuguesa, está ainda pouco estabelecida, variando enormemente em função das referências dos teóricos e professores brasileiros, ou seja, aqueles formados dentro de uma tradição anglófona utilizam com mais frequência determinados termos e aqueles cujas principais leituras são de língua francesa costumam optar por outros. Na medida do possível, optamos pelos termos mais recorrentes nas publicações brasileiras a que tivemos acesso; em outros casos procuramos assinalar a existência de sinonímia (...). (in LEE-JAHNKE, DELISLE e CORMIER, 2013, p. 11)

A palavra *visée* aparece nessa obra como tradução de “postura do tradutor” o que pode ser verificado no seguinte verbete:

**postura do tradutor**

Procedimento geral que um <tradutor> adota quando produz um <texto> que se concretiza pela aplicação de uma <estratégia de tradução> particular.

Nota – A postura do tradutor (ex: <naturalizador> ou <estrangeirizador>) baseia-se em uma concepção de <fidelidade>. Em outras palavras, o tradutor atribui às <respostas> da <tradução> uma ponderação pessoal.

ing.: *translator's intention*

fra.: *visée du traducteur*

esp.: *propósito del traductor*

ale.: *Übersetzungsansatz*

(LEE-JAHNKE, DELISLE e CORMIER traduzido por Faleiros e Xatara, 2013, p. 88)

Os tradutores afirmam em nota o fato de que a terminologia da tradução no Brasil não é homogênea e que há variações de acordo com as leituras dos pesquisadores (de concentração anglófona ou francófona, etc.). A tradutora inglesa de *L'Âge de la traduction*, traduziu “*visée*” por “*intention*” como o trecho “Naïve, première et intuitive, la **visée** du poète l’est en relation avec la langue et sa teneur” (BERMAN, 2008, p. 153) traduzida em inglês como “The poet’s **intention** is naïve, immediate and expressive where the language and its substance are concerned.” (BERMAN traduzido por Wright, 2018, p. 176). O tradutor argentino parece ir no mesmo sentido quando traduz por “Ingenua, primera e intuitiva, la **intención** del poeta está en relación con la lengua y su tenor” (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 201). Em português há muitas variantes para a tradução desse termo como continuaremos a ver a seguir.

A tradutora de *Poétique du traduire* traduz: “La correction est la **visée** obsédante du passeur” (MESCHONNIC, p. 108) por “A correção é o **objetivo** obsessivo do transmissor” (MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, 2010, p. 30). Em outro trecho: “Le discours, organisation subjective et historicité: est ce qui permet de tenir en tension le sens et la valeur, les moyens et la **visée**, l’écriture et la traduction” (p. 115) e na tradução “O discurso, organização subjetiva e historicidade, é o que permite manter em tensão o sentido e o valor, os meios e a **visada**, a escritura e a tradução” (p. 35). E ainda “ce que dit la **visée** d’une poétique de Humboldt” (p. 429) traduzido por “O que diz a **mirada** de uma poética de Humboldt” (p. 173). Algumas páginas à frente “Humboldt est ainsi la matière et la **visée**” (p. 437) traduzido por “Humboldt é assim a matéria e a **visada**” (p. 179). Há ainda outras ocorrências da palavra “*visée*”, mas essas já mostram as escolhas e o fato de não estar homogeneizada a tradução da palavra “*visée*”.

Em *Sur la traduction* temos “L’autre **visée** de traduction parfaite s’est trouvée incarnée dans l’attente messianique réanimée au plan du langage pour Walter Benjamin dans La tâche du traducteur, ce texte magnifique. Ce qui serait alors **visé**, serait le pur langage (...)” (RICŒUR, 2004, p. 18) traduzido em português em *Sobre a tradução* (2011) da seguinte forma: “A outra **visada** da tradução perfeita encontra-se encarnada na espera messiânica reanimada no plano da linguagem por Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor”, esse texto magnífico. O que seria então **visado** seria a pura linguagem (...)” (RICŒUR traduzido por Lavelle, 2011, p. 29).

Em *A tradução e a letra* a palavra “*visée*” também recebeu mais de uma tradução em português:

Dans le premier cas, on a l'arbitraire capricieux d'un poète qui s'annexe tout ce qu'il touche; dans le second, la **visée** poétique est liée à la **visée** éthique de la traduction: amener sur les rives de la langue traduisante l'œuvre étrangère dans sa pure étrangeté, en sacrifiant délibérément sa « poétique » propre. (BERMAN, 1999, p. 40, 41)

No primeiro caso, tem-se o arbítrio caprichoso de um poeta que anexa tudo que toca; no segundo caso, o **projeto** poético está ligado ao **projeto** ético da tradução: levar às margens da língua para a qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza, sacrificando deliberadamente sua “poética” própria. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 53, 54)

#### A tradução de **visée** por **projeto** e em outros momentos, por **objetivo**:

Mais aussi au sens psychanalytique, dans la mesure où ce système est largement inconscient et se présente comme un faisceau de tendances, de *forces* qui dévient la traduction de sa pure **visée**. (BERMAN, 1999, p. 49)

Mas também no sentido psicanalítico, na medida em que esse sistema é grandemente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de *forças* que desviam a tradução de seu verdadeiro **objetivo**. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 63)

E no trecho acima tradução de **visée** por **objetivo**. E ainda “Elle anéantit aussi un autre élément prosaïque : la **visée** de *concrétude*.” (BERMAN, 1999, p. 54) traduzido como “Ela aniquila também um outro elemento prosaico: o **objetivo** de *concretude*.” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 54). Em outro momento, o que em francês aparece como “visée d'exactitude” (p. 119) traduzido por “aspiração à exatidão”.

Em minha tradução, traduzo de maneira uniforme “visée” por “visada”, “visé” por “visado” novamente mantendo uma correspondência com A prova do estrangeiro (e infelizmente não com A tradução e a letra). A escolha feita aqui é usada de maneira uniforme por todo o livro de Berman. Aqui estão alguns exemplos:

Il y aurait peut-être lieu de distinguer la <b>visée</b> de traduction de l'œuvre (ce que l'œuvre, voulant être traduite, attend de la traduction) et la <b>visée</b> de la traduction (comme acte). (BERMAN, 2008, p. 63)	Talvez fosse a ocasião de distinguir a <b>visada</b> de tradução da obra (o que a obra, querendo ser traduzida, espera da tradução) e a <b>visada</b> da tradução (como ato).
Dans ce cas, nous aurions deux <b>visées</b> traductives : celle qui s'oriente vers la « force », celle qui s'oriente vers le « phénomène ». (BERMAN, 2008, p. 112)	Nesse caso, teríamos duas <b>visadas</b> tradutórias: aquela que se orienta no sentido da “força”, aquela que se orienta no sentido do “fenômeno”.
<i>Meinen</i> signifie en effet une <b>visée</b> , mais une <b>visée</b> énoncée, portée au langage. (BERMAN, 2008, p. 114)	<i>Meinen</i> significa na verdade uma <b>visada</b> , mas uma <b>visada</b> enunciada, direcionada à linguagem.
La distinction du mode de <b>visée</b> et du <b>visé</b> est, dans une certaine mesure, artificielle (...) (BERMAN, 2008, p. 123)	A distinção do modo de <b>visada</b> e do <b>visado</b> é, em certa medida, artificial (...)

### **Fond**

A dificuldade na tradução da palavra “fond” foi sanada ao verificar que tinha sido traduzida anteriormente como “fundo” nas duas obras traduzidas de Berman.

Em *L'Épreuve de l'étranger* “Ce **fonds** de l'œuvre paraît à l'opposé de l'intraduisible, s'il est précisément ce qui, en elle, a définitivement et immédiatement prise sur nous, ce qui nous la rend parlante, sa *Sprachlichkeit* profonde.” (BERMAN, p. 99) traduzido em *A prova do estrangeiro* como “Esse **fundo** da obra parece o oposto do intraduzível, se for precisamente o que, nela, tem definitiva e imediata influência sobre nós, o que a torna falante para nós, sua *Sprachlichkeit* profunda.” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 111).

Em *La traduction et la lettre*: “ (...) en recourant à des mots issus du latin ou à des néologismes latinisants comme « inabstinence » ainsi qu'à des termes archaïques renvoyant au **fonds** commun du français et de l'anglais. ” (BERMAN, 1999, p. 111) trecho traduzido em *A tradução e a letra* da seguinte forma: “ao recorrer a termos oriundos do latim ou a neologismos latinizantes *inabstinence* [inabstinência], bem como a termos arcaicos que remetem ao **fundo** comum do francês e do inglês.” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, 2012, p. 149)

Goethe était d'avis que jamais la critique ne pouvait saisir ou appréhender ce qui, dans l'œuvre, était essentiel : son <b>fond</b> . Ce <b>fond</b> qui nous interpellait brutalement, sans médiation, aucune critique ne pouvait le mettre à jour, l'analyser.	Goethe compartilhava da ideia de que nunca a crítica poderia compreender ou apreender o que, na obra, era essencial: seu <b>fundo</b> . Esse <b>fundo</b> que nos interpelou brutalmente, sem mediação, nenhuma crítica poderia atualizar, analisar.
--	--

Na tradução argentina temos: “Goethe consideraba que la crítica no podía nunca captar o aprehender lo que, en la obra, era esencial: su **fondo**. Ninguna crítica podía sacar a la luz, analizar este fondo que nos interpelaba brutalmente, sin mediación.” (BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 88). A tradutora inglesa traduziu como “Goethe was of the opinion that criticism could never grasp or comprehend the essential nature, the **core**, of the text. There was no work of criticism that could uncover or analyse the textual core that addresses us brusquely, without mediation.” (BERMAN traduzido por Wright, 2018, p. 79)

### **Médium**

Sobre a palavra médium, Chanut esclarece em sua dissertação:



*medium*: Em francês, *médium*. Este é um termo que Berman traz do séc. XVI, com o sentido de *milieu* (= meio) e que tem sua origem no latim *medium*. Berman emprega-o em sua polissemia: tanto se refere ao tom musical - extensão da voz, registro dos sons entre o grave e o agudo - quanto ao termo empregado em um silogismo para “metade”, “meio termo”, “mediador”. Para convocar aqui o estranhamento, respeitando a escolha de Berman, a palavra foi deixada em latim e em itálico. A palavra em latim não tem o acento agudo no “e”, impedindo que seja lida com o sentido mais comumente empregado hoje no português (existente também no francês), a saber, *médium*, referindo-se à pessoa a quem se atribui o poder de comunicar com os espíritos, pois originalmente, em latim, a palavra não remete a esse significado. (CHANUT, 2001, p. 287, 288)

Como no trecho “Mais elle est plus que cela encore: en transformant le *Hochdeutsch* en *lengua franca*, elle en fait pour des siècles le **médium** de l’allemand *écrit*.” (BERMAN, 1984, p. 47) traduzido como “Mas ela é ainda mais do que isso: transformando o *Hochdeutsch* em *lengua franca*, ela faz dele, durante séculos, o *medium* do alemão *escrito*. (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 51). Ou em “L’œuvre romantique musicalise le **médium** de la représentation, et brouille ainsi son contenu objectal : à la limite, elle n’est que le rayonnement, la pure résonance de la couleur du **médium**.” (BERMAN, 1984, p. 188) traduzido como “A obra romântica musicaliza o *medium* da representação e confunde assim seu conteúdo objectal: na realidade, ela é apenas a irradiação, a pura ressonância da cor do *medium*.” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 210)

Berman também usa a palavra “*milieu*” em seu texto, que traduzo como “meio”. Mantendo o paralelismo de “*médium*” e “*milieu*” em “medium” e “meio”. A palavra “medium” (sem acento) consta no dicionário Aurélio com um símbolo (→) que indica que se trata de uma palavra de língua estrangeira: “→medium. [...] [Lat., ‘meio’.] S. m. *E. Ling.* Meio<sup>1</sup> (10) para a transmissão de uma mensagem. [Pl.: *media*.]” (AURÉLIO, p. 1300). Já a palavra “*médium*” (com acento) traz a seguinte definição “*médium*. [Do lat. *medium*.] S. 2 g. Segundo o espiritismo, o intermediário entre os vivos e a alma dos mortos. [Pl.: *médiuns*.]” (AURÉLIO, p. 1300).

Assim, a tradução de “*médium*” (em francês com acento) será “medium” (em português sem acento) em itálico.

Benjamin l’a encore exprimé autrement, en disant que la langue est un « <b>médium</b> », un <i>milieu</i> . (BERMAN, 2008, p. 23)	Benjamin expressou de outra forma, dizendo que a língua é um “ <i>medium</i> ”, um <i>meio</i> .
Défendre la langue comme <b>médium</b> fondamental de l’expérience et de l’existence	Defender a língua como <i>medium</i> fundamental da experiência e da existência

humaine était pour lui un impératif catégorique. (BERMAN, 2008, p. 24)	humana era para ele um imperativo categórico.
--	---

Para “*médium*”, “*medium*”, para “*milieu*”, “meio”, para “*médiatisée*”, “mediatizar” ressaltando que “**mediatizar**. [De *mediato* + *-izar*; fr. *médiatiser*.] V.t.d.T.d.ei. Tornar mediato (2); mediar relações: As negociações econômicas mediatizaram as relações entre os dois países. [Cf. *mediatizar*.]” (AURÉLIO, p. 1299)

Ce qui est important, c’est que la « sainte » croissance des langues qui s’attesterait dans la traduction est, elle, <b>médiatisée</b> par une autre croissance, celle des « religions ».	O que é importante, é que o “santo” crescimento das línguas que seria atestado na tradução é <b>mediatizado</b> por um outro crescimento, o das “religiões”.
---	--

### *Traduisibilité e traductibilité*

No artigo *La traduction et ses discours* (traduzido no Brasil como *A tradução e seus discursos*) Berman fala sobre a diferença entre “*traduisibilité*” e “*traductibilité*”:

Distinguons ici *traduisibilité* et *traductivité*. La *traduisibilité* est une structure *a priori* de l’œuvre qui la rend « traduisible », comme la *criticabilité* fait qu’on peut l’analyser critiqueusement. La *traductivité* renvoie au fait que le texte lui-même est un *travail* de traduction. (BERMAN, 1989, p. 679)

Distingamos aqui *traduzibilidade* de *tradutividade*. A *traduzibilidade* é uma estrutura *a priori* da obra que a torna “traduzível”, como o *criticável* faz com que possamos analisá-lo criticamente. A *tradutividade* remete ao fato de que o próprio texto é um *trabalho* de tradução. (BERMAN traduzido por Aseff, 2009, p. 347)

A tradutora de *Poética do traduzir* mantém o paralelismo “*intraduisible*” traduzido como “intraduzível” e “*traductibilité*” traduzido como “tradutibilidade”. Já em *Torres de Babel* temos o seguinte trecho: “Nous touchons ici - en un point sans doute infiniment petit – à la limite de la traduction. L’**intraduisible** pur et le **traductible** pur y passent l’un dans l’autre – et c’est la vérité, ‘elle-même matériellement’.” (DERRIDA, p. 223) traduzido em português como “Tocamos aqui - em um ponto sem dúvida infinitamente pequeno – ao limite da tradução. O

**intraduzível** puro e o **traduzível** puro aí passam um no outro – e é a verdade, ‘ela mesma materialmente’.” (DERRIDA, 2006, p. 49)

Em *Sur la traduction* Paul Ricœur ao falar da resistência ao trabalho de tradução, diz que “Le traducteur rencontre cette résistance à plusieurs stades de son entreprise. Il la rencontre dès avant de commencer sous la forme de la présomption de **non-traduisibilité**, qui l’inhibe avant meme d’attaquer l’ouvrage.” (RICOEUR, 2004, p. 10) traduzido em português como “O tradutor encontra essa resistência em vários estágios de seu empreendimento. Ele a encontra mesmo antes de começar sob a forma da presunção de **não tradutibilidade**, que o inibe antes mesmo de atacar a obra.” (RICOEUR traduzido por Lavelle, 2012, p. 23). Algumas linhas à frente, “Des plages d’**intraduisibilité** sont parsemées dans le texte, qui font de la traduction un drame, et du souhait de bonne traduction un pari.” (RICOEUR, 2004, p. 11) traduzido como “Lapsos de **intraduzibilidade** dispersos no texto fazem da tradução um drama, e da vontade de boa tradução, uma aposta.” (RICOEUR traduzido por Lavelle, 2012, p. 24).

Nessa mesma obras, algumas páginas depois “(...) le réseau infiniment ramifié des traductions de toutes les oeuvres dans toutes les langues, se cristallisant dans une sorte de bibliothèque universelle d’où les **intraductibilités** auraient toutes été effacées.” (RICOEUR, 2004, p. 17) traduzido como “(...) a rede infinitamente ramificada de traduções de todas as obras em todas as línguas, se cristalizando em um tipo de biblioteca universal de onde as intraduzibilidades teriam sido todas apagadas.” (RICOEUR traduzido por Lavelle, 2012, p. 28). Então “*traduisibilité*” é traduzido ora como “tradutibilidade” ora como “traduzibilidade” e, por sua vez, “*traductibilité*” é traduzido por “traduzibilidade”. Não há homogeneização das escolhas nem a tentativa de marcar a diferença de quando o autor usa um ou outro sufixo. Qual a implicação disso? Mesmo que não faça parte dos propostos do autor a diferenciação entre um e outro, o leitor da língua de chegada (no caso, o português), não poderia nem ao menos inferir isso com a leitura da tradução do texto de Ricœur.

Para a tradução de *L’Âge de la traduction*, mantive a distinção, até mesmo porque faz parte da argumentação de Berman diferenciar essas duas palavras:

<p>Nous traduisons (du reste Gandillac propose lui-même plus loin « <b>traductibilité</b> ») <i>Übersetzbarkeit</i> par « <b>traduisibilité</b> », formé à partir de « <b>traduisible</b> ». (BERMAN, 2008, p. 54)</p>	<p>Traduzimos (de resto Gandillac propõe ele mesmo mais a frente “<i>traductibilité</i>” [<b>tradutibilidade</b>]) <i>Übersetzbarkeit</i> por “<i>traduisibilité</i>” [<b>traduzibilidade</b>], formada a partir de “<i>traduisible</i>” [<b>traduzível</b>].</p>
<p>Car si, selon Benjamin, la meilleure traduction ne peut jamais rien « signifier » por l’œuvre, une certaine « signification »</p>	<p>Pois se, segundo Benjamin, a melhor tradução não pode nunca “significar” nada para a obra, uma “significação” inerente ao original se exprime em sua <b>tradutibilidade</b>.</p>

inhérente à l'original s'exprime dans sa <b>traductibilité</b> . (BERMAN, 2008, p. 67)	
Ce que l'œuvre appelle de toutes ses forces, pour que la signification immanente à sa <b>traduisibilité</b> s'actualise, c'est bien l' <i>acte</i> de la traduction. (BERMAN, 2008, p. 68)	O que a obra chama com todas as suas forças, para que a significação imanente à sua <b>traduzibilidade</b> se atualize, é precisamente o <i>ato</i> da tradução.

### Le moment venu

A expressão “le moment venu” aparece algumas vezes no texto de Berman e é derivado da ideia de “*rechtzeitig*” usada por Benjamin.

Cito aqui o trecho de Benjamin (citado por Berman)

*[...]Am Baum des heiligens Textes sind Beide nur die ewig rauschenden Blätter, am Baum des profanen die rechtzeitig fallenden Früchte.*

Sur l'arbre du texte sacré, ils ne sont tous les deux que les feuilles qui bruissent éternellement ; sur l'arbre du texte profane, les fruits qui tombent **le moment venu** (*rechtzeitig*).

(citação de « Sens unique » em BERMAN, 2008, p. 19)

Essa mesma citação em duas traduções em português do texto de Benjamin:

Comentário e tradução estão para o texto assim como estilo e mimese estão para a natureza: o mesmo fenômeno sob diferentes modos de considerar. Na árvore do texto sagrado são ambos apenas as folhas eternamente sussurantes, na árvore do texto profano são os frutos que caem **no tempo certo**. (BENJAMIN traduzido por Torres Filho e Barbosa, 1987, p. 18)

O comentário e a tradução relacionam-se com o texto como o estilo e a mimese com a natureza: o mesmo fenômeno sob pontos de vista diferentes. Na árvore do texto sagrado, ambos são apenas as folhas que eternamente rumorejantes, na árvore do profano, os frutos que caem **no tempo que é seu**.” (BENJAMIN traduzido por Barrento, 2013, p. 15)

Esse termo já havia sido usado por Berman anteriormente. Em *La traduction et la lettre*, uma nota de rodapé traz o seguinte texto:

L'un des autres moments de cette réflexion, c'est la théorie du kairós, du « moment favorable » d'une traduction. Dans *Sens Unique*, Benjamin dit que la traduction tombe comme un fruit mûr de l'arbre du texte profane, *rechtzeitig*, au « **temps venu** ». C'est-à-dire à l'automne de l'œuvre. (BERMAN, 1999, p. 104)

E foi traduzido em *A tradução e a letra*:

Um dos outros momentos desta reflexão é a teoria do *kairos*, do “momento favorável” de uma tradução. Em *Sens Unique*, Benjamin diz que a tradução cai como um fruto maduro da árvore do texto profano, *rechtzeitig*, no “**tempo certo**”. Isto é, no outono da obra. (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, p. 137)

Diferente do “moment favorable” : « L’« acceptabilité » socioculturelle se fonde sur ce que la langue traduisante – dans son être historique – peut accepter de la langue traduite à un moment donné ; au « **moment favorable** » (le *kairos*). » (BERMAN, 1999, nota de rodapé, p. 130, 131), em português « A “aceitabilidade” sociocultural se fundamenta sobre o que a língua para a qual se traduz — no seu ser histórico — pode aceitar da língua traduzida num momento dado, no “**momento favorável**” (o *kairos*). “(BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, nota de rodapé, p. 175).

Assim, a partir do que foi exposto, traduzo por “momento oportuno”:

<p>La catégorie du « bon moment » – celui qui permet et désire une traduction – est tout à fait essentielle. Le « bon moment » n’est pas la somme de circonstances empiriques favorables et constatables. Il signifie que, pour une traduction, le moment est venu. Certes, Benjamin ne parle par ici de ce <i>kairos</i> (pour reprendre le vieux terme grec), mais il l’évoque implicitement dans notre fragment de <i>Sens unique</i> quand il dit que le commentaire et la traduction se détachent de l’« arbre » du texte profane <b>au moment venu</b>, <i>rechtzeitig</i>. (p. 56)</p>	<p>A categoria do “bom momento” – aquilo que permite e deseja uma tradução – é absolutamente essencial. O “bom momento” não é a soma de circunstâncias empíricas favoráveis e constatáveis. Isso significa que, para uma tradução, chegou o momento. Certamente, Benjamin não fala aqui desse <i>kairos</i> (retomando o antigo termo grego), mas o evoca implicitamente no nosso fragmento de <i>Rua de mão única</i> quando ele diz que o comentário e a tradução se destacam da “árvore” do texto profano <b>no momento oportuno</b>, <i>rechtzeitig</i>.</p>
<p>Le <i>kairos</i> décide de la traduisibilité. <b>Le moment venu</b>, il y a toujours un traducteur pour une œuvre. (p. 56)</p>	<p>O <i>kairos</i> decide sobre a traduzibilidade. No <b>momento oportuno</b>, há sempre um tradutor para uma obra.</p>
<p>Traduire <i>spät</i> par « tardif », cela me permet d’évoquer ce fruit de la traduction qui, dans <i>Sens unique</i>, tombe <i>rechtzeitig</i>, <b>le moment venu</b>, de l’arbre de l’œuvre, c’est-à-dire en son automne. L’automne est la saison tardive. L’art « tardif » est un art automnal. (p. 78)</p>	<p>Traduzir <i>spät</i> por “<i>tardif</i>” [tardio] me permite evocar esse fruto da tradução que, em <i>Rua de mão única</i>, vira <i>rechtzeitig</i>, “<b>le moment venu</b>” [<b>o momento oportuno</b>], da árvore da obra, ou seja, seu outono. O outono é a estação tardia. A arte “tardia” é uma arte outonal.</p>

Aproveito para comentar que “*le bon moment*” foi traduzido por “o bom momento”.

### **Rayonnement**

O substantivo “rayonnement” e o verbo “rayonner” aparecem na obra de Berman em diversos momentos e causaram dúvida quanto à tradução.

Em *La traduction et la lettre* “Arrachée à sa langue natale, mais de telle façon que celle-ci s'accouple avec la langue traduisante, l’œuvre **rayonne**: de nouveau Sapho brille, dans la double lumière des deux langues unies. ” (BERMAN, 1999, p. 84) foi traduzido como

“Arrancada à sua língua materna, mas de tal maneira que se acople à língua para a qual se traduz, a obra resplandece: Safo **brilha** novamente na dupla luz das duas línguas unidas.” (BERMAN traduzido por Torres, Furlan e Guerini, p. 109, 110)

Em A prova do estrangeiro “L’œuvre romantique musicalise le médium de la représentation, et brouille ainsi son contenu objectal : à la limite, elle n’est que le **rayonnement**, la pure résonance de la couleur du médium.” (BERMAN, 1984, p. 188) foi traduzido como “A obra romântica musicaliza o medium da representação e confunde assim seu conteúdo objetal: na realidade, ela é apenas a **irradiação**, a pura ressonância da cor do medium.” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 210). E ainda :

Mais la retraduction, au XXe siècle, possède un sens historique et culturel plus spécifique: celui de rouvrir l'accès à des oeuvres dont la puissance d'ébranlement et d'interpellation avait fini par être menacée à la fois par leur « gloire » (trop de clarté obscurcit, trop de **rayonnement** épuise) et par des traductions appartenant à une phase de la conscience occidentale qui ne correspond plus à la nôtre. (BERMAN, 1984, p. 281)

Mas a retradução, no século 20, possui um sentido histórico e cultural mais específico: o de reabrir o acesso a obras cujo poder de comoção e interpelação acabara por ser ameaçado ao mesmo tempo por sua “glória” (clareza demais obscurece, **brilho** demais cansa) e por traduções pertencentes a uma fase da consciência ocidental que não corresponde mais à nossa (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 315, 316)

Na tentativa de manter o paralelismo entre “rayonnement” e “rayonner” com o mesmo radical, em português foi usado “resplandecimento” e “resplandecer”:

Cependant si la « gloire » désigne, non pas tant la célébrité que <i>le pur rayonnement de l'œuvre</i> , alors on doit poser tout de même que l'œuvre ne commence réellement à <b>rayonner</b> que lorsque, de l'auteur, ne reste plus que le <i>nom</i> . (BERMAN, 2008, p. 80)	Entretanto, se a “glória” designa não tanto a celebridade, mas sim a <i>pura resplandecência da obra</i> , então deve-se colocar que a obra só começa realmente a <b>resplandecer</b> quando, do autor, não resta mais do que o <i>nome</i> .
--	---

## Outras palavras

Comento ainda outras escolhas como as palavras/termos de origem grega:

(...) les grandes langues (les <i>koinai</i> ) sont toujours des langue-de-traduction : traduites et	(...) que as grandes línguas (as <i>koinai</i> ) são sempre língua-de-tradução: traduzidas e
--	--

traduisantes, elles ont dès leur origine été entretissées de traduction. (BERMAN, 2008, p. 51, 52)	traduzintes, elas estiveram desde sua origem permeadas de tradução.
Que l'œuvre ne puisse être pensée à partir de sa réception, cela situe la réflexion de Benjamin sur l'art et la traduction <i>hors de l'esthétique</i> , si nous nous souvenons que l'esthétique est cette approche de l'art qui le saisit à partir de la sensibilité, de l' <i>aisthesis</i> . (BERMAN, 2008, p. 48)	Que a obra não possa ser pensada a partir de sua recepção, isso situa a reflexão de Benjamin sobre a arte e a tradução <i>fora da estética</i> , se nós nos lembrarmos que a estética é essa abordagem da arte que o compreende a partir da sensibilidade, da <i>aisthesis</i> .
Le <b>pathos</b> traditionnel du « fantôme de la multitude des langues » est donc complètement transformé. On ne trouve pas ce <b>pathos</b> chez Benjamin. (BERMAN, 2008, p. 121)	O <b>páthos</b> tradicional do “fantasma da multiplicidade das línguas” é então completamente transformado. Não encontramos esse <b>páthos</b> em Benjamin.

E também “engendrer” – “engendrar”, “engendrement” – “engendramento”. É possível encontrar o verbete “engendramento” no dicionário Caldas Aulete (online):

**engendramento** sm.

1. Ação ou resultado de engendrar, CRIAÇÃO; GERAÇÃO; FORMAÇÃO; CONCEPÇÃO: “(...) se constituiu em fator decisivo para o engendramento de uma nova postura de colaboração e cooperação (...)” (O Globo, 15.12.1999)  
[F.: engendrar + -mento.)

Em *A prova do estrangeiro*: “Mais cette expérience (et le savoir qu'elle **engendre**) peut être en retour éclairée et en partie transformée par d'autres expériences, d'autres pratiques, d'autres savoirs.” (BERMAN, 1984, p. 286) traduzido em português como “Mas essa experiência (e o saber que ela **engendra**) pode ser, em compensação, esclarecida e em parte transformada por outras experiências, outras práticas, outros saberes.” (BERMAN traduzido por Chanut, 2002, p. 321). Assim, confirmando a escolha por “engendrar” e “engendramento”

Algumas dúvidas mais gerais de língua surgiram durante a tradução e, nesse sentido as traduções de L'Âge de la traduction para o espanhol e inglês ajudaram a esclarecer. Para citar apenas um exemplo, o seguinte trecho:

Et Joubert, sa vie durant, ne cesse d'essayer de cerner ce « vide » qu'est le milieu langagier poétique :

La transparence, le diaphane, le peu de pâte, le magique; l'imitation du divin qui a fait toutes choses avec peu et, pour ainsi dire, avec rien : voilà l'un des caractères essentiels de la poésie .

(BERMAN, 2008, p. 133)

A expressão “peu de pâte” causou uma dificuldade e, no intuito de sanar o problema, consultei as traduções argentina e inglesa que trazem as seguintes traduções:

Y Joubert no deja durante toda su vida de intentar delimitar ese “vacío” que es el medio lingüístico poético:

La transparencia, lo diáfano, **el material escaso**, lo mágico; la imitación de lo divino que hizo todas las cosas con poco y, por así decir, con nada: ése es uno de los rasgos esenciales de la poesía.

(BERMAN traducido por Arriazu, 2015, p. 175)

And Joubert spent his entire life trying to capture the 'emptiness' of the milieu of poetic language: 'The diaphanous transparency, **the lack of concrete materiality**, the magic; the imitation of the divine who made all things out of so little, out of nothing, really: this is one of the essential characteristics of poetry' (Joubert 1989:317).

(BERMAN traducido por Wright, 2018, p. 154)

E a partir do esclarecimento a partir das traduções argentina e inglesa, traduzo:

<p>Et Joubert, sa vie durant, ne cesse d'essayer de cerner ce « vide » qu'est le milieu langagier poétique :</p> <p>La transparence, le diaphane, <b>le peu de pâte</b>, le magique; l'imitation du divin qui a fait toutes choses avec peu et, pour ainsi dire, avec rien : voilà l'un des caractères essentiels de la poésie .</p>	<p>E Joubert durante sua vida não parou de tentar delimitar esse “vazio” que é o meio linguageiro poético:</p> <p>A transparência, o diáfano, <b>a falta de material</b>, o mágico; a imitação do divino que fez todas as coisas com tão pouco e, por assim dizer, com nada: eis uma das características essenciais da poesia</p>
--	---

#### 4.2.2 Citações

Diferentes abordagens foram usadas em minha tradução para trechos citados por Berman, a depender de sua natureza.

As principais citações presentes em *L'Âge de la traduction* são as citações de trechos do texto “*Die Aufgabe des Übersetzers*” de Benjamin em alemão seguidas por sua tradução em francês que são retiradas da tradução de Maurice Gandillac e muitas vezes modificadas por Berman. Manterei os trechos em alemão e em francês tais quais aparecem em *L'Âge de la traduction* e acrescentarei uma tradução em português feita a partir do francês. Já que o intuito de Berman era comentar a tradução de Gandillac, destacando suas escolhas e muitas vezes opondo-as às suas próprias escolhas de tradução de trechos e termos de Benjamin, acredito ser importante manter desta forma. Para exemplificar, apresento abaixo:

<p><i>Wie nämlich die Übersetzung eine eigene Form ist, so laßt sich auch die Aufgabe des Übersetzers als eine eigene fassen und genau von der des Dichters unterscheiden.</i></p> <p>Comme, en effet, la traduction est une forme propre, la tâche du traducteur se</p>	<p><i>Wie nämlich die Übersetzung eine eigene Form ist, so laßt sich auch die Aufgabe des Übersetzers als eine eigene fassen und genau von der des Dichters unterscheiden.</i></p> <p>Comme, en effet, la traduction est une forme propre, la tâche du traducteur se</p>
--	--



<p>laisse également distinguer de celle du poète, très exactement, comme une tâche propre</p> <p>(BERMAN, 2008, p. 149)</p>	<p>laisse également distinguer de celle du poète, très exactement, comme une tâche propre.</p> <p>[Como, de fato, a tradução é uma forma própria, a tarefa do tradutor se deixa igualmente distinguir daquela do poeta, mais exatamente, como uma tarefa própria.]</p>
---	--

Essa abordagem é semelhante àquela utilizada em *A tradução e a letra* e em *Poética do traduzir* nas quais quando no original consta um trecho de uma obra traduzida, na tradução brasileira vai constar também o trecho citado e uma tradução desta em português logo em seguida.

O tradutor argentino de *L'Âge de la traduction* escreveu em sua “Nota do tradutor” a respeito de algumas abordagens tradutórias que adotou em sua tradução:

O texto de Berman apresenta certos problemas particulares ao tradutor. Deixamos na língua original as citações que não estavam no francês, mas decidimos traduzir as citações da tradução de Gandillac e as do próprio Berman. Com isso corríamos o risco de que uma tradução derivada (do alemão para o francês e do francês para o espanhol) nos distanciaria do original alemão num nível maior do que faziam as traduções que nós traduzíamos (o que poderia afetar o sentido do comentário de Berman). Para evitar isso, levamos em consideração o texto original em alemão e, simultaneamente, o texto francês. Quando não é possível reproduzir em espanhol os problemas que Berman discute da tradução para o francês do texto alemão, há um esclarecimento em nota de rodapé. (LÓPEZ ARRIAZU in BERMAN, 2015, p. 7-8 – tradução minha)<sup>143</sup>

Quando o tradutor argentino comenta (em sua nota do tradutor) que traduziu as citações da tradução do texto de Benjamin para o francês (feitas por Gandillac e Berman), ele está se referindo aos trechos em que Berman comenta não só o texto de Benjamin em si, mas também as escolhas de tradução de Gandillac e propõe alterações ou retraduições para os trechos em alguns casos. Um exemplo disso é o trecho:

<sup>143</sup> Trecho original: “El texto de Berman presenta ciertos problemas particulares al traductor. Hemos dejado en lengua original las citas que no estaban en francés, pero decidimos traducir las citas de la traducción de Gandillac y las del propio Berman. Con esto corríamos el riesgo de que una traducción derivada (del alemán al francés y de allí al español) nos alejara del original alemán en un grado superior al que lo hacían las traducciones que nosotros traducíamos (lo que podía afectar el sentido del comentario de Berman). Para evitarlo, tuvimos en cuenta el texto original en alemán en simultáneo con el texto francés. Cuando no es posible reproducir en español los problemas que discute Berman de la traducción al francés del texto alemán, se lo aclara en pie de página.” (LÓPEZ ARRIAZU in BERMAN, 2015, p. 7-8)

*Ist doch die Übersetzung später als das Original und bezeichnet sie doch bei den bedeutenden Werken, die da ihre erwählten Übersetzer niemals im Zeitalter ihrer Entstehung finden, das Stadium ihres Fortlebens.*

Pues la traducción es más tardía (*später*) que el original y caracteriza para las obras importantes (*bedeutenden*), que nunca (*niemals*) encuentran su traductor elegido (*erwählten*) en el momento de su nacimiento (*Entstehung*), el estado de su vida continuada (*Fortlebens*).

(BERMAN traduzido por Arriazu, 2015, p. 100)

Além de colocar apenas os trechos em alemão e em seguida diretamente em espanhol, o trecho em espanhol termina com uma nota de rodapé que remete à seguinte informação: “[Traducción de Antoine Berman (N. del E. F.)].”, ou seja, informando que aquele trecho em espanhol é a tradução em francês feita por Antoine Berman. Uma solução que causa desencontro de informações e provoca uma confusão em relação às versões. O leitor de língua espanhola pode ser levado a pensar que a tradução em espanhol foi feita por Berman (o que teria algum fundamento lógico pelo fato de Berman ter sido estudioso e tradutor de língua espanhola).

É importante ressaltar que Berman foi tradutor do alemão, espanhol e inglês. Sua reflexão e escrita teórica sobre tradução é assumidamente originada das suas reflexões a partir da prática tradutória e, além disso, em seus textos ele ilustra seus argumentos e explicações com traduções feitas por ele. Destaco que do espanhol<sup>144</sup>, Berman traduziu principalmente romances latino-americanos contemporâneos, por exemplo, *Yo, el supremo* (1974) do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos com o título *Moi, le Suprême* (1977), da autora colombiana Flor Romero de Nohra *Triquitraques del trópico* (1972) traduzido como *Crépitant Tropique* (1978), do autor peruano Manuel Scorza *Cantar de Agapito Robles* (1977) traduzido por Antoine e Isabelle Berman como *Le Chant d'Agapito Roblès* (1982) e os autores argentinos Ricardo Piglia *Respiración artificial* (1980), traduzido como *Respiration artificielle* (2000), e Roberto Arlt *Los siete locos* (1929) e *El juguete rabioso* (1926) com os títulos *Les sept fous* (1994) e *Le joeut*

---

<sup>144</sup> Cito rapidamente algumas traduções feitas por Berman de autores alemães como Nietzsche, Schlegel, Novalis e Schleiermacher de quem ele traduziu o texto de teoria da tradução *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (1813) com o título francês *Des différentes méthodes du traduire* (conhecido no Brasil como *Sobre os diferentes métodos de traduzir*). Também traduziu literatura infantil e juvenil<sup>144</sup>, por exemplo, os livros do autor alemão Peter Härtling *Oma* (1975)<sup>144</sup>, em francês *Oma, ma grand-mère à moi* (1979), e *Ben liebt Anna* (1979), em francês *Ben est amoureux d'Anna* (1981). Do inglês alguns exemplos são o livro de história de Eugen Weber *Peasants Into Frenchmen: The Modernization of Rural France, 1880-1914* (1976) traduzido por Berman como *La fin des terroirs: La modernisation de la France rurale, 1880-1914* (1983), também *The fall of public man* (1977) de Richard Sennett traduzido por Berman e Rebecca Folkman como *Les tyrannies de l'intimité* (1979) e o livro de literatura erótica *9 ½ weeks* (1978) de Elizabeth McNeill que Berman deu o título de *9 semaines et demie* (1988).

*enragé* (1985), entre outros. A tradução de vários romances argentinos também foi feita (e assinada) em parceria com sua esposa Isabelle.

A pequena lista acima destaca a atuação de Berman como tradutor do espanhol para o francês. Voltando às citações de Benjamin que estão presentes no texto de Berman, o fato destas terem sido traduzidas para o espanhol pelo tradutor argentino poderia causar confusão (pelo fato de Berman ter sido tradutor para o espanhol). Eu não correria este risco traduzindo para o português, mas de qualquer forma minha decisão foi outra. Escolhi deixar o trecho em alemão seguido pela tradução em francês (seja de Gandillac, seja de Berman) e incluir minha tradução para o português em seguida. Assim, mesmo o leitor não conhecedor da língua francesa, poderá ao menos identificar elementos comentados por Berman a respeito de escolha de palavras, etc.

Uma das ideias que defende Berman é a tradução da letra, então ao menos a letra da tradução em francês estará disponível para que o leitor lusófono possa conferir. A tradução em português foi feita então a partir do trecho em francês e, portanto, tenta traduzir a letra dessa tradução. Acredito ser muito importante deixar o trecho em francês e apresentar em seguida minha tradução para o português. Desta forma ao ler a argumentação que se refere à tradução francesa, o leitor vai encontrar o referente da argumentação no texto. Como em outro exemplo: “Mais Benjamin ne dit pas ‘est-elle faite’ : il emploie le verbe *gelten*, valoir, comme dans la dernière phrase du premier paragraphe sur le poème, le tableau et la symphonie.” (BERMAN, 2008, p. 50) que traduzi como “Mas Benjamin não diz ‘est-elle faite’ [é feita]: ele emprega o verbo *gelten*, valer, como na última frase do primeiro parágrafo sobre o poema, o quadro e a sinfonia.”. Como mantive o trecho em francês – seguido da tradução em português – acredito que escrever “Mas Benjamin não diz “é feita”: ele emprega o verbo *gelten*, valer, ...” poderia causar confusão, já que comenta a tradução de Gandillac em francês. Em seguida, Berman propõe a sua tradução, com a mudança do tratamento do verbo “gelten”. Ou seja, ele está fazendo uma crítica de tradução, discutindo as minúcias das escolhas de tradução de Gandillac e como ele entende que deveria ser melhor traduzido, apontando para mudanças conceituais.

Procedo dessa mesma maneira quando Berman cita traduções literárias que fez

<p>Voici un extrait d’un roman de Roberto Arlt, <i>Le Jouet enragé</i> (que je viens de traduire avec Isabelle Garma-Berman) :</p>	<p>Apresento aqui um trecho de um romance de Roberto Arlt, <i>El Juguete Rabioso</i>, em francês <i>Le Jouet enragé</i> (que acabo de traduzir com Isabelle Garma-Berman):</p> <p style="text-align: center;"><i>Despacio consideraba sus encantos avergonzados de ser tan adorables, su boca</i></p>
--	---

<p><i>Despacio consideraba sus encantos avergonzados de ser tan adorables, su boca hecha tansólo para los grandes besos; veía su cuerpo sumiso pegarse a la carne llamadora de su desengaño e insistiendo en la delicia de su abandono, en la magnífica pequeñez de sus partes destrozables, la vista ocupada por el semblante, por el cuerpo joven para el tormento y para una maternidad, alargaba un brazo hacia mi pobre carne; hostigándola, la dejaba acercarse al deleite.</i></p> <p>Si nous tentons une première traduction mot à mot cela donne :</p> <p>Lentement je considérais ses charmes honteux d’être si adorables, sa bouche faite seulement pour les grands baisers ; je voyai son corps soumis se coller à la chair appelant sa désillusion et insistant sur le délice de son abandon, sur la magnifique petitesse de ses parties destructibles, la vue occupée par la face, par le corps jeune pour le tourment et pour une maternité, j’allongeais un bras vers ma pauvre chair.</p>	<p><i>hecha tansólo para los grandes besos; veía su cuerpo sumiso pegarse a la carne llamadora de su desengaño e insistiendo en la delicia de su abandono, en la magnífica pequeñez de sus partes destrozables, la vista ocupada por el semblante, por el cuerpo joven para el tormento y para una maternidad, alargaba un brazo hacia mi pobre carne; hostigándola, la dejaba acercarse al deleite.</i></p> <p>Se tentarmos uma primeira tradução palavra por palavra, temos:</p> <p>Lentement je considérais ses charmes honteux d’être si adorables, sa bouche faite seulement pour les grands baisers ; je voyai son corps soumis se coller à la chair appelant sa désillusion et insistant sur le délice de son abandon, sur la magnifique petitesse de ses parties destructibles, la vue occupée par la face, par le corps jeune pour le tourment et pour une maternité, j’allongeais un bras vers ma pauvre chair.</p> <p>[Lentamente eu considerava seus charmes vergonhosos de serem tão adoráveis, sua boca feita somente para os grandes beijos; eu via seu corpo submisso se colar na carne chamando sua desilusão e insistindo na delícia de seu abandono, na magnífica pequenez de suas partes destrutíveis, a vista ocupada pela face, pelo corpo jovem para o tormento e para uma maternidade, eu alongava um braço em direção à minha própria carne.]</p>
--	--

Em nota ele dá ainda a tradução definitiva do trecho, a qual traduzo em Nota da Tradutora (também rodapé). Ele discute as implicações da tradução, portanto, deixa sua tradução em francês e em seguida incluiu uma tradução feita a partir do que ele traduz em francês (e não a partir do espanhol).

Outro tipo de citação presente no livro é a citação de trechos de ensaios que corroboram com sua argumentação. Nesse caso, traduzi o trecho e incluí o trecho original em nota de rodapé. Mesmo quando são textos que têm tradução publicada no português, traduzo a citação que Berman apresenta em francês (e indico em nota de rodapé da tradutora, que existe uma tradução brasileira, disponibilizando inclusive a referência bibliográfica).

### 4.3 Títulos de obras e referências bibliográficas

#### “*La tâche du traducteur*”

O texto original de Benjamin tem como título: *Die Aufgabe des Übersetzers*. Berman utiliza em seu livro o título “*La tâche du traducteur*” que foi o título utilizado na tradução do texto benjaminiano feita por Maurice de Gandillac em francês e publicada pela editora Gallimard. Antoine Berman toma como referência a tradução de Gandillac, não a primeira versão de 1959, mas a segunda versão revisada de 1971 (BERMAN, 2008, p. 20) – que continua usando o mesmo título. À época dos seminários de Berman, a única tradução existente para o francês era a de Maurice de Gandillac e, portanto, ele utiliza o título em francês “*La tâche du traducteur*”. Para a tradução em língua portuguesa, utilizo o título “A tarefa do tradutor”.

O texto de Benjamin tem seis traduções publicadas no Brasil<sup>145</sup>. A professora da Universidade Federal Fluminense Susana Kampff Lages, autora de três dessas seis traduções, escolheu para a primeira de suas traduções o título “*A tarefa-renúncia do tradutor*”<sup>146</sup> – a única de todas as traduções que não utiliza o título “*A tarefa do tradutor*”. Como já indicado em Marini (2015, p. 58) Susana Kampff Lages adota o título “*A tarefa do tradutor*” na segunda tradução e o mantém na terceira e última tradução (2011), na qual insere uma nota explicando as duas acepções da palavra *Aufgabe* (tanto “tarefa” quanto “renúncia”). Os outros tradutores do texto de Benjamin são João Barrento escritor, crítico, tradutor e professor universitário aposentado (Universidade Nova de Lisboa), Fernando Camacho que traduziu em 1962 para um seminário e publicou em 1979 na revista Humboldt e o “grupo de seminário do Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 1994, sob a coordenação do professor Karlheinz Barck” (2008, p. 6).

Há duas traduções posteriores à tradução de Gandillac em francês – e também posteriores ao seminário de Berman que deu origem ao livro objeto do presente trabalho. Uma dessas traduções é a de Martine Broda publicada na revista *Po&sie* (n.º 55) em 1991 com o título “*La tâche du traducteur*”. A segunda feita por Laurent Lamy et Alexis Nouss que data de 1997 e foi publicada na revista acadêmica canadense “*TTR: traduction, terminologie, rédaction*” (vol. 10, n.º 2) e tem o título “*L’abandon du traducteur*” (privilegiando o sentido de abandono e renúncia).

<sup>145</sup> Conforme o levantamento feito em minha dissertação de mestrado: Marini (2015).

<sup>146</sup> In: BRANCO, Lucia Castello (org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Viva Voz, 2008.

Assim, mantendo o paralelismo com “*La tâche du traducteur*” traduzo como “A tarefa do tradutor”.

### Demais títulos

Quando são mencionados títulos de obras que já têm tradução no Brasil, uso o título da tradução brasileira (e quando existe mais de uma tradução para aquele título indico em nota de rodapé).

<p>Outre la lecture de « La tâche du traducteur », notre commentaire présuppose celle de deux autres textes de Benjamin : « Sur le langage en général et sur le langage humain » et (...) (BERMAN, 2008, p. 21)</p>	<p>Além da leitura de “A tarefa do tradutor”, nosso comentário pressupõe também a leitura de dois outros textos de Benjamin: “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” e (...)</p>
---	--

No trecho original ao final do título “Sur le langage en général et sur le langage humain” há a remissão a uma nota de rodapé onde consta a referência do texto original e a referência da tradução francesa. Para a minha tradução, mantive a referência do texto original, da referência da tradução francesa e incluí a referência à tradução brasileira do texto em questão.

Em *Torres de Babel* – tradução de “*Des Tours de Babel*” de Derrida, a tradutora deixa o título em francês apenas:

Sans m’en acquitter, je reconnaîtrais ainsi l’une de mes nombreuses dettes à l’égard de Maurice de Gandillac. Nous lui devons, entre tant d’autres enseignements irremplaçables, d’avoir introduit et traduit Walter Benjamin, et singulièrement *Die Aufgabe des Übersetzers*, *La tâche du traducteur*. Ce qui précède aurait dû me conduire plutôt vers un texte antérieur de Benjamin, *Sur le langage général et sur le langage humain* (1916), également traduit par Maurice de Gandillac dans le même volume (*Mythe et violence*, Denoël, 1971). (DERRIDA, p. 211)

Sem quitá-las, reconheço assim uma das minhas numerosas dívidas em relação a Maurice de Gandillac. Devemos-lhe, entre tantos outros ensinamentos insubstituíveis, ter introduzido e traduzido Walter Benjamin, e singularmente “*Die Aufgabe des Übersetzers*”, [“A tarefa do tradutor”]. O que precede deveria conduzir-me de preferência a um texto anterior de Benjamin, *Sur le langage général et sur le langage humain* (1916), igualmente traduzido por Maurice de Gandillac no mesmo volume (*Mythe et violence*. Denoël, 1971). (DERRIDA traduzido por Barreto 2006, p. 26)

Mesmo que o texto de Benjamin citado nesse trecho não tivesse tradução à época da tradução de Derrida, o leitor fica apenas com o título em francês e não sabe nem qual seria o

tema do texto de Benjamin. Quando se trata de livro sem tradução, faço uma tradução do título apenas a título explicação para o leitor. Um exemplo desse último caso é o livro de Wladimir Granoff e Jean-Michel Rey *L'Occulte, objet de la pensée freudienne* não tem tradução em português, portanto proponho uma tradução do título “O Oculto, objeto do pensamento freudiano”.

Quando os títulos são citados em suas línguas originais, na tradução constarão da mesma forma, como em:

Le septième et dernier séminaire a commenté deux « poèmes d'amour », l'un de John Donne, <i>Going to bed</i> , l'autre de Hölderlin, <i>Wenn aus der Ferne...</i>	<i>O sétimo e último seminário</i> comentou dois “poemas de amor”, um de John Donne, <i>Going to bed</i> , outro de Hölderlin, <i>Wenn aus der Ferne...</i>
---	---

As referências bibliográficas apresentadas por Berman, são todas mantidas em minha tradução. O que faço é acrescentar as traduções brasileiras daquelas obras, quando existem. Uma abordagem que se aproxima à do tradutor de Tradução: História, Teoria e Métodos, que inclui as referências às traduções brasileiras de obras estrangeiras citadas por Oustinoff. Estabelecemos assim (eu estabeleço e o tradutor de Oustinoff também) uma rede de intertextualidade explícita com outras obras traduzidas no Brasil o que tem um papel tanto de facilitar o acesso à informação para o leitor, quanto o papel de valorizar o trabalho de colegas tradutores que vieram antes de nós. Não é a mesma abordagem das outras obras analisadas na tese, algumas pela não existência de várias traduções à época de seu trabalho, outras por uma decisão expressa.

#### 4.4 Notas de rodapé

As notas do original foram mantidas na tradução e, além delas, constam também as notas de tradução, ou melhor, Notas da Tradutora, abreviadas como “N. da T.”, para evidenciar o gênero. Foi essa mesma abreviatura que usou como Joana Angélica d’Avila Melo na tradução de Larbaud. Nas notas da tradutora, incluo os trechos originais das citações que traduzo no corpo do texto, referências bibliográficas de obras citadas por Berman e que tenham sido traduzidas no Brasil, bem como explicitações de escolhas de tradução.

Entendo, assim como Torres (2017) que “A nota do tradutor, quando existir, é um comentário ao texto, apreendido como metatexto, o texto dentro do texto, ao contrário do que

Genette afirma (e qualifica como paratexto).” (TORRES, 2017, p. 17). A pesquisadora diz ainda que em sua concepção “a nota (a nota de rodapé) não é uma ruptura do texto ou dentro do texto, mas sim uma leitura em paralelo, uma leitura hipertextual” (2017, p. 17). Nesse sentido, as notas de rodapé são parte integrante do texto e são o espaço em que o tradutor, ou tradutora pode inserir sua voz explicitamente ao passar das páginas.

O sistema de organização das notas de *Poética do traduzir* separou as notas do autor e as notas das tradutoras e da editora usando a estratégia de deixar as notas do autor numeradas enquanto as notas das tradutoras e as notas da editora foram marcadas com asteriscos (em vez de números). Assim, no início da nota já é possível saber que é uma nota acrescentada na obra traduzida (tanto notas das tradutoras quanto notas da editora) ou notas que constavam no original (notas do próprio autor). Estratégia interessante que pode destacar a presença da figura do tradutor, ou no caso, da tradutora no texto.

Em *Poética do traduzir*, uma nota da editora traz a seguinte informação para “présentatif (apresentativo)”

O *Dicionário de Linguística* editado na França e traduzido para o português pela editora Cultrix diz que *présentatif* (apresentativo, como foi traduzido para o português) é um termo que se refere “às palavras ou expressões que servem para designar alguém ou algo, colocando-os em relação com a situação”. Cf. Jean Dubois et al. *Dicionário de Linguística*, São Paulo: Cultrix, 2001, p. 64 (N. da E.).  
(in MESCHONNIC traduzido por Ferreira e Fenerich, 2010, p. 93)

Da mesma forma, uma das notas da tradutora em minha tradução traz a seguinte informação (para a palavra “linguageiras”): “N. da T.: “linguageiras” é a tradução de “langagières” (no masculino “langagier”, “linguageiro”) que significa “relativo à linguagem” ao contrário de “linguistique” (“linguístico”) que significa “relativo à língua”.”. Trata-se de uma explicação pontual a respeito da escolha de tradução e seu sentido.

Acredito que as notas complementam a leitura do texto e podem vir a enriquecer a compreensão. Entretanto, como esse texto é antes de tudo uma aula (um conjunto delas, na verdade), não acrescentei explicações adicionais a respeito dos temas e das reflexões que Berman tece. O seu discurso é por si só muito explicativo, muito pormenorizado, com detalhamento profundo em cada argumentação que faz ao longo de seu “comentário” sobre Benjamin e sobre o tema geral da tradução. Não acho que seja o caso de acrescentar uma “explicação da explicação”.

Assim, apresento alguns outros exemplos de notas que redigi da tradução do livro:



Para a palavra “visada”	[N. da T.: visada é a tradução de “visée”, que também pode ser traduzido como “objetivo” ou “intenção”.]
Para a menção à tradução de “La tâche du traducteur” de Martine Broda	[N. da T.: Tradução de Martine Broda disponível no site da revista Po&sie online. Disponível em: <a href="https://po-et-sie.fr/texte/la-tache-du-traducteur/">https://po-et-sie.fr/texte/la-tache-du-traducteur/</a> ]
Para a palavra “traduzinte”	[N. da T.: traduzinte é a tradução de <i>traduisant</i> , é “aquele que traduz”. Assim, o “ <i>sujet traduisant</i> ” é o “sujeito traduzinte”, ou seja, “o sujeito que traduz”.]
Na sequência da nota de rodapé do autor em que consta a referência bibliográfica a “La tâche du traducteur” em francês	[N. da T.: Cito aqui uma das várias traduções publicadas em português: <i>A tarefa do tradutor</i> . Tradução de Susana Kampff Lages. In: <i>Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)</i> . Organização, apresentação e notas Jeanne Marie Gagnebin. Editora Duas Cidades/Editora 34. São Paulo. 2011.]
Na sequência da nota de rodapé do autor em que consta a referência bibliográfica a “Des différents méthodes du traduire” em francês	[N. da T.: Em português: Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: <i>Antologia Bilingue. Clássicos da Teoria da Tradução: Alemão-Português</i> . Organizado por Werner Heidemann. Vol. 1. 2ª ed. UFSC/NUPLITT. 2010.]
Para o título <i>Rua de mão única</i>	[N. da T.: Outros títulos das traduções desse texto em português: Rua de mão única, Rua de sentido único.]
Na sequência da nota de rodapé do autor em que consta a referência bibliográfica a <i>Après Babel</i> em francês	[N. da T.: Tradução brasileira: STEINER, George. <i>Depois de Babel: questões de linguagem e tradução</i> . Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.]
Na sequência da nota de rodapé do autor em que consta a referência bibliográfica a <i>La traduction et la lettre</i>	[N. da T.: Tradução brasileira: BERMAN, Antoine. <i>A tradução e a letra ou o albergue do longínquo</i> . Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2ª ed. Tubarão/Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012. Disponível em: <a href="http://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/">http://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/</a> ]
Na sequência de um trecho citado em francês em <i>L'Épreuve de l'étranger</i>	[N. da T.: “Cada literatura acaba por se aborrecer consigo mesma, se não for regenerada por uma participação estrangeira.” (p. 118) Na tradução brasileira da obra de Berman: BERMAN, Antoine. <i>A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica</i> . Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.]

#### 4.5 Nota da tradutora

Algumas opções se abrem ao pensarmos na Nota de Tradução. Pode-se fazer como o prefácio em *Sobre a tradução* escrito pela tradutora, mas no qual ela se concentra mais em falar sobre o autor e as ideias propostas na obra original do que em falar de sua tradução. Ou como em *Poética do traduzir* em que a tradutora se divide entre falar do autor e do original e também de sua tradução. Ou ainda como em *Torres de Babel* e *A tradução e a letra* em que os tradutores

falam mais da tradução em si, do projeto de tradução e de algumas escolhas tradutórias. Há também a opção de não fazer uma nota como em *Sob a invocação de São Jerônimo, A prova do estrangeiro* e *Tradução: História, Teoria e Métodos*. Escolho aqui redigir uma Nota da Tradutora na qual digo:

#### NOTA DA TRADUTORA

A tradução de *L'Âge de la traduction* fez parte de minha pesquisa de doutorado, na qual faço os comentários a respeito da tradução que se apresenta aqui. Neste mesmo trabalho coloquei em diálogo algumas escolhas tradutórias de tradutores brasileiros que vieram antes de mim e que traduziram obras que hoje as/os estudantes e pesquisadoras/es em Estudos da Tradução podem ler diretamente em nossa língua. Me junto à essa lista de tradutores de teoria da tradução com orgulho na certeza da contribuição que essas traduções fazem para os Estudos da Tradução no Brasil.

Os capítulos do original são nomeados em francês “*cahiers*” (“cadernos”, em português) pois esse livro foi originado a partir de seminários ministrados por Berman no *Collège international de philosophie*, como você poderá ver na Nota Editorial e na introdução de Berman que ele intitula “Meus seminários no ‘*Collège*’”. Assim, mantendo a referência, os capítulos são aqui nomeados “cadernos”.

Os trechos de Benjamin em alemão e da tradução francesa de Gandillac (muitas vezes modificadas por Berman) do texto de Benjamin constam aqui em alemão e em francês (respectivamente). Não se espante, pois a tradução em português da tradução de Gandillac e/ou Berman está logo em seguida. Para trechos de outras obras, traduzo em português, mas mantenho o trecho original em nota de rodapé. Também é em nota de rodapé que explico algumas escolhas lexicais e que disponibilizo as referências às traduções brasileiras (quando existem) dos textos referenciados por Berman. As minhas notas estão marcadas com a abreviatura “N. da T.”.

Para os estudantes desavisados

ou

Para os iniciantes em Estudos da Tradução:

Se esse é o primeiro livro de Antoine Berman em português que você está se propondo a ler, sugiro que conheça também *A prova do estrangeiro* (2002) tradução de Maria Emília Pereira Chanut (do original *L'Épreuve de l'étranger*) e *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2007) tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini (do original *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*).

Se esse livro chamou a sua atenção porque tem o título “A tarefa do tradutor” na capa, saiba que esse texto tem, no mínimo, seis traduções em português. Se você já leu “A tarefa do tradutor”, esse livro vai te acrescentar, pois vai discutir as questões apresentadas por Benjamin. Berman comenta o texto benjaminiano e sua tradução para o francês.

Bons estudos!

Clarissa Prado Marini

2019

#### 4.6 Capa

Das capas das traduções brasileiras, apenas uma apresenta os nomes dos tradutores na capa, apenas a segunda edição de *A tradução e a letra* traz na capa o nome dos tradutores. As traduções argentina e inglesa do livro *L'Âge de la traduction* também apresentam o nome dos tradutores na capa.

Faço aqui uma proposta de capa para a minha tradução *A era da tradução: “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin, um comentário* na qual constam na capa tanto a menção ao exaustivo trabalho de Isabelle Berman e Valentina Sommella no estabelecimento do texto de Berman, quanto o meu nome enquanto tradutora da obra. A concepção da arte da capa foi pensada a partir da ideia da tradução como vida nova em que a língua traduzinte floresce. O

projeto gráfico ficou a cargo da designer gráfica Bruna Martins<sup>147</sup> que desenvolveu a capa a partir das indicações dos elementos que acredito que devam estar presentes.

Numa futura publicação do livro traduzido, as exigências da editora ditariam o design final da capa, evidentemente. O que faço aqui é apenas uma proposta, reforçando sobretudo a presença do nome da tradutora na capa.

---

<sup>147</sup> Bruna Martins: <https://www.behance.net/brumrtns>

Imagem 50 - Proposta de capa para *A era da tradução*

Fonte: a autora

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Berman (2012) fala que é benéfico aos tradutores que façam um estudo histórico da tradução não à toa, não simplesmente para revisitar o passado pelo interesse puro simples do que é passado, mas exatamente pelo contrário, para se pensar como pode ser construído o futuro. Dessa forma, me propus a apresentar e analisar características das traduções brasileiras de obras de tradutologia francesa (publicadas a partir de 2000) para que estas pudessem ser fontes (não modelos, mas fontes, como propõe Berman) para a minha tradução de uma obra teórica, a obra “*L’Âge de la Traduction. ‘La tâche du traducteur’ de Walter Benjamin, un commentaire*” (2008) de Antoine Berman. Assim, revisitando o passado foi possível também vislumbrar o contexto da chegada dessas obras no Brasil.

Depois de muitos anos sem a tradução de tradutologia francesa no Brasil e num momento dos Estudos da Tradução estavam ganhando força, chega no Brasil a tradução de *Sob a invocação de São Jerônimo*, em 2001 – o primeiro livro da lista de obras apresentadas e analisadas no âmbito dessa tese. Até o ano 2000, muita coisa já havia sido feita para o estabelecimento dessa área de conhecimento no contexto brasileiro. Recuando no tempo, podemos traçar rapidamente uma evolução dos Estudos da Tradução brasileiros que tem um marco histórico com a publicação de *Escola de tradutores* de Paulo Rónai em 1952. Dezesete anos depois, em 1969, outro marco histórico com a abertura do primeiro curso de Tradução em contexto universitário no Brasil, o curso de especialização em revisor-tradutor-intérprete da PUC-Rio.

A década de 1970 testemunhou acontecimentos importantes em prol da Tradução, em 73 a criação da primeira Graduação em Tradução, na UFRGS; em 74 a criação da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES); em 75 o I Encontro Nacional de Tradutores; além da publicação de *A tradução vivida* de Paulo Rónai e das traduções de obras de Georges Mounin e Roman Jakobson. Na década seguinte enquanto na França Antoine Berman ministrava os seminários sobre Tradução no *Collège international de Philosophie*, no Brasil, estávamos traduzindo Catford, *Uma teoria linguística da tradução*, publicado no Brasil em 1980. É nessa mesma década que no Brasil finalmente chega ao fim a Ditadura Militar. No ano seguinte temos a publicação de *Oficina de Tradução* de Arrojo e também a criação de GTs de Tradução na ANPOLL, e, em 1988 a sindicalização da profissão de tradutor com a criação do SINTRA.

Inaugurando a década de 1990, a publicação e *Tradução: A ponte necessária* de José Paulo Paes e *Procedimentos técnicos da tradução* de Heloisa Gonçalves Barbosa. Dois anos

depois, em 1992, a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), afirmando a presença atuante dos pesquisadores dessa área em contexto brasileiro. Também é nessa década que diversos periódicos acadêmicos de Tradução são criados, além das traduções de *A invisibilidade do tradutor* (Venuti), *Os tradutores na história* (Delisle e Woodsworth) e das obras nacionais *Tradução: Teoria e Prática* (John Milton), *Tradução: a prática da diferença* (Paulo Ottoni) e *Tradução e diferença* (Cristina Carneiro Rodrigues).

A partir de 2000, época que nos interessa mais especificamente na tese, temos a publicação de *Traduzir com autonomia: estratégias para um tradutor em formação* (Pagano, Alves e Magalhães). Em 2001 é publicado *Sob a invocação de São Jerônimo* de Valery Larbaud traduzido pela jornalista e tradutora tarimbada Joana Angélica D'Avila Melo e publicado pela extinta editora Mandarin/Siciliano 54 anos após a publicação da primeira edição do original – Larbaud que segundo Berman (1995) é o pai simbólico da reflexão francesa sobre a tradução. Ainda em 2001 é publicado também *Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução – Volume 1 – Alemão-Português* na UFSC.

Também em 2001 Maria Emília Pereira Chanut defende sua dissertação na UNESP (São José do Rio Preto) na qual faz uma tradução comentada de *L'Épreuve de l'étranger* de Antoine Berman – que por sua vez é fruto da tese de doutorado de Berman – culminando na publicação dessa tradução com o título *A prova do estrangeiro* em 2002, figurando a primeira obra de Berman traduzida no Brasil, pesquisador que foi um dos responsáveis pela afirmação e consolidação Tradutologia enquanto área de conhecimento na França (Nouss, 2001; Oseki-Dépré, 2007). A tradução de *L'Épreuve de l'étranger* foi uma sugestão do orientador de Maria Emília Chanut, o professor Marcos Siscar (que havia regressado da França) e também é pesquisador da Tradução.

A obra fundamental de Berman chega no Brasil no mesmo ano em que é publicada *Torres de Babel* de Derrida. Junia Barreto traduz o ensaio *Des tours de Babel* que Jacques Derrida havia publicado pela primeira vez em 1985, tradução essa que surgiu das necessidades do grupo de pesquisa do qual fazia parte na Universidade Federal de Minas Gerais. É pela editora dessa mesma universidade que Barreto publica sua tradução. Ainda no ano de 2002 também é traduzido o livro *Escândalos da Tradução* de Venuti, além de publicações nacionais.

O ano seguinte é o ano de mais um marco histórico para os Estudos da Tradução brasileiros, é o ano da criação do primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Tradução do Brasil, a PGET na Universidade Federal de Santa Catarina. Ainda em 2003 a brasileira Lia Wyler publica o seu *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Nos anos seguintes surgem mais traduções marcantes como *Depois de Babel* de George

Steiner pelo professor Alberto Faraco (UFPR), *Estudos de Tradução* de Susan Bassnett tradução conjunta por professores da UFRGS, além das publicações de outros volumes da *Antologia Bilingue – Clássicos da Teoria da Tradução* desenvolvida na UFSC e criação de mais revistas acadêmicas dedicadas à tradução.

É então em 2007 que é publicada *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* tradução de *La traduction et la lettre et l'auberge du lointain* de Antoine Berman, segundo livro de Berman dentro da área da Tradutologia e que estende o trabalho que havia começado em *L'Épreuve de l'étranger*. A tradução de *A tradução e a letra* foi realizada por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini, todos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução criado poucos anos antes. Trata-se de uma tradução de teoria da tradução realizada por pesquisadores em Tradução já estabelecidos. Enquanto no Brasil acabávamos de receber a tradução de *La traduction et la lettre*, na França Isabelle Berman e Valentina Sommella publicam em 2008 a obra *L'Âge de la traduction* de Berman livro o qual elas prepararam a partir das anotações que ele havia feito na década de 80 para seu seminário sobre “filosofia e tradução” do *Collège international de Philosophie*.

Em 2010, a pesquisadora Jerusa Pires Ferreira juntamente com Sueli Fenerich traduz *Poética do traduzir* de Henri Meschonnic pela editora Perspectiva – primeira obra de Meschonnic traduzida no Brasil. Em 2011, o editor da Parábola Editorial Marcos Marcionilo publica sua tradução da obra de Michaël Oustinoff *Tradução: História, Teoria e Métodos*. Também é nesse ano que mais dois programas de pós-graduação em Estudos da Tradução são criados, POSTRAD da Universidade de Brasília e TRADUSP da Universidade de São Paulo. Em 2012 é publicado *Sobre a tradução* de Paul Ricœur com tradução da pesquisadora Patrícia Lavelle. Nesse ano é lançada também a segunda edição de *A tradução e a letra* de Berman, dessa vez disponível também gratuitamente online. Ainda em 2012 são publicadas obras dos pesquisadores brasileiros Paulo Henriques Britto e Álvaro Faleiros, além de ser o ano de criação de outras revistas acadêmicas de tradução.

Percorremos no Brasil um caminho desde a década de 1950 que consolidou a área dos Estudos da Tradução como a conhecemos hoje, em 2019. Estudar essas traduções de textos tradutológicos faz parte do movimento de autorreflexão da área como afirma (Echeverri, 2017) o que faz sentido num momento em que a área já está estabelecida. A tradução de teoria da tradução fez parte desse caminho de consolidação, já que a chegada de textos tradutológicos estrangeiros, tem o papel de alimentar as pesquisas em andamento no Brasil, dar instrumentos para o ensino da teoria da tradução, tem também o papel de afirmar a área enquanto área de conhecimento autônoma além de fomentar uma área internacional e multilíngue.



Foram analisados na presente tese tradutores mais ou menos ousados em suas escolhas e mais ou menos interessados em evidenciá-las para o leitor. O conjunto de obras apresentadas e analisadas deixou ver como o tradutor de teoria da tradução procede hoje no Brasil e sua análise não pretendeu simplesmente apontar os pontos problemáticos, mas em contraponto a isso, destacar soluções interessantes que inclusive foram usadas como estratégias da minha própria atividade de tradutora ao traduzir *L'Âge de la traduction*. Fica a esperança de que tanto as análises, quanto os comentários de tradução, sejam fontes para trabalhos futuros. Pensando mais além, fica também o desejo de que mais obras estrangeiras sejam traduzidas no Brasil, como as demais obras dos autores aqui citados e as obras *Pour une critique des traductions: John Donne e Jacques Amyot, traducteur français* de Antoine Berman, bem como seus vários artigos. Ficam abertas as possibilidades para trabalhos futuros.

O estabelecimento de subáreas dentro dos Estudos da Tradução é consequência do crescimento dessa área de conhecimento. O que pode aparentar uma segmentação entre essas subdisciplinas, pode ser entendido de outra forma, como uma organização, sistematização dos temas ou abordagens que estão presentes dentro da grande área dos Estudos da Tradução. Na presente tese, as subáreas foram reorganizadas de forma que o relacionamento entre elas foi restabelecido num movimento em que: a história da tradução além de ter dado a consciência do contexto em que se insere a tradução do livro traduzido aqui, forneceu dados para a crítica e prática; já a crítica permitiu compreender quais foram as escolhas de tradutores que traduziram textos semelhantes ao que traduzi e quais as consequências destas, assim podendo identificar fontes para o trabalho de prática; esta prática, por sua vez, se nutriu tanto da história quanto da crítica, mas também contribuiu para o estudo histórico e crítico, pois a partir das dificuldades de tradução, surgiram questões a serem procuradas nos livros analisados e geraram material para os comentários de tradução. Assim, as atividades desenvolvidas paralelamente, acabaram por influenciar uma a outra afirmando tanto a importância de cada uma dessas subáreas dos Estudos da Tradução individualmente, quanto a importância de não nos esquecermos que cada uma delas está intimamente ligada às outras. De forma global, é também uma celebração do crescimento da área, sobretudo no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCARAZ, Rafael Camorlinga. Larbaud, Valery. Sous l'invocation de Saint Jérôme. In: *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 415-418, jan. 1999. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5549/5006>>. Acesso em: 21 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.
- BARRETO, Júnia Regina de Faria. A experiência da linguagem e as dificuldades de sua tradução em “Torres de Babel”, de Jacques Derrida. p. 211-219. In: EYBEN, Piero;
- RODRIGUES, Fabricia Wallace. (Org.). *Derrida, Escritura e diferença no limite ético-estético*. Vinhedos: Horizonte, 2012.
- BARROS, Lidia Almeida. Curso básico de Terminologia. São Paulo: EdUSP, 2004.
- BARROSO, Ivo. Santo Forte. In: *Folha de São Paulo*, 4. nov. 2001. Caderno Mais! Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0411200114.htm>
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. 3. ed. London/ New York: Routledge, 2002.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Leticia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- BASTIN, Georges. Histoire, traductions et traductologie. In: WOTJAK, Gerd (Org). *Quo vadis Translatologie? Ein halbes Jahrhundert universitäre Ausbildung von Dolmetschern und Übersetzern in Leipzig. Rückschau, Zwischenbilanz und Perspektive aus der Außensicht*. Leipzig (Alemanha): Frank & Timme GmbH, 2007. Disponível em Google Books e disponível em: <http://www.histal.net/wp-content/uploads/2012/08/Histoire-traductions-et-traductologie.pdf>
- BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. Tradução de Susana Kampff Lages. In: *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas Jeanne Marie Gagnebin. Editora Duas Cidades/Editora 34. São Paulo. 2011
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Revisão Técnica da Tradução: Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2006.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BERMAN, Antoine. *The experience of the foreign: culture and translation in romantic Germany*. Tradução de Stefan Heyvaert. Nova York: State University of New York Press, 1992.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Revisão de Andreia Guerini, Gustavo Althoff, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Roger Miguel Sulis (texto em grego), Zilma Gesser Nunes. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Revisão de tradução: Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo (texto em grego). 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012. Disponível em:

<http://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/biblioteca-digital-2/>

BERMAN, Antoine. *La era de la traducción: “La tarea del traductor”* de Walter Benjamin, un comentario. Tradução de Eugenio López Arriazu. Buenos Aires: Dedalus, 2015.

BERMAN, Antoine. *L’âge de la traduction : « La tâche du traducteur »* de Walter Benjamin, un commentaire. Texte établi par Isabelle Berman et Valentina Sommella. Paris: Presses Universitaires de Vincennes (PUV), 2008.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*. IN : A. Berman, G. Granel, A. Jaulin, G. Mailhos. *Les tours de Babel : essais sur la traduction*. Paris : Trans-Europ-Repress, 1985.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*. 2ª ed. Paris: Seuil, 1999.

BERMAN, Antoine. *L’épreuve de l’étranger: Culture et traduction dans l’Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 2011.

BERMAN, Antoine. *Jacques Amyot, traducteur français – Essai sur les origines de la traduction en France*. Texte établi par Isabelle Berman et Valentina Sommella. Paris: Belin, 2012.

BERMAN, Antoine. *Pour une critiques des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, Antoine. *Toward a Translation Criticism: John Donne*. Tradução de Françoise Massardier-Kenney. EUA, Kent State University Press: 2009

BERMAN, Antoine. “A tradução e a letra ou a pousada do longínquo”. Tradução de Catarina Salgueiro, César Augusto et alii. In: *Tradutor dilacerado – reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução*. Coleção: Voz de Babel, p. 15-63. Lisboa: Colibri, 1997.

BERMAN, Antoine. “A tradução e seus discursos”. Traduzido por Marlova Aseff. In: *Alea – Estudos Neolatinos*, nº 02, vol. 11. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2009000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200011).

BERMAN, Antoine. “Da translação à tradução”. Traduzido por Marlova Aseff. In: *Scientia Traductionis*. nº 09. p. 01-29. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p71>

BERMAN, Antoine. A tarefa da poesia é simplesmente... . Traduzido de Simone Petry e Marcos Siscar. In: *Remate de males*, vol.34, nº1. p.213-219. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/4347/3814>

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço da tradução. Tradução de Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène Catherine Torres. In: *Cadernos de Tradução*. v. 37, n. 2. Florianópolis, 2017.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n2p261/34078>

BERMAN, Isabelle. L'attachement à une œuvre. In: *TTR : traduction, terminologie, rédaction*, vol. 14, n° 2, 2001, p. 11-14. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/000565ar> . Acesso em: junho de 2016.

BERMAN, Antoine. Traduction spécialisée et traduction littéraire. *Actes du Colloque International*. La Tilv éditeur. Paris, 21 et 22/03/1991.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: *Escritos sobre Mito e Linguagem*, Rio de Janeiro: Editora 34, 2011, p. 101 a 119.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas – Volume 2*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única – Infância berlinense: 1900*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BRANCO, Sinara de Oliveira. Michael Oustinoff. Tradução: História, teorias e métodos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 28, p. 213-220, dez. 2011. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p213/20382>>. Acesso em: 05 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7968.2011v2n28p213>.

BOULANGER, Pier-Pascale. “Henri Meschonnic aux États-Unis ? Un cas de non-traduction.” In: *TTR: traduction, terminologie, rédaction*. V. 25, no. 2 (2012): 235–256. DOI: 10.7202/1018810ar

BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *Cultural translation in Early Modern Europe*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

BURKE, Peter e HSIA, R. Po-chia (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Tradução de Carlos Tebé. Barcelona: Antártida/Empuries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa et al. “La terminología hoy: replanteamiento o diversificación”. In: *Organon*, Porto Alegre, vol. 12, n. 26, p. 33-41, 1998. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29557/18257>. Acesso em: maio de 2017.

CABRÉ, Maria Teresa. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en terminología. In: *Organon*, Porto Alegre, vol. 25, n. 50, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28343>. Acesso em: maio de 2017.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: TAPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (org). *Haroldo de Campos - Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CARDOZO, Maurício Mendonça. A lição bermaniana: implicações para a crítica e para uma história da tradução literária. In: *História da tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária*. Campinas (SP): Pontes Editores, p. 143-156, 2015.

CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction : Compliquer l’universel*. Paris: Fayard, 2016.

CASSIN, Barbara (dir.). *Vocabulaire européen des philosophies: dictionnaire des intraduisibles*. Paris: Éditions du Seuil / Le Robert, 2004.

CASSIN, Barbara (dir.). *Philosopher en langues. Les intraduisibles en traduction*. Paris: Éditions Rue d’Ulm/Presses de l’École Normale Supérieure, 2014.

CASTRO RAMÍREZ, Nayelli. Traduzir a filosofia para além da filosofia: Assinaturas, acontecimentos, contextos. Tradução de Clarissa Prado Marini e Ana Alethéa Osório. *Belas Infiéis*, v. 7, n. 2, p. 97-114, 31 dez. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/18285>

CHANUT, Maria Emília Pereira. A prova do estrangeiro. Tradução comentada de “L’épreuve de l’étranger” de Antoine Berman. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2001.

CONSTANTINESCU, Muguraş. *Pour une lecture critique des traductions: réflexions et pratiques*. Editions L’Harmattan, 2013.

COSTA, Patrícia Rodrigues. A formação de tradutores em instituições de educação superior públicas brasileiras: uma análise documental. 2018. 450 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188094>

COSTA, Patrícia; SOUSA, Germana. Entrevista com Alvaro Echeverri. In: *Belas Infiéis*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 149-162, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/16500/11761> . Acesso em: junho de 2016.

DELISLE, Jean, WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DELISLE, Jean, WOODSWORTH, Judith. *Translators through history/Les traducteurs dans l’histoire*. 1995.

DERRIDA, Jacques. “Des tours de Babel” (p. 203 a 235) IN: *Psyché : inventions de l’autre*. Paris : Éditions Galillé, 1987.

DERRIDA, Jacques. *Psyché : inventions de l’autre*. Paris: Éditions Galillé, 1987.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DOSSE, Mathieu. “L’acte de traduction”. In: *Acta fabula*, vol. 10, n° 2, Notes de lecture, Février 2009. Disponível em: <http://www.fabula.org/acta/document4888.php>

DURIGAN, Jesus Antonio. Prefácio da edição brasileira. In: GREIMAS, A. J. (org.). *Ensaaios de semiótica poética*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

D’HULST, Lieven. Translation History. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (Eds.). *Handbook of translation studies*. Vol 1. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

ECHEVERRI, Alvaro. “Antoine Berman (2003). La Prueba de lo ajeno : Traducción y cultura en la Alemania romántica. Trad. Rosario García López. Las Palmas de Gran Canaria, Universidad de las Palmas de Gran Canaria”. *TTR* 19, no. 1 (2006): 209–220. Disponível em: 10.7202/016666ar

FELLER, Jean. « Que sais-je ? » : une collection qui a réponse à tout. In: *Communication et langages*, n° 28, 1975. pp. 71-75. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/colan\\_0336-1500\\_1975\\_num\\_28\\_1\\_4251](http://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1975_num_28_1_4251)

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. Entrevista com Prof. Dr. Izidoro Blikstein. In: *Traduzires*. Brasília, vol. 2, n° 1, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/9943/7279> . Acesso em: maio de 2016.

FERREIRA, Jerusa Pires. Relatos de uma aprendiz do traduzir e do viver. In: FALEIROS, Álvaro; ZAVAGLIA, Adriana; MOUZAT, Alain. *A tradução de obras francesas no Brasil*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Le Seuil, 2014.

GENTZLER, Edwin. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2009.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary Translation Theories*. 2ª ed. Clevedon, Buffalo, Toronto e Sidney: Multilingual Matters Ltd, 2001.

HERSANT, Yves. « Note ». In: *Critique*, n° 755, 2010/4. p. 382-383. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-critique-2010-4-page-382.htm> . Acesso em: maio de 2016.

HINOJOSA, Fedra Rodríguez; LIMA, Ronaldo. Joana Angélica d’Avila Melo (Verbetes). In: *DITRA – Dicionário de tradutores literários no Brasil*. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoanaAngelicaAvilaMelo.htm#b>

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein, José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 21 ed., 2008.

KAMPPFF LAGES, Susana. O tradutor e a melancolia. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 19, n. 1, Campinas, 1992. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639198>

KAMPPFF LAGES, Susana. *Walter Benjamin: Tradução & Melancolia*. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: EDUSP: 2007.

KRIEGER, Maria da Graça, FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KRISTEVA, Irena. *Pour comprendre la traduction*. Paris: L'Harmattan, 2009.

LARBAUD, Valery. *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Paris : Gallimard, 1946.

LARBAUD, Valery. *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Édition augmentée de textes annexes. Paris: Gallimard, 1997.

LARBAUD, Valery. *Sob a invocação de São Jerônimo*. Ensaio sobre a arte e técnicas de tradução. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Editora Mandarim, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Direção de Daniel Lagache. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEE-JAHNKE, Hannelore; DELISLE, Jean; CORMIER, Monique C. *Terminologia da tradução*. Tradução e adaptação de Álvaro Faleiros e Claudia Xatara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. Londres/Nova York: Routledge, 1992.

MARINI, Clarissa Prado. *Glossário de leituras de "Die Aufgabe des Übersetzers" de Walter Benjamin: uma contribuição para a história contemporânea da tradução*. 2015. xv, 141 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18195>

MARINI, Clarissa Prado. La place des traducteurs dans les paratextes des oeuvres traductologiques traduites. *Atelier de traduction*, Suceava, nº 30, p. 205-218, 2018. Disponível em: [http://www.usv.ro/atelierdetraduction/index.php/ro/1/Atelier\\_de\\_traduction\\_No.30-2018/1274/518](http://www.usv.ro/atelierdetraduction/index.php/ro/1/Atelier_de_traduction_No.30-2018/1274/518)

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.

MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Editions Gallimard, 1963.

MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

NOUSS, Alexis. Présentation. TTR : traduction, terminologie, rédaction. Vol. 14, n° 2, 2001, p. 9–10. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/000564ar>

NOUSS, Alexis. La réception de l'essai sur la traduction dans le domaine français. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*. Vol. 10, n° 2, 1997, p. 71-85. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/037300ar> . Acesso em: jul. 2016

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *De Walter Benjamin à nos jours...* (Essais de traductologie). Paris: Honoré Champion Editeur, 2007.

OUSTINOFF, Michaël. La traduction. 1<sup>a</sup> ed. Paris : PUF, Collection « Que sais-je ? », 2003.  
OUSTINOFF, Michaël. La traduction. 5<sup>a</sup> ed. Paris : PUF, Collection « Que sais-je ? », 2015.  
OUSTINOFF, Michaël. La traduction. 6<sup>a</sup> ed. Paris : PUF/ Éditions Que sais-je ?, Collection « Que sais-je ? », 2018.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PEDERZOLI, Roberta. “Traduction éthique et poétique: pour une réconciliation du lecteur et du texte littéraire. Antoine Berman et la traduction de la littérature pour les enfants”. in: DI GIOVANNI, Elena; ELEFANTE, Chiara; PEDERZOLI, Roberta (Orgs.). *Écrire et traduire pour les enfants. Voix, images et mots / Writing and Translating for Children. Voices, Images and Texts*. Bruxelas: P.I.E. Peter Lang S.A., 2010. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=bY4JK5PR4MAC&pg=PA172&lpg=PA172&dq=%22traduit+par+berman%22&source=bl&ots=D6e117\\_qZu&sig=2FLup6BnMxs2\\_GO21LUxsphi9co&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj0zI\\_Gr67UAhWDnJAKHWy6DdgQ6AEIKDAB#v=onepage&q=%22berman%22&f=false](https://books.google.com.br/books?id=bY4JK5PR4MAC&pg=PA172&lpg=PA172&dq=%22traduit+par+berman%22&source=bl&ots=D6e117_qZu&sig=2FLup6BnMxs2_GO21LUxsphi9co&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj0zI_Gr67UAhWDnJAKHWy6DdgQ6AEIKDAB#v=onepage&q=%22berman%22&f=false)

PETRY, Simone. Antoine Berman, leitor do romantismo alemão. In: *Scientia Translationis*. Florianópolis. n.11, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237> . Acesso em: mai. 2016.

PETRY, Simone. *A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre tradução*. Tese de doutorado Unicamp. Campinas, SP: [s.n.], 2016.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Organização e apresentação da edição brasileira por Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.



PULIDO, Martha; GARCÍA, Sebastián. Traduciendo “Traductores através la historia”. In: *Tradução & Comunicação*, v. 16, Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2163>

RICO, Francisco Chico. La traducción del texto filosófico: entre la literatura y la ciencia. In: *Castilla. Estudios de Literatura*, v. 6, p. 94-112. Valladolid (Espanha), 2015. Disponível em: <https://revistas.uva.es/index.php/castilla/article/view/265>. Acesso em: maio de 2017.

RICŒUR, Paul. *Sobre a Tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICŒUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris: Bayard, 2004.

RICŒUR, Paul. *Sur la traduction*. Paris: Les Belles Lettres, 2016.

RISTERUCCI-ROUDNICKY, Danielle. *Introduction à l'analyse des œuvres traduites*. Paris: Armand Colin, 2008.

ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator*. 2.ed. Londres/Nova York: Routledge, 2003.

ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária de André Lefevere. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 1, n. 27, p. 321-326, nov. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p321/19785>. Acesso em: 18 jun. 2016.

RONCISVALLE, Josina Nunes Magalhães. Valery Larbaud e os anjos da literatura: um estudo crítico de suas cartas. 2014. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15938>

RONCISVALLE, Josina Nunes Magalhães. Devires em Valery Larbaud, Le riche amateur de São Jerônimo a Barnabooth. 2018. 227 f. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34588>

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio; FARIA, Melissa Bortoloto. A intertextualidade no gênero resenha. In: *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 99-128, jan./abr. 2012.

SABIO PINILLA, J.. La metodología en historia de la traducción: estado de la cuestión. In: *Sendeban*. Granada (Espanha), v. 17, 2006. Disponível em: <http://revistaseug.ugr.es/index.php/sendeban/article/view/1007/1188>. Acesso em: mai 2017.

SPIRY, Zsuzsanna. *Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero na história dos Estudos da Tradução no Brasil - a genética de uma trajetória*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-21122016-121924. Acesso em: 2019-06-17

S., S. et J.-M. G. “In memoriam Antoine Berman.” *TTR : traduction, terminologie, rédaction*, volume 4, número 2, 2e semestre 1991, p. 9–9. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/037090ar>

STEINER, George. *After Babel: Aspects of language and translation*. 2.ed. Oxford/Nova York: Oxford University Press, 1992.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura. IN: *Pandaemonium*, São Paulo, v. 17, n. 23, Jun. /2014, p. 223-239

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? IN: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (Orgs.). *Literatura Traduzida: Tradução comentada e comentários de tradução*. Fortaleza: Substância, 2017.

VAN HOOFF, Henri. *Dictionnaire universel des traducteurs*. Genebra: Editions Slatkine, 1993.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VENUTI, Lawrence. *The Scandals of Translation: towards and ethics of difference*. London and New York: Routledge, 1999.

ZASLAVSKY, Danielle. “Compte rendu : Berman Antoine, La prueba de lo ajeno”. In: *TTR: traduction, terminologie et écriture*. V. 18, n. 1, pp. 264-266. Montréal, 2005.

ZAVAGLIA, A.; NASCIMENTO, A.C.C.S. . A relação entre terminologia e literatura no contexto da tradução. In: *VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009*.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>>. Acesso em: 22 maio 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.331-352>.

#### Vídeos:

*Quarta Capa – Depois de Babel (26/05/16)*. Curitiba: UFPR TV, 2016. Youtube.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=39oDYhptcYo> . Acesso em: maio de 2017.

*Hommage à Antoine Berman* (2h03min41seg). “Entretiens de Po&sie” na Maison de la Poésie. 18 de fevereiro de 2017. Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dIJcv15ccCw> . Acesso em: 21 de janeiro de 2019.

### **Conferência em congresso:**

MASSON, Jean-Yves. Le tournant historique dans les études de traduction. (Conférence inaugurale). In: CONGRÈS MONDIAL DE TRADUCTOLOGIE, I. Paris, Université Paris-Nanterre, 2017.

### **Dicionários (obras lexicográficas consultadas para a tradução):**

AURÉLIO (Ed.). Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4ª ed. Coordenação de Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

AULETE, DICIONÁRIO; VALENTE, AL dos S. Dicionário online Caldas Aulete. Aulete Digital. © Lexikon Editora Digital. Disponível em <http://www.aulete.com.br/> . v. 9, 2014.

Dicionário infopédia de Francês - Português [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues>

HOUAISS, Antônio (Ed.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM.

LAROUSSE Dictionnaire. En ligne. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-monolingue/>

ROBERT, Jean (Ed.). Le Grand Robert de la langue française – Version électronique. Coordenação de Alain Rey. Paris : Le Robert/SEJER, 2005. CD-ROM.